

Hygia Therezinha Calmon Ferreira

João Guimarães Rosa as Sete Sereias do Longe



JOÃO GUIMARÃES ROSA
AS SETE SEREIAS DO LONGE

Tese de Doutorado apresentada ao Instituto de
Biociências, Letras e Ciências Exatas da Uni-
versidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita
Filho", Campus de São José do Rio Preto, para
obtenção do título de Doutora em Letras (Área
de Concentração: Literatura Brasileira).

Orientador:

Prof. Dr. Guillermo de la Cruz Coronado



542/91

São José do Rio Preto
1991

Foto Inédita

JOÃO GUIMARÃES ROSA

Esta Tese de Doutorado foi
elaborada sob a orientação
do Professor Doutor GUILLERMO
DE LA CRUZ CORONADO.



A

Hildeberto e Adelaide,

João Guimarães Rosa,

Antonio Carlos Rodri-
gues Ferreira,

hoje e sempre.

A G R A D E C I M E N T O S

Aos queridos irmãos: Wagner, Elizabeth, Her^cília e Hildeberto Bernardo; a Maria de Fátima Moreira Ferreira.

Aos Professores

Doutor GUILLERMO DE LA CRUZ CORONADO, pela orientação, pelo valor da crítica e pela amizade;

Doutor ANTONIO MANOEL DOS SANTOS SILVA, em cuja sensibilidade este trabalho pôde florescer;

Doutor UILCON PEREIRA;

Doutor FÁBIO LUCAS;

Doutor DANTE TRINGALE;

Doutor VALDEMAR MUNHOZ RODRIGUES;

Doutora MARIA APARECIDA SANTILLI;

Doutor ROMILDO SANT'ANNA.

A

Vilma Guimarães Rosa

Miretta Guimarães

Araci Moebius de Carvalho

Maria Augusta de Camargos Rocha

Afrânio Coutinho

Plínio Doyle

Paulo Rónai

Daniel Pereira

Henrique L. Alves

Geraldo França de Lima

Paulo Dantas

Washington de Barros Monteiro

Thex Corrêa da Silva

Ao pintor primitivista

JOSÉ ANTONIO DA SILVA, pelas ilustrações.

À

Academia Brasileira de Letras

Fundação Casa de Rui Barbosa

Oficina Literária "Afrânio Coutinho"



A

Artur Gomes
Ascendino Leite
Gabriel de la Puente
Hugo Pontes
Isaías Ramires
Márcio Almeida
Mário Guidarini
Prata Tavares
Sérgio Campos
William Ferrer

A

Carlos Daghljan
Carmen Lúcia Zambon Firmino
Rogério E. Chociay
Maria Astride Saad Corradi
Maria de Lourdes Gasques
Eduardo Carvalho Tess Filho
Laurindo Rodrigues
Carlos Rodrigues Pretel
Rubinaldo Mamedes de Castro
Ricardo Gandour
Patrícia Moura de Siqueira
Cláudia Márcia Rodrigues Kropf
Maria Castro
Anna Angélica de Castro
Vera Grangel

Às funcionárias da Biblioteca "Edoardo Que-
rin" - IBILGE/UNESP - SJRP, pela preciosa co-
laboração.

A

Marli Montoro - Biblioteca Municipal "Oríge-
nes Lessa" - Lençóis Paulista.

D E D I C A M O S .



AS SETE SEREIAS DO LONGE



JASILVA-77-4 97

Jose Antonio da Silva

Í N D I C E

INTRODUÇÃO.....	1
1. O "desenho biográfico".....	2
2. A obra de João Guimarães Rosa.....	12
3. Apresentação dos objetivos.....	15
4. Metodologia.....	17
5. Pensamentos básicos.....	18
 CAPÍTULO I: HERANÇAS, NO CORPO DA ESCRITURA ROSIANA.....	 24
1. Critérios utilizados na elaboração dos Roteiros.....	34
2. ROTEIRO I - LEITURA FILOSÓFICA E ESPIRITUAL.....	36
3. ROTEIRO II - LEITURA PARAFILOSÓFICA.....	65
 CAPÍTULO II: A QUESTÃO DA INFINITUDE.....	 100
1. O contingente e o absoluto: relações entre existência e essência..	103
2. O sentimento dramático da existência: o problema da morte....	107
3. Existência e transcendência: a visão religiosa.....	115
 CAPÍTULO III: FORMAS DA ASCESE E DA MÍSTICA HUMANA.....	 126
1. A experiência da "noite escura".....	129
2. Itinerários da Perfeição.....	133
2.1. Humildade.....	136
2.2. Sabedoria.....	137
2.3. Quietude.....	138
2.4. Meditação.....	140
2.5. Ordem Sobrenatural.....	141
2.6. Amor.....	143
2.7. Deus.....	145
3. A razão impotente: o estado contemplativo.....	147
4. Projetos humanos e intervenção sobrenatural.....	152

CAPÍTULO IV: AS SETE SEREIAS DO LONGE.....	156
1. o "si-mesmo".....	165
2. "o céu".....	167
3. "a felicidade".....	172
4. "a aventura".....	176
5. "o longo atalho chamado poesia".....	182
6. "a esperança vendada".....	190
7. "a saudade sem objeto".....	195
 CAPÍTULO V: OS SETE ESPAÇOS SAGRADOS.....	 202
1. a casa.....	208
2. o jardim.....	214
3. o rio.....	219
4. o sertão.....	223
5. o morro.....	226
6. o páramo.....	230
7. o cemitério.....	234
 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	 241
 APÊNDICE.....	 255
 BIBLIOGRAFIA.....	 323



I N T R O D U Ç Ã O

A idéia de revisitar o universo religioso-poético-metafísico de João Guimarães Rosa nasceu, antes de mais nada, do encantamento produzido em nós pelo canto das sereias, mais precisamente das "SETE SEREIAS DO LONGE" — pela ordem, o "si-mesmo", "o céu", "a felicidade", "a aventura", "o longo atalho chamado poesia", "a esperança vendada" e "a saudade sem objeto" —, de que nos fala o autor em sua obra póstuma Ave, Palavra.

Desde cedo, verificamos que os sete caminhos que se abriam diante de nós se multiplicavam de tal maneira, que seria necessário buscar urgentemente uma limitação temática, sem perder de vista o corpus e os propósitos iniciais da pesquisa. Tarefa difícilíssima, pois redução, no nosso modo de entender, significa depuração, profundidade, jamais fragmentação ou empobrecimento.

Essa nova seleção do material revelou-nos, então, a magia de um lugar que, aliado a um misterioso nome, mostrou ser muito mais do que um local de hierofania. Referimo-nos ao Jardim de Evanira, espaço utópico de partida e de chegada para alguns poucos eleitos, em busca da perfeição. Para alcançar esse paraíso filosófico, há um longo caminho a percorrer...

Tal é, brevemente descrita, a tese que hoje trazemos à luz pública.



1. O "desenho biográfico"¹

Existem poucas biografias de Guimarães Rosa: "Perfil", traçado por Renard Perez no livro Em Memória de João Guimarães Rosa² (1968); outra, mais completa, escrita por Vilma Guimarães Rosa, faz parte do livro de sua autoria, Relebramentos: João Guimarães Rosa, meu pai³ (1983); a terceira, elaborada por Sonia Van Dijck Lima, a partir do Arquivo Guimarães Rosa, IEB/USP⁴ (1986). Nos dois primeiros casos, trata-se de publicações que trazem também depoimentos, correspondência enviada a familiares e amigos, discursos.

Baseando-nos nesses três estudos, elaboramos o que Guimarães Rosa chamava de abreviado de tudo:

João Guimarães Rosa nasceu no dia 27 de junho de 1908, em Cordisburgo (MG), antiga povoação denominada Coração de Jesus da Vista Alegre:

pequenina terra sertaneja, trás montanhas, no meio de Minas Gerais. Só quase lugar, mas tão de repente bonito: lá se de sencerra a Gruta do Maquiné, milmaravilha, a das Fadas; e o próprio campo, com vasqueiros cochos de sal ao gado bravo, entre gentis morros ou sob o demais de estrêlas, falava-se antes: "os pastos da Vista Alegre". Santo, um "Padre Mestre", o Padre João de Santo Antônio, que recorria atarefado a região como missionário voluntário, além de trazer ao raro povo das grotas tôda sorte de assitência e ajuda, esbarrou ali, para realumbrar-se e conceber o que tenha talvez sido seu único gesto desengajado, gratuito. Tomando da inspiração da paisagem a loci opportunitas, declarou-se a er-

1. Nossos primeiros estudos sobre a obra do escritor mineiro resultaram em Dissertação de Mestrado sobre o tema A SAGRADA "ESCRITURA" DE JOÃO GUIMARÃES ROSA, defendida no Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas/UNESP de São José do Rio Preto, em outubro de 1983. Durante essa pesquisa, encontramos uma expressão que servia aos nossos propósitos: "desenho biográfico", empregada por Guimarães Rosa em "Pé-Duro, Chapéu-de-Couro", referindo-se à "categoria humana do vaqueiro" (AP, 103).
2. Cf. Em Memória de João Guimarães Rosa. Rio de Janeiro, José Olympio Editora. 1968, p. 23 a 25, 28 a 33, 35 e 36.
3. Vilma Guimarães Rosa. Relebramentos: João Guimarães Rosa, meu pai. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1983.
4. Ver Confluências: Trilhas de vida e de criação. 40 anos de Sagarna. MEC/Fundação Nacional Pró-Memória. Brasília, abril/maio de 1986, p. 37 a 42.

guer ao Sagrado Coração de Jesus um templo, naquele mistério geográfico. Fê-lo e fez-se o arraial, a que o fundador chamou "o Burgo do Coração".⁵

Filho de Florduardo Pinto Rosa e Francisca Guimarães Rosa,



Três gerações da família Rosa: Dona Chiquitinha, Joãosito, Vilminha e Sr. Florduardo. Belo Horizonte, 1966.

desde cedo interessou-se por línguas — criança ainda já lia em francês e "celebrava" missa em latim — e literatura. Estuda no Colégio Santo Antonio, em São João Del Rei, depois no Colégio Arnaldo, em Belo Horizonte.

Com 17 anos, matricula-se na Faculdade de Medicina de Minas Gerais. Em 1929, o curso em andamento, tomá posse no cargo de Agente Itinerante da Diretoria do Serviço de Estatística Geral do Estado de Minas Gerais, Secretaria da Agricultura, e começa a publicar seus primeiros contos na revista O Cruzeiro.

Em 1930, é designado para Auxiliar Apurador da Diretoria do Serviço de Estatística Geral do Estado de Minas Gerais, na mesma Secretaria.

5. Cf. Guimarães Rosa, Discurso de Posse na Academia Brasileira de Letras. Rio de Janeiro, 16 de novembro de 1967.

Ainda em 1930, dois acontecimentos importantes: casa-se com Lygia Cabral Penna e forma-se em Medicina. Nos anos seguintes, nascem suas duas filhas: Vilma e Agnes. Passa a exercer a medicina em Itaguaí, município de Itaúna. Em 1932, segue para Belo Horizonte e começa a trabalhar junto à Força Pública e, por concurso, chega a ser oficial-médico do 9º Batalhão de Infantaria, em Barbacena. De lá segue para o Rio de Janeiro, presta concurso para o Ministério do Exterior e é aprovado.

Em 1936, inscreve Magma (poesia) no concurso realizado pela Academia Brasileira de Letras e sai vencedor. No ano seguinte, conclui o livro Sagarana e concorre ao Prêmio Humberto de Campos, instituído pela Livraria José Olympio; classifica-se em segundo lugar.

1938 é o ano em que, nomeado Cônsul-Adjunto em Hamburgo, para lá segue e conhece Aracy Moebius de Carvalho, sua segunda esposa. Enquanto reside na Alemanha, Guimarães Rosa visita outros países, em missão diplomática.

Em 1942, depois de internado em Baden-Baden com amigos, segue para Bogotá, onde ocupa o cargo de Segundo Secretário na Embaixada do Brasil. De volta ao Rio, em 1944, permanece na Secretaria de Estado e aproveita para visitar sua cidade natal.

Sagarana é publicado em 1946 e recebe o Prêmio da Sociedade Felipe d'Oliveira. Nomeado Chefe de Gabinete do Ministro João Neves da Fontoura, segue para Paris como Secretário da delegação à Conferência de Paz.

Em 1947, viaja para o Pantanal mato-grossense e colhe elementos para a narrativa "Com o Vaqueiro Mariano", publicada no mesmo ano, num jornal carioca.

De 1948 a 1962, exerce as seguintes funções diplomáticas: Secretário-Geral da delegação brasileira à IX Conferência Panamericana, em Bogotá; Primeiro Secretário e depois Conselheiro da Embaixada do Brasil em Paris; Chefe de Gabinete do Ministro João Neves da Fontoura, pela segunda vez; Chefe da Divisão de Orçamento do Ministério das Relações Exteriores; Ministro de Primeira Classe (Embaixador); Chefe do Serviço de Demarcação de Fronteiras junto ao Itamarati.

Paralelamente, escrevia e publicava suas obras: Corpo de Baile (janeiro de 1956); Grande Sertão: Veredas (maio de 1956); Primeiras Estórias (1962); Tutaméia (1967).

Em abril de 1967, segue para o México, representando o Brasil no II Congresso Latino-Americano de Escritores, do qual foi vice-

presidente. Depois de adiar por quatro anos, toma posse na Academia Brasileira de Letras, no dia 16 de novembro de 1967.



Posse de João Guimarães Rosa na ABL - Rio de Janeiro.

Três dias depois, o coração não resiste a tantas emoções e Guimarães Rosa morre, ou melhor, fica "encantado".

Em carta dirigida ao escritor e amigo Paulo Dantas,⁶ data de 19 de janeiro de 1957 e publicada dez anos mais tarde, tomamos conhecimento da primeira biografia de próprio punho, que informa o seguinte:

Imagine que o Guimarães Rosa nasceu em Cordisburgo, zona de engorda de gado; no Vale do Rio das Velhas; completou estudos e tirou o curso de Medicina em Belo Horizonte; clinicou dois anos na roça, em Itaguara, na zona Oeste de Minas; andou em duas revoluções (na de 32, já como Capitão-Médico); foi capitão-médico, em paz, em Barbacena; veio fazer concurso para o Itamaraty, foi da Divisão do Cerimonial (naquele tempo se chamava do Protocolo); seguiu para Hamburgo, 1º posto: lá teve ano e pouco de paz e dois anos e tanto de guer

6. Ver Paulo Dantas. Sagarana Emotiva. São Paulo, Duas Cidades, 1957, p. 54.

ra, bombardeios aéreos, o diabo; veio, na troca dos diplo matas... E etc., etc. (Ainda houve muita coisa, depois, a revolução em Bogotá, por exemplo...) Acho que só quando eu for aí, de viva voz, poderei falar com você de minha vida.

Já em 1964, envia a seu tradutor italiano Edoardo Bizzarri⁷ o que ele chamou de "Bobagens Biográficas". Publicado no livro J. Guimarães Rosa - Correspondência (1981), o texto reúne, mais uma vez, em ordem cronológica, informações comuns às biografias clássicas (nas cimento, filiação, primeiros estudos, etc.), privilegiando as atividades de médico do interior e de diplomata, em detrimento do escritor. Na verdade, não chega sequer a citar suas obras ou mesmo a fazer referência ao fabulista. Essa autobiografia, bastante sucinta, foi enviada a Bizzarri acompanhada de uma nota, que dizia:

Gosta de línguas (lê, mais ou menos, o português, francês, italiano, espanhol, inglês, alemão; só com dicionário: russo, sueco, holandês), da Itália, de Dante, de pássaros, de "aranciata San Pellegrino, stracotto alla Fiorentina" (no "La Sostanza" ou "Troia", trattoria), vinho rosso, co-nhaque, de Edoardo Bizzarri,

alertando, em comentário à mão, que o referido texto nada mais era que uma "brincadeira", e como tal deveria ser considerado. Quanto ao currículo que seguia junto, observa, em tom crítico e incisivo, que o achava "muito calhorda".

Sob forma de entrevista — "horrível expressão", como ele dizia — a Günter Lorenz⁸ (Gênova, 1965), num total de oitenta e cinco respostas, Guimarães Rosa deixa falar mais alto a emoção do homem nascido e criado no sertão e faz importantes revelações:

É que eu sou antes de mais nada este "homem do sertão"; e

7. Edoardo Bizzarri. J. Guimarães Rosa - Correspondência. São Paulo, T. A. Queiroz Editor, Ltda., 1981, p. 95 a 98. Bizzarri solicitou dados biográficos a Guimarães Rosa, porque precisava enviá-los a Feltrinelli, o editor italiano de Corpo de Baile. Seguem em carta datada de 25 de fevereiro de 1964.

8. Cf. Günter Lorenz, "Literatura e Vida". In: Arte em Revista. Ano I, nº 2, maio/agosto, 1979, p. 5 a 17. A referida entrevista foi realizada na cidade de Gênova, em janeiro de 1965. A versão por nós utilizada está também no livro Diálogo com a América Latina - Panorama de uma literatura do futuro, de Lorenz, publicado em São Paulo, pela E.P.U. - Editora Pedagógica e Universitária, 1973.

isto não é apenas uma afirmação, (L, 6)⁹

(...) é impossível separar minha biografia de minha obra (L, 7)

Creio que minha biografia não é muito rica em acontecimentos. Uma vida completamente normal. (L, 7)

Chegamos novamente ao ponto que indica o momento em que o homem e sua biografia resultam em algo completamente novo. Sim, fui médico, rebelde, soldado. Foram etapas importantes de minha vida, e, a rigor, esta sucessão constitui um paradoxo. Como médico conheci o valor místico do sofrimento; como rebelde, o valor da consciência; como soldado, o valor da proximidade da morte... (L, 7)

Minha biografia, sobretudo minha biografia literária, não deveria ser crucificada em anos. (L, 9)

No dia em que completar cem anos, publicarei um livro, meu romance mais importante: um dicionário. Talvez um pouco antes. E este fará as vezes de minha autobiografia. (L, 14)

Eu diria que Grande Sertão foi para mim o término de um desenvolvimento e, ao mesmo tempo, algo que um dia, espero, levar-me-á à meta final. (é romance auto-biográfico) desde que você não considere uma auto-biografia como algo excessivamente lógico. É uma "auto-biografia irracional" ou melhor, minha auto-reflexão irracional. Naturalmente que me identifico com este livro. (L, 16)

Profundo conhecedor que é da obra de Guimarães Rosa, Lorenz dirigiu a entrevista de modo a conseguir desvelar para o leitor ver-

-
9. A partir desta citação, seguiremos um código para identificação das obras de Guimarães Rosa e dos autores e obras que incluem cartas, discursos, entrevistas e depoimentos do e sobre o escritor mineiro. Eis a relação completa: a) para obras de Guimarães Rosa: M - Magma; S - Sagarana; MM - Manuelzão e Miguilim; NUNP - No Urubupunga no Pinhem; NS - Noites do Sertão (CORPO DE BAILE); GS: V - Grande Sertão: Veredas; PE - Primeiras Estórias; T - Tutameia (Terceiras Estórias); EE - Estas Estórias; AP - Ave, Palavra; o título "O Imperador" (esboço de livro) virá por extenso; b) para os correspondentes: B - Edoardo Bizzarri; MC - Curt Meyer-Clason; SILVA I - Dora Ferreira da Silva; SILVA II - Vicente Ferreira da Silva; DANTAS - Paulo Dantas; VICENTE - Vicente Guimarães; c) discursos, prefácios e tradução virão por extenso; d) entrevistadores: L - Günter Lorenz; CAMACHO - Fernando Camacho. Acrescente-se a esses: EMJGR - Em Memória de João Guimarães Rosa e R - Relembramentos: João Guimarães Rosa, meu pai, de Vilma Guimarães Rosa.

tentes do seu mundo real e mitopoético.

Em abril de 1966, no Rio de Janeiro, acontece o encontro de Guimarães Rosa com Fernando Camacho;¹⁰ a publicação da entrevista só ocorreu, porém, anos mais tarde, em 1978. Apesar das restrições, trata-se de um documento importante para os pesquisadores da vida e da obra rosiana, como também o é o artigo "Da Tradução como Criação", do tradutor alemão Curt Meyer-Clason,¹¹ referente a troca de correspondência que vai de 1959 a 1967, publicado em 1977.

Mas é em Tutaméia (Terceiras Estórias) (1967), publicado ainda em vida, que, na nossa opinião, se encontra uma das revelações mais abrangentes, porque constitui uma síntese do pensamento rosiano:

Tenho de segredar que — embora por formação ou índole oponho escrúpulo crítico a fenômenos paranormais e em princípio rechace a experimentação metapsíquica — minha vida sempre e cedo se teceu de sutil gênero de fatos. Sonhos premonitórios, telepatia, intuições, séries encadeadas fortuitas, toda sorte de avisos e pressentimentos. Dadas vezes, a chance de topar, sem busca, pessoas, coisas e informações urgentemente necessárias.¹²

No plano da arte e da criação — já de si em boa parte subliminar ou supraconsciente, entremeando-se nos bojos do mistério e equivalente às vezes quase à reza — decerto se propõem mais essas manifestações. (T, 174-175)

Quem conhece vida e obra de Guimarães Rosa¹³ certamente concordará com ele.

10. Diz Fernando Camacho que, após relutar, Guimarães Rosa concedeu-lhe a entrevista. E acrescenta: "embora pensasse que era uma perda de tempo, que nada resolveria, que por uma questão de princípio não dava entrevistas, acedendo em concedê-la apenas porque ela me auxiliaria a mim..." Em Nota do Entrevistador, mais adiante, tenta justificar uma certa impaciência por parte de Guimarães Rosa, motivada por doença. In: Revista Humboldt n.º 37. Munique, Editora Bruckmam, 1978, p. 42 ss.

11. Cf. Curt Meyer-Clason. "Da Tradução como Criação". In: Construtura n.º 16. Curitiba, 1977, 47 a 62.

12. Em nota de rodapé, Guimarães Rosa dá exemplo do que foi sugerido nesse parágrafo. Ver T, 174.

13. Se tivesse sido publicado, o conto "Questões de Família" talvez forcesse mais dados para se compreender vida e obra de Guimarães Rosa, apesar da dura autocrítica: "História fraca, sincera demais, meio autobiográfica, mal realizada. Foi expelida do livro e definitivamente destruída" (R, 334). "Questões de Família" faria parte de Sagarana.

Observe-se, agora, a seguinte afirmação, colhida na já citada entrevista a Günter Lorenz:

às vezes quase acredito que eu mesmo, João, sou um conto contado por mim mesmo. É tão imperativo... (L, 8)

e compare-se a esta outra:

Para tanto, terei de à-pauta citar-me. Embora. No que refiro, sub-refiro-me. Não para a seus ombros aprontur minha biografia, isto é, retocar minha caricatura. Não eu, mas mim. Inábil redutor, secundarum partium, comparsa, mera pessoa de alusão, e há de haver que necessária. (EMJGR, 59)

Nela encontramos indícios da existência de outros Guimarães, alguns ainda desconhecidos e/ou pouco compreendidos por seus leitores.

Curiosamente, nos seus cinquenta e nove anos de vida, atendeu a diferentes nomes e codinomes: era JOÃOZITO (para seus pais e familiares em geral); JOÃO PAPAI-BELEZA (para suas filhas, Vilminha e Agnes); VIATOR (para aqueles que participaram do júri que escolheu o ganhador do prêmio Humberto de Campos, em dezembro de 1937); SAGARANA (para Oswaldo Aranha); CORDISBURGO (para o Ministro das Relações Exteriores, e seu grande amigo, João Neves da Fontoura); ROSÉTIS (para o escritor e amigo Geraldo França de Lima). Mas foi criando anagramas que se permitiu esboçar individualidades para aqueles a quem considerou grandes amigos e a quem chamou carinhosamente de poetas "de bolso". No livro Ave, Palavra, encontramos os seguintes anagramáticos: SOARES GUIAMAR, MEURISS ARAGÃO, SÁ ARAÚJO SÉGRIM, ROMAGUARI SÃES. Eis o que se sabe de cada um deles, segundo o seu criador:

SOARES GUIAMAR¹⁴ é o poeta que se interroga sobre o "porquê e a quem", sobre "— a causa, tempo e lugar"; propõe "tese" a um simples pescador que "não sabe" ter, no seu anzol, o peixe "Kierkegaardiano",¹⁵

14. Na Antologia dos Poetas Brasileiros Bissexto Contemporâneos (Organizações Simões, s/d), organizada por Manuel Bandeira, o nome desse anagramático saiu GULAMAR (erro de imprensa). Segundo o bibliófilo Plínio Doyle, SOARES GUIAMAR foi apresentado por Guimarães Rosa como "personalíssimo amigo meu; não de infância, apenas, porque ele é meio mais velho". (EMJGR, 196-211-212)

15. É uma referência ao filósofo KIERKEGAARD - ROTEIRO I: AP, 43-44 (p. 60); L, 7-14 (p. 61); ver também NIETZSCHE: SILVA II, 31 (p. 60).

lança-se nas águas eternas do rio como alternativa de caminho para a perfeição, em busca de sua própria "história". Assina os seguintes poemas: "Ou... Ou"; "Pescaria", que dedica a Mário Matos; "Teorema"; "Parlenda"; "Alongo-me"; "O Aloprado"; "Os Três Burricos"; "Motivo" e "Adamubies?", que fazem parte de "As Coisas de Poesia" (AP, 43 a 47). Sobre ele, dirá Guimarães Rosa:

despercebido, impresso, inédito, fora-de-moda — que queria livro, o "Anagramas", e disse palpites: Ser poeta é já estar em experimentada sorte de velhice. Toda poesia é também uma espécie de pedido de perdão. (AP, 43; g. do a.)

Perguntam-me por mais versos de Soares Guiamar. Não são possíveis. Ele agora pára longe, certo à beira do Riachinho Sirimim, lugar de se querer bem. (AP, 68)

Aparece rapidamente em "Cara-de-Bronze" (NUNP, 115), para apresentar "variantes" a uma trova do "Cantador" sobre o "boi araquá-corujo".

MEURISS ARAGÃO utiliza recursos como aliteração e repetição de vocábulos para enfatizar a duplicação do ser — "Sem mim/ me agarro a um tanto de mim" —, e do universo — entre "céu e céu", "onde entre onde/ me movo" (AP, 68). Para ele, o amor é uma espécie de morte obrigatória, e o vôo abre caminho para a ascensão, apesar do tempo, que se mostra determinante da agonia em vida. Quanto à saudade, motiva dois poemas de mesmo título: "Saudade, Sempre"; o que diferencia um do outro — além do sub-título do segundo, que é "(Versão Aflita)" —, sem dúvida é a conclusão inapelável, neste último, de que "Alma é dor escondida" e "o esquecimento/ é voluntária covardia". Escreveu os seguintes poemas: "Mulher Mar Morte"; "Saudade, Sempre"; "Saudade, Sempre (Versão Aflita)"; "A Ausente Perfeita"; "A Espantada Estória", publicados sob o título "Novas Coisas de Poesia" (AP, 68 a 70). Poeta "de bolso", "Jovem sem jeito, em sua primeira fase, provavelmente extinta. Vejam se serve" —, segundo a apresentação de Guimarães Rosa. (AP, 68)

SÁ ARAÚJO SÉGRIM, anagrama de J. Guimarães Rosa, por isso chamado de "poeta comprido", por seu criador. É, declaradamente, o de sua preferência. Tende a fazer poemas em prosa, mantendo a estrutura de repetição de vocábulos. Em alguns títulos como "Recapítulo" e "Contratema", já se observa a utilização de prefixos que reforçam também

a idéia de retorno, de "Torneamento". Busca, na solidão, a "música" que sofre na "memória", a luz da sabedoria que manterá as almas despertas e preparadas para o re/encontro. Ser ou não ser feliz, para ele, é mais questionamento do que constatação.

É o poeta de plantão — "outro dos anagramáticos, de que hoje disponho" —, considerado como "talvez um tanto discípulo de SOARES GUIMAR, sob leves aspectos". Segundo Guimarães Rosa,

sofre só e sozinho verseja. Sei que pensa em breve publicar livro: o "Segredeiro", e do supra-citado é, às vezes, o que prefiro. Será que conosco concordam? (AP, 87)

Se lhe não firo a modéstia, direi, aqui, depressa, que (...), em geral, agradeu. Por isso mesmo, volta, hoje, com novos poemas, que só não sei se escolhemos bem. Sendo coisas mui sentidas. Sendo o que ele não sabe da vida. Digam-me, o mais, amanhã. Leiam-no, porém. (AP, 146)

De sua autoria, fazem parte de "Sempre Coisas de Poesia" os poemas: "Distância", "Recapítulo", "Contratema" e "Rota" (AP, 87 a 89), e, de "Quando Coisas de Poesia", os poemas "Ária", "Querência", "Escólio" e "Torneamento" (AP, 146 a 148).

Abordando a temática do amor "desejado/ o alado", despretensiosamente e numa linguagem simples, o poeta ROMAGUARI SÃES sonha com sua "Princesa". Para ele, reencontro com o amor significa reencontro com a poesia. Na apresentação de Guimarães Rosa, trata-se daquele que poderia ser chamado de

o "embevecido", o escondedor de poema. No grupo, é considerado como um tanto diferente. Tem outra música. Tem um amor mais leve, originário, avançado. Disse, uma vez, em entrevista, que a poesia devia ser um meio de "restituir o mundo ao seu estado de fluidez, anterior, exempta". Aprovam-no? (AP, 188; g. do a.)

Assina os poemas: "Marjolininha (Bailia)", "Cândida", "Presença e Perfil da Moça de Chapeuzinho Cônico" e "Marjolininha (9ª)", sob o título "Ainda Coisas de Poesias" (AP, 188 a 190).

Mas, além dos anagramáticos citados, todos eles poetas, existem aqueles que povoam as narrativas rosianas como, por exemplo, OSLI NO MAR, que não concorda com "uma aproximação" dos versos de Dante: "Inferno" XII, 64-65 e "Purgatório" XXXII, 148-150, e os das "Cantigas de

Serão", de JOÃO BARANDÃO, com "Canticum Canticorum Salomonis" 6, IX;¹⁶ o sócia e amigo ROASÃO — sem esquecer que "Meu sócia inferior na escala era, porém — a onça" (PE, 75) —, "o Rão por antonomásia e Radamante de pseudônimo" (T, 163); o poeta e cantador DR. JOÃO ROSA, que participa da "Grande Louvação Pastoril", em homenagem à filha do escritor Franklin de Oliveira (AP, 124 a 133); AMOREARTE DE ALMEIDA, "(doutor, não-compositor)" (AP, 24; g. do a.); MOIMEICHEGO¹⁷ — o perguntador de "Cara-de-Bronze" —,¹⁸ segundo Guimarães Rosa "outra brincadeira: é: moi, me, ich, ego (representa 'eu', o autor...). Bobaginhas" (B, 61); LADISLAU, "alter-ego", personagem de "Intruge-se" (T, 82 a 85) e de "Zingaresca" (T, 209 a 212); JOÃO PORÉM (T, 86); RIOBALDO, "alter-ego", personagem de Grande Sertão: Veredas. E, para dirimir possível dúvida, a explicação sobre YAYARTS (T, 164), que encontramos no "Glossário": "autor inidentificado, talvez corruptela de oitiva. Não é anagrama. (Pron. Iáiarts). Decerto não existe" (T, 184).

Se, como diz o escritor mineiro,

Minas Gerais é muitas. São, pelo menos, várias Minas (AP, 218),

cremos poder afirmar que Guimarães Rosa é muitos. São, pelo menos, vários Guimarães Rosa, como também foram várias as suas incursões filosóficas em busca do seu "próprio aspecto formal", da sua "veraforma" (PE, 74), do "impossível", do "infinito" (L, 12), do transcendente.

2. A obra de João Guimarães Rosa

Os primeiros contos de Guimarães Rosa a serem publicados

16. Ver Nota de rodapé: NUNP, 117 e T, 37-105.

17. No seu artigo "A fecunda Babel de Guimarães Rosa", Paulo Rónai refere-se a "Cara-de-Bronze" (NUNP), lembrando que "Essa narrativa é aliás notável por ser um dos escritos do nosso autor, em que ele próprio aparece — embora oculto sob o exótico apelido de MOIMEICHEGO". In: Suplemento Literário d'O Estado de S. Paulo, 30/11/1968, p. 1.

18. Com intervenções em NUNP, 77 a 125.

foram os seguintes: "O Mistério de Highmore Hall" (O Cruzeiro, 7/12/1929); "Makiné" (O Jornal, 9/2/1930); "Chronos kai Anagke" - "Tempo e Destino" (O Cruzeiro, 21/6/1930); "Caçadores de Camurças" (O Cruzeiro, 12/7/1930), todos numa linguagem considerada de folhetim e ambientados fora do Brasil.

Em 1936, sob a inscrição de nº 8, Guimarães Rosa ganhava com o livro Magma¹⁹ o primeiro lugar do Concurso de Poesia da Academia Brasileira de Letras. Magma permanece inédito até hoje.

As outras obras foram sendo publicadas espaçadamente, na seguinte ordem: Sagarana (1946); Corpo de Baile, em 2 volumes (1956), desdobrado mais tarde, a partir da terceira edição, em 3: Manuelzão e Miquilim (1964), No Urubùquaquã no Pinhém (1965), Noites do Sertão (1965); Grande Sertão: Veredas (1956); Primeiras Estórias (1962); Tutaméia (Terceiras Estórias) (1967). Postumamente, saíram outros dois: Estas Estórias (1969) e Ave, Palavra (1970). A novela "O Imperador" (esboço de livro), segundo consta escrita na mesma época de Estas Estórias, permanece inédita no Brasil. Sob a forma de conto, "O Imperador" foi publicado na revista Mundo Nuevo, em Buenos Aires (noviembre 1969).

Guimarães Rosa colaborou no romance O Mistério dos MMM (O Cruzeiro, 16/12/1961); no livro Os Sete Pecados Capitais (Rio, Civilização Brasileira, 1964), é de sua autoria o capítulo I - "A Soberba", publicado posteriormente com o título "Os Chapéus Transeuntes" (Estas Estórias).

Escreveu alguns prefácios, entre os quais se incluem: "Pequena Palavra" (27/8/1956), que abre a Antologia do Conto Húngaro, organizada por Paulo Rónai (1957); "Dezesseis vezes Minas Gerais", orelha do livro O Segrêdo de Sinhá Ernestina, de Eduardo Canabrava Barreiros (1966).

Dos vários discursos, destacamos os seguintes: Discurso como Orador da Turma dos Médicos de 1930, da Faculdade de Medicina de Belo Horizonte (22/12/1930); Discurso de agradecimento pelo prêmio recebido com o livro Magma (1937); Discurso de Posse na Academia Brasi-

19. O livro Magma chegou às nossas mãos quando a tese já estava sendo finalizada. Os poemas do Magma diretamente ligados ao tema da nossa tese virão no local onde são citados. As correções feitas por Guimarães Rosa virão no corpo do poema; na mesma linha, entre barras, virá o trecho do verso tal como era antes das referidas correções. Outros dados referentes aos inéditos Magma e "O Imperador" poderão ser encontrados em APÊNDICE.

leira de Letras (16/11/1967).

Quanto às traduções feitas por Guimarães Rosa, foram duas apenas: 1. O Último dos Maçaricos,²⁰ Condensação do livro de Fred Bods-worth, incluída no volume 6 da Biblioteca de Seleções do Reader's Di-gest (1958); 2. "A Organização Científica em Minas Gerais", artigo do professor alemão O. Quelle, que esteve na época em visita ao Estado de Minas (5/10/1928).

Guimarães Rosa deixou também Relatórios e Memorandos, reuni-dos por Heloísa Vilhena de Araújo, no livro Guimarães Rosa: Diplomata (1987).

O corpus desta tese é constituído de 9 livros publicados e 2 inéditos, além de prefácio, cartas, discursos, entrevistas, depoi-mentos do autor e de pessoas que com ele conviveram. Distribui-se da se-guinte maneira:

a) Livros publicados (com a data e a edição por nós utili-zadas):

- Sagarana (1970 - 12ª edição)
- Manuelzão e Miguilim (1964 - 3ª edição)
- No Urubùquaquá no Pinhém (1965 - 3ª edição)
- Noites do Sertão (1965 - 3ª edição)
- Grande Sertão: Veredas (1979 - 13ª edição)
- Primeiras Estórias (1964 - 2ª edição)
- Tutaméia (Terceiras Estórias) (1985 - 6ª edição)
- Estas Estórias (1985 - 3ª edição)
- Ave, Palavra (1978 - 2ª edição, texto definitivo)

b) Inéditos

- Magma (1936 - xerox do original datilografado)
- "O Imperador" (data provável: 1960)

20. Ver comentário em APÊNDICE.

c) Discursos

- Discurso como Orador da Turma dos Médicos de 1930, da Faculdade de Medicina de Belo Horizonte.
- Discurso de agradecimento pelo prêmio recebido com o livro Magma (1937).
- Discurso de Posse na Academia Brasileira de Letras (16/11/1967).

d) Prefácios

- In: Antologia do Conto Húngaro. Panorama do Conto Universal. Rio, Civilização Brasileira, 1957. Seleção, tradução e notas de Paulo Rónai. Prefácio com o título "Pequena Palavra", datado de Rio, 27 de agosto de 1956.
- In: Eduardo Canabrava Barreiros. O Segredo de Sinhá Ernestina. Rio, José Olympio, 1967. "Orelha" com título "Dezesseis vezes Minas Gerais", datada de 21-IX-1966, reproduzida com nota introdutória.

e) Conto

"Chronos kai Anagke" - "Tempo e Destino" (1930)

f) Tradução

O Último dos Maçaricos, condensação do livro de Fred Bodsworth (1958)

- g) Cartas enviadas a familiares, amigos e tradutores de seus livros.
- h) Entrevistas: a Günter Lorenz (Gênova, janeiro de 1965); a Fernando Camacho (Rio de Janeiro, abril de 1966).
- i) Depoimentos de familiares e amigos.

3. Apresentação dos objetivos

A inexistência de estudos específicos sobre temas e problemas relacionados com a religião, com o credo poético e o ideário das

filosofias, na obra completa de João Guimarães Rosa, motivou-nos a realizar um trabalho de rastreamento de influências, objetivo que percorre todo o trabalho.

Na Introdução, procuramos reconstituir a vida de João Guimarães Rosa, através de um "desenho biográfico".

No Capítulo I, os ROTEIROS I e II — respectivamente Leitura Filosófica e Espiritual e Leitura Parafilosófica do autor — mostram as "heranças" acumuladas através do conhecimento de filosofias, religiões e literaturas de orientação filosófica.

Partindo da concepção rosiana do mundo, o passo seguinte — Capítulo II — consiste em reconstituir o posicionamento do escritor frente a indagações sobre a natureza do homem, sua origem e seu fim, as relações que o envolvem e aos seres que o rodeiam. Aqui, o trinômio existência-essência-transcendência é centralizado no contingente e no absoluto, no mistério da vida e da morte, e pode se referir tanto à transmigração da alma como à proximidade do eterno, do ilimitado, do infinito.

O conhecimento da Verdade — Deus — começa nas formas da ascese humana. No Capítulo III, deparamo-nos com luzes e sombras que a fé cristã atravessa, em meio a crenças heterodoxas — catolicismo, budismo, espiritismo, cabala, Rosa-Cruz —, mas com alguns pontos em comum. Em outras palavras, trata-se de seguir os itinerários da perfeição em Guimarães Rosa, o aperfeiçoamento do homem dentro de uma filosofia de vida muito particular e complexa.

No Capítulo IV, a viagem "iniciática" delineada anteriormente é agora identificada através da simbologia que acompanha as sete séries do longe.

Finalmente, no Capítulo V, nosso ponto de partida e de chegada é a cosmogonia dos sete espaços sagrados, através dos quais procuramos recompor o universo dialético de Guimarães Rosa, naquilo que ele tem de sagrado e profano, de visível e invisível, de divino e humano, de tetra ou quadridimensional, do interior do ser poeta.

Na Conclusão do trabalho, a tentativa de comprovação de que religião, poesia e metafísica devem ser somadas, se se quer conhecer um pouco mais o micro e o macrocosmos, na obra de João Guimarães Rosa.

4. Metodologia

Até onde foi possível, no domínio estritamente literário, nossa abordagem privilegiou o método temático. Para isso, começamos pela análise dos textos, verificando a impregnação da obra rosiana por conceitos e problemas ligados a religião, poética e metafísica; o passo seguinte consistiu na determinação de sua extensão e conseqüentes implicações. Nessa fase da pesquisa, verificou-se a necessidade de se elaborar um quadro que englobasse filosofias e religiões explicitadas na obra completa de João Guimarães Rosa, incluindo o livro Magma e a novela "O Imperador", que permanecem inéditos até a presente data. O referido quadro vem precedido de uma visão panorâmica das "heranças" rosianas e é o resultado de levantamento exaustivo de todos os antropônimos por nós identificados na obra completa de Guimarães Rosa, com indicações de época, filosofia e religião, quando isso se faz necessário. Os nomes estão agrupados em dois ROTEIROS. No Roteiro I - Leitura Filosófica e Espiritual, encontram-se arrolados 63 entre filósofos e iniciadores/seguidores de religiões diversas; já no ROTEIRO II - Leitura Parafilosófica, são 123 os nomes da literatura mundial, brasileira e literatura médica, em cuja temática encontramos indícios de orientação filosófica. Para elaborarmos o ROTEIRO I, fomos buscar no Diccionario de Filosofía de Walter Brügger, S.J.²¹ o "Esquema de Historia de la Filosofía", para servir de arcabouço ao nosso. Ressalte-se, porém, que nos permitimos algumas alterações para encaixar nomes que não faziam parte do esquema original. Mas não paramos aí: levantamos também autores de obras de referência, pintores, compositores, diretores de cinema e teatro, dentre outros, ainda dentro da visão panorâmica referida acima. Para o ROTEIRO II, optamos por nomear os autores por ordem alfabética de sobrenome para facilitar a consulta aos mesmos. Houve necessidade de determinar alguns Critérios comuns aos dois ROTEIROS. Nos demais capítulos, retomamos o método temático, procedendo à análise da significação de símbolos e mitos apropriados por Guimarães Rosa em suas narrativas transfiguradoras, abstraindo dessas relações o universo mitopoético rosiano.

21. Ver Walter Brügger, S.J., "Esquema de Historia de la Filosofía". In: Diccionario de Filosofía. Trad. José María Velez Cantarell, Barcelona, Editorial Herder, 1958, p. 505 a 601.

5. Pensamentos básicos

Não seria exagero de nossa parte afirmar que, a cada leitura da obra rosiana, nos surpreendemos com elementos reveladores de uma incansável investigação em torno da existência, da essência e da transcendência do ser. As fontes²² disponíveis comprovam essa afirmação e nos fornecem dados importantes sobre Guimarães Rosa, pouco explorados até hoje: 1. ele substitui a terminologia filosófica sistematizada pela espontaneidade da linguagem do sertão; 2. medita e opina sobre as mais diversas correntes filosóficas existentes; 3. diz-se contra esquematismos e generalizações; 4. cita teses e teorias de outros, muitas vezes sem maiores explicações ou aprofundamentos; 5. reconhece algumas influências (poucas) e sugere outras; 6. mesmo que para rápidas intervenções, introduz pensadores e autores de orientação filosófica em suas narrativas. Mas seria isso suficiente para considerarmos Guimarães Rosa um filósofo?

Foi buscando resposta para essa questão, que percebemos a necessidade de verificar a exata significação dos termos filosofia, metafísica, credo, e poética, de certa forma tão próximos, no universo rosiano.

Para aquele que tem "rosa" no nome — o "símbolo da secretividade absoluta" (AP, 192) —, filosofia consiste em ter "a convicção profunda de que nenhum (...) sofrimento é inútil" (R, 205 - carta de 19/11/1938), de que a passagem do homem na terra segue uma "evolução" que caminha com "muita pressa": quando se atingiu o bem-estar aqui, é hora de "passar adiante", e, nesse caso, não se trata de simples "ironia do destino" (id. ib.). Não é diferente de "filosofice", como se diz na linguagem popular, embora seja isso que tenta sugerir, em tom deliberadamente provocativo, em carta endereçada ao embaixador e compadre Antônio F. Azeredo da Silveira (R, 324). Nessa oportunidade, sugere a ele "temas, a serem preenchidos", cuja complexidade está evidente na formulação dos mesmos: "A gente e o tempo. O papel dos atalhos e dos desvios. A divisão dos outros, em mutáveis e imutáveis. Despojamento e enriquecimento. Incorporação e ausência. Das necessidades do retorno

22. Pesquisadores como Franklin de Oliveira, Suzi Frankl Sperber e Consuelo Albergaria estudam alguns aspectos que envolvem esses termos, mas não na obra toda de Guimarães Rosa.

a zero. Os ciclos do crescimento do espírito" (R, 324 - g. do a.). Uma vida é pouco para se encontrar respostas satisfatórias, que dirá um exercício epistolar entre amigos. A provocação tem, assim, endereço certo: de João para Guimarães Rosa.

Mas existem outros pontos a considerar: a filosofia como "maldição do idioma", o que é filosofar, existe diferença entre "poeta da alma" e filósofo? No primeiro caso, diz-nos Guimarães Rosa, a filosofia "Mata a poesia, desde que não venha de Kierkegaard ou Unamuno, mas então é metafísica", deixando bem claro que é dessa forma que vê o "uso do saber em proveito do homem", da definição platônica. Já filosofar, para ele, "quase sempre, é mister fácil de parecer desumano" (EE, 59), definição que se aproxima daquela dada por Georges Gusdorf:²³ filosofar "é descobrir a transcendência, é perceber que a natureza não resolve por si só, ao nível humano, suas incoerências (...)". Por último, "poeta da alma" é Unamuno, pois "criou da linguagem a sua própria metafísica pessoal" e "inventou também a nivola e o nadaísmo; e são invenções próprias de um sertanejo". (L, 7).

Se, de um lado, a grande dúvida de um filósofo estaria na questão: " — Uma palmeira é uma palmeira ou uma palmeira ou uma palmeira?" (PE, 136-137), de outro não há o que contestar: "o importante é uma boa dose de filosofia,"²⁴ isto é, só ligar para o que seja verdadeiramente sério e significativo: a serenidade, a paz de espírito, a despreocupação". E justifica para o pai:

Afinal de contas, o que vale, real, é a graça de Deus e a salvação da alma. O resto, é bobagem. O que caceteia, por aqui, será descontado no Purgatório. Esta vida é uma espécie de infância, brincadeira de crianças. Rezar é o que importa. Como o Sr. está vendo, coloco o centro da vida na religião. Com isso, consigo despreocupar-me, e evito que a pressão arterial suba demais. Até os livros de medicina aconselham assim (...) Estou-me dando bem com esta regra. (R, 193 - carta de 11/6/1959)

A filosofia mineira está incorporada à sua vida e obra e,

23. Ver Tratado de Metafísica. Trad. António Pinto de Carvalho. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1960, p. 85.

24. Em outros tempos, afirmara que, "com coragem e filosofia, tudo vai bem" (R, 161 - carta de 14/3/1946), afirmação ratificada anos depois, com uma alteração: o termo "filosofia" é substituído por "espírito", mas o sentido permanece o mesmo (R, 178 - carta de 9/12/1955).

por si só, mereceria um capítulo à parte: remete-nos, de imediato, a Alceu Amoroso Lima, mais especificamente à "Espiritualidade Mineira",²⁵ onde ficamos sabendo que:

O mineiro é, portanto, e acima de tudo, um homem de pala
vra. A palavra é sagrada para ele. (183)

Para o mineiro o que vale é o homem. Não são as idéias. Não é a lei. Não são os sistemas filosóficos. Não são os re
gimes políticos. O mineiro é um empírico. Não é um tempera
mento abstrato, (...) Acredita nas coisas tangíveis. Possui
muito nítido o sentido da realidade. (189-190 - g. do a.)
(...) o povo mineiro é naturalmente religioso e sua filoso
fia da vida, do povo mais ignaro aos intelectuais mais des
tacados, se baseia na transcendência dos valores de sacra
lidade integral. (203)

Como em seqüência ao texto de Alceu, completa Guimarães Rosa:

O mineiro é velhíssimo, é um ser reflexivo, com segundos pro
pósitos e enrolada natureza. É uma gente imaginosa, pois que
muito resistente à monotonia. E boa — porque considera es
te mundo como uma faisqueira, onde todos têm lugar para ga
rimpar. Mas nunca é inocente. O mineiro traz mais individua
lidade que personalidade. Acha que o importante é ser, e não
parecer, (...). Sente que a vida é feita de encoberto e im
previsto, por isso aceita o paradoxo; é um idealista prático,
otimista através do pessimismo; tem, em alta dose, o
amor fati. (...) Atencioso, sua filosofia é a da cordialida
de universal, sincera; mas, em termos. (...) Tem a memória
longa. Ele escorrega para cima. Só quer o essencial, não as
cascas. Sempre freqüentado pelo enigma, retalha o enigma em
pedacinhos, como quando pica seu fumo de rolo, e faz conta
bilidade da metafísica; gente muito apta ao reino-do-céu. Não
acredita que coisa alguma se resolva por um gesto ou um ato,
mas aprendeu que as coisas voltam, que a vida dá muitas vol
tas, que tudo pode tornar a voltar. Principalmente, isto: o
mineiro não usurpa. Até sem saber que o faz, o mineiro está
sempre pegando com Deus. (AP, 220 - grifo nosso)

O que se constata, através dessa e de afirmações anteriores,
é que o termo metafísica tem, na obra rosiana, se assim podemos
dizer, um peso diferente do termo filosofia. O próprio Guimarães Rosa,
em carta a seu tradutor italiano Edoardo Bizzarri, avalia seus escri
tos, "principalmente" CORPO DE BAILE, atribuindo-lhes pontos de 1 a 10,
assim distribuídos (8, 58): a) cenário e realidade sertaneja: 1 ponto;
b) "enredo: 2 pontos"; c) poesia: 3 pontos; d) valor metafísico-reli-

25. Cf. Voz de Minas. Rio de Janeiro, Agir, 1945, p. 182 a 216.



gioso: 4 pontos, sem explicitar filosofia.

Outros exemplos corroboram o nosso ponto de vista e precisam ser aqui lembrados, desde o "'não' metafisicado", de "José de Tal, (...) por apelido Zé Centeralfe" —, que remete aos "gregos", sempre que quer explicar a vida e o destino do homem, ao mesmo tempo em que centraliza, no próprio nome, o princípio, a origem de tudo, o ALFA (PE, 63) —, passando pelo desespero (L, 16) e a loucura "metafisicamente dita" (AP, 185); pela linguagem como "língua da metafísica" (L, 16) e esta como "elemento metafísico" dele próprio, Guimarães Rosa (L, 12); pelo crocodilo — "magister da metafísica", que tem o oceano por companhia (L, 9); pelo homem, discípulo "física e metafisicamente só" (T, 117); pela "solidão metafísica" (MC, 60).

Há que se observar também que, embora nunca tenha escrito tratados de metafísica, Guimarães Rosa deixou indícios de que teria trabalhado seus textos considerando algum esquema pré-estabelecido, como se depreende da explicação sobre Primeiras Estórias, dada por ele a seu tradutor francês J.J.Villard:²⁶

Muito mais que uma coleção de estórias rústicas, o "Primeiras Estórias" é, ou pretende ser, um manual de metafísica, e uma série de poemas modernos. Quase cada palavra, nele, assume pluralidade de direções e sentidos, tem uma dinâmica espiritual, filosófica, disfarçada. Tem de ser tomado de um ângulo poético, anti-racionalista e anti-realista. Há pouco, com poucos dias de diferença, um crítico, aqui, aludiu ao que há nele, como sendo um "transrealismo", e outro crítico dava à coisa a denominação, aparentada, de "realismo cósmico". É um livro contra a lógica comum, e tudo nele parte disso. Só se apóia na lógica para transcendê-la, destruí-la. (grifo nosso)

Para tentar compreender o que Guimarães Rosa pretendia com essa afirmação, recorremos a Antônio Alves Pinto,²⁷ cuja apresentação do Tratado de Metafísica de Georges Gusdorf começa assim:

Segundo a sensata observação de J.PirLOT, um Manual de metafísica — e podemos dizer: um Manual de filosofia — para merecer o qualificativo de bom, deve "traduzir uma doutrina

26. Ver Edna Maria F. dos Santos Nascimento e Lenira Marques Covizzi, João Guimarães Rosa: homem plural, escritor singular. São Paulo, Atual, 1988, p. 53.

27. Cf. Georges Gusdorf, Tratado de Metafísica. Trad. Antônio Pinto de Carvalho. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1960, p. XV.

viva, impor-se por seu rigor sistemático e adaptação às necessidades atuais" (g. do a.).

De posse dessa informação, e conhecendo a obra de Guimarães Rosa, po de o pesquisador afirmar que, nos moldes tradicionais como é conhecido, Primeiras Estórias não é um manual de metafísica. Se, porém, considerarmos o Espírito, a Vida, a Matéria, Deus — "liste provisoire des premiers thèmes offerts à la réflexion métaphysique"²⁸ como temas de primeira ordem; se considerarmos a linha "cintilante", que o autor procurou seguir, eclética o bastante para englobar ciências ocultas, doutrinas secretas, filosofias e religiões de todos os tempos, mas principalmente Cristo, como ele gostava de frisar; se, para ele, a língua é realmente — e seus leitores sabem disso — "instrumento: fino, hábil, agudo, abarcável, penetrável, sempre perfectível, etc. Mas sempre a serviço do homem e de Deus, da Transcendência" (MC, 61), cremos poder afirmar que Guimarães Rosa esteve bem perto de fazê-lo. Talvez isso se confirme quando parte de sua obra — ainda inédita — for definitivamente conhecida.

Quanto à definição de metafísica, também fica em aberto. O que se encontra explicitado na obra rosiana é o que o autor chama de "a estafalária seguinte definição de 'metafísica'", também chamada de "romance do espírito" e atribuída a Voltaire:

"É um cego, com olhos vendados, num quarto escuro, procurando um gato preto... que não está lá" (T, 11 - g. do a.),

assim explicada por Rosa:

Seja quem seja, apenas o autor da blague não imaginou é que o cego em tão pretas condições pode não achar o gato, que pensa que busca, mas topa resultado mais importante — para lá da tacteada concentração. E vê-se que nessa risca é que devem adiantar os Koan do Zen. (Id. ib.)

De qualquer forma, há um ponto sobre o qual não deve pairar dúvida: a grande meta de "personagens e autor" é

subir à poesia e à metafísica, juntas, ou, com uma e outra co

28. Ver François Grégoire, Les Grands Problèmes Métaphysiques. 5^e édition revue. Paris, Presses Universitaires, 1966, p. 17.



mo asas, ascender a incapturáveis planos místicos. (B, 20 - grifos nossos)

Como se observa, no universo rosiano se confundem, quando o homem se vê diante das perplexidades da vida e do mistério da morte, e os exemplos a seguir dão prova disso:

cada homem tem seu lugar no mundo e no tempo que lhe é concedido. Sua tarefa nunca é maior que sua capacidade para poder cumpri-la. Ela consiste em preencher seu lugar, em servir à verdade e aos homens. (...) Veja como o meu credo é simples. Mas quero ainda ressaltar que credo e poética são uma mesma coisa. Não deve haver nenhuma diferença entre homens e escritores (...) Outras regras que não sejam este credo, esta poética e este compromisso, não existem para mim, não as reconheço. (L, 9-10 - grifos nossos)

Um dicionário não é tão completamente impessoal como você pensa; por isso falei dele relacionado à minha autobiografia. Pode entender literalmente o que acabo de lhe dizer e acrescentá-lo à minha poética. (L, 14)

Ao encontro dessa constatação vem uma outra, igualmente importante: a de que Guimarães Rosa considera "positivos" em suas obras "elementos" sobre os quais — ainda segundo ele — qualquer explicação seria "acessório", a saber (B, 81): O POÉTICO, O MÁGICO, "O HUMOR" E A TRANSCENDÊNCIA METAFÍSICA.

Feita essa breve retrospectiva da visão de mundo rosiana, estamos todos prontos para percorrer os atalhos que levam ao paraíso filosófico de João Guimarães Rosa.

C A P Í T U L O I

HERANÇAS, NO CORPO DA ESCRITURA ROSIANA¹

Traçar a trajetória do pensar, do repensar e do transpensar² rosiano significa, antes de mais nada, levar em consideração sua filosofia assistemática e sua visão cristã do mundo.

Os primeiros indícios da vocação filosófica de João Guimarães Rosa, de que temos notícia, surgem em 1930, quando é escolhido para Orador, na festa de sua formatura, na Faculdade de Medicina de Belo Horizonte. Tinha, então, 22 anos de idade. Nessa ocasião, num discurso emocionado e vibrante, Guimarães Rosa fala com desenvoltura e convicção de Maimônides, Montaigne, Auguste Comte, Alfred Fouillée, Platão, Nietzsche, Bíblia e esoterismo, buscando sempre aproximar o homem de Deus. Desde então, já se define o seu compromisso com a moral cristã, ao convidar seus colegas à prática da virtude e da bondade, caminho para a sabedoria. De sua leitura parafilosófica, no mesmo discurso, sobressaem os seguintes autores da literatura mundial e da literatura médica, especificamente: Molière, Emílio Coué, D'Annunzio, Erasístrato, Kipling, Lermontov, Pinel, Trismegisto, Hipócrates, Dr. Veressaiev, Francisco Kblcsey, Tolstoi, em sua maioria listados no rol da inquietude filosófica e espiritual (R, 407 a 416).

Em Magma (1936- inédito), os poemas rosianos falam de Buda, Platão, dos estóicos, de Nietzsche e Bergson, mas também de Ibsen, Kipling, Edgar Allan Poe e Tomás de Iriarte, em meio a temas relacionados com astrologia, Dinastia Ming, feitiço e reza brava, Consciência Cósmica, mitologia e Rosa-Cruz. O poema "Paraíso Filosófico"³ sintetiza sua filosofia-de-vida. Deus não é esquecido.

1. Em "Cara-de-Bronze", a fala de uma personagem sugeriu-nos o título deste capítulo. Diz "O vaqueiro Sãos: Figuro o que. Heranças, no corpo de uma escritura" (NUNP, 121).

2. Ao transcrever a entrevista de Guimarães Rosa direto da fita, Fernando Camacho afirma não ter certeza se o termo empregado por Guimarães foi transpensar ou traspensar (CAMACHO, 49).

3. O referido poema será analisado por nós na conclusão do trabalho.



Ainda no Magma, encontramos "Bibliocausto",⁴ que sintetiza a aversão do poeta contra os que ele chama de "traidores": os cientistas exagerados, estudiosos que deixam de lado a vida humana, que só se interessam pela ciência pura, fazendo da vida um quadro de classificações. São os empalhadores, os dissecadores que geometrizam a vida (2ª estrofe). O poeta é também contra o realismo exagerado (negativo) e, sobretudo, o naturalismo. Como se verá mais adiante, neste mesmo capítulo, Rosa se diz contra Zola, que aplicou ao romance a teoria naturalista, valendo-se de métodos científicos. Aqui a referência é muito clara: o golpe "às doidas" remete imediatamente ao livro de Zola, La bête humaine, que fala do que Guimarães Rosa chamou de "vontade cega e sem destino! ..." (3ª estrofe). Finalmente, o poeta se diz contra: todos os que criam um homem que está acima do homem; o ufanismo individualista da superioridade humana; todos os programadores do super-ego, Nietzsche em especial, com seu super-homem, imortal, ateu, tirano, egoísta, sem nunca levantar os olhos para o céu. Nietzsche é, assim, o louco, que também deve ser queimado (4ª estrofe).

Enquanto, no Holocausto bíblico (Levítico), a vítima a ser consumida pelo fogo é o cordeiro, simbolizando a entrega e a submissão do homem perante Deus (queima de tudo), o Bibliocausto rosiano simboliza a queima de livros e filosofias que distorcem a vida humana. Não se trata de censura, mas da não aceitação, da não concordância com determinadas formas de pensamento. Assim, o poeta quer "mãos dadas": fraternidade e amor; os "olhos bem abertos": intuição e inteligência; a vivência, um contato maior com a vida humana. A poesia pura buscada pelo poeta é de outra natureza.

Sagarana (1ª edição: 1946) retoma quase todos esses temas e expande-os, falando também de maçonaria, metapsíquica, artes de despacho, telequinese, vuduismo, amarramento e desamarração, assim como de Buda e Bíblia. O lema "Sub lege libertas!", que aparece nessa obra, não teará a sua vida e a de suas personagens; aqui é possível "ampliar(...) os limites de um sujeito só bi-dimensional, por meio de ensinar-lhe estes nomes: intimismo, paralaxe, palimpsesto, sinclinal, palíngenesia, prosopopese, amnemosínia, subliminal" (S, 239).

Na trilogia que compõe CORPO DE BAILE (1ª edição: 1956), as

4. O poema "Bibliocausto" (M, 93) será transcrito integralmente no ROTEIRO I - NIETZSCHE (p.59).

narrativas são introduzidas por epígrafes de Ruysbroeck (Escolástica) e de Plotino (Neoplatonismo), falando de Platão. Das três obras — Manuelzão e Miguilim, Noites do Sertão e No Urubùquaquá no Pinhém —, esta última é a que mais amplia o universo filosófico e parafilosófico rosiano, reunindo Upanixades, Pitágoras (não mencionado nominalmente), Aristóteles, Dante, Goethe e Saxo Grammaticus, Bíblia e feitiçaria, signo-salomão e superstição.

Em Grande Sertão: Veredas (1ª edição: 1956), a presença da personagem compadre meu Quelemém põe em evidência a doutrina espírita, e seu fundador Allan Kardec é citado nominalmente. A presença de Deus e do Diabo, em evidente confronto, atravessa o romance. Pajelança e búzios dividem o mesmo espaço com os Santos-Evangelhos e as orações feitas pelo homem do sertão. Riobaldo lê o livro de aventuras Senclér das Ilhas, de Montolieu, e diz ter aprendido dos "antigos" que "O que assenta justo é cada um fugir do que bem não se pertence. Parar o bom longe do ruim, o são longe do doente, o vivo longe do morto, o frio longe do quente, o rico longe do pobre". E conclui: "O senhor não descuide desse regulamento, e com as suas duas mãos o senhor puxe a rédea" (GS: V, 294).

Temas pitagóricos como a harmonia "benfazeja", que se origina em Deus — o UM supremo da harmonia universal —, ou ainda a metempsicose da religião hindu, aparecem em Primeiras Estórias (1ª edição: 1962), lado a lado com a Yoga, os exercícios espirituais de Santo inácio de Loyola e as teorias biogenéticas de Lavater. O aparecimento do pré-socrático Empédocles e sua reflexão sobre a mudança dos seres e dos fenômenos, assim como o karma a determinar a vida na terra, ou, em outras palavras, o ascetismo e a disciplina, têm como objetivo primordial libertar o homem do "peso da temporalidade", de que falaria a Günter Lorenz, anos depois (L, 13).

Considerado por vários estudiosos como o livro-chave para se conhecer e compreender a metafísica rosiana, em Tutaméia (Terceiras Estórias) (1ª edição: 1967) — livro que Guimarães Rosa gostaria que tivesse sido o segundo a ser publicado, logo após Sezão, título original de Sagarana —⁵ encontramos o maior número de filósofos citados, uma verdadeira panorâmica da história da filosofia de todos os tempos, incluindo: Protá

5. Os contos que fazem parte de Sagarana foram originalmente escritos entre 20/5 e 4/12/1937, segundo informa o autor. Cf. Suzi Frankl Sperber, Guimarães Rosa: Signo e Sentimento. São Paulo, Ática, 1982, p.103.

goras, Diógenes, Platão, Aristóteles, Cícero, Sextus Empiricus, Sêneca, Plutarco, a Escolástica, Paracelso, Van Helmont, Voltaire, Hegel, Comte, Schopenhauer, Nietzsche, J.M. Guyau, Léon Brunschvicg, Bergson, Jeremy Bentham. Há referências à Bíblia, Evangelhos, ao pensamento religioso grego, maçonaria, metapsíquica, astrologia, paranormalidade, religião hindu (nirvana), ao Zen-Budismo (zen, koan, satori), "matérias intermediárias" não identificadas (T, 124). Aqui o capiau "reza pela erística", usa argumentações sofisticadas para tentar "dar a outro idéia de uma electrola" (T, 14). Em Tutaméia aparecem ainda os seguintes autores da literatura mundial, da literatura brasileira e da já citada literatura médica: Augusto dos Anjos, Apporelly, Manuel Bandeira, Ruy Barbosa, Pedro Bloch, Eugênio de Castro, Dr. Castro Lopes, Cervantes, Coelho Neto, Dom Dinis, Fracástoro, Gilberto Freyre, Kafka, Dr. Lévy-Valensi, Vinícius de Moraes, Thomas Morus, Irmãos Perrault, Píndaro, Quintiliano, Rilke, Stendhal, Alfredo Taunay, Tito Lívio, Turguêniev, Paul Valéry, Verhaeren.

Em Estas Estórias (1ª edição: 1969), publicada postumamente, Guimarães Rosa reúne mestres da Filosofia Clássica: Sócrates, Platão, Aristóteles (Filosofia Ática), Epicuro e Cícero (Filosofia Helenístico-Romana), junto ao heresiarca Nestório (Patrística), ao teólogo Maimônides (Filosofia judia medieval), a Maquiavel (Filosofia Moderna) e Unamuno (século XX). E mais: Evangelhos, maçonaria, tarô, grimórios, premonições e religião hindu (nirvana), o matemático e físico grego Arquimedes, os "clássicos": Homero, Eurípedes e Camões, e o poeta espanhol Joaquim Bartrina. Não ficam de fora estadistas como Pelópidas, Epaminondas e Metternich; o almirante Nelson; o militar macedônio Nearco; o patriarca hebreu Noé; o general gaúcho Osório, marquês do Herval; Gastão III, conde de Foix; os heróis lendários Enéias e Bayard, que, misturados, passam a constituir curiosos nomes de personagens (EE, 57-58).

Até o momento, Ave, Palavra (1ª edição: 1970) é a última obra de ficção de Guimarães Rosa publicada postumamente. Mais uma vez abre-se para o leitor a visão panorâmica que reúne, agora, Buda; Anaximandro e Heráclito (Pré-Socráticos); Xenofonte, Platão e Cícero (Filosofia Clássica); Bíblia e Cabala; Schiller, Fichte e Schopenhauer (Idealismo Alemão); Keyserling e Nietzsche (posteriores ao Idealismo); Kierkegaard (Tendência espiritual) e Emerson (Filosofia Transcendental). Há referências ainda ao xamanismo; aos grimórios ou alfarrábios de Court de Gébelin, Etteilla e Emmet Fox; espiritismo e maçonaria; bruxarias, quiromancia, cartomancia, horóscopo e tarô; à religião hindu, a Gandhi; a predições;

a Nêmesis, "potência-princípio que atua no Universo restabelecendo o equilíbrio da condição humana, mediante aplicação automática da lei-das-compensações, e uma das mais sérias fórmulas achadas pelo pensamento religioso grego" (AP, 49). São citados ainda os seguintes autores da literatura mundial e brasileira: José de Alencar, Carlos Drummond de Andrade, Fernão Cardim, Carrera-Andrade, Assis Chateaubriand, Euclides da Cunha, Gôngora, Tomás Antonio Gonzaga, Julien Green, Hui-zinga, Salvador de Madariaga, Frederico Mistral, Sófocles, Érico Veríssimo, Swedenborg, Virgílio.

Nas poucas entrevistas que concedeu, Guimarães Rosa retoma autores e temas tratados nas suas obras de ficção e de poesia, num tom ora expansivo, ora contido, e acrescenta outros como Grimmshausen, autor de Simplizissimus, primeiro romance em língua alemã (1663). Para Günter Lorenz ("Literatura e Vida" - Gênova, janeiro de 1965), expõe sua visão de mundo, falando de Tao, Confúcio, da Escolástica, de Nietzsche, Kierkegaard, Heidegger, Unamuno, Ortega y Gasset; de Jorge Amado, Asturias, Balzac, Borges, Brecht, Dostoiévski, Flaubert, Freud, Gilberto Freyre, García Lorca, Goethe, Jaroslav Hašek, Kafka, Mallarmé, Thomas Mann, Robert Musil, Rilke, Stendhal, Tolstoi, Zola. Revela influências e preferências,⁶ mostra o seu amplo conhecimento da literatura mundial e aborda temas como a missão do escritor, a boa crítica e o mau crítico, credo e poética, política, metafísica da língua, mística, Deus e o Diabo, eternidade, enfim, literatura e vida. Fala muito de si mesmo, de sua origem voltada para "o remoto, o estranho" (L, 7) e define o paradoxo, muito mais no sentido religioso — deve-se fazer uso do paradoxo, quando "não se pode compreender com a razão pura" (L, 12) —, do que no sentido aristotélico dos Elencos Sofísticos. Diz Guimarães Rosa: "a vida, a morte, tudo é, no fundo, paradoxo. Os paradoxos existem para que ainda se possa exprimir algo para o qual não existem palavras. Por isso, acho que um paradoxo bem formulado é mais importante que toda a matemática, pois ela própria é um paradoxo, porque cada fórmula que o homem pode empregar é um paradoxo" (L, 7). Eis alguns exemplos de paradoxo: como "romancista", tentar "o impossível" (L, 10); "Levo o sertão dentro de mim e o mundo no qual vivo é também o sertão" (L, 13); "a definição de 'rede': — 'Uma porção de buracos, amarrados com barbante...'", que nos traz "o ponto-de-vista do peixe" (T, 14 - g. do a.).

6. A Lorenz, diz Guimarães Rosa: autores que "me impressionaram e me influenciaram" foram: Goethe, Thomas Mann, Robert Musil, Kafka, Rilke, Freud.



Em entrevista a Fernando Camacho (Rio, abril de 1966), Guimarães Rosa mostra como se dá o seu processo de criação, exemplificando com Sagarana e Primeiras Estórias. E fala também de metafísica, de Deus "ou" Destino, de tradução, concepção de mundo, literatura, arte, religião, de influências,⁷ da música da palavra. Lembra Drummond e José Lins do Rêgo, ouve mais — o entrevistador reconhece esse "defeito" na entrevista — do que fala.

A troca de correspondência é farta. Existe uma obra em que o conteúdo de grande número de cartas de Guimarães Rosa possibilita, juntamente com depoimentos de familiares e amigos que as receberam ou com ele conviveram, ampliar a biografia do autor aqui estudado. Referimo-nos a Relebramentos: João Guimarães Rosa, meu pai, de sua filha, também escritora, Vilma Guimarães Rosa, dos mais completos sobre o autor mineiro (1ª edição: 1983 - cartas de 1933 a 1937). Esse livro nos permite conhecer a intimidade de Guimarães Rosa mais do que qualquer outro, visto que aos pais, à esposa, às filhas e aos amigos, ele abre seu coração para mostrar medos e aflições, crenças e preocupações, alegrias e vitórias, de uma maneira aberta e franca; fala de autores como Ruy Barbosa, Antonio Cândido, Assis Chateaubriand, Léon Denis, Paul Éluard, Huxley, André Maurois, Paulo Rónai, e de assuntos como: metafísica, filosofia, religião, literatura mediúnica, transpsíquica, palavras mágicas, arte, intuição, metempsicose, superstição e esperanto.

Do mais que já foi publicado, as cartas ao tio e compadre Vicente Guimarães (de 8/12/1935 a 21/9/1942 - in: Joãozinho) trazem conversa sobre o Magma, pedido de endereço de "figurões" — críticos da época —; fala ainda de Coelho Neto, Gandhi, Goethe, Graciliano Ramos e do próprio Vicente Guimarães.

Com o amigo Paulo Dantas (cartas de 19/1/1957 a 25/5/1965, in: Sagarana Emotiva), o assunto é: sabedoria oriental ("Bhagavad Gita"), epígrafe de Plotino e Ruysbroeck, sua grande necessidade de rezar, "preocupações metafísicas" com "o religioso e trágico sentido da vida" (DANTAS, 26). Em carta a nós enviada recentemente (23/4/1991), Paulo Dan-

7. Guimarães Rosa revela a Camacho: "É muito difícil dizer o que me influencia ou influenciou. (...) É que eu sou aberto pra tudo, mas ao mesmo tempo nada me prende, nada me limita. (...) Eu não posso saber o que me influencia porque é uma coisa viva, aberta, contínua, complexa. Eu pego um simples almanaque e aquilo me pode, me influencia mesmo. É como se eu ouvisse uma música interior... Sabe, eu não sou capaz de ouvir música como as outras pessoas fazem, calmamente. (...) Sempre que eu ouço música começa a geminar uma coisa dentro de mim, minha alma desperta, minha imaginação acorda. (...) Não há nenhum es

tas retoma esta última parte e acrescenta: "acho que a frase se origi na da leitura de um ensaio filosófico do grande escritor espanhol Miguel de Unamuno (...). O homem da universidade de Salamanca deve ter sido uma das grandes leituras do Rosa". Concordamos plenamente, Guimarães deve mesmo ter lido Do Sentimento Trágico da Vida. Segundo Dantas, Guimarães Rosa dizia que não passaria dos 59 anos, morreria antes como "seus tios maternos". "Comprou essa superstição", "escolheu sua própria forma de morrer". Quantas às críticas desfavoráveis, colava-as de "cabeça pra baixo"; aos seus autores, dava o nome de "sacis".

Para Dora Ferreira da Silva, em carta de 19/2/1958, fala da necessidade de superação do "antigo individualismo, externo," pelo mundo da "existência simbólica", da "poesia", do "Céu" (SILVA I, 32-33 - g. do a.).

Já para Vicente Ferreira da Silva, em carta de 21/5/1958, re vela a linha "cintilante" por ele seguida, que compreende Platão, Berg son, Berdiaeff, Cristo; sua concordância com idéias de Berdiaeff, Jaspers, Kierkegaard e Lawrence; suas restrições a Nietzsche e Heidegger; sua "aversão ao histórico, ao político, ao sociológico". Pergunta do serialista Dunne e reconhece a presença do "Reino do Céu" no interior das pessoas, particularmente no seu (SILVA II, 31-32).

Para o tradutor alemão Meyer-Clason (cartas datadas de 18/2/1959, 15/12/1964, 9/2/1965, 3 e 24/3/1966, 5/12/1966 e 27/8/1967), Guimarães Rosa esclarece alguns pontos sobre CORPO DE BAILE; tradução; me tafísica da língua; aventura e meditação; Schiller, Goethe e Heine (MC, 47 a 62).

Para o tradutor italiano Edoardo Bizzarri (cartas 5/10/1959 a 20/10/1967, in: J. Guimarães Rosa - Correspondência), amplia a linha "cintilante" de que falara a Vicente Ferreira da Silva, acrescentando o Tao, os Vedas e Upanixades, Evangelistas, São Paulo, Plotino (carta de 25/11/1963). Anotamos ainda os seguintes autores: Descartes, Anacreonte, Vico, Augusto de Campos, Haroldo de Campos, T.S.Eliot, Frei Rafael de Jesus, Joyce, Pasternak, Rabelais, Ruskin, Ungaretti, Pedro Xisto. Outros assuntos: Cabala, espiritismo, tarô, astrologia, bruxaria. Menos de um mês de sua morte, Guimarães Rosa escreve sua última carta a Bizzarri (datada de 20/10/1967), dizendo estar "em luta" com o discurso de posse na Academia Brasileira de Letras, que se realizaria no dia

critor que eu não ache bom, agradável, gostando, não é? Mas torná-lo como modelo? Não". (CAMACHO, 51-52)

16 de novembro. Na referida carta, suas últimas palavras são: "Espero, depois dessa data, e no ano que vem, estar muito mais libertado, leve disponível" (B, 133).

À tradutora norte-americana Harriet de Onís (cartas de 23/4 e 2/5/1959; 3/4 e 4/11/1964) faz recomendações sobre a tradução de Grande Sertão: Veredas; comenta sobre o movimento que afastou "J.Goulart e seus perigosos agitadores".⁸ Em outra oportunidade (carta de 9/2/1965), Guimarães Rosa fala da "música" que subjaz à sua "poética" e dos três planos da palavra: na tradução de Mary Lou Daniel, "a graça implícita (a magia interior), "o sentido usual comum" e a "idéia transcendente (metafísica)",⁹ exatamente nessa ordem.

Ao tradutor francês J.J.Villard (carta de 14/10/1963) as recomendações são sobre Primeiras Estórias.

Em seu discurso de posse na Academia Brasileira de Letras, cujo título "O Verbo & o Logos" não teria sido dado por Rosa, segundo informações que obtivemos junto a amigos dele (16/11/1967, in: Em Memória de João Guimarães Rosa, p. 57 a 87), a emoção tantas vezes adiada chega ao seu ponto máximo. Ao mesmo tempo em que faz o elogio de João Neves da Fontoura, de cuja cadeira tomava posse, entremeia o seu discurso com citações e comentários sobre "Bhagavad Gita", Tao, Sócrates, Albert Camus, Evangelhos, Machado de Assis, Álvares de Azevedo, Coelho Neto, Afonso Arinos de Melo Franco e Josué Montello, junto a assuntos como o pensamento grego, dharma, astrologia, daimon. Lembra-se de ter discorrido com João Neves da Fontoura, em circunstâncias bastante difíceis — em Bogotá, no ano de 1948, cinco brasileiros, incluindo os dois, estiveram "bloqueados" por manifestações internas contra o Governo local —, sobre "matérias paregóricas: paleontologia, filosofia, literatura" (EMJGR, 82 - grifos nossos). Política é outro assunto por ele enfatizado.

No prefácio que intitulou "Pequena Palavra", à Antologia do Conto Húngaro, organizada por Paulo Rónai, Guimarães Rosa refere-se à língua húngara como aquela que "nos traz a aura de um mundo denso e estranho" e compara alguns dos autores selecionados a Cícero, Keyserling e Mérimée (RÓNAI, XI a XXVII).

8. Cf. Edna Maria Fernandes dos Santos Nascimento e Lenira Marques Covizzi. João Guimarães Rosa: homem plural, escritor singular. São Paulo, Atual, 1988, p. 32-35-50-56.

9. Ver Mary Lou Daniel, João Guimarães Rosa. Travessia Literária. Rio de Janeiro, José Olympio, 1968, p.172.

Com o título "Dezesseis vezes Minas Gerais", prefaciou o livro O Segredo de Sinhá Ernestina, de Eduardo Canabrava Barreiros (escrito em 21/9/1966 - publicado em 1967). Rosa elogia o livro e faz o seguinte comentário: "Mas, hoje em dia, que muito em literatura se desseja, dessora ou desidrata, faz bem achar-se texto homogêneo, positivo, belo acertadamente.(...) a arte deve ser, primeiramente, fora de moda".

Não podemos encerrar esta INTRODUÇÃO, sem algumas explicações. Guimarães Rosa tinha, em sua biblioteca, I and You, de Martin Buber e Théâtre I, Situations I-II, Sain Genet, comédien et martyr, de Sartre. Embora não haja qualquer referência explícita a Buber, tal como entendemos em Guimarães, seu princípio dialógico do "Eu e Tu" — tema existencialista por excelência — sai do kibutz diretamente para o sertão, mas da seguinte maneira: "No sertão, o homem é o eu que ainda não encontrou um tu; por isso ali os anjos ou o diabo ainda manuseiam a língua" (L, 14 - g. do a.); "No sertão, cada homem pode se encontrar ou se perder" (L, 16). Já com relação a Sartre, a única informação que encontramos foi através do crítico espanhol Emir Rodriguez Monegal. Segundo ele, Guimarães contou-lhe de sua preferência pelo Sartre de Le Mur. Voltaremos ao assunto mais adiante. Quanto a Gabriel Marcel, seu Homo Viator está perfeitamente integrado ao universo rosiano. Não está afastada também alguma "herança" de Pascal.

Dos autores brasileiros, Mário de Andrade não é citado diretamente por Guimarães Rosa, mas indiretamente através de Antonio Cândido e Lauro Escorel, em cartas a Vicente Guimarães (VICENTE, 133 e 135).

Autores como Maximiano Lemos (Enciclopédia Portuguesa, Ilustrada), Cândido de Figueiredo (Grande Dicionário da Língua Portuguesa), Antenor Nascentes (Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa), Agripino Grieco (Amigos e Inimigos do Brasil), o folclorista Gustavo Barroso (Terra de Sol) e outros (T, 79 a 81), além de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (Dicionário da Língua Portuguesa - R, 340), serviram de consulta para suas pesquisas sobre a nossa língua.

Sobre os autores de espiritualidade: S. João Crisóstomo (344-407) é apenas citado por Guimarães Rosa, em seu discurso de posse na ABL (EMJGR, 59). Santo Agostinho (354-430), São Tomás de Aquino (1225-1274), conhecido como Doutor Angélico, Mestre Eckhart (1260-1327), Santa Teresa de Jesus (1515-1582) e São João da Cruz (1542-1591) não têm seus nomes explicitados, mas seus ensinamentos são reconhecidos na obra rosiana. Aparecem São Francisco de Assis (1181-1226), Ruysbroeck (1293-1381), conhecido como o Admirável, seguidor de Eckhart, Tomás de Kempis (1379-1471), Santo Antonio de Pádua (1195-1231), Santo Inácio de Loyola e outros, mestres da Teologia ascética e mística que influenciaram

Guimarães Rosa.

Se fosse possível sintetizar o pensamento filosófico e religioso de Rosa, diríamos que, além de Platão, teria sido influenciado, talvez inconscientemente, por idéias neoplatônicas, panteístas e existencialistas; mas, sem sombra de dúvida, ele incorporou à sua escritura temas da mística cristã, para completar o seu "aprendizado de humanidade" (AP, 94).

Completando o universo rosiano, não podemos nos esquecer de nomes do cinema¹⁰ como o do diretor Fellini (B, 115), ou do teatro como o do diretor Jean Louis Barrault (MC, 52); compositores: o austríaco Schubert, que serviu de tema para o seguinte poema:

Música de Schubert

Sombras de amores
em bailado longínquo, num palco sem fundo
como um fundo de espelho...
(M, 45),

Puccini (B, 115), Beethoven (B, 55; Camacho, 51), Mozart (CAMACHO, 51); pintores como Boeckin (EE, 228-229), Goya (EE, 240), Rafael (VICENTE, 162) e todos aqueles que incluíram em suas telas a temática do "Burro e o Boi no Presépio", aos quais dedica poemas¹¹ (AP, 158); dançarinos como

Sergio Lifar

No palco em penumbra,
como os violinos e as cigarras,
alguem canta com o corpo...
(M, 45)

e cantores como Luiz Gonzaga e Tonico e Tinoco (DANTAS, 28).

Depois dessa retrospectiva, que procuramos tornar o mais abarcante possível, passaremos aos critérios que nortearão o elenco de autores.

10. O poema "Luar na Mata" (M, 24) tem como tema o cinema.

11. Os outros pintores são: Correggio, Martin Schongauer, Fra Filippo Lippi, Rogier Van Der Weyden, Domenico Chirlandain, Zurbarán, Gentile de Fabriano, Meister Francke, Botticelli, Piero Della Francesca, Lucas Van Leyden, Benozzo Gózzoli, Hans Baldung, Sano Di Pietro, Hugo Van Der Goes, Hieronymus Bosch, Hans Multscher, Albrecht Dürer, Bernardino Luini, Fra Beato Angelico (AP, 158 a 168).

1. Critérios utilizados na elaboração dos Roteiros

Roteiros de Deus (GS: V, 233) ou Itinerários do Espírito (AR, 101) —, uma ou outra expressão serviria como subtítulo para esta parte do trabalho, cujo objetivo principal é mostrar as veredas do caminho das HERANÇAS, NO CORPO DA ESCRITURA ROSIANA. Optamos pelo primeiro, do qual desmembramos o termo escolhido, ficando da seguinte maneira:

ROTEIRO I - LEITURA FILOSÓFICA E ESPIRITUAL

ROTEIRO II - LEITURA PARAFILOSÓFICA

O levantamento apresentado logo após estas explicações congrega 63 NOMES-TÍTULOS, no ROTEIRO I, e 131 NOMES-TÍTULOS, no ROTEIRO II. Para facilitar a consulta, além do Índice de Nomes, no ROTEIRO I a distribuição obedece à ordem cronológica em que as filosofias e religiões ocorreram em seu início, tomando por base o "Esquema de Historia de la Filosofía", de Walter Brügger, S.J. (Diccionario de Filosofía, p. 505 a 601), que nos pareceu mais abrangente, porém com as adaptações necessárias. Já no ROTEIRO II, a distribuição obedece à ordem alfabética de sobrenome e foi idealizado por nós sem qualquer outra referência. Aqui há um ponto a ressaltar: alguns autores poderiam ser incluídos nos dois ROTEIROS, portanto, estar num deles não exclui a possibilidade de fazer parte do outro.

No ROTEIRO I, o NOME-TÍTULO introduzirá o autor e virá precedido de dados que localizam filosofias e religiões na época em que ocorreram. No ROTEIRO II, virá apenas o NOME-TÍTULO, imediatamente seguido das citações e respectivas identificações de obra e página. As siglas das obras citadas obedecerão ao quadro de abreviaturas (nota 7).

Quando colocado após o NOME-TÍTULO, o asterisco indicará observações nossas sobre autor e/ou texto, que virão a seguir, no mesmo local. Quanto às NOTAS, há duas observações a fazer: as do texto original foram mantidas imediatamente após a transcrição deste; as que foram por nós elaboradas virão no rodapé.

Com relação ao livro de poemas Magma, por continuar inédito até a data desta Defesa, manteremos, no final da citação, o número da página do texto original datilografado. A identificação do esboço da novela "O Imperador", inédita no Brasil, complica-se um pouco mais, por que o referido esboço não tem todas as páginas numeradas.

A remissão colocada no final das citações de ou sobre cada autor, filosofia ou religião, indicará outros contextos em que apareceu o NOME-TÍTULO. Por exemplo:

UPANIXADES ANTIGAS

Ver VEDAS: B, 58 (p.39).

Poderá ocorrer de o NOME-TÍTULO do ROTEIRO II já ter aparecido no ROTEIRO I. Nesse caso, a remissão será feita da seguinte maneira:

DOSTOIEVSKI

Ver ANJOS, Augusto dos: T, 14-15 (p.70-71); BALZAC: L, 10-13 (p. 73); ROTEIRO I - CONFÚCIO: L, 14 (p.42-43); EVANGELHOS: B, 55 (p. 52).

O mesmo acontecerá com GOETHE; HEINE; KIPLING; KÖLCSEY, Francisco; TAYLOR, Frederico; TOLSTOI.

Logo após o NOME-TÍTULO: HAŠEK, Jaroslav — ROTEIRO II —, virá, entre parênteses, o nome SCHWEIJK, tal como aparece em Guimarães Rosa, para facilitar a identificação da personagem SCHWEICK, na citação. No caso específico de RABELAIS — ROTEIRO II —, transcreveremos primeiramente a pergunta feita por Bizzarri, para melhor compreensão da resposta de Guimarães Rosa.

Foram mantidas acentuação, ortografia e aspas do texto original.

A seguir, os referidos ROTEIROS.



2. ROTEIRO I

LEITURA FILOSÓFICA E ESPIRITUAL



Í N D I C E

ANAXIMANDRO
ARISTÓTELES
BENTHAM, Jeremy
BERDIAEFF
BERGSON
"BHAGAVAD GITĀ"
BÍBLIA
BRUNSCHVIGG, Léon
BUDA
CABALA
CAMUS, Albert
CÍCERO
COMTE, Auguste
CONFÚCIO
CRISTO
DESCARTES
DIÓGENES
EMERSON
EMPÉDOCLES
EPICURO
ESCOLÁSTICA
ESTOICISMO
EVANGELHOS
FICHTE
FOUILLÉE, Alfred
GUYAU, J.M.
HEGEL
HEIDEGGER
HERÁCLITO
INÁCIO DE LOYOLA, Santo
JASPERS
KEMPIS, Tomás de
KEYSERLING
KIERKEGAARD
"MAHABHARATA"
MAIMÔNIDES, Moisés
MAQUIAVEL
MONTAIGNE
NESTÓRIO
NIETZSCHE
ORTEGA Y GASSET
PITÁGORAS
PLATÃO
PLOTINO
PLUTARCO
PROTÁGORAS
RUYSBROECK
SARTRE
SCHILLER
SCHOPENHAUER
SÊNECA
SEXTUS EMPIRICUS



SILVA, Vicente Ferreira da
SÓCRATES
TAOÍSMO
UNAMUNO, Miguel de
UPANIXADES ANTIGAS
VAN HELMONT
VEDAS
VICO, Giovanni Battista
VOLTAIRE
XENOFONTE
YOGA



F I L O S O F I A O R I E N T A L

I N D I A

1. ÉPOCA PRIMITIVA: Primeiros indícios filosóficos no "Rigveda" (coleção de hinos, segundo milênio a.C.)

VEDAS¹²

E eu mesmo fiquei espantado de ver, a posteriori, como as novelas, umas mais, outras menos, desenvolvem temas que podiam filiar-se, de algum modo, ao "Diálogos", remotamente, ou às "Eneadas", ou ter nos velhos textos hins qualquer raizinha de partida. Daí, as epígrafes de Plotino e Ruysbroeck. (B, 57-58)

Quero ficar com o Tao, com os Vedas e Upanixades, com os Evangelistas e São Paulo, com Platão, com Plotino, com Bergson, com Berdiaeff — com Cristo, principalmente.¹³ (B, 58)

2. UPANIXADES ANTIGAS: Doutrinas esotéricas¹⁴ (até 800 a.C.)

"Cf. o Chandogya-Upanixad:

'A palavra dá-lhe seu leite — o que é o leite da palavra —, e êle tem alimento, êle se nutre amplamente, o que conhece esta doutrina dos sâman — esta doutrina.¹⁵

12. De origem incerta, os Vedas (do sânscrito, "conhecimento") são, na verdade, um só, mas transmitidos sob a forma de Rig-Veda ("rig", "louvor"), Samaveda e Yajur-Veda, coletâneas de hinos e formulas usadas em cerimônias de sacrifício. Já Vedanta significa "fim do Veda", isto é, "chegada" ao Conhecimento.

13. Essa é a "linha cintilante" rosiana, espécie de profissão de fé que leva ao magma do pensamento filosófico e espiritual de João Guimarães Rosa: 1. a diversificação e a diferença são aspectos necessários, significa que não há um único depositário da verdade; 2. estão presentes as raízes orientais e ocidentais, fontes de sabedoria de todos os tempos; 3. o que há em comum entre eles é a busca da felicidade, da eternidade, do Absoluto, de Deus; 4. são caminhos abertos, que se desdobram em outros caminhos; 5. não constituem um saber livresco; suscitam questionamentos e reflexões, mas a transformação espiritual, o caminho do despertar, é de cada um: Guimarães Rosa também tem o seu.

14. As Upanixades (assim mesmo, no feminino) são escritos revelados, secretos ("apa", "junto a"; "ni", "com devoção"; "sad", "o sentar-se": "sentar-se com devoção junto a um mestre").

15. Da religião védica, passando pelo pensamento bramânico, fazem parte do universo rosiano doutrinas como a dos sâman, referida no

(Iª Preleção, XIIIª khândah, esloca 5.)
 'Um touro falou-lhe assim:
 — Satyakâma!
 — Senhor?
 — Já somos mil. Reconduz-nos à casa do Mestre'.
 (4ª Pr., Vª kh., esloca 1.)

'Então a Palavra se afastou. Depois de ausência de um ano, ela voltou e disse: — Como pudestes viver sem mim? (Esloca 8, 1ª kh. prapâthakah)" (NUNP, 124)

Ver VEDAS: 8, 58 (p. 39)

3. O BUDISMO ANTIGO: 560-480, aproximadamente.

BUDA 16

CARANGUEJO

Caranguejo feiíssimo,
 monstruoso,
 que te arrastas na areia
 como a miniatura
 de um tanque de guerra...
 Gosto de ti, caranguejo,
 Cancer meu padrinho
 nas folhinhas,
 pois nasci sob as bênçãos do teu signo
 zodiacal...

Teu par de puãs cirúrgicas oscila
 à frente do escudo lamacento
 do velho hoplita.
 E mais oito patas, peludas,
 serrilhadas,
 de crustáceo nobre
 retombam no mole desengonço
 de pés e braços muito usados,
 desarticulados,
 de um bebê de celulóide.

Caranguejo sujo,
 desconforme,
 como um atarracado Buda rôxo
 ou um ídolo azteca...
 És forte, e ao menor risco te escondes
 na carapaça bronca,
 como fazem os seres evolucionados,

texto, e mais: o avatar ("ava", "para baixo"), divindade que de tempos em tempos retorna à terra, sob a forma humana ou animal; está ligado à idéia de salvação (AP, 102); samsara (literalmente, "divagação") ou metempsicose (PE, 75; AP, 29-151); Karma ("ação", "efeito" de uma ação) (PE, 59; AP, 198); dharma (em sânscrito, "auto-subsistência", "o que mantém") ou a "ordem cósmica" (EMJGR, 77).

16. Mestre do pensamento oriental, Buda é conhecido como o " morto-

misantrópos, retraídos:
o filósofo, o asceta,
o cagado, o ouriço, o caracol...

Caranguejo hediondo,
de armadura espessa,
prudente desertor...

Para as lutas do amor, quero aprender contigo,
quero fazer como fazes, animalejo frio,
que, tão calcareamente encouraçado,
só sabes recuar...

(M, 23)

Com o que proferiu Gotama Buddha, o pastor dos insones,
(...)

Aprende do rolar dos rios,
dos regatos monteses, da queda das cascatas:
tagarelante, ondeia o seu caudal —
só o oceano é silêncio.

(S, 201)

Apondo a mente a problemas sem saída, desses, o que o zenista pretende é atingir o satori, iluminação, estado aberto às instituições e reais percepções.

(T, 12 - nota de rodapé)

Na rookery: (...)

O urubu: urubudista. (AP, 51)

E o homem figurava mesmo um buda-bonzo, ou xamã monge, ou des-cá o que seja. (AP, 85)

4. O "MAHABHARATA": Gigantesca epopéia de uns 100.000 versos (entre 200 a.C. e 200 d.C.). Pertence a eles o célebre "Bhagavad Gitā" (canto do santo).

"Choras os que não devias chorar. O homem desperto nem pelos mortos nem pelos vivos se enluta" — Krishna instrui Arjuna, no Bhagavad Gitā. (EMJGR, 85 - g. do a.)

Acredito que Krishnamurti seja a segunda encarnação de Cristo. Estudo muito as doutrinas. A sabedoria oriental me fas

vivo", o "desperto" ou "iluminado" e vem para ensinar "as causas do sofrimento e os meios de suprimi-lo"; o "caminho do meio", governado pela paciência e atenção, que leva ao Nirvana (literalmente, "extinção", cessação imediata de todos os desejos), libertação espiritual (T, 164; EE, 242; AP, 37), a que se chega após o satori. No budismo chinês, Guimarães Rosa foi buscar o Zen (tradução japonesa do vocábulo chinês Tch'an, por sua vez transcrito do sânscrito dhyana "meditação"), experiência que leva ao âmago do ser, e os Koans (do chinês Kung an), enigmas verbais que sugerem o retorno para dentro de si mesmo. No prefácio "Aletria e Hermenêutica", Guimarães Rosa dá um exemplo de Koan, em nota de rodapé: depois de fornecer "vários dados sobre o trem: velocidade horária, pontos de partida e de chegada, distância a ser percorrida", vem a pergunta: — "Qual é o nome do maquinista? Sem resposta, lembra célebre Koan: 'Atravessa uma moça a rua; ela é a irmã mais velha, ou a caçula?'" (T, 12)

cina. (DANTAS, 26)

5. YOGA (posterior a 450 d.C.)

Como todo homem culto, o senhor não desconhece a Ioga, e já a terá praticado, quando não seja, em suas mais elementares técnicas. (PE, 75)

CHINA

1. TAOÍSMO¹⁷

Lao-Tse, nascido em 604 (segundo outros, em 480) a.C.: Tao-tē-king, livro de Tao e da virtude.

Desde cedo, apenas, também eu aprendera que "o sábio fia-se menos da solércia e ciência humanas que das operações do Tao". (EMJGR, 68)

Eu não sei o que sou, Posso bem ser cristão de confissão sertanista, mas também pode ser que eu seja taoísta à maneira de Cordisburgo, ou um pagão crente à la Tolstoi. (L, 15)

Ver VEDAS: B, 58 (p. 39)

2. CONFUCIONISMO

CONFÚCIO

Quem quiser entender Dostoievski tem de fazê-lo em russo, (...). Tive de levar isso em consideração, quando quis co-

17. O "Tao - Teh-King" ("Livro da Senda da Virtude" ou "Cânones da Razão e da Virtude") é um compêndio de ética atribuído a Lao Tse (Lao, o "Mestre"). Lao Tse e Confúcio se conheceram quando este se interessou em saber quais eram os princípios do taoísmo. Nos 81 capítulos do Tao, encontram-se conselhos para nortear a conduta do homem: "O sábio não tem coração estreito, / Inclui no seu coração os corações dos outros. / Ele é bom com os bons," Tao-tē-King. Trad. e notas de Huberto Rohden. 4ª edição. São Paulo, Alvorada, 1982, 49: 1 a 3, p. 130. Em Guimarães Rosa, encontramos exemplos que nos ajudam a entender a sua confissão: "Dentro de casa, compadre iô Liodoro é aquela virtude circunspecta, não tolera relaxamento" (NS, 104); "Saía da gente toda ali uma vontade de respeito, um suor de paz, de roupa nova e dia diferente, uma aragem de virtude", (MM, 156). Ser "taoísta à maneira de Cordisburgo" significa, então, ser disciplinado e praticar as virtudes, ser simples como o homem do sertão — esse é o caminho do Céu. Já ser "pagão crente à la Tolstoi" é poder dedicar sua vida à prática da caridade e ver Jesus como um irmão. Tolstoi chegou a ser excomungado pela Igreja Ortodoxa russa, por ter feito essa opção de vida.

neher Unamuno, Confúcio, Mil e Uma Noites.¹⁸ (L, 14)

FILOSOFIA OCIDENTAL

FILOSOFIA ANTIGA (século VII a.C. — século VI d.C.)

A. COMEÇOS DO PENSAMENTO FILOSÓFICO: OS PRÉ-SOCRÁTICOS (séc. VII-IV)

I. Investigações sobre o ser das coisas (600-450)

a. Jônicos Antigos:

ANAXIMANDRO

O coração daquela natureza era manso, era mau? Sentia-se um, ao meio de tal ponte, à face do caos e espírito de catástrofe, em tempo tão ingeneroso, ante o cri

18.

MIL E UMA NOITES

- "Certa vez, em Bassora..."
- "Mas um negro encantado..."
- "Dois irmãos mercadores, um dia..."
- "Havia
uma Sultana persa..."
- "E Kalaf, o bem-nascido,
chegou, por uma noite, no caravansaral..."

Continuamos...

A hora decisiva
reponta, sempre nova,
qual furtiva gazela
que ao lago vem beber...
Inutil!... Está escrito!...
Todas elas nos fogem,
em insinuações e meias confidências,
como escapam, ligeiras, da boca de um crente,
as curas do Alcorão...

E nossas almas espiam,
temerosas
e tristes, por detrás de cousas vagas
(odalisca da Armenia
entre as grades do harém...).

Ai!... tantas cousas,
que só graças a Allah não sufocaram
nosso amor ao nascer...

Como dóem, como pesam
essas frases,
suspensas, apressadas,
pairando, inacabadas,
como grus no deserto,
sem ramo onde pousar...
Desistir?... Terminar?...
Os maus djinos espreitam...
Voltemos a contar...

tério último — o pecado de nascer — na tese anaximândrica.¹⁹ Todos pertencíamos, assim, mesmo, à vida. (AP, 90)

b. Pitagóricos Antigos:

PITÁGORAS

Por ultimamente, o Laydelim notou, quase que êle só assentava números maiúsculos, por render mais: os nove, oitos ou setes. (NUNP, 53)

E as coisas vinham docemente de repente, seguindo harmonia prévia, benfazeja, em movimentos concordantes: as satisfações antes da consciência das necessidades. (PE, 3)

Constato-o, apenas; longe de mim puxar à bimbalha temas de metempsicose ou teorias biogenéticas. (PE, 75)

II. Investigações sobre o devir e a transformação (500-370 aproximadamente)

a. Explicação Dinâmica:

HERÁCLITO

Tratemos de Heráclito, de Sófocles —²⁰ arre ondeia a suástica sobre Himeto, Olimpo e Parnasso — detém ninguém o correr dos carros coraçados. (AP, 9)

A harmonia oculta vale mais que a harmonia visível. (epígrafe de Heráclito - AP, 48)

b. Explicação Mecanicista:

- "Queres ouvir mais outra,
oh minha irmã Dinarzada?...
O dia vai raiar..."
E assim espero
a milésima primeira madrugada,
quando Scheherazada
conta a ultima historia
ao Sultão Schahriar...
(M, 49)

19. A tese a que se refere Guimarães Rosa é a que resulta da doutrina palingenésica pregada por Anaximandro: o ser vivo se separa do infinito, que é imperecível, apenas por um instante; a natureza está em perpétuo movimento e a morte não é definitiva: haverá sempre o regresso à união com o infinito.

20. O convite feito a Márion, em "O mau humor de Wotan", é para lembrar a teoria de Heráclito sobre o devir absoluto: estamos sempre mudando, fluindo, passando. A referência a Sófocles talvez se ja pelo drama que atingiu Édipo (de Édipo rei), fazendo-o continuar a busca, apesar da cegueira e contra o proprio fado.

EMPÉDOCLES

A praça reclamava, clamava. Tinha-se de protelar. Ou produzir um suicídio reflexivo — ²¹ e o desmoronamento do problema? O dr. Diretor citava Empédocles. (PE, 143)

III. Crítica cética das investigações precedentes (Sofística)Decadência da filosofia pré-socrática

Ceticismo Especulativo:

PROTÁGORAS

"O erro não existe: pois que enganar-se seria pensar ou dizer o que não é, isto é: não pensar nada, não dizer nada" — proclama genial Protagoras; nisto, Platão é do contra, querendo que o erro seja coisa positiva; aqui, porém, sejamos amigos de Platão, mas ainda mais amigos da verdade; pela qual, aliás, diga-se, luta-se ainda e muito, no pensamento grego, (T, 12 - g. do a.)

B. FILOSOFIA CLÁSSICA (450 a.C. a 200 d.C.)

I. Filosofia Ática (450-320: fundação da filosofia clássica, período sistemático)

a. Filosofia Socrática:

1. SÓCRATES

Acontecia, agora, ali, a história universal — e, meus parentes, quem poderia disso convencê-los? Só Sócrates. (EE, 77)

pequeno-polegar, malasarte, malino não maligno nem maquiavelhaco, mutuca — como Sócrates de si mesmo na "Apologia" diz-se "a mutuca de Atenas" — ou melhor na pressa não reta das abelhas em vôo, a mão-de-deus-padre de táticas inseguras e certeiros desatinos, fogo em tôdas as frentes, não lhe importando perda de chumbo ou pólvora. (EMJGR, 79)

2. XENOFONTE

bem repartidos, animais de alma nobre e corpo robusto, como os que cavalgam os cossacos e os que escolhia Xenofonte. (AP, 105)

3. Socráticos posteriores

Direção étnica - Escola cínica antiga:

DIÓGENES

21. Falaremos sobre o "suicídio reflexivo" de Empédocles no CAPÍTULO V: o parâmetro.

Dizia nada, o meu tio Diógenes,²² de rir mais rir. Somente: — "O que este mundo é, é um rosário de bolas..." Fechando a sentença. (T, 122 - g. do a.)

b. Platonismo:

PLATÃO²³

Epigrama

Oh lua cheia,
ocular de um longo telescópio branco
que devassa o paiz dos amores platônicos...
(M, 45)

"O melhor, sem dúvida, é escutar Platão: é preciso — diz êle — que haja no universo um sólido que seja resistente; é por isso que a terra está situada no centro, como uma ponte sobre o abismo; ela oferece um solo firme a quem sobre ela caminha, e os animais que estão em sua superfície dela tiram necessariamente uma solidez semelhante à sua. (epígrafe de Plotino - NUNP)

E, nesse ardor, senhor Alquist limpava os óculos, e, tornando a entrar na sala o pobre do Pedrão Châbergo, um capiau simplório, assim transvisto, sem outro destaque a não ser o da estatura, — o senhor Alquist o admirava, dizia: kalòs kagathòs... O sertão tivesse mais uns assim. (NUNP, 64)

Mas êle espiava em redor, e não recebeu aviso das coisas — não teve os pontos do buzo, de perder ou ganhar.**

Nota de rodapé:

** "Tà sesêmasména kai tà asémanta." PLAT.
(NUNP, 117)

Êle seguiu seu caminho avã, que era de roteiro; deixou para trás o que assim asinha podia bem-colhêr.***

Nota de rodapé:

*** "Hai prókheiroi hêdonái". PLAT. (NUNP, 117)

Veja-se Platão, que nos dá o "Mito da Caverna". (T, 8)

Ele queria apenas os arquétipos, platonizava. Ela era um aroma. (T, 48)

Não me surpreenderia, com efeito, fosse verdade o

22. Do seu homônimo, tio Diógenes herdou o desprezo das especulações filosóficas.

23. As teorias e os mitos de Platão são apontados em vários momentos da tese.

que disse Eurípedes: Quem sabe a vida é uma morte, e a morte uma vida? (T, 219 - epigrafe de Platão, Górgias - g. do a.)

Sim, senhor, tive as minhas humanidades, os clássicos, Platão; (EE, 25)

Ieoana: — ah, mon ami, vous êtes platonicien! (AP, 67)

Eu, quando escrevo um livro, vou fazendo como se o estivesse "traduzindo", de algum alto original, existente alhures, no mundo astral ou no "plano das idéias", dos arquétipos, por exemplo. Nunca sei se estou acertando ou falhando, nessa "tradução". (B, 63-64 - g. do a.)

Não será a capacidade de esquecer-se um pouquinho de si mesmo em benefício de outrem (digo um pouquinho porque exigir mais seria platonizar esterilmente) que aureola certas personalidades, criando o iatra verdadeiro, o medico de confiança, o medico da familia? (R, 410 - g. do a.)

Principalmente, porém, estou nesta cintilante linha:

Platão Bergson Berdiaeff Cristo

(SILVA II - 31)

Ver VEDAS: B, 57-58 (p. 39); PROTÁGORAS: T, 12 (p.45)

c. Aristotelismo:

ARISTÓTELES

Guimarães Rosa:

Ainda escutou a voz do vaqueiro Aristó, que advertia: — "Canuto, faz não! Divertido de homem vai nos aços..." (NUNP, 135) (Cf. 143-144-146 ss.)

Demonstrando-o, amatemático, contrário ao público pensamento e à lógica, desde que Aristóteles a fundou. (T, 49)

Mas o capitalista em ócios Bayard Metternich Aristóteles, meu pai; (EE, 57)

II. Filosofia Helenístico-Romana (320 a.C. a 200 d.C.; ocaso da filosofia clássica)

a. Direções predominantemente éticas (320 a 50 d.C.)

EPICUREÍSMO:

EPICURO

Simão, o epicurista,²⁴ macaquicão velho, chefe, afivelada a cara preta: (AP, 75)

b. Direções predominantemente cépticas (320 a.C. a 200 d.C.)

CÍCERO

Seja que, no sem-tempo quotidiano, não nos lembremos das e muitíssimas que foram fabricadas com intenção — ao modo como Cícero fez qualidade ("qualitas"), (T, 77 - g. do a.)

À neologia, emprego de palavras novas, chamava Cícero "verborum insolentia". (T, 80)

Confira-se o de Quintiliano, sobre as palavras: (...) Audendum tamen; namque, ut Cícero ait, etiam quae primo dura visa sunt, usu molliuntur.

(...) Usemos, contudo; pois, como Cícero diz, mesmo aquelas que a princípio parecem duras, vão com o uso amolecendo. (T, 81)

e Teresa Leopoldina Cristina, fugida e casada com Cícero M. Mamões, dito o "Regabofe". (EE, 58)

Aliás, já devem ter escrito sobre o assunto. Tudo está nos livros. Cícero, por exemplo, no De divinatione, refere que era "uma força emanada da terra" o que animava a Pitonisa, e acresce: "Não vemos que são várias as espécies de terras? Delas há que são mortíferas, como Ampsanctus, no país dos Hirpinos, e Plutônia, na Ásia, as quais eu mesmo vi. Há terrenos pestilentos, e há os salubres; alguns engendram homens de espírito agudo, outros produzem seres estúpidos. Esse é o efeito dos diferentes climas, mas também da disparidade dos eflúvios terrestres". (AP, 206 - g. do a.)

Os felizes escritores húngaros usam e mais usam da tratabilidade daquele esquematismo opulento, de um aparelho de tanta liberdade. E não o praticam apenas nos casos de necessidade elementar, conforme o "Sunt novis rebus nova ponenda nomina" ciceronia no. ("Pequena Palavra" - RÖNAI, XXIV)

SEXTUS EMPIRICUS

Necessariamente, pois, as diferentes entre os homens são ainda outra razão para que se aplique a suspensão de julgamento. (T, 163 - epígrafe de Sextus Empiricus)

A fim, porém, de poder-se ter mais exata compreensão de tais antíteses, darei os Modos de conseguir-se a suspensão de julgamento. (T, 173 - epígrafe de Sextus Empiricus)

24. Na visão epicurista, o prazer faz parte da vida, mas não é tudo:



Agora que já mostramos seguir-se a tranquilidade à suspensão de julgamento, seja nossa próxima tarefa dizer como essa suspensão se obtém. (T, 178 - epígrafe de Sextus Empiricus)

c. Predomínio do Ecleticismo (50 a.C. a 200 d.C. aproximadamente)

1. ESTOICISMO

ATITUDES

ataraxia = serenidade estoica²⁵
("O IMPERADOR" - inédito)

Pudor estoico

Acuado entre brasas,
um escorpião volve o dardo
e faz o "hara-kiri"...
(M, 44)

Austero é que tem mesmo de ser, apertado de estoico. É o posteiro menor, o vavassor da brenha, o homem a quem os morcegos chupam o sangue. (AP, 113)

SÊNECA

Problemas há, Liberális excelente, cuja pesquisa vale só pelo intelectual exercício, e que ficam sempre fora da vida; outros investigam-se com prazer e com proveito se resolvem. De todos te ofereço, cabendo-te a vontade decidir se a indagação deve perseguir-se até ao fim, ou simplesmente limitar-se a uma encenação para ilustrar o rol dos divertimentos. (T, 174 - epígrafe de Sêneca)

2. O Platonismo médio:

PLUTARCO

Como no fato do espartano — nos Apophthégmata lakoniká de Plutarco — que depenou um rouxinol e, achando-lhe pouca carne, xingou: — "Você é uma vez, e mais nada!" (T, 11)

"O mal existe. Todos os seres vivos sofrem, ora pelo corpo, ora pelo espírito. (...) Homens existem de tal modo desgraçados que melhor lhes fora nunca haverem nascido. O mal existe, portanto — eis uma verdade insofismável". Ver Ivan Lins, "Epicuro e Lucrécio". In: O Epicurismo e "Da Natureza". EDIOURO/31458, s/d, p.9.

25. Na moral estoica, a ataraxia era o mesmo que tranquilidade da alma libertada de emoções como o prazer. Na novela "O Imperador" (inédita), está arrolada com outras "Atitudes - +", que devem ser tomadas pelo jovem escolhido para esse "papel"; a disposição é de um poema.

C. NEOPLATONISMO (de 250 a 600 aproximadamente)

Direção metafísico-especulativa:

PLOTINO

Num círculo, o centro é naturalmente imóvel; mas, se a circunferência também o fosse, não seria ela senão um centro imenso. (MM, epígrafe de Plotino)

Porque, em tôdas as circunstâncias da vida real, não é a alma dentro de nós, mas sua sombra, o homem exterior, que geme, se lamenta e desempenha todos os papéis neste teatro de palcos múltiplos, que é a terra inteira. (NS, epígrafe de Plotino)

Seu ato é, pois, um ato de artista, comparável ao movimento do dançador; o dançador é a imagem desta vida, que procede com arte; a arte da dança dirige seus movimentos; a vida age semelhantemente com o vivente. (NS, epígrafe de Plotino)

Descobrisse, como Plotino, que "a ação é um enfraquecimento da contemplação";²⁶ (EMJGR, 83 - g. do a.)

Não foi à toa aquelas epígrafes de Plotino ou de Ruysbroeck, o Admirável para o meu Corpo de Baile. São um complemento da minha obra. Sou um contemplativo fascinado pelo Grande Mistério, pelo O Anel ou a Pedra Brilhante.²⁷ (DANTAS, 26)

Ver VEDAS: B, 57-58 (p. 39)

F I L O S O F I A A N T I G A C R I S T ã

E

F I L O S O F I A M E D I E V A L

(até 1.450 aproximadamente)

A. FILOSOFIA PATRÍSTICA

I. Começos (até 325 aproximadamente)

Os documentos cristãos mais antigos e a filosofia:

26. Dentro da moral plotiniana, a prática da virtude em vez de colaborar impede que a alma contemple as idéias livremente.
27. Em Guimarães Rosa, tanto o anel quanto a pedra são cosmisados (AP, 225; GS:V, 119-454). Ver a narrativa "O dar das pedras brilhantes" (EE, 259 a 283), onde ele fala do "amuleto mínimo diamante" (265).

EVANGELHOS / EVANGELISTAS / BÍBLIA²⁸

Chegamos ao sancto-dos-sanctos das Três-Águas. (S, 243)

e o Reino do Céu, que é o que vale, ninguém tira de sua algibeira, desde que você esteja com a graça de Deus, que ele não regateia a nenhum coração contrito! (S, 339)

Sim, era melhor rezar mais, trabalhar mais e escorar firme, para poder alcançar o reino-do-céu, (S, 345)

— O menino? O menino? De uns assim foi dito, que entram no Reino-do-Céu dansadamente... Que menino? (NUNP, 39)

"Rezo, tio velho, rezo, em pé e deitado! Sei o reino-do-Céu? Tombo um herege, e ainda posso rezar poro vos so avio uma ladainhazinha sem responso..." (NUNP, 137-138)

Eu pessoalmente, quase que já perdi nele a crença, mer-cês a Deys; é o que ao senhor lhe digo, à puridade. Sei que é bem estabelecido, que grassa nos Santos-Evan-gelhos. (GS:V, 10)

Entrava nessa fé, como o grande arcanjo Miguel revoa três vezes na Bíblia. Havia-de. (T, 26)

Mas o redentorista bradava a fé, despejada, glosa-va os fortíssimos do Evangelho. Informou: — "Os pas-sarinhos! — não colhem, nem empaolam, nem plantam, pois e... Deus cuida deles." (T, 89 - g. do a.)

Ela trabalhava, em termos. E, o que sobre isso afirma, tira-se no bíblico e raia no evangélico: — trabalho não é vergonha, é só uma maldição... (T, 105 - g. do a.)

Mas, por fato e final, quando dele se empunhando no tícias — foram da grandeza dos evangelhos! (EE, 157)

Hans-Helmut Heybel relia a Cabala ou a Bíblia e cria num destino plástico e minucioso, retocável pelo ho-mem. (AP, 3)

E que termina com a monitória e dramática afirmação do Salmo:

Se o Senhor não guarda a cidadela, em vão vigia a sentinela. (AP, 49)

28. A ênfase na doutrina cristã está presente em sua vida e em toda a sua obra. Ver CAPÍTULO III.

No caso do Soropita: o "dezenove, nove" é alusão, "apocalíptica", a trecho do próprio APOCALIPSE:

APOC., 19: 12: "habens nonen scriptum, quod nemo novit nisi ipse".

APOC., 19: 9: "Et dixit mihi: Scribe".
Aliás, outras impregnações do Apocalipse: (...) (8, 51-52)

Voltando ao "Dão-Lalalão", isto é, aos curtos trechos em que assinalei as "alusões" dantescas, apocalípticas e cântico-dos-canticáveis. (ALIÁS, é apenas nessa novela ("Dão-Lalalão") que o autor recorreu a isso.) Como Você vê, foi intencional tentativa de evocação, daqueles clássicos textos formidáveis, verdadeiros acumuladores ou baterias, quanto aos temas eternos. Uma espécie do que é a inserção de uma frase temática da "Marselhesa" naquela sinfonia de Beethoven, ou da glosa do versículo de São João (Evangelho) no "Crime e Castigo" de Dostoiévski. (...) Seriam espécie de sub-para-citações (?!?): isto é, só células temáticas, gotas da essência, esparzidas aqui e ali, como tempero, as "fórmulas" ultra-sucintas. (8, 55)

Alegremo-nos, suspensas ingentes lâmpadas. E: "Sobe a luz sobre o justo e dá-se ao teso coração alegria!"
— desfere então o salmo. As pessoas não morrem, ficam encantadas. (EMJGR, 87)

Demo-nos por satisfeitos com facultar-nos a profissão escolhida as melhores oportunidades de praticar a lei fundamental do christianismo, e já que o mesmo Christo, sabedor das profundezas do egoismo humano, estigmatizou-o no "... como a ti mesmo" do mandamento, ampliemos fora de medida esse eu comparativo, fazendo com que elle integre em si toda a fraternidade soffredora do universo. (R, 410 - g. do a.)

E, nesses minutos-seculos, quando alguém oscilla um pouco além da vida e um pouco aquém da morte, reduzido a um destroço da materia a torturar-se sobre um leito, o clinico escutará, no gemido por socorro do moribundo, a voz da especie, a advertencia da sociedade, o dictame da consciencia, o mandamento de Deus: — Homem, corre, ao teu irmão que te supplica auxilio! Médico, vem até aqui, onde a doença prepara a recepção da morte! Ha alguém que soffre, põe-te todo na tarefa, oh enxugador de lagrimas!... (R, 412-413)

Sei que haverá "novos" Deuses. Mas tudo o que é discordia, agressividade, destrutividade, tem de se transformar, desaparecer, antes. Cristo (o Cristo verdadeiro) cabe; tem seu ensino, indispensavel. "Os mansos herdarão a terra". (...) O ensino central de Cristo, a meu ver (o do "Reino do Céu" dentro de nos) é: 1) o domínio da natureza, a começar pela natureza humana de cada um — pela fé, que é a forma mais alta e sutil de energia, a qual o universo é plástico; 2) o amor, pos

sibilitando a coexistência, sem o mínimo sinal de atrito, conflito, desarmonia, destruição ou desperdício. Sobre esta plataforma, o Céu, as possibilidades infinitas de um sempre-evoluir, em plenitude, prazer, alegria ininterrupta; cada um invulnerável. Como numa peça de teatro — o "Grande Sertão" diz, mais de uma vez. (SILVA II, 32 - g. do a.)

Ver VEDAS: B, 58 (p. 39); "MAHABHARATA" (DANTAS, 26) (p. 41); TAOÍSMO: L, 15 (p. 42)

II. Pleno Desenvolvimento da Filosofia Patrística: As heresias

O nestorianismo:

NESTÓRIO

tio Nestôriorionestor (EE, 54 ss.)²⁹

B. FILOSOFIA DA IDADE MÉDIA (800-1450)

FILOSOFIA NÃO ESCOLÁSTICA - FILOSOFIA JUDIA MEDIEVAL

1. A CABALA (entre os séculos IX e XIV)

Admirei-lhe as maneiras e sua ciência dos astros, que devia ser plena, a ponto de dar-lhe tanto desdém do ritual cabalístico. (AP, 180)

Em todo o caso: no sertão, onde, como Você está sentindo e vendo, a magia é inseparável de todos os aspectos da vida, os valentões costumam às vezes trazer letras, cabalísticas escritas,³⁰ digo, gravadas, no chapéu-de-couro, ou em papeizinhos enfiados no respectivo forro, para virtudes várias, proteção perante o destino. (B, 51)

Ver EVANGELHOS: AP, 3. (p. 51)

2. Teólogo dado à filosofia:

MAIMÔNIDES, Moisés (ou Moshé Ben Maimon)³¹

29. O tio Nestôriorionestor, personagem de "Os Chapéus Transeuntes", tem, do seu homônimo Nestório — patriarca de Constantinopla, deposto por heresia —, a obstinação em não querer cumprir a última vontade do Vovô Barão; no texto rosiano, de julgado passa a julgador, "magistrado".

30. A Cabala é uma doutrina misteriosa que usa a numerologia para a reinterpretação mística de palavras, e é esse o sentido a que se refere Guimarães Rosa.

31. A principal obra filosófica de Maimônides é Moré Nebukhim (Doctor Perplexorum, Mestre dos Equivocados). As treze verdades de fé expostas por ele foram incorporados ao livro de oração judaico.

E vem até o nosso espírito a "Oração" de um de vós, do illuminado Moysés Maimônides da qual deixamos aqui, como um "intermezzo" luminoso:

"Senhor, enche a minha alma de amor pela arte e por todas as criaturas. Sustenta a força do meu coração, para que esteja prompto a servir ao pobre e ao rico, ao amigo e ao inimigo, ao bondoso e ao malvado. E faz com que eu não veja sinão o humano naquella que soffre!..." (R, 414)

Ver CÍCERO: EE, 58 (p. 58)

A ESCOLÁSTICA (apogeu: século XIII)

Já de menos invenção — valendo por "fallacia non causae pro causa" e a ilustrar o; "ab absurdo sequitur quodlibet", em aras da Escolástica — é a facecia do diálogo:

— "Em escavações, no meu país, encontraram-se fios de cobre: prova de que os primitivos habitantes conheciam já o telégrafo..."

— "Pois, no meu, em escavações, não se encontrou fio nenhum. Prova de que, lá, pré-historicamente, já se usava o telégrafo-sem-fio." (T, 9)

E também está à minha disposição esse magnífico idioma já quase esquecido: o antigo português dos sábios e poetas daquela época dos escolásticos da Idade Média, (L, 12)

não seria tão errado reduzir todas as ciências a uma lei básica,³² como fizeram os escolásticos e cientistas medievais. (L, 17)

A MÍSTICA NA BAIXA IDADE MÉDIA (século XIV)

RUYSBROECK

Vêde, eis a pedra brilhante³³ dada ao contemplativo; ela traz um nome novo, que ninguém conhece, a não ser aquêlê que a recebe. (MM, epígrafe de Ruysbroeck o Admirável)

A pedra preciosa de que falo é inteiramente redonda e igualmente plana em tôdas as suas partes. (NUNP, epígrafe de Ruysbroeck o Admirável)

A pedrinha é designada pelo nome de calculus, por causa de sua pequenez, e porque se pode calçar aos pés

32. A lei básica a que se refere Guimarães Rosa compreende respeito à tradição e não aceitação das inovações sem um estudo aprofundado das mesmas.

33. A pedra em questão tem a força de um talismã e é dada a alguns poucos escolhidos.

sem disso sentir-se dôr alguma. Ela é de um lustro brilhante, rubra como uma flama ardente, pequena e redonda, tôda plana, e muito leve. (NS, epígrafe Ruysbroeck o Admirável)

Ver VEDAS: B, 57-58 (p. 39)

MÍSTICOS DA RENASCENÇA

INÁCIO DE LOYOLA, Santo³⁴

E, os "exercícios espirituais" dos jesuítas, sei de filósofos e pensadores incréus que os cultivam, para aprofundarem-se na capacidade de concentração, de par com a imaginação criadora... (PE, 75)

KEMPIS, Tomás de *

* Segundo o depoimento de Vilma Guimarães Rosa, A Imitação de Cristo³⁵ era o livro de cabeceira do pai. (R, 97)

F I L O S O F I A M O D E R N A

A. ATÉ A REVOLUÇÃO FILOSÓFICA DA KANT (1450-1781)

I. Época de transição (1450-1640)

Retorno à filosofia antiga: Ceticismo

MONTAIGNE

Esses justificam a velha phrase de Montaigne, "Science sans conscience est la ruine de l'âme", hoje aposentada no arquivo dos lugares comuns, mas que de verdadeira se faria sublime, si se lhe intercallasse: "... et sans amour ..." (R, 409-410)

-
34. Segundo Santo Inácio de Loyola. "Ejercicios". Obras Completas. Madrid, Biblioteca de Autores Cristianos, 1952, p. 113-151 a 247, por exercícios espirituais "se entiende todo modo de examinar la consciencia, de meditar, de contemplar, de orar vocal y mental, y de otras espirituales operaciones", "todo modo de preparar y disponer el ánima, para quitar de sí todas las affecciones de sordenadas, y despues de quitadas para buscar y hallar la voluntad divina en la disposición de su vida para salud del ánima".
35. Imitação de Cristo, de Tomás de Kempis, começa com "Avisos úteis para entrar na vida interior" (Livro I); os outros títulos são "Instrução para fazer progressos na vida interior" (Livro II). "Da consolação interior" (Livro III), "Do Sacramento da Eucaristia" (Livro IV), seguido de orações. O exemplar por nos consultado (São Paulo, Editora "Ave Maria", 1956) não traz o nome de Kempis.

Primeiras tentativas de reforma da

Filosofia da natureza e ciência natural, na Alemanha:

VAN HELMONT

Van Helmont (fez) gás, (T, 77 - g. do a.)

Filosofia política e jurídica:

MAQUIAVEL

li meu Maquiavel... (EE, 25)

Ver SÓCRATES: EMJGR, 79 (p. 45)

II. Os sistemas construtivos do século XVII

DESCARTES

como eu, os meus livros, em essência, são "antiintelectuais" — defendem o altíssimo primado da intuição, da revelação, da inspiração, sobre o bruxolear presunçoso da inteligência reflexiva, da razão, a megera cartesiana. (8, 58)

Transformação do cartesianismo, partindo do problema das substâncias extensa e pensante (natureza e espírito) - Supressão da dualidade de substâncias - solução pluralista:

VICO, Giovanni Battista

Ninguém falou em Vico. E alegrou-me essa promissora menção, de futuros rastreamentos seus, viqueanos. Por que Vico é um gênio, acho, é enorme.³⁶ (8, 73)

III. Filosofia da Ilustração (século XVIII)

A Ilustração na França:

VOLTAIRE

Assim atribui-se a Voltaire — que, outra hora, diz ser a mesma amiúde "o romance de espírito" — a estralária seguinte definição de "metafísica": "É um ce-

36. O tradutor italiano Edoardo Bizzarri acabou publicando o referido estudo com o título "Guimarães Rosa e Vico". Suplemento Literário d'O Estado de S. Paulo, nº 799, ano XVII, 19/11/1972, p. 6, cinco anos depois da morte de Rosa. Nesse artigo, Bizzarri afirma que "a poética de Guimarães Rosa filia-se, a posteriori, a Giambattista Vico, e encontra no pensamento viqueano a melhor e mais elucidativa propedêutica", esclarecendo que vê a "poética" como "o processo mesmo da criação artística: o peculiar arquétipo de poesia que o escritor traz dentro de si" (g. do a.) e exem

go, com olhos vendados, num quarto escuro, procurando um gato preto... que não está lá". (T, 11)

Voltaire (fez) embaixatriz ("ambassadrice"), (T, 77 - g. do a.)

B. O IDEALISMO ALEMÃO (1781-1854)

I. O Criticismo ou Filosofia Transcendental:

SCHILLER

Caso indubitável é o de Weimar: de seu subsolo, sente-se logo, vêm ondas de harmonia e de inspiração espiritual. Goethe o sabia, sabia-o Schiller.⁵⁷
(AP, 208)

Lá, em Minas Gerais, quando com nove anos de idade, muito espantei os meus, ao comprar, por mim mesmo, uma gramática alemã, para estudá-la, sozinho, sentado à beira da calçada, (...) Só foi isso por inato amor às palavras recortadas de exatas consoantes: tais como Kraft e sanft, (...) Do que, depois, querer estudar medicina também em livros alemães, aproximar-me de Schiller, Heine, Goethe, (MC, 53).

II. Evolução da Filosofia Transcendental no sentido Panteísta

a. Sistemas idealistas:

FICHTE

O gato, gris. Não mero ectoplasma, mas corpóreo, real como o proto-eu de Fichte ou bagaço de cana chupada pelo menino corcunda. O gato de capuz. (AP, 134)

HEGEL

plifica com a gênese da canção em "O Recado do Morro" (NUNP). No entusiasmo de Guimarães — carta a Bizzarri, 19/12/1963 (B, 73) —, encontramos a identificação com a metafísica poética viqueana: a "poesía fue primero divina, pues al mismo tiempo que ellos imaginaban que las causas de las cosas que sentían y admiraban eram dioses, según vimos con Lactancio en los Axiomas (...), daban a las cosas admiradas el ser sustancial de sus propias ideas, lo que justamente corresponde a la naturaleza de los niños, los cuales, según se propuso en un axioma, toman entre sus manos cosas inanimadas y se divierten y hablan con ellas como si fueran personas vivas". Cf. "De la Metafísica poética, que da los orígenes de la poesía, de la idolatria, de la adivinación y de los sacrificios". Cf. Principios de una Ciencia Nueva. Trad. del italiano Manuel Fuentes Benot. Buenos Aires, Aguilar, 1973, p. 29 ss.

37. Em carta a Vicente Guimarães (VICENTE, 163 - 3/6/1939), conta Guimarães Rosa: "Em Weimar, visitei a casa de Goethe e a casa de Schiller, conservadas tal e qual eram por ocasião da vida dos dois; foi uma das minhas grandes emoções nesta terra, fazendo-me enorme bem".

38. O proto-eu de Fichte é o eu puro, universal, absoluto.

Entretanto — e isso concerne com a concepção hegeliana do erro absoluto? — aguda solução foi a de que se valeu o inglês, desesperado já com as sucessivas falsas ligações que o telefone lhe perpetrava: — "Telefonista, dê-me, por favor, um 'numero errado' erra do... (T, 9 - g. do a.)

b. Sistema voluntarista:

SCHOPENHAUER

Daí, pois, como já se disse, exigir a primeira leitura paciência, fundada em certeza de que, na segunda, muita coisa, ou tudo, se entenderá sob luz inteiramente outra. (T, epígrafe de Schopenhauer)³⁹

Já a construção, orgânica e não emendada, do conjunto, terá feito necessário por vezes ler-se duas vezes a mesma passagem. (T, 226 - epígrafe de Schopenhauer)

Um orangotango de rugas na testa; que, sem desrespeito, tem vezes lembra Schopenhauer. (AP, 51)

C. FILOSOFIA POSTERIOR AO IDEALISMO (de 1850 até a atualidade)

I. Renovação da Filosofia Transcendental

KEYSERLING

E, do que sabia, mais me certifiquei, quando vim a ler nas Meditações Sul-Americanas de Keyserling: "Nas alturas das cordilheiras, cujas jazidas minerais exalam ainda hoje emanções como as que antigamente metamorfosearam faunas e floras, tive consciência da minha própria mineralidade".

Demais, foi Keyserling mesmo quem escreveu, da Cidade Maravilhosa: "O ambiente do Rio de Janeiro é um puro afrodisíaco... " Creio verdade. (AP, 206-207)

Caracterizam-nos, aos magiares atuais, a coragem, a generosidade e a nobreza. Trazem um certo orgulho fundamental, mas convivente e simpático; altivez que não se faz áspera, intransigente ou trágica. Keyserling, na Análise Espectral da Europa dá-os como o povo mais aristocrático que habita hoje o Continente europeu. ("Pequena Palavra" - RÓNAI, XVIII)

II. Novos Rumos do Pensamento Filosófico

O tema antropológico

1. Irracionalismo

39. Nas duas epígrafes citadas, Guimarães Rosa refere-se à purificação estética, um dos três graus da purificação humana, segundo Schopenhauer. Os outros dois são: purificação ética e purificação ascética.

Tendência biológica:

NIETZSCHE

BIBLIOCAUSTO

Que a minha mão não trema
ao deitar no fogo forte e primitivo
todos os traidores
que me deram veneno.

Queimarei o frio
geometrizador da vida
lapidada através de lentes bem polidas
(ah, o horror da pedra voando,
tangida pela mão de não sei que demônio,
e a pensar pelo espaço que ainda tem arbítrio!....)...

Queimarei o detractor,
maníaco e vaidoso,
que quiz prender a vida numa câmara lenta,
para a tingir depois numa câmara escura
(ah, o inferno galopando às doidas,
nos cavalos sem freios
da vontade cega e sem destino!....)...

Queimarei o louco,⁴⁰
ebrio de orgulho,
raivoso de fraqueza,
que distilava haxixe em frascos verdes
na paisagem alpina
(ah, o prazer com que ainda o queimaria
em cada uma das voltas pavorosas
do seu Eterno Retorno!....)...

E só ficará comigo
o riso rubro das chamas alumando o preto
das estantes vazias.
Porque eu só preciso de pés livres,
de mãos dadas
e de olhos bem abertos...
(M, 93)

Não; é impossível que situações como essa, mesmo quando vividas todos os dias, consigam embotar os sentimentos de algum, fazendo d'elle o protandro do paradigma nietzscheano, que zomba dos males e das circunstâncias com a placidez do petrel entre a fervura do mar e os vagalhões do vento, com o orgulho de aguias

40. Guimarães Rosa refere-se ao super-homem nietzscheano, para quem a vontade de poder é mais forte que tudo. Ainda sobre Nietzsche, é interessante lembrar o amor fatti, expressão usada por Guimarães Rosa (T, 14 e AP, 220); segundo Abbagnano (Dicionário de Filosofia), "A fórmula exprime a atitude própria do super-homem e a natureza do 'espírito dionisíaco' enquanto é aceitação integral e entusiástica da vida em todos os seus aspectos (Ecce Homo; Wille zur Macht, ed. Kröner, I, § 282)".

que aeroplanassem sobre crateras. (R, 413) (...) Temos de partir do fato de que nosso português-brasileiro é uma língua mais rica, inclusive metafisicamente, que o português falado na Europa. E além de tudo, tem a vantagem de que seu desenvolvimento, ainda não se deu; ainda não está saturada. Ainda é uma língua jenseits Von Gut und Böse,¹²

¹² Nota de rodapé: "Além do Bem e do Mal, título de um livro de Nietzsche. Citado em alemão por Guimarães Rosa." (L, 12)

Com Jaspers também frequentemente concordo, e mesmo com Kierkegaard. Com Heidegger, não. Sinto sempre que ele (tal como Nietzsche) "ouviu o galo cantar" só por metade. No entanto o "der Mensch ist zum Tode" ("O homem está para morrer") eu aceito sinceramente. (SILVA II, 31)

Tendência espiritual:

KIERKEGAARD

PESCARIA

O peixe no anzol
é kierkegaardiano⁴¹
(O pescador não sabe,
só está ufano).

O canço é a tese,
a linha é pesquisa:
o pescador pesca
em mangas de camisa.

O rio passa,
por isso é impassível:
o que a água faz
é querer seu nível.

O pescador ao sol,
o peixe no rio:
dos dois, ele só
guarda o sangue frio.

O canço, então,
se sente infeliz:
é o traço de união
entre dois imbecis...
(AP, 43-44)

A filosofia é a maldição do idioma. Mata a poesia, des

41. A teoria Kierkegaardiana, a que Guimarães Rosa se refere, baseia-se na alternativa — escreveu um livro com esse título —, que se resume em dois pontos fundamentais: o homem tem de fazer a sua escolha, no caso o objeto é o "peixe"; a situação de escolha gera angústia.

de que não venha de Kierkegaard ou Unamuno, mas então é metafísica. (L, 7)

Quem quiser entender corretamente Kierkegaard tem de aprender dinamarquês; do contrário, nem a melhor tradução o ajudaria. (L, 14)

Ver NIETZSCHE: SILVA II, 31 (p. 60)

2. Filosofia existencial

Crítica:

JASPERS

Ver NIETZSCHE: SILVA II, 31 (p. 60)

Ontológica

HEIDEGGER

O idioma é a única porta para o infinito, mas infelizmente está oculto sob montanhas de cinzas. Daí resulta que tenho de limpá-lo, e como é a expressão da vida, sou eu o responsável por ele, pelo que devo constantemente umsorgen.¹⁷ Soa a Heidegger, não? Ele construiu toda uma filosofia muito estranha, baseado em sua sensibilidade para com a língua, mas teria feito melhor contentando-se com a língua.

¹⁷ Nota de rodapé: "Cuidar dele". Citado em alemão por Guimarães Rosa. (L, 12-13)

Ver NIETZSCHE: SILVA II, 31 (p. 60)

A F I L O S O F I A F O R A D A A L E M A N H A

- na França (primeira metade do século XIX)

Filosofia social e positivismo:

COMTE, Auguste

Comte (fez) altruísmo, (T, 77 - g. do a.)

Porque, dê-mhe (sic) os nomes mais diversos, filantropia tolstoica, altruismo comtista, humanitarismo de Kölcsey Ferencz, solidariedade clássica ou beneficência moderna, bondade natural ou caridade teológica (quanto a nós preferimos chamar-lhe simplesmente espírito cristão) esse é o sentimento que deverá presidir aos nossos actos e orientar as agitações do que seremos amanhã, na vitalidade máxima da expressão, ho mens no meio dos homens. (R, 410)

- ainda na França (últimos anos do séculos XIX e primeira

metade do século XX)

Espiritualismo positivista

Direção vitalista:

FOUILLÉE, Alfred

Ninguém entre nós, para bem de todos, os exemplos do médico comercializado, taylorizado, standardizado, aperfeiçoadíssima máquina mercantil de diagnósticos, "un industriel, un exploiteur de la vie et de la mort", no dizer de Alfred Fouillée, para quem nada significam as dores alheias, tal qual Chill, o abutre Kiplinguiano, satisfeito no jangal faminto, por certo de que depressa todos lhe virão a servir de pasto. (R, 409)

GUYAU, J.M.

Guyau (fez) amoral, (T, 77 - g. do a.)

Direção racionalista

BRUNSCHVIG, Léon

"Conheci alguém que, um dia, ao ir adormecendo, ou viu bater quatro horas, e fez assim a conta: uma, uma, uma, uma; e ante a absurdez de sua concepção, pegou a gritar: — O relógio está maluco, deu uma hora quatro vezes!"

(epígrafe de P. Bourdin, apud Brunschvicg, citados na LÓGICA de Paul Mouy - T, 167 - g. do a.)

Espiritualismo:

BERGSON

BERGSON

Uma água contínua,
ao sol do dia,
os vôos do mocho de Minerva...
(M, 45)

"O nada é uma faca sem lâmina, da qual se tirou o cabo..."
(Só que, o que assim se põe, é o argumento de Bergson contra a ideia do "nada absoluto":⁴² "... porque a ideia do objeto 'existindo', acrescida da representação de uma exclusão desse objeto pela realidade atual tomada em bloco". Trocado em miúdo: esse "nada" seria apenas um ex-nada,

42. O nada absoluto ou negativo, de que fala Guimarães Rosa referindo-se a não aceitação do mesmo por parte de Bergson, "nega a realidade e a possibilidade do ente", segundo Walter Brügger, Dicionário de Filosofia, p. 329.

produzido por uma ex-faca.) (T, 10 - g. do a.)

Ver VEDAS: B, 58 (p.39); PLATÃO: SILVA II, 31 (p. 47)

Existencialismo:

SARTRE, Jean Paul*

* A única informação que encontramos sobre Sartre foi através de Emir Rodríguez Monegal, no prólogo deste para o livro Primeras Historias, editado em Barcelona (1969, p. 7 a 19). Refere-se Monegal a um encontro com Guimarães Rosa, acontecido em Gênova (Janeiro de 1965). Transcrevemos, a seguir, um trecho desse relato:

Reconoce, en cambio, su predilección por el Sartre de los relatos de Le Mur, que leyó con deslumbramiento. Le insinuó que a través de Sartre recogió sin duda cosas que el narrador francés había extraído de Faulkner, y acepta.

CAMUS, Albert

e assim Camus, que "viver é o contrário de amar" (EMJGR, 83 - g. do a.)

- na Grã-Bretanha: século XIX

Empirismo moderno

BENTHAM, Jeremy

Bentham (fez) internacional, (T, 77 - g. do a.)

- nos Estados Unidos: final do século XIX

Filosofia transcendental:

EMERSON

E penso que Emerson foi quem observou: "O que Você é grita tanto, que não me deixa escutar o que Você diz..." (AP, 192)

- na Espanha - Outras direções:

UNAMUNO, Miguel de

Os páramos, de onde os ventos atravessam. Lá é um canil de ventos, nos zunimentos e lugubruivos. (...) De lá, da desolação paramuna, vir-me-ia a morte. Não a morte final — equestre, ceifeira, ossosa, tão atarada lhadora. Mas a outra, aquela. (EE, 222 - g. do a.)

(...) Unamuno, sim! Unamuno poderia ter sido meu avô. Dele herdei minha fortuna: meu descontentamento. Unamuno não era um filósofo; sempre se equivocam, refe -

rindo-se a ele nesse sentido. Unamuno foi um poeta da alma; criou da linguagem a sua própria metafísica pessoal. É uma importante diferença com relação aos chamados filósofos. Além disso, Unamuno inventou também a nivola⁵ e o nadaísmo; e são invenções próprias de um sertanejo.

⁵ Nota de rodapé: "Argumentando que o conceito usual de 'novela' (romance, em português) não era suficiente, Unamuno 'inventou' o conceito anagramático 'nivola', escrevendo Niebla". (L, 7)

Duvida-se da existência da "brasilidade", mas ninguém mais põe em dúvida que existe um "duende" ou a "hispanidad" de Unamuno, pois foram exemplificados pela vida. (L, 15)

Ver CONFÚCIO: L, 14 (p. 42-43)

ORTEGA Y GASSET

"Pedindo um sertão dentro de si".²⁰ Levo o sertão dentro de mim e o mundo no qual vivo é também o sertão. (...) Mas esta comparação com a citação de Ortega y Gasset não foi tomada de tão longe como à primeira vista poderia parecer.

²⁰ Nota de rodapé: "Pidiendo un Serton desde dentro", citado em espanhol por Guimarães Rosa, como variação de um ensaio de Ortega y Gasset. (L, 13)

- na Rússia

BERDIAEFF

Ver VEDAS: B, 58 (p.³⁹); PLATÃO: SILVA II, 31 (p. 47)

A F I L O S O F I A N O B R A S I L - século XX

SILVA, Vicente Ferreira da

Li, reli, o ensaio de Vicente (no "Jornal do Commercio"), admirando. Sorri, também, ao descobrir que aquelas seguidas e agudas interpelações com que me crivava, aí, de certo modo não passavam de conferência ou arguta recapitulação do tema — do estudo daquela hora pronto, talvez todo já escrito, e que tensamente ocupava seu pensamento todo de pensador. (SILVA I, 32-33)

Já li também "Teologia e Anti-humanismo" e "Idéias para um novo conceito do homem" (...) Li-os com vivo interesse, e ajudaram-me a pensar muita coisa. Temos de conversar, horas vastas. (SILVA II, 31)

3. ROTEIRO II

LEITURA PARAFILOSÓFICA



Í N D I C E

ALENCAR, José de
AMADO, Jorge
ANACREONTE
ANDRADE, Carlos Drummond de
ANJOS, Augusto dos
APPORELLY
ARQUIMEDES
ASSIS CHATEAUBRIAND
ASTURIAS
AZEVEDO, Álvares de
BALZAC
BANDEIRA, Manuel
BARBOSA, Ruy
BARTRINA, Joaquim
BAUDELAIRE
BERNARDES, Padre Manuel
BLOCH, Pedro
BORGES, Jorge Luís
BRECHT
CAMÕES
CAMPOS, Augusto de
CAMPOS, Haroldo de
CÂNDIDO, Antonio
CARDIM, Fernão
CARRERA-ANDRADE
CASTRO, Eugenio de
CASTRO LOPES, Dr.
CERVANTES
COELHO NETO
COUÉ, Emílio
COURT DE GÉBELIN, Antonio
CUNHA, Euclides da
D'ANNUNZIO
DANTE
DÉNIS, Léon
DINIS, Dom
DOSTOIEVSKI
DUNNE, João Guilherme
ELIOT, T.S.
ÉLUARD, Paul
ERASÍSTRATO
ETTEILLA
EURÍPEDES
FAULKNER, William
FLAUBERT
FONTOURA, João Neves da
FOURNIER, Alain
FOX, Emmet
FRACASTORO
FREUD
FREYRE, Gilberto



GANDHI
GARCÍA LORCA
GARD, Roger Martin du
GIDE, André
GOETHE
GÔNGORA
GONZAGA, Tomás Antonio
GRAMMATICUS, Saxo
GREEN, Julien
GUIMARÃES, Vicente
HAŠEK, Jaroslav
HEINE
HIPÓCRATES
HOMERO
HUIZINGA
HUXLEY, Aldous
IBSEN
IRIARTE, Tomás de
JESUS, Frei Rafael de
JOYCE, James
KAFKA
KARDEC, Allan
KIPLING
KÖLCSEY, Francisco
LAVATER
LAWRENCE, D.H.
LERMONTOV
LÉVY-VALENSI, Dr.
LIMA, Geraldo França de
LISPECTOR, Clarice
MACHADO DE ASSIS
MADARIAGA, Salvador de
MALLARMÉ
MANN, Thomas
MAUROIS, André
MELO FRANCO, Afonso Arinos
MÉRIMÉE
MISTRAL, Frederico
MOLIÈRE
MONTELLO, Josué
MONTOLIEU
MORAES, Vinícius de
MORGAN, Charles
MORUS, Thomas
MUSIL, Robert
PARACELSO
PASTERNAK, Boris
PERRAULT, Irmãos
PÍNDARO
PINEL
POE, Adgar Allan
PROUST
QUINTILIANO
RABELAIS
RAMOS, Graciliano
RÊGO, José Lins do
RILKE



RÓNAI, Paulo
RUSKIN
SHAKESPEARE
SILVA, José Antonio da
SÓFOCLES
STENDHAL
SWEDENBORG, Emanuel
TAUNAY, Alfredo
TAYLOR, Frederico W.
TERÊNCIO
TITO LÍVIO
TOLSTOI
TRISMEGISTO
TURGUÊNIEV
UNGARETTI
VALÉRY, Paul
VERESSAIEV, Dr.
VERHAEREN
VERÍSSIMO, Érico
VIRGÍLIO
WELLS, H.G.
XISTO, Pedro
ZOLA, Émile



ALENCAR, José de

Assim a apanhou Alencar — a figura afirmativa do boieiro sertanejo — passando-a na arte como avatar romântico, daí tomado, bem ou mal, por outros, à maneira regional ou realista, mas indesejado da sugestão são de epopéia, porquanto sua presença — esportiva, equestre, viril, virtualmente marcial — influi esse tom maior romanescente, aqui como nos países de perto, de vulto pecuário análogo, valendo ver em exemplos, tais o "rodeo" e a "vaqueria general" no Doña Bárbara, como respondem, em si e no modus novelístico de seu emprego, aos mesmos episódios postos pelos nossos autores: sentido de refletir, no herói que a supera, a violência da natureza circundante. (AP, 102)

AMADO, Jorge

também é um ideólogo; mas sua ideologia me é mais simpática que a de Asturias. Asturias tem algo do distanciamento incorruptível de um sumo-sacerdote; sempre enuncia novos dez mandamentos. Isto é admirável, mas não encanta. As palavras de Asturias são palavras de um pai, de um patriarca que emite sentenças do Antigo Testamento. Amado é um sonhador, e sem dúvida alguma um ideólogo, mas adota a ideologia do conto de fadas com suas normas de justiça e expiação. Amado é um menino que ainda crê no Bem, na vitória do Bem; defende a ideologia menos ideológica e mais amável que já conheci. Asturias é a poderosa voz do juízo final. Amado vai dando pinceladas a mais não poder, e certamente quer mandar ao diabo muitas coisas, mas o faz de forma tão encantadora, que nos convence com maior razão. Asturias se expressa com palavras de ferro. (L, 10-11)

ANACREONTE

Leoana recita-me estrofes em grego moderno — demótike — língua que bem se aproxima do ronrom de um gato; daí rir, chamarem-lhe também romaico. Perguntei o que aquilo. Anacreonte?

— Nem não. São de amigo meu, cipriota, alfaiate em Istambul. Gosta de Anacreonte?

— Ele está sempre a chamar a amada, ou o escravo, querendo o vinho...

— Ele, Anacreonte, mesmo, é quem nos serve o vinho. Se Você fosse Anacreonte, pediria que eu caminhasse descalça sobre pétalas de rosas, e depois me beijaria os pés...

— E se ...

— Não, não; desculpe. Falo de versos, Você é Anacreonte? (AP, 65-66)

Ouvi esse coco, no sertão, e, justamente pela poesia de sua estranha mixórdia, ele me impressionou vivamente. Não escaparão a V. os requintes, absolutamente imprevistos: "o pé"

da mulher, o "sapato" — toque anacreôntico.⁴³ (B, 24)

ANDRADE, Carlos Drummond de

Ali, em antros absconsos, na dureza da pedra, no peso de orgulho da terra, estarão situados os infernos — "no sono rancoroso dos minérios"?⁴⁴ (EE, 222)

Até que por viva alma decifrei-o — ao bruxo de outras artes. Drummond. E só então deve de ter-me reconhecido. Ele morava, ali, à beira da amendoeira.⁴⁵

(...) Drummond de tudo me instruiu, e de como não fora de mero recreio, agora, aquela sua tocaia. (...) eu, à sombra futura da menos que amendoeira.

(...) Para o mister, Drummond já requerera a prestança de um guarda.

(...) E Drummond de constantes olhos em seu fiozinho de amendoeira-infante. O amor é passo de contemplação; e é sempre causa.

(...) Drummond concordaria comigo. Ou vice-versa, pois. Era uma célebre noite. E, se esmorecíamos, era pelos inadiáveis deveres do introvertimento.

(...) Drummond não ficara sabendo que moro também entre elas, íntimas, de janela; (...) Além. Ah, as amendoeiras. A de Drummond, amendoeirinha de mama, ainda sem nem sussurros. A minha, a quem, então, às vezes peço: — Cala, amendoeira... (AP, 177 a 179)

Eu não sou bom mineiro, mas o Carlos Drummond de Andrade, sim é... (CAMACHO, 51)

ANJOS, Augusto dos⁴⁶

Remitê-se a mulher. Omita-se igual o homem. Ora. Que o ho-

43. "O toque anacreôntico", de que fala Guimarães Rosa, é uma referência ao tom sensual de sua poesia e ao estilo vivo, breve e simples de Anacreonte. Ver carta a Bizzarri, sobre o "Côco de festa, do Chico Barbos", epígrafe da narrativa "Dão-Lalalão (O devente)" (NS).

44. No livro Estas Estórias (222), Guimarães Rosa cita o verso de Drummond que diz: "no sono rancoroso dos minérios", de "A Máquina do Mundo" - Claro Enigma. POESIA E PROSA. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1983, p. 303 a 305.

45. No conto "Além da Amendoeira" (AP, 177 a 179), Guimarães Rosa retoma o texto drummondiano "Fala, Amendoeira", que dá título a uma de suas obras — In: Poesia e Prosa, p. 1073 e 1074. Drummond, por sua vez, escreveu o poema "Um chamado João", no dia 21/11/1967, dois dias após a morte de Guimarães Rosa. No dia seguinte, foi publicado no Correio da Manhã, Rio (EMJGR, 15 a 18). Enquanto Guimarães Rosa afirma ter decifrado, "por viva alma (...) — ao bruxo de outras artes", Drummond termina o seu poema assim: "Ficamos sem saber o que era João/e se João existiu/de se pegar".

46. Guimarães Rosa compara a afirmação de Píndaro, sobre ser o homem a sombra de um sonho, com a dimensão cósmica do poema de Augusto dos Anjos intitulado "Monólogo de uma Sombra", cujo primeiro ver-

mem é a sombra de um sonho, referia Píndaro, skías ónar ánthropos; e — vinda de outras eras... — Augusto dos Anjos.*

*Nota de rodapé: "Pelo menos, no Tártaro, umbrário de subabstratos, de chalaça:

'J'ai vu l'ombre d'un cocher
Qui, avec l'ombre d'une brosse,
Frottait l'ombre d'une carrosse

(Versos dos irmãos Perrault, paródia ao VIº livro da Eneida, que Dostoievski dá em francês, no meio do original russo de "Os Irmãos Karamázov". (T, 14-15)

APPORELLY⁴⁷

ou na quadra de Apporelly, citada de memória:

"As minhas ceroulas novas,
ceroulas das mais modernas,
não têm cós, não têm cadarços,
não têm botões e não têm pernas."
(T, 10-11)

Pois, o próprio Apporelly, em vésperas da nacional e política desordem, costumava hastear o refrão:

"Há qualquer coisa no ar
além dos aviões da Panair..."
(T, 12)

ARQUIMEDES⁴⁸

tio Noé Arquimedes Enéias, Nearquenéias ou Nó, no encurtado

so diz: "Sou uma sombra! Venho de outras éras", Cf. Eu e outras poesias. 5ª edição, São Paulo, Companhia Editora Nacional, s/d, p. 41 a 49). No livro Ave, Palavra (51), encontramos "O urubu: urubu dista"; em Augusto dos Anjos, no poema "Budismo Moderno", a segunda estrofe começa assim: "Ah! Um urubú pousou na minha sorte!". Na obra toda de Augusto dos Anjos, aparecem palavras e expressões muito próximas do universo rosiano. Por exemplo: "nirvana" (p. 123 - 204), "cósmico zero" (199), "ataraxia" (129-247), "samsara" (45). "Rig-Veda" (50), "paz ascética" (248).

47. O verdadeiro nome de Apporelly era Aparício Torelly, conhecido como Barão de Itararé; nasceu em 1895 e morreu 1971, no Rio de Janeiro. Foi estudante de medicina, fez conferência de improviso, fundou o jornal "O Chico" e lançou "A Manhã" (1926). Assinava Apprelly ou A x L. Foi colaborador dos jornais cariocas "O Globo", "Diário da Noite", "A Manhã". Nos seus textos satirizou jesuítas e "nobres" do início do século, e a política, o que levou à prisão várias vezes. Filiado ao partido comunista brasileiro (1947), elegeu-se vereador. De Apporelly, Guimarães Rosa lembra uma outra passagem curiosa sobre o aviador Sarmento de Beires, mais um exemplo de apotegma (do grego apophthegma: sentença breve e memorável proferida por personagem célebre ou ilustre). Também escritor, o português Sarmento de Beires (nasceu em 1893) é autor de: Sinfonia do Vento (poemas); De Portugal a Macau e outros.

48. O matemático, engenheiro e físico grego Arquimedes (287-212 a.C.)

trivial, deputado. (EE, 57)

ASSIS CHATEAUBRIAND*

*Em "Pé-duro, Chapéu-de-couro" (AP, 101 a 118), Guimarães Rosa descreve encontro de vaqueiros realizado por Chateaubriand, na cidade baiana de Cipó e retoma o "itinerário do espírito".

Fui com Assis Chateaubriand, que é o rei dos entusiastas (R, 171 - carta ao pai, 15/7/1952)

ASTURIAS⁴⁹

Acho que você me entendeu mal. Apparently está se referindo ao que aconteceu em Berlim.² Acerca disto queria dizer que estou do lado de Asturias e não de Borges. Embora não aprove tudo o que Asturias disse no calor do debate, não aprovo nada do que disse Borges. As palavras de Borges revelaram uma total falta de consciência da responsabilidade, e eu estou sempre do lado daqueles que arcam com a responsabilidade e não dos que a negam.

²Nota de rodapé: "Durante o Coloquio de escritores latinoamericanos y alemanes, realizado em 1964 em Berlim Ocidental, travou-se veemente polémica entre Asturias e Borges, quando este atacou os escritores comprometidos e negou existirem condições dignas para uma literatura de compromisso na América Latina. Guimarães Rosa está se referindo à afirmação de Borges de que o compromisso é uma traição à arte, por ser apenas documentação e não literatura". (L, 6)

Gosto de Asturias, porque se parece tão pouco comigo. Este homem é um vulcão genial, uma exceção, segue suas próprias leis. Nós nos entendemos e nos admiramos, porque somos muito diferentes um do outro. Mas ele vive de um modo que gera perigo: ele pensa ideologicamente. (L, 10)

foi o primeiro a determinar a quadratura da parábola, as propriedades das espirais, etc. No conto "O Espelho" (PE, 72 a 78), Guimarães Rosa fala em espelhos côncavos, convexos e parabólicos. Noé (patriarca hebreu), Enéias (Mit. herói lendário e personagem do poema "Eneida", de Vergílio) e Nearquenéias (aglutinação de Nearco, militar Macedônio que viveu na segunda metade do século IV a.C., e Enéias) compõem nome e sobrenome de uma personagem do livro Estas Estórias (57).

49. O comprometimento com o social do latino-americano Miguel Angel Asturias é, por um lado, defendido por Guimarães Rosa (polêmica de Asturias e Borges, em Berlim, 1964); por outro, o pensar ideológico de Asturias não tem a aprovação rosiana, pois soa como o discurso "de um sumo-sacerdote" (L, 17). Ao participar do II Congresso Latino-Americano de Escritores (México, 1967) como vice-presidente, Guimarães Rosa proferiu discurso em espanhol, salientando que o escritor deve viver "bajo el signo de la libertad" (EMJGR, 34-integra do discurso).

E o conteúdo mais perigoso chega a ter uma função humana; Asturias é a prova. Esta língua, assim como o provam Asturias, Thomas Mann e Musil, esta língua atualmente deve ser pessoal, produto do próprio autor; (L, 14)

Ver AMADO, Jorge: L, 10-11 (p. 74-75)

AZEVEDO, Álvares de

o elenco destes que ganharam vida difícil, trabalharam sem repouso e hora por hora renderam-se à intimação interna — escolha ou chamado. Ele, Neves da Fontoura. Álvares de Azevedo, o que morreu moço, poento de poesia.⁵⁰ Coelho Neto, amoroso pastor da turbamulta das palavras. Tenho-os comigo. Pois não descendemos dos mortos? (EMJGR, 83-85)

BALZAC

Não me agrada julgar meus colegas. Sim, portanto não insista; é melhor falarmos de Dostoievski, Goethe, Tolstoi ou de Schweijik, de Flaubert e Balzac, mas não de meus compatriotas escritores. (L, 10)

Goethe nasceu no sertão,⁵¹ assim como Dostoievski, Tolstoi, Flaubert, Balzac; (L, 13)

BANDEIRA, Manuel⁵²

Nem é nada excepcionalmente maluco o gaio descobrimento do paciente que, com ternura, Manuel Bandeira diz em seu livro "Andorinha, Andorinha":

"Quando o visitante do Hospício de Alienados atravessava uma sala, viu um louquinho de ouvido colado à parede, muito atento. (...)"

50. A expressão "poento de poesia" é uma referência direta ao poema "Lembrança de morrer" (Lira dos Vinte Anos), em que Álvares de Azevedo diz: "Quando em meu peito, rebentar-se a fibra/ Que o espírito enlaça à dor vivente/ (...) Eu deixo a vida como deixa o tédio/ Do deserto o poento caminheiro/ — Como as horas de um longo peso delo/ Que se desfaz ao dobre de um sineiro". Além dessa, há uma outra referência a Álvares de Azevedo, no mesmo discurso de posse na ABL: é quando Guimarães Rosa lembra verso do poema "Pedro Ivo" (EMJGR, 60). Álvares de Azevedo foi o patrono da cadeira nº 2, da ABL, ocupada posteriormente por João Neves da Fontoura e Guimarães Rosa.

51. Ao afirmar que Balzac "nasceu no sertão", Guimarães Rosa está se referindo à sua notável capacidade de observação e à análise de caracteres que fazem, de sua obra, um documentário histórico-social da época em que viveu (1799-1850)

52. Manuel Bandeira dedicou um poema a Guimarães Rosa. In: "Mafuá do Malungo". Antologia Poética. 16ª edição. Rio de Janeiro, José Olympio, 1986, p. 199, paráfrase à "Canção do Exílio", de Gonçalves Dias: "Não permita Deus que eu morra / Sem que ainda vote em você / Sem que, Rosa amigo, toda / Quinta-feira que Deus dê, / Tome chá na

Afinal de contas, a parede são vertiginosos átomos, soem ser. (...) O universo é cheio de silêncios bulhentos. O maluquinho podia tanto ser um cientista amador quanto um profeta aguardando se completasse séria revelação. Apenas, nós é que estamos acostumados com que as paredes é que tenham uvidos, e não os maluquinhos. (T, 15-16)

BARBOSA, Ruy

Ruy Barbosa (fez) egolatria,⁵³ (T, 77 - g. do a.)

3ª Portuguesez — Talvez a mais difficil. Tinhamos de escrever, no espaço improrrogável de 1 hora, sobre: "Ruy Barbosa: sua influência nas letras, na politica nacional, e na Conferência de Haya". A prova não era apenas de portuguez, mas sim de erudição. Tanto que varios escriptores (2), que teem livro publicado, foram reprovados, apesar de terem bom estylo e nenhum erro de portuguez. Foi a minha peor nota, apesar de nenhum erro, mas "porque fallei algumas verdades contra Ruy Barbosa" e o examinador era ruysta entusiastico. (...) (R, 279-280 - carta a D. Lili, sua primeira esposa, 7/7/1934).

BARTRINA, Joaquim

Lembro-me de que, faz poucos dias, um pobre moço estudante foi morto, quando passava despreocupadamente diante da catedral, por uma grande laje que se desprendeu e caiu, justonos milímetros daquele instante, da cimeira da torre-mor, lá de cima; como nos versos de Bartrina — por que foi? (EE, 227).

BAUDELAIRE

Ainda, como preliminar, uma pergunta-resposta: você sabe quais os grandes escritores estrangeiros que estão preocupando, normalmente, em primeira linha, a nossa gente das letras? Rilke, Joyce, Charles Morgan, Baudelaire, Proust, Kafka, T. S. Elliot, Alain Fournier, Roger Martin du Gard, Gide, etc. (VICENTE, 136)

BERNARDES, Padre Manuel

EPÍGRAFE

"IRREPLEGÍVEL — Este vocábulo se encontra em Bernardes, Nova Floresta, IV, 348, como tradução dum lat. irreplegibile, usado por Tomas Morus numa contenda com um pretensioso na

Academia / Ao lado de vosmecê, / Rosa dos seus e dos outros, / Rosa da gente e do mundo, / Rosa de intensa poesia, / De fino olor sem segundo: / Rosa do Rio e da rua, / Rosa do sertão profundo!" Manuel Bandeira votou em Guimarães Rosa, mas a posse custou tanto a acontecer — em 16 de novembro de 1967, três dias depois morre Guimarães Rosa —, que a profecia acabou se concretizando em parte. Manuel Bandeira viria a falecer no ano seguinte.

53. Guimarães Rosa ironiza ao afirmar que Rui Barbosa "fez" a palavra egolatria.

corte de Carlos V, conforme conta o padre Jeremias Drexe-
lio no seu Faetonte. Parece tratar-se de uma palavra hipoté-
tica, adrede inventada por Morus para pôr em apuros o conten-
dor. (T, 79)

BLOCH, Pedro

Deixemos vir os pequenos em geral nótáveis intérpretes,
convocando-os do livro Criança diz cada uma!, Pedro Bloch:
(T, 12)

BORGES, Jorge Luís⁵⁴

Ver ASTURIAS: L, 6 (p.72)

BRECHT

não sei o que fazer com autores mais jovens como Brecht.⁵⁵
Todos eles perderam o sentido da metafísica da língua, to-
dos eles se tornaram pregoeiros e deixaram de lado a alma,
considerando-a fora de moda, em desacordo com a época e acre-
ditando que o homem seria apenas um Wolfsburg-Mensch.²⁵ A
língua é o espelho da existência, mas também da alma. (...),
o conteúdo desta expressão é por si só um símbolo horrível.
Eu não duvido: certamente também na Alemanha os autores jo-
vens querem melhorar o mundo; certamente suas intenções são
honestas e boas. Mas não conseguirão, pois todos eles jun-
tos não terão a importância que uma única frase de Goethe
tem para o destino do homem, para seu futuro. Somente reno-
vando a língua é que se pode renovar o mundo. (1, 14)

²⁵Nota de rodapé: "'Homem de Wolfsburg'. (...) A ex-
pressão de Guimarães Rosa é muito significativa; (...)
traduzido literalmente, quer dizer 'homem do castelo
do lobo'." (L, 14)

-
54. Ao visitar a República Federal da Alemanha, Jorge Luís Borges
foi entrevistado por Marcel Reich-Ranicki, "Borges, o vidente ce-
go". Trad. Geraldo Moser. In: Humboldt 46/1983, p. 80 a 84. Trans-
crevemos a seguir pequeno trecho dessa entrevista: "E qual a sua
posição concernente à poesia de Becher (poeta expressionista) no
período stalinista, concernente ao seu papel político-cultural na
RDA? Que tais questões não o preocupavam de jeito algum. Políti-
ca não poderia ser mais para um poeta do que uma inspiração ocasio-
nal. E então era irrelevante se tal inspiração vinha da esquerda
ou da direita. Para o público, a política na poesia era categori-
camente sem importância".
55. Guimarães Rosa teria criticado Brecht por vários motivos: por usar a
poesia como um ato político e pelo seu posicionamento contra o
idealismo de Goethe e Schiller, mas também por sua linguagem seca.

CAMÕES⁵⁶

Veja, em Camões, as descrições. (...) e lembre o vate:

"No mar tanta tormenta e tanto dano,
Tantas vezes a morte apercebida..."
(EE, 25)

CAMPOS, Augusto de

Você conhece, aí, o poeta Pedro Xisto, concretista, companheiro dos irmãos Haroldo e Augusto de Campos? Ele escreveu formidável série de artigos,⁵⁷ descobrindo tudo isto, e mais, sob o título "À busca da Poesia". O trabalho, com outros, ótimos, dos irmãos de-Campos, vai ser republicado, em folheto, aí, breve. (B, 61)

CAMPOS, Haroldo de

Ver CAMPOS, Augusto de: B, 61.

CÂNDIDO, Antonio⁵⁸

E, pela leitura dos artigos, V. mesmo viu como o pessoal da

-
56. Em "A simples e exata estória do burrinho do comandante" (EE, 17 a 53), Guimarães Rosa relembra os "clássicos" que leu, dentre eles Camões: "No mar tanta tormenta e tanto dano; / Tantas vezes a morte apercebida!" (última estrofe- CVI, do Canto Primeiro d'Os Lusíadas. Leipzig, Schmidt & Günther, s/d; em Tutaméia (76), já havia parodiado o Canto III - CXX, verso 3. Ver Livia Ferreira dos Santos, "A Desconstrução em Tutaméia". In: Eduardo Coutinho (Org.) Guimarães Rosa. Rio de Janeiro, civilização Brasileira, 1983, p. 549.
57. Os referidos artigos: "Um lance de 'dês' do Grande Sertão", de Augusto de Campos, de dez./1959. In: Poesia, antipoesia, antropofagia. São Paulo, Cortez & Moraes, 1978, p. 9 a 37, e "A linguagem do Iauaretê", de Haroldo de Campos. In: Metalinguagem. 2ª edição. Petrópolis, Vozes, 1970, p. 47 a 53, sobre o conto de Estas Estórias, p. 160 a 198, tratam das conquistas formais rosianas, relacionando-as a Mallarmé e Joyce. Não há qualquer outra referência aos irmãos Campos.
58. Em carta a Vicente Guimarães, datada de 11/5/1947, In: Joãozinho, p. 130 a 139, Guimarães Rosa refere-se a Antonio Cândido como um dos "nossos melhores críticos", junto com Álvaro Lins, Lauro Escorel, Almeida Sales. Entusiasmado com os comentários favoráveis de Antonio Cândido, cita-o: "Sagarana nasceu universal, pelo alcance e pela coesão da fatura. (...)" Tal afirmação encontra-se em "Sagarana", O Jornal. Rio, 21/7/1946. Escreveu também o ensaio "Grande Sertão: Veredas", SLESP, 6/10/1956. Já "O Homem dos Aversos" foi publicado originalmente sob o título "O Sertão e o Mundo". In: Diálogo - 8. São Paulo, nov./1957; Tese e Antítese. 2ª edição (revisita). São Paulo, Companhia Editora Nacional, p. 121 a 139.

nossa "intelligentzia" andou transviado, passeando pela cascata dos contos, sem desconfiar de nada, sem querer saber se um livro pode conter algum sentido... Só Paulo Rónai e o Antonio Candido foram os que penetraram nas primeiras camadas do derma; o resto, flutuou sem molhar as penas...(R,320)

CARDIM, Fernão

Que os tapuios, dito por Fernão Cardim, eram "senhores dos matos selvagens, muito encorpados, e pela continuação e costume de andarem pelos matos bravos têm os couros muito rijos, e para este efeito açoutam os meninos em pequenos com uns cardos para se acostumarem a andar pelos matos bravos". (AP, 106)

CARRERA-ANDRADE*

*No conto "Teatrinho" (AP, 81 a 83), Guimarães Rosa "cruza" uma mesma passagem, "um caso que se deu em 4 de agosto de 1944, no Mills College, Oakland, Califórnia, Estados Unidos", relatada respectivamente por Érico Veríssimo (A Volta do Gato Preto) e Julien Green (Journal, 1943-1945). Carrera-Andrade é citado por ambos.⁵⁹

CASTRO, Eugênio de

À meia-noite, nos descampados,
Sobes às negras torres sonoras,
Onde os relógios desarranjados
Dão treze horas!
(Interlúdio - T, 167)

CASTRO LOPES, Dr.⁶⁰

De acordo, concedemos. Mas, sob cláusula: a de que o termo engenhado venha tapar um vazio. Nem foi menos assim que o dr. Castro Lopes, a fim de banir galicismos, e embora se saindo com processo direto e didático, deixadas fora de conta quaisquer sutilezas psicológicas ou estéticas, conseguiu

-
59. Poeta e diplomata equatoriano, cônsul do seu país em várias nações sul-americanas, européias e asiáticas, Carrera-Andrade provocou uma situação bastante embaraçosa envolvendo Julien Green. O fato relatado por Érico Veríssimo, "Interlúdio", de 30/6 a 6/8/1944, In: A Volta do Gato Preto. 4ª edição. Porto Alegre, Globo, 1957, e Julien Green, In: Journal, aconteceu no dia 4 de agosto de 1944, no Mills College, Oakland, Califórnia (EUA). Segundo Guimarães Rosa, Veríssimo foi "imparcial" no seu relato sobre o diálogo Carrera-Andrade e Julien Green. O texto de Guimarães Rosa (AP, 81 a 83) não esclarece que Érico Veríssimo escreveu "Jardim Fechado" sobre Green (A Volta do Gato Preto), 206-207); "O Poeta" (ib., 210-212) sobre Carrera-Andrade; "A Alcachofra" (ib., 214 a 216) sobre os dois.
60. Médico formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, dr. Antônio de Castro Lopes (1827-1901) foi deputado provincial. Além de praticar e escrever sobre a Medicina Homeopática, foi autor também de comédias, poesias e ensaios.

pôr em praça pelo menos estes, como ele mesmo dizia, "produtos da indústria nacional filológica": cardápio, convescote, preconício, necrópole, ancenúbio, nasóculos, lucivêu e lucivelo, fádico, protofonia, vesperal, posturar, postrídio, postar (no correio) e mamila. E, donde: palavra nova, só se satisfizer uma precisão, constatada, incontestada. (T, 77 - g. do a.)

CERVANTES

No terreno do humour, imenso em confins vários, pressentem-se mui hábeis pontos e caminhos. E que, na prática de arte, comicidade e humorismo atuem como catalisadores ou sensibilizantes ao alegórico espiritual a ao não-prosáico, é verdade de que se confere de modo grande. Risada e meia? Acerte-se nisso em Chaplin e em Cervantes. (T, 7)

COELHO NETO ⁶¹

Coelho Neto (fez) paredro, (T, 77 - g. do a.)

Não retornaremos ao verbalismo inflacionado e ôco de Coelho Neto, não repetiremos o coelho-netismo. (VICENTE, 133 - carta a Vicente Guimarães, 11/5/1947
Ver AZEVEDO, Álvares de: EMJGR, 83-85 (p.73)

COUÉ, Emílio ⁶²

e, quaes os discipulos de Coué, acreditamos na suggestão creadora das pseudo-verdades muitas vezes repetidas. (R, 409)

COURT DE GÉBELIN, Antonio

Teoria? Court de Gébelin? Etteilla? Em que grimório ou alfarábio? (AP, 198)

CUNHA, Euclides da ⁶³

foi Euclides quem tirou à luz o vaqueiro, em primeiro plano e como o essencial do quadro — não mais mero paisagístico, mas ecológico — onde ele exerce a sua existência e pelas

61. Coelho Neto foi Membro fundador da Cadeira nº 2, da Academia Brasileira de Letras, ocupada por Guimarães Rosa.

62. O francês Emílio Coué era farmacêutico. Estudou psicologia da sugestão e hipnotismo. Em 1910 abriu uma clínica em Nanci, baseando o tratamento na auto-sugestão sintetizada na fórmula "cada dia, em todos os sentidos, me sinto melhor", repetida várias vezes ao dia pelos pacientes.

63. Enquanto Euclides da Cunha traça o perfil do sertanejo, "O homem". In: Os Sertões. 14ª edição. Rio, Livraria Francisco Alves, 1938, p. 67, o homoamericanus, Guimarães Rosa mostra o itinerário espiritual e a filosofia de vida do vaqueiro, o homo coriaceus. Segundo Guimarães Rosa, o vaqueiro é "um atleta ascético" (AP, 112) , "Austero (...), apertado de estóico" (AP, 113).

próprias dimensões funcionais sobressai. Em Os Sertões, o mestiço limpo adestrado na guarda dos bovinos assomou, inteiro, e ocupou em relevo o centro do livro, como se de sua superfície, já estatuido, dissesse de se desprender. E as páginas, essas, rodaram voz, ensinando-nos o vaqueiro, sua estampa intensa, seu código e currículo, sua humanidade, sua história rude. (...)

E tinha encerro e rumo o que Euclides comunicava em seus superlativos sinceros, (...)

Montados, bem estribados, como vistos, quase não se via o "homem permanentemente fatigado", o "desgracioso, desengonçado, torto" euclidiano. (AP, 102-103-107 ss.)

D'ANNUNZIO⁶⁴

Para se conhecer a plenitude do ardor que leva os humanos a se mutuarem socorros, não é necessário lêr-se, nas Confissões de um Medico, do dr. Veressaief, o desespero que o possuiu ao se ver impotente para salvar o humilde filhinho de uma criada. Tão pouco precisamos acompanhar, numadas mais impressionantes novellas de Dannunzio (sic), os rudes marinheiros do Adriatico operando á faca um companheiro a quem asphyxiava subita tumefação do pescoço — scena digna de illustrar um estudo dos primordios da cirurgia, ainda emoirica e tacteante. (R, 412)

DANTE⁶⁵

A môça Nhorinhá era linda — feito nôiva núa, tôda pratas-e-ouros — e para êle sorriu, com os olhos da vida.*

*Nota de rodapé: "Cf. DANTE. Inf. XIII, 64-65:

'La meretrice che mai dall'ospizio
di Cesare non torse li occhi putti,'
e:

'Sicura, quasi rocca in alto monte,
seder sovr'esso una puttana sciolta
m'apparve con le ciglia intorno pronte;'
(DANTE, Purg. XXXII, 148-150)."
(NUNP, 117)

Após, subia eu descendo, feito Dante atrás de Virgílio. (PE, 147)

... "no meio do caminho" desta vida. (AP, 33) (Cf. AP, 38)

-
64. É interessante observar que Guimarães Rosa não se refere à eloquência e à retórica de D'Annunzio, mas à observação do autor, e ao conflito dramático que dela decorre.
65. Dante Alighieri está presente em algumas obras de Guimarães Rosa: 1. no leit-motiv "nel mezzo del cammin di nostra vita": "Inferno", 1º verso, Canto I; 2. na viagem iniciática, passando pelos nove círculos concêntricos da descida ao Inferno, imagem recuperada nas

(Você julgará melhor e orientará a respeito este seu amigo, apenas ínfimo leitor de Dante) (B, 11 - carta de 5/4/1963)

(A respeito do "beatífico", acudia-me o que escreveu T. S. Elliot sobre a "Divina Comédia")⁶⁶ (B, 83 - g. do a.)

(Gosto) da Itália, de Dante, (B, 97)

DÉNIS, Léon

Tenho comigo o livro "Depois da Morte",⁶⁷ de Léon Denis,

"nove beatitudes" do céu rosiano, do poema

ANIL

O vôo, quasi vertical, da jaçanã fugida
levantou meu olhar,
no dorso esbelto, de zinco polido,
à calota do céu,
liso, congelado em calmaria,
e quasi sólido, em cobalto líquido.
Pensei que a ave fôsse frechar, de cheio,
para pescar peixinhos escamados de ouro:
as estrêlas que mergulharam de madrugada...
E que a água longe se abrisse
nos nove círculos concêntricos
das nove beatitudes...

Mas o pássaro foi breve um grânulo dissolvido,
entre nuvens fugindo como flocos de espuma,
com a paisagem a luzir, no seio de uma bolha,
o sol a se desmanchar, como um sabão redondo,
e o céu todo água, num côncavo de bacia
onde lavam o dia...
(M, 34)

3. Dante quebra o "raminho" para saber da alma/tronco o porquê do seu suicídio. Do referido tronco, sai o sangue negro da condenação (Inferno, Canto XIII); já em Guimarães Rosa, o Grivo quer o "raminho" da purificação, da "absolvição" (NUNP, 126); 4. a viagem "dantesca" de Soropita, em "Dão-Lalalão (o devente)" (NS, 4 a 79) é uma referência direta ao mestre italiano.

66. Guimarães Rosa pode estar se referindo aqui à seguinte passagem: "Achamos que, se o clássico é realmente um ideal louvável, deve ser capaz de apresentar uma amplitude, uma universalidade, às quais o século XVIII não pode fazer jus; qualidades essas que estão presentes em alguns grandes autores como Chaucer, que na minha concepção não podem ser considerados clássicos da literatura inglesa; e que estão plenamente representados no espírito medieval de Dante. Pois, na Divina Comédia, mais do que em qualquer outra obra, encontramos o clássico numa língua moderna europeia". Cf. T.S. Eliot, A Essência da Poesia. Trad. Maria Luiza Nogueira. Rio, Artenova, 1972, p. 90.
67. O livro Après la mort, de Léon Denis, traz um longo subtítulo: "Exposé de la Doctrine des Esprits - Solution scientifique et ration

que me offereceram. É o livro mais bello e consolador que já me veio às mãos. (R, 301 - carta a Manoel Carvalho, 26/6/1933)

DINIS, Dom

Tal, por má cópia, o de D.Diniz:

"Ela tragia na mão
hum papagay muy fremoso
cantando mui saboroso
ca entrava o verão,
e diss': Amigo loução
Que faria por amores
poys me errastes tã en vão
e ca eu antr'unhas flores".
(T, 173)

DOSTOIEVSKI

Com Dostoievski e a Rússia me ocorre exatamente o mesmo. Amo a língua russa, a língua da alma, e tampouco Dostoievski é responsável pelo atual estado da alma russa. (L, 14)

Flaubert, Dostoievski, eram sacerdotes da palavra; (L, 16)

Gostaria de acrescentar que Riobaldo é algo assim como Ras-kolnikov, mas um Raskolnikov sem culpa, e que entretanto deve expiá-la. Mas creio que Riobaldo também não é isso; melhor, é apenas o Brasil. (L, 17)

Ver ANJOS, Augusto dos: T, 14-15 (p.70-71); BALZAC: L, 10-13 (p. 73); ROTEIRO I - CONFÚCIO: L, 14 (p.42-43); EVANGELHOS: B, 55 (p. 52).

DUNNE, João Guilherme

Você conhece os livros de Dunne (o inglês "serialista"?)(SILVA II, 32)

ELIOT, T.S.

Ver BAUDELAIE: VICENTE, 136 (p.74); DANTE: B, 83 (p.80)

ÉLUARD, Paul

O que eu gostaria de poder fazer (não o que fiz, João Condé!) seria aplicar, no caso, a minha interpretação de uns versos de Paul Éluard:... "O peixe avança nágua, como um dedo

nelle des problèmes de la vie et de la mort, nature et destinée de l'être humain, les vies successives - Semper ascendens", 38^e mille. Nouvelles édition revue et augmentée. Paris, Librairie des Sciences Psychiques, s/d.

68. Em "Histórias de Fadas" (Correio da Manhã. Rio, 20/4/1947), publicado postumamente no livro Ave, Palavra (1970), Guimarães Rosa compara costumes e tradições do Oriente (Gandhi) e do Ocidente

numa luva"... Um ideal: precisão, micromilimétrica. (R, 332-333 - carta a João Condé, 1946)

Dos precedentes meus conhecidos, houve a vaca Ita, de leite e de raça, que devia ser preciosa: veio do Rio Grande do Sul, instalada num avião. E assim merecia ser consagrada a Ísis, ou ao menos conduzida até a Índia, onde elas ainda recebem culto. Lá, Gandhi, o admirável, proferiu, um dia, com a terrível seriedade que jamais o deixa: "A vaca é um poema de ternura; eu adoro a vaca." Verdade vem que também teve Paul Éluard: que a erva para a vaca deve ser "fina como o fio de seda, de uma seda fina como o fio de leite"; e daí falou da relva ornada de fresco arabêso, escorrido de tétas mansas. Vê-se, pois, no ponto, que Ocidente e Oriente às vezes se encontram; mas nisso entrariamos pela religião e poesia, pairando acima de qualquer outro assunto. (VICENTE, 140)

ERASÍSTRATO

si bem que não falem nas chronicas da nossa carreira os mais heroicos Nepomucenos, temos, logo no inicio das mesmas, Erasistrato a levar a paz a uma familia com a oportunidade das suas revelações? (R, 411)

ETTEILLA

Ver COURT DE GÉBELIN: AP, 198 (p.78)

EURÍPEDES

"Não me surpreenderia, com efeito, fosse verdade o que disse Eurípedes: Quem sabe a vida é uma morte, e a morte uma vida?" (EE, 219 - epigrafe de Platão: "Górgias" - g. do a.)

FAULKNER, William

Ver SARTRE - ROTEIRO I: Monegal, 16 (p.63).

FLAUBERT

Pode-se conhecer facilmente o caráter de um homem pela relação que ele mantém com o idioma. (...) também Flaubert e Stendhal. São muitos os que pensaram desta forma. (L, 11)

Portanto, torno a repetir: não do ponto de vista filológico e sim do metafísico, no sertão fala-se a língua de Goethe, Dos toievski e Flaubert, porque o sertão é o terreno da eternidade, da solidão, onde Innères un Ausseres sind nicht mehr zu trennen,²¹ segundo o Westöstlicher Divan,²²

²¹ Nota de rodapé: "O interior e o exterior já não podem ser separados". Citado em alemão por Guimarães Rosa".

²² "O Divã Oriental-Occidental, uma das principais obras de Goethe. Citado em alemão por Guimarães Rosa". (L, 13)

(Éluard). Deste último, falou a Viceñte Guimarães (Joãozito, 140)

Ver BALZAC: L, 10-13 (p.73); DOSTOIEVSKI: L, 16 (p.81)

FONTOURA, João Neves da

Ver Discurso de Posse na Academia Brasileira de Letras, Sessão de 16/11/1967. (EMJGR, 57 a 87); AZEVEDO, Álvares: EMJRG, 83-85 (p.73)

FOURNIER, Alain

Ver BAUDELAIRE: VICENTE, 136 (p.74)

FOX, Emmet

(Emmet Fox. Experimente. Um livrinho de seis páginas.) (AP, 198)

FRACÁSTORO

Fracástor (fez) sífilis, (T, 77 - g. do a.)

FREUD

Amo Goethe, admiro e venero Thomas Mann, Robert Musil, Franz Kafka, a musicalidade de pensamento de Rilke, a importância monstruosa, espantosa de Freud. Todos estes autores me impressionaram e me influenciaram muito intensamente, sem dúvida. (L, 14)

FREYRE, Gilberto*

*Guimarães Rosa comenta coincidências entre seu conto "A Fazedora de Velas" e o livro Dona Sinhá e o filho padre, com relação à temática. (T, 176 a 178)

Assim acontece com a "brasilidade" (...) Freyre esboçou uma definição muito boa, mas insuficiente.

²⁷ Nota de rodapé: "Gilberto Freyre, sociólogo, em sua Interpretação do Brasil (Lisboa) e em Casa Grande e Senzala (Rio de Janeiro, 1933)". (L, 15)

GANDHI

E — por que então — a de Gandhi. Tende-se a supor que esses seres extraordinários, em fino evoluídos, almas altas, estariam além do alcance de grosseiros desfechos. (AP, 48)

Enfim, isso passou, se acabou, mataram Gandhi, e pelo mundo já trotaram excelentes energúmenos. Outra é a toada. (AP, 121)

E assim merecia ser consagrada a Ísis, ou ao menos conduzida até a Índia, onde elas ainda recebem culto. Lá, Gandhi,

69. Foi chefe-de-gabinete de Guimarães Rosa em 1946 e novamente em 1951, quando este volta de Paris. Por ocasião do falecimento de João Neves da Fontoura, Guimarães Rosa candidata-se pela segunda vez (a primeira foi em 1957) à Academia Brasileira de Letras, em maio de 1963, na sua vaga. Foram grandes amigos.

70. Guimarães Rosa refere-se ao célebre poema sobre a sífilis, de autoria de Fracastoro.

o admirável, proferiu um dia, com a terrível seriedade que jamais o deixa: "A vaca é um poema de ternura; eu adoro a vaca". (VICENTE, 140)

E, olhe que adotei um regímen feroz: como pouquíssimo no almoço, e nada mais no resto do dia. Estou emulando com Gandhi, mas apenas na prática de jejuns estirados. (Id., 166)

Ver ÉLUARD, Paul: VICENTE, 140 (p.82)

GARCÍA LORCA

o "daimon" de Lorca e também o "daimon" de Goethe são exemplos exatos para tais coisas indizíveis. (L, 15)

GARD, Roger Martin du

Ver BAUDELAIRE: VICENTE, 136 (p.74)

GIDE, André

Ver BAUDELAIRE: VICENTE, 136 (p.74)

GOETHE

O GRIVO: Fui e voltei. (...) Tudo estava em ordem ...

Nota de rodapé: "Cf. Goethe, FAUST II (dr.A.):

'Seinen Befehl vollzieh'n sie treu,
Jeder sich selbst zu e'ignem Nutz

.....

'Dies Land, allein zu dir gekehret,
Entbietet seinen hoechsten Flor;

.....

Verteilt, vorsichtig, abgemessen schreitet
gehoerntes Rind hinan zum jachen Rand;

.....

So ist es mir, so ist es dir gelungen;
Vergangenheit sei hinter uns getan!" (NUNP, 124).

Acho que Goethe foi, em resumo, o único grande poeta da literatura mundial que não escrevia para o dia, mas para o in finito. Era um sertanejo. Zola, para tomar arbitrariamente um exemplo contrário, provinha apenas de São Paulo. De cada cem escritores, um está aparentando com Goethe e noventa e nove com Zola. A tragédia de Zola consistiu em que sua linguagem não podia caminhar no ritmo de sua consciência. (L, 13)

Sem que eu conheça a Alemanha, a língua alemã me mostra o que poderiam ter sido os alemães, se não tivessem esquecido a intimidade de Goethe com a metafísica da língua. Mas, quando se conhecem os alemães, o despertar é triste. Entretanto, esta experiência pessoal não diz nada contra a sabedoria de Goethe, mas sim contra os alemães modernos. (L, 14)

É lógico que existe a "brasilidade". (...) Nos últimos tempos também fora do Brasil se tem meditado sobre ela, e, infelizmente, apenas porque muitas vezes não nos podem compreender. Se estou bem lembrado, foi Goethe quem disse: Poesie ist die Sprache des Unaussprechlichen²⁶. Esta é a afirmação de uma sabedoria máxima, e poderia ser aplicada também à "brasilidade";

Nota de rodapé: "Poesia é a linguagem do indizível". Citado em alemão por Guimarães Rosa. (L, 15)

Do que, depois, querer estudar medicina também em livros alemães, aproximar-se de Schiller, Heine, Goethe, (MC, 53)

Em Weimar, visitei a casa de Goethe e a casa de Schiller, conservadas tal e qual eram por ocasião da vida dos dois; foi uma das minhas grandes emoções nesta terra, fazendo-me engrame bem. (VICENTE, 163)

Ver BALZAC: L, 10 e 13 (p.73); BRECHT: L, 14 (p.75); FLAUBERT: L, 13 (p.82); FREUD: L, 14 (p. 83); GARCÍA LORCA: L, 15 (p.84); ROTEIRO I - SCHILLER: AP, 208; MC, 53 (p.57).

GÔNGORA

— Qué buscades, los vaqueros.
— Una, ay, novilleja, una...
(AP, 101 - epígrafe)

GONZAGA, Tomás Antonio

De começo, nossa volumosa lida pastoril, subalterna e bronca, desacertava das medidas clássicas, segundo se sente do árcade:

Eu, Marília, não sou algum vaqueiro,
que viva de guardar alheio gado,
de tosco trato, de expressões grosseiro...
(AP, 101)

GRAMMATICUS, Saxo

Referia: — "Ah, está em Saxo Grammaticus! Ou quando o outro, Hrolf Kraki, entrou na peleja: foi como um rio estuano mar — êle simultâneo, a todo átimo pronto na espada, qual com os bífidos cascos o veado se atira... Está em Saxo Grammaticus..." (NUNP, 64)

GREEN, Julien

Ver CARRERA-ANDRADE: AP, 81 a 83 (p.77).

GUIMARÃES, Vicente

Recebi Tranquilidade. Gostei. Gostei mesmo — sem intuito de lisonja o digo — muito: está bem feito, interessante, em todas as suas peças; preencherá brilhantemente as suas finalidades, e, mais do que isso, evidencia a sua capacidade de escritor (em prosa e verso), especialmente no difícil ca

minho da literatura para crianças. (VICENTE, 126)

HAŠEK, Jaroslav (Schweijik) 71

Ver BALZAC: L, 10 (p.73)

HEINE

Ver ROTEIRO I - SCHILLER: MC, 53 (p.57)

HIPÓCRATES

E seja a explosão geyserica do estro de Lermontov:
— "Liubliu' kak jiznhi moi" (Amo como uma torrente livre, amo qual a minha propria vida)!, a profissão de fé daquelle que entra nas praticas do mundo visan do ser, senão o isotheos hipocratico, pelo menos um

"VIRTUOSE" DO BEM

(R, 411-412)

HOMERO

Veja em Homero. Sim, senhor, tive as minhas humanidades, os classicos, (EE, 25)

HUIZINGA

Não sabemos, num nosso país que ainda constrói sua gente de tantos diversos sangues, se ele será, o sertanejo, a "rocha viva de uma raça", o "cerne de uma nacionalidade".

Mas sua presença é longa lição, sua persistência um julgamento e um recado. Atuais como aquelas palavras do mestre de Leyde:

"Nossos avós ainda não dispunham senão de recursos muito parcos, para mitigar as dores, curar as fraturas e os ferimentos, defender-se do frio, expulsar a escuridão, comunicar-se pessoalmente ou à distância com seus semelhantes, evitar a podridão e o mau-cheiro. Por toda a parte e continuamente o homem tinha de sentir as limitações naturais do bem-estar terrestre. A técnica, a higiene, os aperfeiçoamentos sanitários do ambiente em que vive, tanto lhe facilitando, acostumaram-no mal. Aquela conformada serenidade no desconforto quotidiano, própria das outras gerações, e que os ascetas buscavam como meio de santificação, perdeu-se para o homem moderno. Porém ao mesmo tempo, correu ele o risco de perder também a simples aceitação da felicidade da vida, onde ela se oferece".(...)

Mas talvez não estejamos desnecessitados de retornar à luz daquilo que, ainda segundo Huizinga, é a condição primordial da cultura, e que verdadeiramente a caracteri

71. Guimarães Rosa refere-se à personagem do livro O Bom Soldado Schweik, de Hašek.

za: a dominação, mas da natureza humana.⁷²
(AP, 118 - g. do a.)

HUXLEY, Aldous

... Ando com fome de coisas sólidas e com ânsia de viver só o essencial. Leia o Time must have a stop, de Huxley. Pessoalmente, penso que chega um momento na vida da gente, em que o único dever é lutar ferozmente por introduzir, no tempo de cada dia, o máximo de "eternidade"... (R, 319)

IBSEN, Henrik

"A casa da boneca" ⁷³

No verão tropical fez frio, de repente.
Quem abriu uma geladeira sobre a vida?...
Ah, fechem, depressa, esse livro de Ibsen!
(M, 45)

IRIARTE, Tomás de

NECRÓPOLE

O monte, agachado e cinzento,
é um elefante de pedra.
E a noite, igual a muitas outras noites,
com alguém pregando panos pesados
para esconder estrelas,
com asas de paina de corujas
transportando agouros,
com dedos em lábios invisíveis
impondo silêncio...
O monte dorme.
Os homens que lhe escavam, aos poucos, o granito,
fizeram dele quasi uma esfinge,
e ha muitos morros iguais, onde dormem esfinges,
à espera dos cansaços do futuro...
Sem a luz ter sido feita no primeiro dia,
sem que possa haver descanso no último dia,
forças vagas vão criando a vida,
longe do rude rumor do muito real...
Na grande noite, uma lâmina cega
trabalha o bloco denso do Infinito,
talhando abstracções...
E, de monte para monte, se transmitem
transcendências absurdas:
o problema
dado ao elefante Iriarte pelo deus Vichnú...
(M, 86)

72. Guimarães Rosa propõe que a dominação da natureza humana seja "a moção maior da 'Ordem do Vaqueiro'" (AP, 118). Ver Huizinga, Nas Sombras do Amanhã: Diagnóstico da Enfermidade Espiritual do nosso tempo. Trad. Manuel Vieira. São Paulo, Livraria Acadêmica/Saraiva & Cia, 1946, p. 29 a 39.

73. No original, o poema "A casa da Boneca" está totalmente riscado, dificultando a leitura e indicando que o próprio Guimarães Rosa não

JESUS, Frei Rafael de*

*Para explicar a origem de "Guararapes", Guimarães Rosa cita a obra Castrioto lusitano, de Frei Rafael de Jesus. (B, 45)

JOYCE, James*

Não estão certos, quando me comparam com Joyce.⁷⁴ Ele era um homem cerebral, não um alquimista. (L, 13)

*Guimarães Rosa comenta a publicação da correspondência de Adriano Grego, no jornal "Il TEMPO" (Roma, 27/11 / 1956). Nessa oportunidade, diz sobre Grande Sertão: Veredas:

Entre muita coisa bonita e elogiosa, dizia por exemplo: "qualche cosa como l'Ulysses di Joyce". (B, 104)

Ver BAUDELAIRE: VICENTE, 136 (p.)

KAFKA

Siga-se, para ver, o conhecidíssimo figurante, que anda pela rua, empurrando sua carrocinha de pão, quando alguém lhe grita: — "Manuel, corre a Niterói, tua mulher está feito louca, tua casa está pegando fogo!..." Larga o herói a carrocinha, atravessa a Baía quase... e exclama: — "Que diabo! eu não me chamo Manuel, não moro em Niterói, não sou casado e não tenho casa..."

Agora, ponha-se em frio exame a estorieta, sangrada de todo do burlesco, e tem-se uma fórmula à Kafka, o esqueleto algebrico ou tema nuclear de um romance kafkaesco por ora não ainda escrito. (T, 8 - g. do a.)

Ver BAUDELAIRE: VICENTE, 136 (p.74); FREUD: L, 14 (p.83)

KARDEC, Allan

e aceito as preces de compadre meu Quelemém, doutrina dele, de Cardéque. (GS: V, 15)

KIPLING

Taumaturgo

Muitos bichos reunidos?: um jardim Hagembeck.

Ou, quem sabe, talvez, a Arca de Noé...

Mas um gênio os dirige? : um livro de Kipling...⁷⁵

(M, 46)

Ver ROTEIRO I - FOUILLÉE: R, 409 (p. 62)

queria que o poema continuasse a fazer parte do livro inédito.

74. No prefácio "Pequena Palavra" (RÓNAI, XXVII), Guimarães Rosa comenta o conto "O Almoço", de Molnár Ákos e compara-o a "um capítulo do Joyce de Dubliners". Em 1967, informa o crítico Emir Rodríguez Monegal, Guimarães Rosa teria dito que reconhecia a influência de Joyce em sua obra e, ainda nas palavras de Monegal, que "tanto Ulysses como Finnegan's Wake habían sido un modelo". Ver prólogo de Primeras Historias. España, Seix Barral, 1982, p.7 a 19.

75. Guimarães Rosa refere-se ao Livro do Jângal, sobre a vida animal.

KÖLCSEY, Francisco

Ver ROTEIRO I - COMTE: R, 410 (p.61)

LAVATER

Parecer-se cada um de nós com determinado bicho, relembrar seu facies, é fato. Constato-o, apenas; longe de mim puxar à bimbálha temas de metempsicose ou teorias biogénéticas. De um mestre, aliás, na ciência de Lavater, eu me inteirara no assunto. (PE, 75)

LAWRENCE, D.H.

Muito de Lawrence eu aceito. Mas êle (acho) não completou a curva, a trajetória. (SILVA II, 32)

LERMONTOV

Ver HIPÓCRATES: R, 411-412 (p.86)

LÉVY-VALENSI, Dr.

"Um doente do asilo Santa-Ana veio de Metz a Paris sem motivo: no mesmo dia, foi saudar na Faculdade de Medicina o busto de Hipócrates, assistiu a uma aula de geometria na Sorbonne, puxou a barba de um passante, tirou o lenço do bolso de outro, e foi preso finalmente quando quebrava louças na vitrina de um bazar." (T, 169 - epígrafe . COMPÊNDIO DE PSIQUIATRIA)

LIMA, Geraldo França de

Nossa novidade: este "Serras Azuis". O autor, Geraldo(F. Lima) é "chapa", "faixa", irmão. Você já leu? Vai aqui, para você ler. E gostar. E propalar. É bom, mesmo. Autenticidade total: são todas as cidades nossas, de Minas, pegadas em todos os seus aspectos.

LISPECTOR, Clarice*

* Ao crítico Emir Rodriguez Monegal (junho/1966, em Nova York), Guimarães Rosa teria dito que, com ela, aprendia novas palavras ou redescobria as que já conhecia, antes de ler suas novelas. "Pero al mismo tiempo me reconocí que no era muy receptivo a ese estilo incantatorio de la novelista brasileña. Le parecía ajeno a él". Ver prólogo a Primeras Historias. Trad. Virginia Fagnani Wey. España, 1982, p. 7 a 19.

MACHADO DE ASSIS⁷⁶

7ª edição. São Paulo, Cia. Ed. Nacional, 1969. Ver Wendel Santos, A Construção do Romance em Guimarães Rosa. São Paulo, Ática, 1978, p. 29.

76. Para Vicente Guimarães, Joãozinho. Rio de Janeiro, José Olympio Editora/INL, 1972, p.164-165, em carta datada de 9/8/1939, Rosa sugere a adaptação de um livro editado na Alemanha, contendo a organi-

Ainda talvez mais que eu, êle vos agradecerá minha presença aqui, aonde desejei vir — para o ver "claro e quieto" que Machado de Assis inculca. (EMJGR, 83 - g. do a.)

MADARIAGA, Salvador de

Também, uma vez, em 1935, e acaso associado à lembrança de outro lago, forneceu imagem imediata a um dos mais desventilhados espíritos que jamais nos visitaram: Salvador de Madariaga. Que concluindo, ali, no auditório da Biblioteca, me morável conferência sobre "Genebra" id est a Sociedade das Nações ou qualquer organização que se proponha realizar alguma harmonia entre os povos — comparou que a mesma seria, na vida internacional, o que a água é na paisagem: mais luz, por reflexão, e o calmo equilíbrio da horizontalidade. (AP, 156-157 - g. do a.)

MALLARMÉ

apenas alguém para quem o momento nada significa, para quem, como eu, se sente no infinito como se estivesse em casa, o crocodilo com as duas vidas até agora, somente alguém assim pode encontrar a felicidade e, o que é ainda mais importante, conservar para si a felicidade. Au fond, je suis un solitaire¹⁰, eu também digo; mas como não sou Mallarmé, isto significa o infinito da felicidade. Esta é a minha mística.

¹⁰ Nota de rodapé: "No fundo eu sou um homem solitário". Frase de Mallarmé, citada em francês por Guimarães Rosa. (L, 9)

MANN, Thomas

Ver ASTURIAS: L, 14 (p.73); FREUD: L, 14 (p.83).

MAUROIS, André

E, conforme aquêlê sábio salmão grego de André Maurois: um rio sem margens é o ideal do peixe. (R, 332)

MELO FRANCO, Afonso Arinos de

autor de A Alma do Tempo, que fundo releio, para alongamento e consolo, um dos livros maiores do pensar e sentir brasileiros; (EMJGR, 85)

MÉRIMÉE

Agora "Bárbaros", travado na puszta, entre pastôres taciturnos, com um crime feroz, com a andante imagem da mulher,

zação do Reich alemão sintetizada, com a história e a geografia do país, dirigido a simples crianças brasileiras, onde deveriam constar "grandes homens" como Machado de Assis. Sobre a tecria machadiana da alma, ver "O Espelho"; a coincidência temática se repete entre a narrativa "A Cartomante", de Machado de Assis, in: A Cartomante e outros contos. São Paulo, Moderna, 1983, p. 31 a 35, 46 a 50, e "Cartas na Mesa", de Guimarães Rosa (AP, 197 a 199).

figura da justiça que avança, da hirta serenidade vingadora, é um conto terrível, cuja luz sóbria e cruel lembra Mérimée. ("Pequena Palavra" - RÚNAI, XXVII)

MISTRAL, Frederico

E esse sobre-sentido — formado aqui em extraordinárias condições, em espaços muito mais soltos e mais árdusos que os em que opera o guardian, o vaquié provençal que Mistral canta, (AP, 111-112)

MOLIÈRE

E Molière, hostilizando durante toda a vida médicos e medicina com tremenda guerra de epigrammas, não passou de um speaker genial e corajoso da vox populi do seu Tempo. (R, 413)

É porque a cerimonia de Argan recebendo o titulo ao som do "dignus est intrare" perde toda a sua hilaridade quando confrontada com a scena real de Pinel, do "citoyen Pinel", arrostando a desconfiança e a ferocidade do Comité de Salvação Publica, para dar aos loucos de Bicêtre o direito de serem tratados como seres humanos! (R, 414)

MONTELLO, Josué

o escritor sem falsas e amigo sem falha: (EMJGR, 85)

MONTOLIEU

Mas o dono do sítio, que não sabia ler nem escrever, assim mesmo possuía um livro, capeado em couro, que se chamava o "Senclér das Ilhas", e que pedi para deletrear nos meus des cansos. Foi o primeiro desses que encontrei, de romance, por que antes eu só tinha conhecido livros de estudo. Nele achei outras verdades, muito extraordinárias. (GS: V, 287)

MORAES, Vinicius de *

Enquanto, com desconto, minimiza nota opressiva o exemplo de não-senso dado por Vinicius de Moraes, que o traduziu do inglês:

"Sobre uma escada um dia eu vi
Um homem que não estava ali;
Hoje não estava à mesma hora.
Tomara que ele vá embora." (T, 15)

*No texto rosiano, não há indicação sobre o texto traduzido por Vinicius.

MORGAN, Charles

Ver BAUDELAIRE: VICENTE, 136 (p.74)

MORUS, Thomas

Ver BERNARDES, Pe.Manuel: T, 79 (p.74-75)

MUSIL, Robert

Ver ASTURIAS: L, 14 (p.73); FREUD: L, 14 (p. 83)

PARACELSO

Paracelso (fez) gnomo, (T, 77 - g. do a.)

PASTERNAK, Boris

Há muitíssimas passagens em que eu teria de dizer a Você o que Boris Pasternak escreveu ao tcheco Hora, que lhe traduziu genialmente os poemas: (B, 115)

PERRAULT, Irmãos

Ver ANJOS, Augusto dos: T, 14-15 (p. 71-72)

PÍNDARO

Ver ANJOS, Augusto dos: T, 14-15 (p. 71-72)

PINEL

Ver MOLIÈRE: R, 414 (p.91)

POE, Edgar Allan

GRUTA DO MAQUINÉ

A gruta de Ali-Babá ainda existe,
graças a Deus, ainda existia,
quando eu disse:
-"Abre-te, Sésamo!...",
na fralda da serra,
e fui entrando, deixando cá fora
também o sol, a meio céu, querendo entrar...

Bafio quaternario. O preto
da imensa noite, anterior ao mundo,
com pesadelos agachados
e pavores dormindo pelos cantos,
enrolados nas caudas de gelatina fria,
vem me comprimir o peito e os olhos.
E ao acendermos as velas e lanternas,
a treva se retrai, como um enorme corvo,
das paredes paleozóicas,
salitradas.
Subterraneos de Poe, salões de Scheherazada,
calabouços, algaras, subcavernas,
masmorras de Luiz XI, respiradouros
do centro da terra,
buracos negros, onde as pedras jogadas
não encontram fundo, como os sonhos
de um metafísico...
Flôres de pedra,
cachoeiras de pedra,
cabeleiras de pedra,
moitas e sarças de pedra,

e sonhos d'água, congelados em calcáreo.
 Andares superpostos, hieroglífos, colunas,
 estalagmites subindo
 para estalactites,
 marulhos gotejando das pontas rendilhadas:
 —Plein!... ritmos de Infinito...
 —Plein!... e séculos medidos por milímetros...
 Não falemos, que as nossas vozes, baças,
 recuam espavoridas
 das galerias ressumantes, das reintrâncias
 de um monstruoso caracol...
 Rastros de ursos speleus e trogloditas,
 candelabros rochosos,
 lustres pendentes de ogivas,
 e a visão de Lund, sorrindo, sonhando
 com fêmures de homens primitivos,
 com ictiosáurios e com iguanodontes...
 E é preciso sair. Já é a hora
 da noite deslizar para fora da fumaça,
 e subir desenrolando as voltas
 do piton ciclópico,
 para encaixar todos anéis, na altura,
 com os milhões de escamas fosforescendo
 e o enorme olho frio vigiando...
 (M, 17 a 19)

PROUST

Ver BAUDELAIRE: VICENTE, 136 (p.74)

QUINTILIANO

Confira-se o de Quintiliano, sobre as palavras:

"Usitatis tutius utimur, nova non sine quodam periculo fingimus. Nam si recepta sunt, modicum laudem adferunt orationi, repudiata etiam in iocos exeunt. Audendum tamen; namque, ut Cicero ait, etiam quae primo dura visa sunt, usu molliuntur."

("O mais seguro é usar as usadas, não sem um certo perigo cunham-se novas. Porque, aceitas, pouco louvor ao estilo acrescentam, e, rejeitadas, dão em farsa. Usemos, contudo; pois, como Cícero diz, mesmo aquelas que a princípio parecem duras, vão com o uso amolecendo.") (T, 81)

RABELAIS

(Bizzarri: Onde poderia encontrar dados que caracterizem estas imaginações populares?)

Só, talvez, em Rabelais, nas narrações de sabaths, de bruxarias medievais, sugestões nas catedrais góticas, nas górgulas e carantonhas. (8, 53)

RAMOS, Graciliano⁷⁷

por outro lado, vamos "lavar as estrebarias de Augias". Não se trata de um movimento intencional, artificialmente con-

77. Ficou famoso o episódio que envolveu Graciliano Ramos e o julga

cebido. É, apenas, a voz dos tempos. Você acha que é por coincidência pura e simples, ocasional, que estão surgindo por toda parte, autores novos, falando em outro tom, e que os velhos, os melhores deles, começam a querer mudar de trote e acertar o passo? "Arte é artifício!", brada Graciliano Ramos. "Sagarana é a reação contra a bossa", escreve Geraldo Silos. (VICENTE, 133)

RÊGO, José Lins do

O meu desejo de comunicar com o público era mais para mostrar o cenário da minha infância, para recuperar e preservar esse mundo sob forma artística. (...) O regresso às raízes, os germes, o embrião que nos deu ser. Há em tudo isto uma preocupação religiosa, metafísica, o moralismo, uma certa tônica afirmativa do indivíduo... Este não tem decadência, não tem entrega, possui a técnica dos que sofrem de malária, eles reagem... Não é a literatura de José Lins do Rego, dos que se entregam, dos que são vencidos na literatura regional. Não, não são nunca vencidos... (CAMACHO, 45)

RILKE

a idêntica niilificação enfática recorre Rilke, trazendo, de forte maneira, do imaginário ao real, um ser fabuloso, que preexcede — o Licorne:

"Oh, este é o animal que não existe..." (T, 13)

Ver BAUDELAIRE: VICENTE, 136 (p. 74); FREUD: L, 14 (p. 83)

RÓNAI, Paulo

Ver CÂNDIDO, Antonio: R, 320 (p. 76-77)

RUSKIN

("Linguagem é poesia fossilizada (ou petrificada?)" - Ruskin.) (8, 60)

SHAKESPEARE⁷⁸

SONHO DE UMA TARDE DE INVERNO

Fiquei, longamente, a ler, no frio
da tarde quieta,

mento do livro Sagarana: concorrendo com outros 57 candidatos ao Prêmio "Humberto de Campos", e usando o pseudônimo Viator, Guimarães Rosa recebeu dois votos a favor — de Marques Rebêlo, Prudente de Moraes — e três contra — de Dias da Costa, Graciliano Ramos e Peregrino Júnior, classificando-se em segundo lugar. Em junho de 1946, dois anos depois de conhecer pessoalmente Guimarães Rosa e identificá-lo como o mesmo Viator do concurso, Graciliano Ramos publica a crônica "Conversa de Bastidores" (revista A Casa), lembrando o que ele chamou de "sururu artístico" e penitenciando-se pela atitude de então (EMJGR, 38 a 45)

78. Não há qualquer menção a Shakespeare, em Guimarães Rosa; mas, em pelo menos três aspectos, encontramos semelhança entre eles: 1. o

uma crônica do tempo merovíngio,
dos monges da Abadia de Cluny.
É um rádio gritante me trouxe, pela janela,
todo o banzo e o azougue de um samba sensual:
um vôo de cantáridas tontas
no hálito de incenso de uma nave,
fenestrada de ogivas e ventanas
e toda colorida de vitrais...

E no vago torpor do meu subsonho,
eu vi que trabalhava,
extasiado, na penumbra
parda de um meio inverno,
um monge
rendilhador de joias de ouro,
discípulo, talvez, de Santo Eloy:
depois de modelar um cimo de corôa,
com virtudes de auréola,
em meio de anjos louros,
e de cinzelar,
na pasta de sol frio do rebôrdo
de um anel real,
uma rosácea, um gládio e um globo,
deixou errar seus dedos e seus sonhos,
e fez crescer, no jalde de um cibório,
o relevo de uma Vênus
com um Cupido ao colo...

E era tão bela a sua idéia de ouro,
e foi tão casto e cristão o beijo longo
que ele pôs na deusa,
que a tênue poeira flava do seu êxtase
de pronto se esvaíu.

E então, febril,
murmurando, constante, um exorcismo,
santificando traços, disfarçando os nós,
fez depressa da Vênus uma Virgem,
e do pagãozinho alado um menino Jesus.
Depois, sorrindo, o santo joalheiro
rezou, com outro beijo, a sua contrição...

E mil diabinhos crepitaram nas chamas,
rubros, rindo,
porque agora o seu beijo
fora ardente e pagão...
(M, 59-60)

título da peça shakespeariana Sonho de uma Noite de Verão. Trad. Carlos Alberto Nunes. 2ª edição. São Paulo, Melhoramentos, s/d e o título do poema rosiano: "Sonho de uma Tarde de Inverno" (do inédito Magma); 2. em Shakespeare, a personagem Oberon pergunta: "Tou xeste a flor? Sê, pois, bem-vindo, espírito vagueante" (ato II, cē na I); em "Cara-de-Bronze", feita a pergunta "Que é, então, que ele foi trazer?", repetida em vários momentos da narrativa (NUNP, 106-121-123), a resposta vem no final, através do Grivo: "O que se manda buscar é um raminho com orvalhos..." (NUNP, 126), permitindo-nos uma outra leitura do mesmo texto (ver DANTE); 3. o delírio/êxtase do poeta, dentro da visão beatífica do céu, no ato V, cē na I, 1-28, do texto shakespeariano; em Guimarães Rosa, na vía gem iniciática de suas personagens).

SILVA, José Antonio da

Depois, o livro, a bela oferta, tão simpática do Carlos Pinto Alves.³ Uma surpresa, uma beleza. Comoveu-me.

³ Nota de rodapé: "Carlos Pinto Alves, intelectual católico, já falecido, paulista de quatrocentos anos, havia enviado para Rosa um exemplar, com dedicatória, do livro autobiográfico do pintor primitivo José Antonio da Silva". (DANTAS, 70)

SÓFOCLES

Tratemos de Heráclito, de Sófocles — arre ondeia a suástica sobre Himeto, Olimpo e Parnasso — detém ninguém o correr dos carros couraçados. (AP, 9)

STENDHAL

Stendhal (fez) egotismo, (T, 77 - g. do a.)

Ver FLAUBERT: L, 11 (p.82)

SWEDENBORG, Emanuel ⁷⁹

Meu amigo Magnomuscário para bem compreendido, saiba-se que ele é uma espécie de iogue swedenborguiano, gente que tudo muito vê, transvê, não se deixando ilusionar pela grossa aparência do nosso mundo objetivado. (AP, 192)

TAUNAY, Alfredo

Alfredo Taunay (fez) necrotério; (T, 77 - g. do a.)

TAYLOR, Frederico W.

Ver ROTEIRO I - FOUILLÉE: R, 409 (p.62)

TERÊNCIO

Lembre-se, porém, de Terêncio. Sim, os antigos; acudiu-me que representavam justamente com um espelho, rodeado de uma serpente, a Prudência, como divindade alegórica. (PE, 76)

TITO LÍVIO

Titolívio Sérvulo, esse, devia ser meu amigo. Ativo, atilado em ações, néscio nos atos; réu de grandes dotes faladores. Cego como duas portas. (T, 155)

TOLSTOI

Ver BALZAC: L, 10-13 (p.73); ROTEIRO I - TAOÍSMO: L, 15 (p.42); COMTE: R, 410 (p.61).

79. Célebre ocultista sueco, um verdadeiro homem de ciência. Em 1737, publicou Opera philosophica et mineralia, que iniciou os princípios da geologia. Em seus escritos revela seu conhecimento sobre as fraternidades secretas ou iniciáticas do Tibet e da India.

TRISMEGISTO

Assim, ao conselho quadrifonte de Trismegisto, o tres vezes magno — Saber, querer, ousar, calar-se — ajuntemos o amar, enfeixando toda a nossa deontologia. (R, 411 - g.do a.)

TURGUÊNIEV

Turguêniev (fez) niilista, (T, 77 - g. do a.)

UNGARETTI

Mas, o que me alegra, antes de tudo, meu caro Bizzarri, são os louvores, fortes, exaltados, à sua portentosa, formidável tradução. Todos a elogiam, longamente. Giancarlo Vigorelli, Puccini, o mestre UNGARETTI, e muitos outros, cujos nomes não guardo, porque aqui tudo é alegre tumulto e brábilíssima confusão. (B, 115)

VALÉRY, Paul

Já esperto arabesco espirala-se na "explicação": — "O açúcar é um pozinho branco, que dá muito mau gosto ao café, quando não se lho põe..." — apta à engendra poética ou para artifício-de-cálculo em especulação filosófica; e dando, nem mais nem menos, o ar de exegese de versos de Paul Valéry... os quais, mal à la manière de, com perdão, poderiam, quem sabe, ser:

Blanche semence, poussière,
l'ombre du noir est amère
trempée de ton absence...
(T, 14 - g. do a.)

VERESSAIEV, Dr.

Ver D'ANNUNZIO: R, 412 (p.79)

VERHAEREN

E com isso está-se de volta à poesia, colhendo imagens de eliminação parcial, como, exemplo à mão, as estrelas, que no "Soir Religieux" de Verhaeren:

"Semblent les feux de grandes cierges, tenus en main,
Dont on n'aperçoit pas monter la tige immense".
(T, 10)

VERÍSSIMO, Érico

Ver CARRERA-ANDRADE: AP, 81 a 83 (p.77)

VIRGÍLIO

Ver ANJOS, Augusto dos: T, 14-15 (p. 71); DANTE: PE, 147 (p.79)

WELLS, H.G.

IMPACIENCIA

(Duas variações sobre o mesmo tema)

-I-

Eu queria dormir
longamente...
(um sono só...)
Para esperar assim
o divino momento que eu pressinto,
em que has de ser minha...

Mas...
e si essa hora
não devesse chegar nunca?...
Si o tempo,
como as outras cousas todas,
te separa de mim?!...

Então...
ah!, então eu gostaria
que o meu sono,
friissimo e sem sonhos
(um sono só...)
não tivesse mais fim...

-II-

Si eu pudesse correr pelo tempo afora,
vertiginosamente,
futuro adiante,
saltando tantas horas tediosas,
vazias de ti,
e voar assim até ao momento de todos os momentos,
em que has de ser minha!...

Mas...
e si esse minuto faltar
nas areias de todas as ampulhetas?...
E si tudo fôsse inútil:
a máquina de Wells,
as botas de sete léguas do Gigante?!...

Então...
ah!, então eu gostaria
de desviver para traz, dia por dia,
para parar só naquele instante,
e nele ficar, eternamente, prisioneiro...
(Tu sabes, aquele instante em que sorrias
e me fizeste chorar...)
(M, 47-48)

XISTO, Pedro

Ver CAMPOS, Augusto dos: B, 61 (p.76)



ZOLA, Émile

Estes jovens tolos que declaram abertamente que não se trata mais da língua, que apenas o conteúdo tem valor, são pobres coitados dignos de pena. O melhor dos conteúdos de nada vale, se a língua não lhe faz justiça. O caso de Zola prova isso. (L, 14)

Zola (...) foi apenas um charlatão e por isso, hoje nada significa para nós, pois a necessidade que suas palavras expressam não existe mais. (L, 16)

Ver GOETHE: L, 13 (p.84); poema "Bibliocausto" (p. 59)



C A P Í T U L O I I

A Q U E S T Ã O D A I N F I N I T I D E

Um dos traços característicos na obra de Guimarães Rosa é a sua intimidade com palavras como existência, essência, transcendência e, por isso mesmo, não há como não aceitar o convite a nós, leitores, para a aventura de uma exegese que, pela amplitude do corpus e da temática, dificilmente escapará de algum tipo de limitação.

Se considerarmos existência o modo de ser do próprio homem — um dos temas centrais do Existencialismo —, estaremos admitindo as três relações apontadas por Kierkegaard e citadas por Abbagnano: a) relação com o mundo; b) relação consigo mesmo; c) relação com Deus.¹

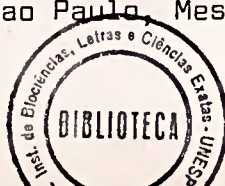
Dentro dessa perspectiva, Guimarães Rosa concorda com Heidegger, para quem o Ser-aqui é sempre a sua possibilidade, e com Sartre, que vê a existência como possibilidade, transcendência e projeto.

É exatamente nesse ponto que entra a questão da infinitude, a idéia do sem princípio nem fim, tal como a concebia Aristóteles. Tanto é verdade, que Guimarães Rosa revelou a Lorenz se sentir "no infinito como se estivesse em casa" (L, 9), afirmação que contradiz mais adiante:

Não se pode tratar o infinito com intimidade, nem com subjetivismo. É preciso ser objetivo, pois o incompreensível pode, pelo menos, ser contemplado objetivamente. Não, não, o autor não pode se permitir intimidades em sua obra. (L, 15)

Ao definir o infinito, aqui no sentido matemático, como "ren-

-
1. A relação apontada por Kierkegaard, lembra Abbagnano, "nada tem de necessário: é instável e precária. Em todo caso, ela não é constituída por liames firmes e imutáveis, mas por simples possibilidades que podem até mesmo perder-se. Aos olhos de Kierkegaard, portanto, a existência, como modo de ser constituído das relações do homem consigo mesmo, com o mundo e com Deus, apresenta-se analisável em um conjunto de possibilidades cujo caráter é justamente o de não possuir, por si mesmo, nenhuma garantia de realização". Cf. Dicionário de Filosofia. Trad. Alfredo Bosi. São Paulo, Mestre Jou, 1970, p. 380.



dez-vous das paralelas, todas" (T, 17), Guimarães Rosa nos deixa propositalmente a meio caminho da representação da infinitude — considerando tempo e espaço —, como se o encontro das linhas fosse possível um dia. Por outro lado, a alma, que não pertence a um nem a outro, aspira à Verdade, à Beleza, à Eternidade, ao Absoluto, ao Infinito, que é Deus.

Quando Rosa descobre que "a única porta para o infinito" é o idioma, logo procura desfazer essa certeza, completando: "mas infelizmente está oculto sob montanhas de cinzas" (L, 12). Nessa espécie de jogo de ambigüidades estudadas, Guimarães Rosa reverte as expectativas dos leitores que, a essa altura, pensavam ter descoberto um posicionamento definitivo do autor.

E aqui lembramos a afirmação de Meyer Clason a esse respeito: "Poder-se-ia dizer que o idioma de Rosa é composto de dois elementos: do ativo e do contemplativo —, novamente em conformidade com o caráter de seu criador" (MC, 54), o que nos remete ao poema

REGRESSO²

Não agüento depor
nem um tijolo a mais
na minha torre,
e já esqueci as linguas
dos outros homens.
Ah, quem me dêra
não perder a minha própria língua!...

É bem noite.
Posso sahir da minha casa
e sentar-me naquela pedra,
que á noite não tem dono,
debaixo das grandes árvores,
que á noite não têm sombra.

Oh!...que bom, uma palavra basta
para refazer o meu idioma:
— "Sofrimento...Sofrimento..."
e não a esquecerei!...
(M, 90)

Diferentemente de Kierkegaard, o que se vê aqui é que, em Guimarães

2. Com os versos "e já esqueci as linguas / dos outros homens", o poeta quer dizer que já esqueceu a língua de transmissão das coisas comuns. Ao mesmo tempo, quer a língua que recria a metafísica e a mística do seu universo escritural.

dez-vous das paralelas, todas" (T, 17), Guimarães Rosa nos deixa positivamente a meio caminho da representação da infinitude — considerando tempo e espaço —, como se o encontro das linhas fosse possível um dia. Por outro lado, a alma, que não pertence a um nem a outro, aspira à Verdade, à Beleza, à Eternidade, ao Absoluto, ao Infinito, que é Deus.

Quando Rosa descobre que "a única porta para o infinito" é o idioma, logo procura desfazer essa certeza, completando: "mas infelizmente está oculto sob montanhas de cinzas" (L, 12). Nessa espécie de jogo de ambigüidades estudadas, Guimarães Rosa reverte as expectativas dos leitores que, a essa altura, pensavam ter descoberto um posicionamento definitivo do autor.

E aqui lembramos a afirmação de Meyer Clason a esse respeito: "Poder-se-ia dizer que o idioma de Rosa é composto de dois elementos: do ativo e do contemplativo —, novamente em conformidade com o caráter de seu criador" (MC, 54), o que nos remete ao poema

REGRESSO²

Não agüento depor
nem um tijolo a mais
na minha torre,
e já esqueci as línguas
dos outros homens.
Ah, quem me dêra
não perder a minha própria língua!...

É bem noite.
Posso sahir da minha casa
e sentar-me naquela pedra,
que á noite não tem dono,
debaixo das grandes árvores,
que á noite não têm sombra.

Oh!...que bom, uma palavra basta
para refazer o meu idioma:
— "Sofrimento...Sofrimento..."
e não a esquecerei!...
(M, 90)

Diferentemente de Kierkegaard, o que se vê aqui é que, em Guimarães

2. Com os versos "e já esqueci as línguas / dos outros homens", o poeta quer dizer que já esqueceu a língua de transmissão das coisas comuns. Ao mesmo tempo, quer a língua que recria a metafísica e a mística do seu universo escritural.

dez-vous das paralelas, todas" (T, 17), Guimarães Rosa nos deixa positivamente a meio caminho da representação da infinitude — considerando tempo e espaço —, como se o encontro das linhas fosse possível um dia. Por outro lado, a alma, que não pertence a um nem a outro, aspira à Verdade, à Beleza, à Eternidade, ao Absoluto, ao Infinito, que é Deus.

Quando Rosa descobre que "a única porta para o infinito" é o idioma, logo procura desfazer essa certeza, completando: "mas infelizmente está oculto sob montanhas de cinzas" (L, 12). Nessa espécie de jogo de ambigüidades estudadas, Guimarães Rosa reverte as expectativas dos leitores que, a essa altura, pensavam ter descoberto um posicionamento definitivo do autor.

E aqui lembramos a afirmação de Meyer Clason a esse respeito: "Poder-se-ia dizer que o idioma de Rosa é composto de dois elementos: do ativo e do contemplativo —, novamente em conformidade com o caráter de seu criador" (MC, 54), o que nos remete ao poema

REGRESSO²

Não agüento depor
nem um tijolo a mais
na minha torre,
e já esqueci as línguas
dos outros homens.
Ah, quem me dêra
não perder a minha própria língua!...

É bem noite.
Posso sahir da minha casa
e sentar-me naquela pedra,
que á noite não tem dono,
debaixo das grandes árvores,
que á noite não têm sombra.

Oh!...que bom, uma palavra basta
para refazer o meu idioma:
— "Sofrimento...Sofrimento..."
e não a esquecerei!...
(M, 90)

Diferentemente de Kierkegaard, o que se vê aqui é que, em Guimarães

2. Com os versos "e já esqueci as línguas / dos outros homens", o poeta quer dizer que já esqueceu a língua de transmissão das coisas comuns. Ao mesmo tempo, quer a língua que recria a metafísica e a mística do seu universo escritural.

Rosa, o existencial não é devorado pelo religioso nem este é devorado pelo existencial, mas aprendeu a conviver com ele, indo mais longe, quando se lembra que o sofrimento, neste último, é caminho para a eternidade: "Imortal é o que é do sofrido e espírito; tudo, abaixo daí, é póstumo" (EMJGR, 82), "Ambição illimitada e entusiasmo incessante na acção, isto é o que mais importa" (R, 204 - carta a Vicente Guimarães, 19/11/1938).

Outro tema que caracteriza esse movimento de pensamento é a existência,³ o modo de ser do homem e sua tentativa de superação da angústia. Enquanto, para alguns existencialistas, existir significa viver a própria problematidade, para Guimarães Rosa "A gente tem de existir — por corpo, real, continuado — condenado" (T, 64) — estar condenado para a morte é heideggeriano —, e essa aprendizagem não tem fim (NUNP, 243).

Existência, porém, não se confunde com essência, tanto para os existencialistas como para Guimarães Rosa. Em outras palavras, se a existência é o modo de ser, a essência é o ser em si sem considerarmos a existência; ou, como explica José Ferrater Mora,⁴ referindo-se aos autores medievais, os escolásticos Guilherme de Auvernia, Alexandre de Hales, São Boaventura, Santo Alberto Magno, São Tomás de Aquino:

esencia es una respuesta a la pregunta quid sit res (qué es la cosa) en tanto que la existencia es una respuesta a la pregunta an res sit (si la cosa es).

Por outro lado, na metafísica existencial rosiana, o tema da vida e o tema da morte ressurgem com igual força das teorias platônicas, determinando uma escritura voltada para o transcendente, onde Deus é o Ser necessário, e, o homem, o ser contingente que busca no Criador a plenitude e a perfeição. O conflito interno, que advém dessa busca incessante, será o ponto central deste CAPÍTULO.

3. No conceito de existência moderno, "ser" implica "existir".

4. Cf. José Ferrater Mora. Dicionário de Filosofia. 2ª edição. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1980.

1. O contingente e o absoluto: relações entre existência e essência

O assunto concernente às relações entre o contingente e o absoluto tem importância fundamental para o nosso trabalho. A fim de melhor compreender essas relações no universo rosiano, nosso ponto de partida será tentar definir um e outro, separadamente.

O termo contingente⁵ sempre se fez acompanhar de ambigüidade, tanto ao significar o "possível" (na terminologia filosófica latina) ou o "possível e necessário" (na tradição escolástica) como o "não-determinado", livre e imprevisível (na filosofia contemporânea). Opõe-se a necessário, que é Deus; Deus não acontece, Ele é sempre. Em outras palavras: o contingente é o que pode ser e pode não ser, é o que acontece e pode não acontecer; o possível é o que pode acontecer.

Em Guimarães Rosa, há pelo menos duas referências bastante esclarecedoras do seu posicionamento sobre o assunto. Uma delas ocorre no conto "O Espelho":⁶

Pouco a pouco, no campo-de-vista do espelho, minha figura reproduzia-se-me lacunar, com atenuadas, quase apagadas de todo, aquelas partes excrescentes. Prossegui. Já aí, porém, decidindo-me a tratar simultaneamente as outras componentes, contingentes e ilusivas. Assim, o elemento hereditário — as parecenças com os pais e avós — que são também, nos nossos rostos, um lastro evolutivo residual. (PE, 75-76)

Por componentes "contingentes" — no sentido histórico e não metafísico —, entendemos aqui as componentes eventuais, incertas, determinadas pelo acaso, pela aventura, pelo medo, por fenômenos sutis que podem prejudicar a procura do "eu por detrás de mim" (PE, 73). As componentes "ilusivas" — ilusórias, possíveis ou não

5. Sobre contingência, ver Luiz Costa Lima Filho, "A expressão orgânica de um escritor moderno". In: Diálogo 8. São Paulo, novembro de 1957, p. 86 e Franklin de Oliveira, In: Afrânio Coutinho, A Literatura no Brasil. Modernismo - Vol.V. 2ª edição. Rio, Editorial Sul Americana S.A., 1968, p.410.

6. Ver Platão, Timeu, p. 46 ss.

— reforçam esse sentido.

Em outra oportunidade, quando profere o discurso de posse na Academia Brasileira de Letras, afirma sobre João Neves da Fontoura, cuja cadeira passaria a ocupar: "Sua palavra era lavada forra do ideal sôbre o contingente" (EMJGR, 63).

Ao sobrepor o ideal ao contingente,⁷ Rosa define o amigo João como alguém que, para atingir o que se propusera como meta, não se deixou levar pelas contingências da vida, buscando neutralizar o destino talvez com o mesmo não "metafísicado" da personagem do conto "Fatalidade" (PE, 63). Para ele, a liberdade é uma aprendizagem que se faz acompanhar de dúvidas ou certezas não menos questionáveis: a liberdade "só pode ser de mentira" (T, 139); "só pode ser um estado diferente, e acima" (T, 141); "é absurda. A gente sempre sabe que podia ter sabido" (AP, 100); "As pessoas não se libertam" (T, 140); "os que resguardam a paz e a liberdade são 'esdrúxulos'" (T, 170), incluindo o próprio Guimarães Rosa, que não esconde de Edoardo Bizzarri uma das etapas do que ele chamou de Operação Liberação: "limpar as gavetas e o espírito" (B, 127- carta de 7/3/1967), ou, como explicou a Lorenz: "liberar o homem desse peso, devolver-lhe a vida em sua forma original" (L, 13), reviver o ato da criação. A propósito, vale lembrar trecho de discurso em espanhol feito por Guimarães Rosa no Congresso Latino-Americano de Escritores (México, maio de 1967):

Porque yo siento que un escritor latinoamericano, independientemente de su preocupación de mantener tendencias sociales y políticas, debe vivir, ante todo, bajo el signo de la libertad. (EMJGR, 34)

Podemos dizer também que a liberdade é caminho para o absoluto.⁸ Esse

7. Contingente, aqui, está no sentido comum.

8. Exemplo de busca do Absoluto podemos encontrar em Riobaldo, de Grande Sertão: Veredas, aliás já apontada por Consuelo Albergaria, In: Bruxo da Linguagem no Grande Sertão, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1977, p. 51: "Riobaldo, este, é um adepto e cumpriu determinados ritos que lhe permitiram ascender espiritualmente e descobrir o sentido escondido — esotérico — que se oculta da curiosidade profana. Riobaldo busca algo mais profundo, menos imediato e aparente; tende para algo radical que acarrete uma modificação completa da sua personalidade. Só assim ele pode escapar às puras contingências e atingir o conhecimento e posse das realidades e causalidades superiores".

é um outro tema existencialista recorrente na obra rosiana, onde a ânsia do absoluto, de que fala a Bizzarri (B, 24), de certa forma con-flitua com a precisão do absoluto, "entorpecedora e distanciadora", da qual o próprio Rosa diz envergonhar-se (EMJGR, 71-72). Mas ele também fala da "Razão Absoluta" (PE, 148); da "concepção hegeliana do erro absoluto", que ele questiona (T, 9); do "absoluto da soledade", que o homem rosiano sente (EE, 225); das "PORTAS ABSOLUTAS" (AP, 32); da "al ma absoluta", pura (GS:V, 22); do "nada absoluto" (T, 10); enfim, do Deus Absoluto:

De fato, aceitava a Deus — como ideal, efetividade e proto-princípio — pio, inabalável. (T, 165-166)

Para ascender ao Absoluto, há que se percorrer uma estrada cognoscitiva que, segundo São Tomás de Aquino,⁹ e propriamente Aristóteles, se abre para cinco caminhos ou "categorias" — ¹⁰ a primeira das quais já conhecemos —, apontadas por ele como provas da existência de Deus: além da contingência, o movimento, a causalidade, os graus do ser e a ordem no mundo.

Outro ponto a salientar é a procura de "uma existência central, pessoal, autônoma" (PE, 77) aqui mesmo, no "plano terreno" (EMJGR, 85).

Na sua filosofia de vida, Guimarães Rosa aponta duas formas de existência: a real e a ideal. Existência real, no sentido do estar aí (Dasein), usado originalmente por Kant, significando tanto a existência das coisas finitas quanto a de Deus (Crítica da Razão Pura, Anal. II, cap. 2, sec. 3,4), adaptada à realidade do homem do sertão:

Então, em fim de vencer e ganhar o passado no presente, o que ele se socorrera de aprender era a precisão de transformar o poder do sertão — em seu coração mesmo e entendimento. Assim na também existência real dele sertão, que obedece ao que se quer. — "Tomar para mim o que é meu..." (NS, 97),

talvez mais próxima ainda do ser do homem no mundo, de que fala Hei-

9. São Tomás de Aquino não repete Aristóteles.

10. Eis as cinco categorias enumeradas por Platão: o ser, o movimento, o repouso, a identidade e a alteridade (Sof., p. 254 ss.). Já Aristóteles enumera dez categorias: Substância, Quantidade, Qualidade, Relação, Lugar, Tempo, Posição, Ter, Agir e Sofrer.

degger.

É interessante lembrar também que os dois usos fundamentais do ser podem ser encontrados na obra rosiana. Referimo-nos ao uso predicativo — "o um é um" —, e ao uso existencial — "o um é (existe)", de que fala Platão (Parmênides, 137 c; 142 b). Exemplos do uso predicativo: "Tudo é incauto e pseudo" (T, 168); "(...) somos os humanos" (T, 171); "Tudo o que é ruim é fora de propósitos..." (T, 180); "Era só um ser linear" (EE, 200). Exemplos do uso existencial: "A gente é no sertão" (MM, 70); "Seo Aristeu sabia ser" (MM, 104); "(...) E o Gri vo é; todo-o-mundo já sabe" (NUNP, 74); "Hei que ele é" (T, 76); "Con clua-se. Somos. Sou — ou transpareço-me?" (T, 158); "Nasci para ser" (GS:V, 447).

Existência ideal, por sua vez, aparece no sentido usado por Huizinga, relacionado à dominação "da natureza humana" (AP, 118 - g. do a.), ao qual Guimarães Rosa retorna em seu discurso de posse na Academia Brasileira de Letras:

Mas, o que o homem é, depois de tudo, é a soma das vêzes em que pôde dominar, em si mesmo, a natureza. Sobre o incompleto feitio que a existência lhe impôs, a forma que ele tentou dar ao próprio e dorido rascunho. (EMJGR, 83)

Mas, à natureza humana —¹¹ aqui considerada no sentido usado por Aristóteles como "o princípio e a causa do movimento e do repouso da coisa à qual é inerente primeiramente e por si, não acidentalmente" (Phys., II, 1, 192 b 20) —, Guimarães Rosa sobrepõe a natureza divina, Deus com sua doçura (GS:V, 356) e força "lá em-cima, sem descuido, garantindo tudo" (S, 356).

No nosso modo de entender, a definição de natureza em Guimarães Rosa se aproxima da definição dos pré-socráticos (physis), isto é, natureza como substância ou essência necessária, caracterizada como individual, variando de pessoa para pessoa (T, 66); mutante (MM, 142; GS:V, 139); computadora (EE, 80); caminho ocultado (EE, 206); diferente (GS:V, 179); mal completada (GS:V, 349); decaída (AP, 26), mas que ainda pode ser consertada, pois "fonte seca brota de novo — o rebrotado" (PE, 111). Corroboram essa linha de pensamento as inúmeras

11. Ver Abbagnano, Dicionário de Filosofia, p. 670.



ocorrências do termo substância e sua variante sustância (T, 164, MM, 172, NS, 47; AP, 33; GS:V, 155, 227, 228, 310), os homens sendo "substantes sêres" (PE, 140). Lembramos também o conto "Substância" (PE, 151-156), onde a essência tão procurada encontra-se na pureza do polvilho, cuja "intensidade brilhante" reflete a "outra luminosidade" — de Deus, o Único Ser em que a essência é a própria existência, como afirma São Tomás de Aquino, em sua doutrina.

Há um outro aspecto da questão, igualmente importante, na obra rosiana. Referimo-nos ao conceito de essência, não mais como substância, mas sim como resposta à pergunta o quê?, que complementa principalmente verbos como querer,¹² buscar e similares.

É assim que a personagem rosiana busca "verificar, acertar, trabalhar um modelo subjetivo, pré-existente; enfim, ampliar o ilusório, mediante sucessivas novas capas de ilusão" (PE, 74 - g. do a.)

Pelo fato de que "só sabemos de nós mesmos com muita confusão" (T, 155), o homem, eterno perquiridor espiritual, quer acima de tudo viver na essência, sem se prender a nenhuma aparência; quer o que "era" seu, "mas que o desconhecido era, duvidável" (GS:V, 318); quer "uma coragem de abrir a janela, espiar no mais alto, agarrado com os olhos, elas tôdas, as Sete-Estrêlas" (MM, 44) e, principalmente, quer ficar "acordado": "Uma coisa, a coisa, esta coisa: eu somente queria era — ficar sendo" (GS:V, 318).

A fonte da sabedoria está no interior do homem, e o retorno a ela é caminho para se conhecer a origem do nosso ser e de todas as coisas. Mas também está nas coisas simples da vida, por isso é necessário buscar "um raminho com orvalhos...", "palavras-cantigas", a poesia (NUNP, 126), isto é, "'Só o que fôr manso e o que fôr bonito!..." (S, 296), belo e bom. Assim, a aspiração maior das criaturas é unir essência e existência, igualar-se ao Ser de Deus.¹³

2. O sentimento dramático da existência: o problema da morte¹⁴

Dentro da perspectiva rosiana sobre a teoria do ser em geral

12. Ver MM, 44; GS:V, 42-43-119-318; AP, 101-188.

13. A discussão é escolástica: perto de Deus, nós somos infra-seres.

14. Ver Unamuno, Do Sentimento Trágico da Vida. Trad. Cruz Malpique. Porto, Editora Educação Nacional, 1953.

(o que os entes têm em comum) e a teoria do ente (a estrutura de cada um), o lugar do homem no mundo é questão primordial, do ponto de vista filosófico, metafísico, religioso e poético.

Para se entender o processo de mutação por que passa o indivíduo, é preciso conhecer a concepção do mundo, segundo Guimarães Rosa, para quem o sertão — "este mundo original e cheio de contrastes" — simboliza o seu próprio universo (L, 7).

Guimarães Rosa aborda esse assunto em, pelo menos, duas oportunidades. A primeira delas é através de carta endereçada ao amigo João Condé, em 1946. Diz Rosa:

Assim, pois, em 1937 — um dia, outro dia, outro dia... — quando chegou a hora de o "Sagarana" ter de ser escrito, pensei muito. Num barquinho, que viria descendo o rio e passaria ao alcance das minhas mãos, eu ia poder colocar o que quisesse. Principalmente, nêle poderia embarcar, inteira, no momento, a minha concepção-do-mundo.¹⁵ (R, 332)

Em abril de 1966, diria a seu entrevistador Fernando Camacho:

A minha concepção do mundo não é de verdade material, objetiva... Essa realidade objetiva não existe, eu não acredito nela, é apenas aparência. A verdade, a verdadeira realidade é outra coisa para além desse mundo objetivo, outra coisa... que se encontra nesse mundo das Primeiras Estórias, na estória daquela meninazinha, da menina que faz milagre, Nhinhinha, "A Menina de Lá". (...) Nhinhinha adoeceu e morreu. Dizem que da má água, desses ares. Portanto a explicação realista que na verdade nada explica porque na verdade todos os vivos atos se passam longe demais. A verdadeira causa das coisas não é material. Não é o micróbio que mata, esses são apenas os agentes. Há mais alguma coisa... nós estamos entre sombras... (CAMACHO, 48)

A primeira ilação a que se chega é a de que metafísica, religião, filosofia e poesia não podem ser vistas separadamente no universo rosiano, se não se quer perder a idéia de conjunto, centralizada na existência de três mundos: o mundo inferior, o mundo intermediário e o mundo superior.

Com relação ao mundo inferior,¹⁶ a primeira coisa que se

15. A concepção do mundo em Guimarães Rosa é puro platonismo.

16. No mundo "de lá debaixo", a salvação depende de cada um (T, 142), o avanço é "imperceptível" (T, 99). Ver EE, 49; AP, 41-120; GS:V, 169; NUNP, 13; T, 99-195-212 - EMJGR, 87 - SILVA II, 32 e R, 299.

percebe é que, dos três, é o mais rico em adjetivação, fazendo supor que Guimarães Rosa a ele se refira mais vezes do que aos outros. Símbolo do movimento e da transformação, pode ser movediço, misturado, mutável, disforme, desordenado, trabalhoso, volteador. Mas também é mágico, "aquela ampla estreiteza" (T, 164) ou como dizia tio Diógenes, personagem de "O Outro ou o Outro": "Somente: — 'O que este mundo é, é um rosário de bolas...'" (T, 122 - g. do a.). Para Rosa, viver na terra é conhecer o caos e o sofrimento.

Já o mundo intermediário¹⁷ simboliza a passagem, a ponte, o início da "torna-viagem" (NUNP, 26-97), a "Jornada penúltima" (T, 204), travessia.

O terceiro mundo ou mundo superior equivale ao "Céu, 'existência simbólica'", cosmos, harmonia ou ainda a imóvel eternidade. É o mundo encantado a que a pessoa tem acesso quando morre; tal como a ave, ascende ao mundo "astral" ou o "plano das idéias", dos "arquétipos" (B, 63-64). Percorrida a vereda da salvação, atinge-se o plano da existência, que não morre em si mesma. Está-se na poesia;¹⁸ a grande aventura chega ao seu final de redenção e ressurreição:

Pois teu sentido e ser, fim e comêço,
é a vida que te aguarda além da morte.
(R, 266)

Essa divisão em mundo objetivo e mundo ideal é puro platonismo. A aparente contradição — pensamento dialético — na adjetivação do mundo "de lá debaixo" reflete momentos existenciais do autor.

Para uma interpretação mais ampla dos três mundos rosianos, o conto "As Margens da Alegria" (PE, 2 a 7) pode ser o ponto de partida. Basta que se acompanhe a viagem do Menino que sai do mundo "móvel" e "maquinal" — "hostil espaço", que "quase nada medeia" — para o "espaço em branco", o "não-sabido", o "mais", as "novas tantas coisas", os "castelos já armados", o "estranho, desconhecido". O ponto de che-

17. Além da ponte, a porta também é símbolo de passagem no mundo intermediário. Ver T, 124. Embora a palavra travessia remeta a Gran-
de Sertão: Veredas, implicitamente essa idéia percorre toda a obra rosiana.

18. No "mundo da poesia", as essências são as idéias, arquétipos inte
ligíveis de quanto existe (platonismo). Ver SILVA I, 33.

gada certamente confirmará o que o próprio Guimarães Rosa chamou de seu "mundo interior", que é a soma do "valor místico do sofrimento", da "consciência" e "da proximidade da morte", mais a "diplomacia, o trato com os cavalos, vacas, religiões e idiomas" (L, 7), temas que perseguiu em sua vida pública e em sua literatura.

Não é sem razão que Emmanuel Mounier¹⁹ inicia o capítulo intitulado "A concepção dramática da existência humana", lembrando que

Todo o existencialismo é uma filosofia do homem antes de ser uma filosofia da natureza. Portanto, quer seja ou não cristão, caracteriza-se sempre, não direi por um pessimismo — porquanto o pessimismo é, como o optimismo, um sistema que recai sobre o mundo oferecido em espetáculo e não é expressão da existência humana — mas por uma concepção singularmente dramática do destino do homem,

ser contingente que vive, na maioria das vezes, preso a circunstâncias que o afastam do espiritual.

Na passagem do Caos ao Cosmos, "das trevas à luz (Sol), da preexistência de uma raça humana à sua manifestação (antepassado mítico), da vida à morte e à nova existência post mortem (a alma)", de que nos fala Mircea Eliade,²⁰ opera-se uma verdadeira mutação ontológica, onde o "estar-no-mundo" — "nosso conflito essencial e drama talvez único" (T, 115 - g. do a.) — coloca o homem diante de uma realidade transformadora.

É nesse universo transitório, captado por Guimarães Rosa com tanta propriedade que, segundo Alfredo Bosi (História Concisa da Literatura Brasileira, 485), "Sujeito e objeto opõem-se na aparência, mas no fundo partilham de algo infinitamente mutável: o devir":²¹ Eis alguns exemplos:

É e não é. O senhor ache e não ache. Tudo é e não é... Quase todo mais grave criminoso feroz, sempre é muito bom mari

19. Cf. Emmanuel Mounier, Introdução aos existencialismos. Trad. João Benard da Costa. Lisboa, Livraria Moraes Editora, 1963, p. 49 a 96.

20. Ver Mircea Eliade, O Sagrado e o Profano. Trad. Rogério Fernandes. Lisboa, Edições "Livros do Brasil", s/d, p. 187.

21. Aqui Sujeito e objeto opõem-se apenas gramaticalmente. Ver Alfredo Bosi, História Concisa da Literatura Brasileira. 2ª edição. São Paulo, Cultrix, 1980, p. 485. Sobre o devir, ver também Heidegger, Introdução à Metafísica. Introd., trad. e Notas de Emmanuel Carneiro Leão. Rio, Tempo Brasileiro, 1969, p. 94-123. Platão, Timeu, 28 a; 50 c.

do, bom filho, bom pai, e é bom amigo-de-seus-amigos! Sei desses. Só que tem os depois — e Deus, junto. Vi muitas nuvens. (GS:V, 12)

Mire veja: o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas — mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam. Verdade maior. É o que a vida me ensinou. (GS:V, 20-21)

No texto rosiano, é preciso lembrar, "O de-vir, que não se sabe" (MM, 151) pressupõe mudança absoluta ou substancial nas "criaturas humanas" que, segundo Guimarães Rosa, têm as seguintes características: são seres "incompletos, bulhentos, na vãidade (sic) de viver" (NS, 216); são "rascunhos" que devem "ser retocados sem cessar, até a hora da libertação pelo arcano, a além do Lethes, o rio sem memória" (EE, 219). Nesse caso, o presente de incompletude nada mais é que consequência do passado, também "plástico e contraditório rascunho" (T, 49). Daí refazer o rascunho significar retorno às origens.

Vai chegar o momento em que esse homem, de feitio incompleto por imposição da existência (EMJGR, 83), emergirá "inteiro pronto de suas próprias profundezas" (EMJGR, 85). Esse momento é o da morte.

Para chegar a ele, só é preciso estar-no-mundo. Mas esse aparente simples estar traz uma série de implicações, cuja complexidade se faz sentir nos diferentes sintagmas utilizados ou sugeridos por Guimarães Rosa — estar "definitivo" (GS:V, 144); "em acabamento" (NUNP, 38); "de dentro, ou de fora" (S, 332); "Em loxodrômicas", isto é, em curvas (EE, 37); "prisioneiro" (EE, 221); "em atormentados" (NUNP, 88); "sentenciado" (PE, 28); estar "eterna . Talvez, necessária" (EE, 203); "morto" (EE, 208) — e as aventadas hipóteses de estar "onde não-estás" (AP, 35), estar/não-estar lá, estando (GS:V, 255-256-351 e PE, 119); "estar-estâncias" (GS:V, 135), querer estar "com o arrojo de Deus" (GS:V, 418) e, finalmente, "não-estar-mais-dormindo e não-estar-ainda-acordado" (PE, 170), estado intermediário da passagem de um plano a outro.

Todas essas predicções vêm de encontro às diversas modalidades de estado, que são as seguintes: estado impuro (AP, 197); estado de dormindo (MM, 42); estado larval (T, 77); estado de Joca Ramiro (GS:V, 275); estado pendente (T, 62); estado novo de ser (EE, 66); estado preto (GS:V, 11); estado de lei (GS:V, 160); estado de jagunço (GS:V, 131); estado calado (GS:V, 36); estado deserto (EE, 224); estado do demônio (GS:V, 49); estados de discórdia (EE, 254); estado de

segredo (GS:V, 68); estado de Job (T, 171 e EE, 228); estado gasoso (R, 333); estado do lugar (AP, 225); estado de terra (NUNP, 73) e estado de alma (S, 242).

Por outro lado, se a obra rosiana se caracteriza pela presença de opostos fundamentais — alguns deles já apontados por nós — como obscuridade e luz, finito e infinito, há que se considerar, com Jeanne Delhomme:²²

que la finitude de l'être ne signifie d'aucune manière son immobilité ou son inertie; c'est l'infini qui est immobile et inerte, c'est l'infini dont la liberté n'est qu'une essence et non une existence; l'être-néant est libre, d'une terrible liberté; car sa contingence même ne lui est d'aucun poids, ou plus exactement, par le fait de sa contingence et de sa finitude, ce qui ne fait qu'un, il échappe au principe comme à l'essence; alors, il est véritablement étrange et incroyable, puisque rien ne lui donne de formes préalables, rien ne constitue pour lui un "déjà donné" ou un "déjà fait" auquel il doive se conformer; sa liberté paradoxale est son étrangeté, elle est l'autre nom de sa finitude; c'est en toi, être cher et limité, que peut surgir un jour ce qui m'étonne et me désarme, ce que je n'attendais pas, ce qui sera pour nous un absolu renouvellement.

Continuando nessa mesma linha de pensamento, Guimarães Rosa não esconde suas dúvidas e anseio de respostas convincentes a uma questão que considera crucial, nas relações do homem com o mundo, consigo mesmo e com Deus:

E como é que às criaturas confere-se possibilidade de existirem soltas, assim separadas umas das outras, como bolas ou caixas, com cada qual um mistério particular, por aí? (T, 169)

Ao formulá-la, Guimarães Rosa reitera a sua preocupação com o problema da trajetória de cada criatura, de acordo com o seu modo de ser. A comparação com figuras geométricas ("bolas" e "caixas", círculos e quadrados) mostra que a relação das criaturas com a realidade que as circunda é extremamente complexa. De um lado, temos personagens transitórias como o senhor do Vilamão (MM, 185) e Tio Man'Antonio (PE, 83), este último também chamado de transitoriante e transitoriador (PE, 86-88); transientes como o Narrador, no conto "Páramo" (EE, 221); tran-

22. Cf. Jeanne Delhomme, La Pensée Interrogative. Paris, Presses Universitaires de France, 1954, p. 113.

seuntes como "a vaca, o homem, a vaca" (PE, 68), "Os Chapéus" (EE, 54), Gorgulho, Pedro Orósio, Guéque e Laudelim (NUNP, 31-38-52); em síntese, inte, iente, e eúnte (EE, 240), a impermanência (PE, 77), o "descanso nenhum, em nenhuma parte" (T, 69), o homo viator.²³ De outro lado, encontramos referências a um "outro" tipo de repouso — o da Maria Behú é um exemplo (NS, 222) —, relacionado à proximidade da morte (T, 35 e AP, 224) — o repouso mortescência (AP, 113); substitui o sofrimento (NUNP, 200), é condição necessária para o ato de meditação (T, 91), simboliza o homem permanecente (NUNP, 21). Concluindo, tanto o estado dinâmico como o estático, em Guimarães Rosa, podem levar à beatitude do ser. O repouso definitivo está em Deus.

Todas essas qualificações das personagens rosianas são marcas da fragilidade humana, impregnada dos sentimentos de angústia e de medo, que caminham juntos e se completam, mas não se confundem num mesmo estado emotivo.

Enquanto, para Guimarães Rosa, a angústia²⁴ é "essa maligna transparência, às isostáticas" (EE, 41), ora "religiosa em ação" — no sentido de "ascender", "transcender" (B, 27) —, ora "estática" (T, 8), o medo "é uma pressa que vem de todos os lados, uma pressa sem caminho..." (S, 294), "a extrema ignorância em momento muito agudo. O medo O" (PE, 9), "talvez" (...) a revivescência de impressões atávicas?" (PE, 73) ou ainda:

O que o medo é: um produzido dentro da gente, um depositado; e que às horas se mexe, sacoleja, a gente pensa que é por causas: por isto ou por aquilo, coisas que só estão é fornecendo espelho. A vida é para esse sarro de medo se destruir; jagunço sabe. Outros contam de outra maneira. (GS:V, 277-278)

De onde vem (...) o medo? (T, 74)
O medo surgindo de tudo. (NS, 74)

Com o autor, aprendemos também a distinguir vários estágios angustiantes do medo de viver — que compreende o medo "de sofrer" (NS, 89) ;

23. Sobre homo viator, ver R, 334 e T, 69. Viator foi o pseudônimo com o qual Guimarães Rosa ganhou o Prêmio Humberto de Campos com Sagarana. Essa condição de "itinerante", a que Guimarães Rosa se refere, é objeto de estudo de Gabriel Marcel, em Homo Viator (1945).

24. Cf. Emmanuel Mounier, Op.Cit., p. 65 a 67.

Medo da felicidade

Estremecemos juntos...
Que Potência má será a soberana
desse vento frio que passou?
(M, 44)

"de fechar as portas, (...) de ficar na rua, (...) de falar e de ficar calado, (...) de existir" (S, 349); da "mata" (MM, 6) e do "mato" (NS, 125); da "miséria do uso — um medo constante, acordado e dormindo, anoitecendo, amanhecendo" (MM, 129); "de espiar para trás" (NUNP, 84-85); "de repetição" (NS, 114); "dos espelhos" (PE, 72); "de esquecer" (AP, 35); "de errar" (B, 123); e de morrer "no infinito Nada" (EE, 233), tema que Guimarães Rosa retoma de um poema do livro Magma, que transcrevemos a seguir (M, 92):

ANGÚSTIA

Estou com medo das roupas da noite,
dos vultos quietos, das sombras das cousas,
que pulam, longas, com pés tão longos
e de uma coisa fria, qualquer coisa grande,
que lá do longe, do não sei onde,
vem vindo para mim.
Talvez do fundo das grandes matas por onde andei,
talvez da terra das cousas vivas que eu enterrei,
talvez dos cantos do quarto escuro da minha infância,
talvez das cavernas de dragões negros de livros que li...
Vem vindo, e o vento está uivando,
vem vindo, e os cachorros estão soluçando,
vem vindo da treva, para me agarrar...
Talvez ela venha roubar meu amor,
talvez lembrar-me cousas passadas,
talvez buscar-me para a escuridão...
Já está perto, já vem pesando,
vem me apalpando,
vem me apertando,
vem de uma cova,
e eu vou morrer...

O tom confessional do poema abre espaço para a pergunta: onde encontrar, então, o "remédio" contra o medo, a angústia, a "sufocação"? É o próprio Guimarães Rosa quem responde: o "remédio" está na "poesia" (R, 447).

Na obra rosiana, encontramos, a todo momento, personagens preocupadas em viver²⁵ sob a proteção divina, esforçando-se para aprender

25. Sobre viver, cf. MM, 116 - R, 197 - PE, 140 - EE, 225 - AP, 226. Ver também: GS:V, 11-18-30-40-67-180-205-237-380-443. Sobre morrer, cf. MM, 36 - GS:V, 43-70-163 - S, 299 - PE, 47 - NUNP, 123 - AP, 41.

a "navegar", na terra, com religião. Rezar, agüentar, corrigir-se, mudar, são os seus propósitos principais. Somente quando a mudança se operar completamente, será possível concretizar-se a esperança de glória eterna.

Mas não se consegue beneficiar, a si próprio e aos outros, de uma hora para outra. É preciso, antes, distanciar-se "das possibilidades manejáveis das coisas" (AP, 92). Em síntese, viver é perigoso, quase impossível, mas a personagem rosiana não desiste, e o segredo dessa luta incessante está na intuição de que viver é ultra-existir, é sabedoria, é poesia.

Já morrer é um navegar direcionado para o Céu. Mais do que descansar, deixar de sofrer, repousar, o sonho do homem rosiano é voar por sobre trans abismos — transviver —, deixar o mundo desordenado da mesma forma "como de manhã as estrelas diz-se que poeticamente se apagam" (EE, 79) e reentrar no paraíso, que é o mundo da poesia, o que nos permite chegar à seguinte arguição: se viver de filosofia é viver de poesia; se morrer de filosofia talvez seja morrer de poesia; "VIVECELONLHEVREDELAMORT"²⁶ (AP, 213).

Buscando o aprofundamento da sua vida espiritual, Guimarães Rosa vê, na poesia, uma espécie de encantamento, que pode afastar a alma do sentimento doloroso da vida terrena, do sentimento dramático da existência.

3. Existência e transcendência: a visão religiosa

Leituras e reflexões sobre a procura e o encontro do homem com Deus vieram fortalecer em nós a idéia de que, durante toda a sua vida, Guimarães Rosa buscou aquele pensamento original, não contaminado, de que a religião é um caminho para ascender ao Céu.

Suas meditações sobre o vazio interior — "Só vale o passa-

26. Essa arguição poderia ser feita de uma outra forma: SE VIVER DE SABEDORIA É VIVER DE POESIA / SE MORRER TALVEZ SEJA VOLTAR À POESIA / "VIVECELONLHEVREDELAMORT". A primeira citação resulta da auto-definição da personagem Mirilygus (AP, 226); a segunda, resulta da definição de Lalinha para a palavra morrer, inspirada na vida de renúncia, sacrifício e oração de Maria Behú (NS, 239); a terceira é a frase em francês que aparece em "Diário em Paris - III" (AP, 213) que, traduzida, quer dizer: VIVA SEGUNDO A HORA DA MORTE.

do? Ao inverso, paginoso, a esmo, o vazio, vivendo se fazendo" (EE, 269) —, e o desejo de experimentar o incognoscível, conhecer a bem-aventurança da experiência maior, determinaram o que consideramos os três pontos básicos de sua metafísica: o homem deve preparar-se nesta vida, a preocupação com o mais além, a ascensão da alma.

Nada mais natural, portanto, que Guimarães Rosa elaborasse a sua própria teoria da alma, tomando por base a assertiva, por si só uma síntese do seu pensamento, que diz: "Os extremos já de si sempre se tocam, antes que tese e antítese se proponham" (EMJGR, 77).

Para expô-la a seus leitores, escolheu não uma narrativa, mas o prefácio "Sobre a Escova e a Dúvida", do livro Iutaméia, valendo-se da linguagem simples do sertão:

Ora, pois, o que no sertão só se pergunta: — Que é o que faz efeito e tem valença? Zito contou-me estórias, das Três Moças de Trás-as-Serras, o Cavalo-que-não-foi achado, da Do-Carmo. Deu de adir: — A gente não quer mudança, e protela, depois se acha a bica do resguardado, menino afinapara crescer, titiago-te, a bicheira cai de entre a creolina e a carne sa... O que, com o dito ademais, vertido compreender-se-ia mais ou menos: O mal está apenas guardando lugar para o bem. O mundo supura é só a olhos impuros. Deus está fazendo coisas fabulosas. Para onde nos atrai o azul? — ca lei-me. Estava -se na teoria da alma. (T, 183 - g. do a.)

Outro ponto importante: das verdades reveladas por Riobaldo, a que diz respeito à essência da alma:

E, a alma, o que é? Alma tem de ser coisa interna supremada, muito mais do de dentro, e é só, do que um se pensa: ah, alma absoluta! (GS:V, 22),

que para nós parece uma tradução do pensamento de Plotino (En III 2, 15), em epígrafe que abre o livro Noites do Sertão:

Porque, em tôdas as circunstâncias da vida real, não é a alma dentro de nós, mas a sua sombra, o homem exterior, que geme, se lamenta e desempenha todos os papéis neste teatro de palcos múltiplos, que é a terra inteira.

Essa identificação não é, porém, a única; nem a primeira. Vamos buscar sua verdadeira origem na concepção da Grécia antiga, mais especificamente na teoria platônica, não somente por causa da afirmação da personagem Ieoana, em "Do Diário em Paris" — "Ah, mon ami, vous

êtes platonicien!" (AP, 67), mas por referências explicitadas como a do Mito da Caverna,²⁷ e outras sugeridas como o Mito de Er,²⁸ além da já vista teoria dos três mundos.

Enquanto filósofos consideram que a alma é o mesmo que ar (Anaxímenes), harmonia (Pitagóricos), fogo (Heráclito), causa da vida (Platão), substância (Aristóteles), Guimarães Rosa compara-a com a ave, no poema

AMANHECER

Floresce, na orilha da campina,
enorme ipê
de copa metálica e esterlina.

Das mil corolas,
sáem vespas, abelhas e besouros,
polvilhados de ouro,
a enxamear no leste, onde vão pousando
nas pirites que piscam nas ladeiras,
e no riso das acácias amarelas.

Dos charcos frios
sobem a caçá-los rêdes longas, /longas rêdes,/br/>lentas e rasgadas de neblina.
Nuvens deslizam, despetaladas,
e altas, altas,
garças brancas planam.

Dansam fadas alvas,
cantam almas aladas,
na taça ampla,
na prata lavada,
na jarra clara da manhã...
(M, 94)

e com a árvore (AP, 40), ambas símbolos ascensionais de ligação entre a terra e o céu, entre o profano e o sagrado. Além de aladas e arbóreas, as almas podem ser ainda: afogadas, no poema

LUNÁTICO

Vou abrir minha janela sobre a noite.
E já bem noite, a lua,
alta a um têrço do seu arco,
terá de deslizar pelo meu quarto a dentro,

27. Sobre o Mito da Caverna, ver Tutaméia, 8; Platão, A República- Livro VII. Trad. J. Guinsburg. 2ª vol. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1965, Est. II, p. 514 ss.

28. Sobre o Mito de Er, ver Platão, A República- Livro X. Est. II, p. 613 b ss.

e passear sobre o meu rosto, adormecido e lívido,
 quando eu sair a sonhar pelas estradas noturnas,
 sem fim, sem marcos, nem encruzilhadas,
 que levam à região dos desabrigos...
 Sonharei com mares muito brancos,
 de águas finas, como um ar dos cimos,
 onde o meu corpo sobrenada sôlto,
 por entre nelumbos que passam boiando...
 Ouvirei a rainha do País do Suave Sonho,
 cantando no alto sempre o mesmo canto,
 como a sereia do sempre mais alto...
 E a janela se fecha, prendendo aqui dentro
 o raio suave que prendia a lua...
 Para que eu sossobre no mar dos nenúfares grandes,
 onde remoinham as formas inacabadas,
 onde vêem morrer, as almas, afogadas,
 e onde os deuses se olham como num espelho...
 (M, 39)

Há também almas encapotadas (AP, 219); esvaziadas (NUNP, 135); almís-
simas (AP, 33); altas (AP, 48); despertas (AP, 148); adormecidas (AP,
 214); almalmas (AP, 149); quietalmas (AP, 196); penadas, em

ASSOMBRAMENTO

Meia-noite amarela de sexta-feira,
 com lua cheia, na meia quaresma,
 no pequeno arraial.

Tinidos secos de matracas,
 gente cantando orações tétricas
 em frente às cruzes das encruzilhadas,
 pedindo ao povo que está dormindo
 rezas para as almas do purgatório
 que eles estão encomendando.

E logo atrás vêm vultos brancos,
 almas penadas sussurrando,
 com ossos de defuntos nas frias mãos brancas.

Mulas-sem-cabeça galopam doidas
 pelas estradas,
 queimando o capim com as chispas dos cascos.
 Ha lobishomens uivando,
 na velha igreja tábuas rangendo,
 caixões pretos ao pé das cruzes,
 mortalhas largadas diante das portas,
 uma mulher longa sentando nos telhados,
 e o Pitôrrro, assentado no morro,
 de chapéu na cabeça, cachimbando.

Entre as sepulturas,
 o fogo-fátuo de fósforo escorre :
 é um grande raio da lua amarela,
 que desceu, por engano, ao cemitério,
 e lá vai fugindo,
 assombrado, amedrontado,
 sem tempo de subir.

Latiram ao longe :
 foi a noite, soltando os seus cachorros
 "Corta-Vento", "Rompe-Ferro", "Acóde-a-Tempo",
 para o socorrer...
 (M, 82)

A partir dessa classificação, abrem-se, para os leitores de João Guimarães Rosa, outras possibilidades de interpretação, dentre as quais a que se relaciona com o Mito da Parelha Alada²⁹ e com a teoria da reminiscência,³⁰ isto é, com a imortalidade da alma. Servem, de exemplo, as personagens rosianas que, após a grande revelação, alçam vôo em direção ao Céu.

Outro aspecto importante e que vem da tradição filosófica: se existe o Ser supremo — e disso Riobaldo não tem dúvida —, também a alma existe e "É de Deus estabelecida, nem que a pessoa queira ou não queira" (GS:V, 22).

Desde que Deus criou o homem, sua "alma insuflada no barro não cessa de trabalhar seu invólucro, numa tremenda operação química" (AP, 213). E é justamente no "terreno do corpo" que, diz Riobaldo, "está a raiz da alma" (GS:V, 244).

O encontro da alma espiritual com o corpo se dá na eternidade, o eterno sendo um privilégio exclusivo de Deus, pois exclui qualquer mudança. É na "féerie da eternidade", "visão supraterrênea" (B, 35), que se dá a fusão final, assim descrita no poema do livro Magma:

SAÚDE

Saúde de tudo!...

Saúde, essencial e orgânica,
 de horas passadas,
 que eu podia viver e não vivi!...
 Saúde de gente que não conheço,
 de amigos nascidos noutras terras,
 de almas órfãs e irmãs,

29. Sobre o Mito da Parelha Alada, segundo o qual somente a alma divina "plana nos céus e governa a ordem universal", ver Platão, Fédro. In: Diálogos. Trad. Dr. Jorge Paleikat. 3ª edição. Rio, Globo, 1954, p. 246-247.

30. Sobre a teoria da reminiscência — a alma é imortal e renasce repetidas vezes, por isso é capaz de lembrar de tudo que viu anteriormente —, ver Platão, Mênon. In: Diálogos. Trad. Dr. Jorge Paleikat. 3ª edição. Rio, Globo, 1954, 81 ss.

de minhas partes dispersas,
que talvez até hoje ainda esperu ter...

Saúde triste do passado,
saúde gloriosa do futuro,
saúde de todos os presentes
vividos fora de mim!...

Pressa!...

Ânsia voraz de me fazer em muitos,
fome angustiada da fusão de tudo,
sede da volta final, vertiginosa,
da grande experiência:
uma só alma em um só corpo,
uma só alma-corpo,
um só,
um!...

Como quem fecha uma gota
o Oceano,
afogado no fundo de si mesmo...
(M, 88)

Dáí Guimarães Rosa falar no "tormento da separação" que trabalha "um querer quase sabido: algo que, da terra à alma, precisa do caminho da carne" (EE, 107); e no fogo que alumia: "a primeira indicação para a alma dele — que se diz que o fogo somente é que vige das duas bandas da morte: da de lá, e da de cá..." (GS:V, 440-441).

Para Guimarães Rosa, eram quase obsessões: "introduzir, no tempo de cada dia, o máximo de 'eternidade'" (R, 319), tal como dizia ao embaixador Antônio F. Azeredo da Silveira (carta de 27/10/1945); achar que o "cômpito da alma" é a causa da mudança das pessoas (GS:V, 353).

Em outra obra, Noites do Sertão, fica-se sabendo que a alma é recebida "de nascença"; pode ser "alegria e beleza, tudo dum todo só" (NS, 114), e "mover-se para as esquerdas alvas" (NS, 186), numa outra referência ao Mito de Er platônico.

O "desconhecer do espírito" (T, 145) também persegue as personagens. Na "limitada superfície terrestre" (AP, 58), é um amigo espírita não identificado quem "diz das almas que de repente desencarnam e se vêem nuas no espaço" (AP, 123). Mas sabe descrever, ao Compadre meu. Quelemém, "que o que revela efeito são os baixos espíritos descarnados, de terceira, fuzuando nas piores trevas e com ânsias de se travarem com os vivos — dão encosto" (GS:V, 10 - g. do a.). Ainda na visão rosiana, dentro do prefácio "Hipotréllico":

neste pragmático mundo da necessidade, em que o objetivo prevale o subjetivo, tudo obedece ao terra-a-terra das relações

positivas, e, pois, as coisas pesam mais do que as pessoas. Por especiosa, porém, rejeitamos a argumentação. Viver é encargo de pouco proveito e muito desempenho, não nos dando por ora lazer para nos acuparmos em aumentar a riqueza, a beleza, a expressividade da língua. Nem nos faz falta capturar verbalmente a cinematografia divididíssima dos fatos ou traduzir aos milésimos os movimentos da alma e do espírito. A coisa pode ir indo assim mesmo à grossa (T, 77-78),

e no conto "O Espelho":

Devia ou não devia contar-lhe, por motivos de talvez. Do que digo, descubro, deduzo. Será, se? Apalpo o evidente? Tres busco. Será este nosso desengonço e mundo o plano — intersecção de planos — onde se completam de fazer as almas?

Se sim, a "vida" consiste em experiência extrema e séria; sua técnica — ou pelo menos parte — exigindo o consciente alijamento, o despojamento, de tudo o que obstrui o crescer da alma, o que a atulha e soterra? (PE, 78)

Se, para o crescer da alma, as condições são essas, para que "o espírito cresça" é preciso fazer "arte", "para que se transforme algo em mim" (R, 345). Em outra oportunidade, refere-se ele à dança como uma arte de religião, "aprendida por sempre, fora do crédito vem-vai das coisas — mar o mar" (NUNP, 208), complementando a epígrafe de Plotino (En. III 2, 16), no livro Noites do Sertão:

Seu ato é, pois, um ato de artista, comparável ao movimento do dançador; o dançador é a imagem desta vida, que procede com arte; a arte da dança dirige seus movimentos; a vida age semelhantemente com o vivente.

O caminho da arte é percorrido pelo homem e seus atributos. Em sua obra convivem: o homem humano (GS:V, 307-460); o homem de ponto (MM, 138); o homem real (MM, 189); o homo coriaceus, "os encourados" (AP, 106); o homem pronominal (EE, 55); o homem, sombra de um sonho, a que se refere Píndaro (T, 14); o Homem com o aspecto de cadáver (EE, 226); o homem virtuoso (S, 8); o Homem, intentada viagem (AP, 184).

Cada homem tem, em si, o que Guimarães Rosa chama de "porção escura" (PE, 51; GS:V, 52-329) ou lado "externo, espesso, sem feitio nem aura" (AP, 8) — a "parte chão" (AP, 64 - grifo nosso). Mas também tem o "lado claro" (EMJGR, 85), da "iluminação parcial" (T, 10), da "segunda claridade" (PE, 99), do "clarão remanescente" (PE, 51) — a "parte oceano" (AP, 64 - grifo nosso).

Entre a natureza humana e a divina, o demiurgo (EE, 89), o "es

tado intermediário", a "alfândega das almas"³¹ (EE, 224) separando as almas boas e más.

O homem deve ser visto aqui como o microcosmo, síntese do mundo, aquele que "vive em viagem (...) Eu — eu não fui quem me comecei. Eu é que não sei dos meus possíveis!" (EE, 158); aquele para quem "O inferno é um sem-fim que nem não se pode ver" (GS:V, 49), e o limbo é o "olvido", o "não abolido" (T, 23). São desdobramentos da vida e da morte que, em Guimarães Rosa, podem levar-nos a entender a sua teoria do homem, centrada na seguinte afirmação:

cada homem tem seu lugar no mundo e no tempo que lhe é concedido. Sua tarefa nunca é maior que sua capacidade para poder cumpri-la. (L, 9)

Para cumprir tal tarefa, o homem de fé precisa corrigir os seus defeitos, "preencher seu lugar" (L, 9), encontrar-se com Deus. Ainda segundo Guimarães Rosa, para haver essa união, a língua — "instrumento: fino, hábil, agudo, abarcável, penetrável, sempre perfectível, etc" — deve estar "sempre a serviço do homem e de Deus, da Transcendência" (MC, 61).

Se vivo fosse, certamente Guimarães Rosa teria concordado com a reflexão de Tristão de Athayde,³² seu grande amigo, no artigo "Meditação sobre a morte" (1981):

a vida só é verdadeiramente vivida quando vem a morte e nos leva do tempo à Eternidade. A morte, portanto, é a chave do segredo da vida. Da vida vivida em sua plenitude. E por isso Laplace chamava o homem de animal religioso. Com a diferença, entretanto, entre as religiões imanentistas e transmigratórias da alma, onde a vida e a morte se confundem em circularidade; e tudo é, ao mesmo tempo, efêmero e eterno, como na imagem do círculo hindu, simbólico da existência; e a singularidade do Cristianismo com sua verticalidade e passagem direta da imanência à transcendência e do tempo à eternidade.

31. Com a expressão "alfândega das almas", Guimarães Rosa nos remete ao Canto V - Inferno, ingresso no segundo dos nove círculos de Dante (A Divina Comédia), em forma de um imenso funil, onde as almas se apresentam a Mínos, o juiz que determina o lugar de sua morada e a pena a que fazem jus.

32. Cf. Tristão de Athayde. "Meditação sobre a morte". In: Folha de S. Paulo, 11/12/1981, p. 3.

Na dialética existencial rosiana, podemos distinguir dois aspectos igualmente importantes: a imanência e a transcendência. Por imanência, entende-se: a verdade está no ente; tudo o que deve ser alcançado, o objeto da procura, está em quem procura; segundo Kant, mantém-se nos limites do possível. Por transcendência, entende-se: a superação do ente em busca da verdade, que está no Ser, em Deus; vincula-se à concepção platônica da divindade, entre outras: o Bem é a substância; segundo Kant, ultrapassa os limites do possível.

Em Guimarães Rosa, interessa o homem como um todo e não a sua fragmentação. Sem profunda transformação interior, o espiritual não pode ser alcançado. Só nos resta, assim, verificar as mudanças que o homem experimenta para transformar o mundo, mudanças que, na verdade, começam nele mesmo. Para identificá-las na obra rosiana, antes de mais nada, é preciso um levantamento dos termos que caracterizam os três planos da existência que, no nosso modo de entender, são os seguintes: imanência, ponto de passagem e transcendência. A imanência é o aqui, o (a) trás, o físico,³³ o aquém, na terra; o ponto de passagem é a ponte entre Criador e criatura, o lá, o através, o hiperfísico, a morte; a transcendência metafísica é o acolá e o além, o trans (tras, tra ou tres) muito, o transfísico, a trans vida.

Para Guimarães Rosa, a união da imanência com a transcendência se dá em Deus. Daí o convite para que "Andemos antes para o reino do transcendente, do poético, do vago" (B, 74), para o reino onde "o poético, o mágico, o humor e a transcendência metafísica" não dão lugar ao supérfluo, ao superficial, ao acessório, que são um "mal necessário" (B, 81), mas sempre um mal.

A metáfora do espelho dá relevo ao pensamento rosiano:

O senhor, por exemplo, que sabe e estuda, suponho nem tenha idéia do que sejana verdade — um espelho? Demais, decerto, das noções de física, com que se familiarizou, as leis da óptica. Reporto-me ao transcendente. Tudo, aliás, é a ponta de um mistério. Inclusive, os fatos. Ou a ausência deles. Du vida? Quando nada acontece, há um milagre que não estamos vendo.

Fixemos-nos no concreto. O espelho, são muitos, captando-

33. No original: "Mas, o senhor estará achando que desvario e desoriento-me, confundindo o físico, o hiperfísico e o transfísico, forado menor equilíbrio de raciocínio ou alinhamento lógico — na conta agora caio. Estará pensando que, do que eu disse, nada se acerta, nada prova nada. Mesmo que tudo fôsse verdade, não seria mais que reles obsessão auto-sugestiva, e o despropósito de pretender que psiquismo ou alma se retratassem em espelho..." (PE, 77).

-lhe as feições; todos refletem-lhe o rosto, e o senhor crê-se com aspecto próprio e praticamente imudado, do qual lhe dão imagem fiel. Mas — que espelho? Há-os "bons" e "maus", os que favorecem e os que detraem. (...) Não se esqueça, é de fenômenos sutis que estamos tratando. (PE, 71)

Com a humanidade acontece o mesmo: "todo-o-mundo neste mundo é mensageiro" (T, 45); "pueris humanos somos" (T, 26), diante do incognoscível, pois "Todos os vivos atos se passam longe demais" (PE, 23). No céu, Deus, o ato puro tão procurado pelo homem, seja ele bom ou mau.

Conhece-se ainda mais o alcance espiritual do homem rosiano, quando se sabe o que representa para ele o binômio vida/morte. Como o objetivo deste trabalho não é dicionarizar todas as ocorrências desses dois termos, vamos apenas levantar alguns pontos importantes sobre um e outro.

Tal como é concebida por Guimarães Rosa, a vida é um "gráfico" (R, 324) que se desenha primeiramente em rascunho; somente depois de o homem sofrer mudanças internas profundas é que poderá chegar à sua forma definitiva.

A vida é um dos temas mais frequentes na obra rosiana. As definições e reflexões que conhecemos através das personagens mantêm sempre uma aura de mistério. É assim que a vida é "feitada encoberto e imprevisto" (AP, 220) e "nunca tem termo" (GS:V, 454) nem pode ser resumida, pois "A gente vê só o cinzento, mas têm-se de adivinhar o branco e o preto" (AP, 98). Em síntese, se "toda vida humana é destino em estado impuro" (AP, 197), a alma somente poderá encontrar o ato puro na vida eterna, quando estiver diante de Deus. Vida é, portanto, travessia.

Por outro lado, para Guimarães Rosa, a morte não é um mistério menor ou menos preocupante que a vida. Basta lembrar que, em conversa com familiares e amigos, sempre voltava a esse tema, e cada vez num tom mais sofrido e angustiado.

Em sua obra, encontramos várias tentativas de definição dessa passagem, que é a morte: "o sobrevir de Deus, entornadamente" (GS:V, 248); "choro e sofisma — terra funda e ossos quietos..." (GS:V, 449); "lúgubre lorde: a ambígua" (AP, 98); "o por conseguinte" (EE, 59). Às vezes vem em forma provocativa, para reflexão do leitor: "a morte é para os que morrem. Será?" (GS:V, 182), "A morte é uma louca? — ou o fim de uma fórmula" (T, 133), ou ainda "Quem morre, morreu mesmo?" (AP, 98). Mas pode ocorrer também de o homem rosiano confessar seu medo, não da morte, mas do nascimento, para

ele outro grande mistério a ser decifrado (GS:V, 49). Enfim, condenação ou salvação eterna dependem, ambas, do momento de passagem, quando o "tênue tambor taquigráfico" da morte (PE, 142) anuncia o cumprimento do "edital" (GS:V, 440). Tudo está escrito, portanto será cumprido. Alguns poucos chegarão ao "inenarrável rapto" (AP, 99), ao êxtase que permite, mesmo em vida, vislumbrar as delícias do Céu. De onde se conclui que a morte é caminho para uma nova vida,³⁴ assim como a reza é caminho para a transcendência. É o que veremos a seguir.

34. Diz São João da Cruz, em Llama de amor viva, Biblioteca de Autores Españoles del siglo XVI. Tomo I. Madrid, Ediciones Atlas, 1948, verso VI, p. 227: "Matando, muerte, en vida has trocado". Há dois tipos de vida, segundo ele: a vida beatífica, que consiste em ver a Deus, precedida de morte natural e corporal; e vida espiritual perfeita, que é a união de Amor com Deus, alcançada através da mortificação e penitência.

C A P Í T U L O I I I

FORMAS DA ASCESE E DA MÍSTICA HUMANA

Os que investigam a experiência religiosa de João Guimarães Rosa são unânimes em afirmar que, em sua obra, filosofia e religião caminham juntas para fins comuns: a presença de Deus em tudo e a busca de respostas para a origem e o destino do homem.

Relação transcendental ou encontro do homem com Deus; crença na existência de força sobrenatural como criadora do universo; reconhecimento de Deus como Ser supremo; conjunto de verdades dogmáticas que dirigem a vida do homem para a Luz divina ou prática das palavras de Cristo —, qualquer que seja a definição de religião, em Guimarães Rosa assume conotação muito particular: a religião, antes de mais nada, "quieta" e "suspende" o homem (GS:V, 15).

Nesse sentido, pode-se efetivamente comprovar que Guimarães Rosa passa por estágios de desenvolvimento espiritual — é o que mostraremos neste e nos próximos capítulos —, que o levam a colocar a religião no "centro da vida" (R, 192). Para ele, importa o crescimento do espírito,¹ que independe das "religiões oficiais" (MC, 61): a única solução para o homem, para o "indivíduo", está na religião (R, 345 - g. do a.), e esta é um "assunto poético" (L, 15).

Guimarães Rosa tem uma religião que caminha junto com todos os questionamentos que o homem se faz para conhecer a Verdade em Cristo, e não esconde isso de seus entrevistadores e tradutores:

Eu sou um homem religioso. (CAMACHO, 50)

sou profundamente religioso, ainda que fora do rótulo estrito e das fileiras de qualquer confissão ou seita; antes, talvez como o Riobaldo do "GS:V", pertença eu a todas. (B, 57)

1. Aqui lembramos Franklin de Oliveira, sobre Guimarães Rosa: "a religião, para ele, não era uma matéria teológica, sim intuição e sentimento do universo: o mundo e, nele, a radiosa aventura humana. A obra de Rosa, para quem a saiba ler, é um ato que busca a santidade do homem". In: COUTINHO, Afrânio. A Literatura no Brasil. Modernismo - vol. V. 2ª edição. Rio de Janeiro, Editorial Sul America na S.A., 1968, p. 407.



A referência ao Grande Sertão: Veredas nos faz pensar na religiosidade de personagens como Riobaldo que, logo no início do romance, revela a sua profissão de fé:

Eu cá, não perco ocasião de religião. Aproveito de todas. Bebo água de todo rio... Uma só, para mim é pouca, talvez não me chegue. Rezo cristão, católico, embrenho a certo; e aceito as preces de compadre meu Quelemém doutrina dele, de Cardêgue. Mas, quando posso, vou no Mindubim, onde um Matias é crente, metodista: a gente se acusa de pecador, lê alto a Bíblia, e ora, cantando hinos belos deles.(...) Qual quer sombrinha me refresca. Mas é só muito provisório. Eu queria rezar — o tempo todo. (GS:V, 15)

Sobre a educação religiosa recebida por Guimarães Rosa, sabe-se, através de seus biógrafos, que ele, quando criança, " Talvez influenciado por Frei Canízio, (...) brincava de celebrar missa"²(R, 53).

Pertencendo a uma família católica, que tinha por hábito rezar o terço à noite, sempre gostou de guardar orações, algumas delas possivelmente de sua própria autoria; ainda que não assinasse embaixo, como é o caso de "Esta Oração"³ (R, 270), cuja semelhança com a "Oração Universal" de São Tomás de Aquino não é pequena.

-
2. Ainda segundo Vilma Guimarães Rosa, Joãozito armava "o altar sobre um caixote" e cobria-o "com uma toalha de linho branco, do enxoval de sua mãe. Até conseguia emprestado o goffiné, escrito em latim e português, relíquia da bisavó, que só o emprestava ao padrezinho faz-de-conta porque acreditava tratar-se de uma precoce afirmação vocacional. As suas irmãs ajudavam-no a celebrar a missa e Joãozito, paramentado, só lia a parte em latim do livro; a fim de mais impressionar. Anos após, ele seria coroinha dos padres redentoristas, na igreja de São José". (R, 53)
 3. Diz o poema de Guimarães Rosa, intitulado "Esta Oração": Senhor! / No silêncio desta prece / Venho pedir-Te a paz, a sabedoria, a força, / Quero sempre olhar o mundo / Com olhos cheios de amor. // Quero ser paciente, compreensivo, prudente / Quero ver além das aparências / Teus filhos, como Tu mesmo os vês / E assim, Senhor, ver somente o bem em cada / um deles // Fecha meus ouvidos a todas as calúnias; / Guarda minha língua de todas as maldades, / Para que só de bênçãos se encha minh'alma. / Que eu seja tão bom e tão alegre, / Que todos aqueles que se aproximem de mim, / Sintam Tua Presença // Reveste-me de Tua Beleza, Senhor, / E que, no decurso deste dia, eu Te / revele a todos. (R, 270) Compare-se com este trecho da "Oração Universal", de São Tomás, cujo subtítulo é: "Para tudo que respeita a salvação, e que rezava todos os dias o SS. P. Clemente XI (1700-1721): Creio, Senhor, espero, amo, arrependo-me; dae-me, porém, fé mais firme, esperança mais segura, amor mais ar

Seu livro de cabeceira era Imitação de Cristo⁴ (R, 97), mas, em suas obras, encontramos referência ao catecismo (NUNP, 24) e a livros de reza não especificados (PE, 110). O "santo" de sua devoção, contou-nos D. Aracy Moebius de Carvalho⁵ (viúva Guimarães Rosa), era Deus, o mesmo Deus que divide o espaço de suas narrativas e de sua vida com: São Bento (GS:V, 158; EE, 208; R, 447); São Francisco de Assis (GS:V, 14; R, 297); São Geraldo (GS:V, 14); Santo Antonio (S, 28; GS:V, 14; PE, 118); São Sebastião e São Camilo de Lélis (GS:V, 296); Santo Eloy (M, "Sonho de uma tarde de inverno"); São Jerônimo (MM, 19); São Tibúrcio (B, 103); Evangelistas — São Mateus, São Marcos, São Lucas, São João (B, 55); São Paulo (B, 58 e SILVA II); Santa Clara e Santa Justa (S, 28; R, 297); Santa Bárbara (MM, 19); Santa Terezinha (R, 213); Nossa Senhora do Perpétuo Socorro (M, 40; MM, 111); Nossas Senhoras Sertanejas (GS:V, 310); Senhora do Rosário, Santa Efigênia e Benedito (NUNP, 50); Santa Luzia (S, 248); Minha Nossa Senhora Mãe de Todos (GS:V, 301).

Encontramos ainda um "Santo incógnito" (T, 26 a 28); um Sr. Sagrado Coração de Jesus (NS, 139 e EE, 128), protetor de Cordisburgo, sua cidade natal (EMJGR, 57); uma "Santa rezada no mês de setembro" (T, 68), não identificada; uma "santa maior" (GS:V, 301); uma "Virgem" padroeira (GS:V, 235), "santos" que permanecem no anonimato

dente, pezar mais profundo. // Eu vos adoro, primeiro princípio ; eu vos desejo, fim ultimo; eu vos louvo, bemfeitor perpetuo; eu vos invoco, propício defensor. // Seja minha luz vossa sabedoria, minha regra vossa justiça, meu consolo vossa clemencia, meu amparo vossa omnipotencia. // Tornae-me prudente nas emprezas, constante nos perigos, paciente na desgraça, reportado na prosperidade (...)
(In: Goffine - Manual do Christão. Traduzido da Décima Quarta Edição Francesa por um Padre da Congregação da Missão. Undécima Edição. Rio de Janeiro, Collegio da Imaculada Conceição (Botafogo), 1930, p. 23 a 25. Aqui cabe uma observação sobre o Goffiné: trata-se de um esmerado compêndio da doutrina e moral católica, que leva o nome do seu autor, Leonardo Goffiné (1648-1719). A primeira edição de seu Manual data de 1690. Na edição que consultamos, a referida "Oração Universal" vem em latim e português.

4. Ver ROTEIRO I - KEMPIS, Tomás de: R, 97 (p. 55).

5. O depoimento de D. Aracy Moebius de Carvalho foi dado a nós no Rio de Janeiro, em 19/7/1990, em sua residência. Segundo ela, Guimarães Rosa raramente ia à igreja, mas rezava muito, todo dia. Conhecia todas as religiões. "Tinha uma memória divina, conhecia to das a fundo. Foi até a Sinagoga. Ia muito conversar com um rabino, que disse que Guimarães Rosa era uma inteligência fora do comum".

da generalização; e Santa Nhinhinha, personagem de "A menina de lá " (Primeiras Estórias, 20 a 24), exemplo de vida ascética e mística, sobre a qual falaremos mais adiante, ainda neste capítulo.

1. A experiência da "noite escura"⁶

Como ponto de partida para entender a visão ascética e mística de João Guimarães Rosa, elegemos, dentre tantas, a definição para uma e outra dada pelo teólogo Fr. Juan G. Arintero, O.P.⁷. Segundo ele,

La ascética trata de los medios de buscar a Dios y enseña a caminhar hacia El por las sendas de sus mandamientos, esforzándonos y valiéndonos de todos los métodos que nos ayuden a practicar la virtud a nuestro modo según las normas de la razón cristiana, y a proseguir en nuestra empresa, procurando superar cuantos obstáculos se nos opongan y triunfar de todos los enemigos, sin desistir por nada hasta encontrar a aquel a quien amamos y deseamos.

La mística nos dice como se le ha de tratar y seguir cumpliendo en todo su divino beneplácito desde que se haya dignado dejarse encontrar, haciéndonos sentir su íntima presencia, y como se ha de clamar por El, buscándole con divinas ansias e inflamaciones de amor cuantas veces se haya escondido y retirado de nuestro sentimiento. (g. do a.)

Em síntese, ambas levam ao desenvolvimento espiritual do homem, desenvolvimento esse que, na obra de Guimarães Rosa, pode ser encontrado já no seu primeiro livro, Magma (inédito de poesia, escrito em 1936). Lá ficamos sabendo que o "asceta", tal como o "filósofo", o "cágado", o "ouriço", o "caracol", é um ser evoluído, "misantropos" e "retraídos" todos eles ("Caranguejo" - M, 23)

Difícil é precisar, com exatidão, quando tudo começou. O que se conhece é que, após o primeiro ataque cardíaco, no final da década de 50, sua vida sofreu mudança, no sentido de intensificação da prática da religião.

Nem o tempo segurou o sentimento de angústia que o invadiu

6. Ver Dante, A Divina Comédia: Inferno, Canto I, 1.

7. Ver Fr. Juan G. Arintero "Artículo 1. Subordinación de la ascética a la mística". Cuestiones Místicas. Madrid, Biblioteca de Autores Cristianos, 1956, p. 482 ss.

nessa ocasião, de tal modo que, anos depois, exatamente em 1965, escreveu ao tradutor e amigo Edoardo Bizzarri:

Você não faz, não imagina, não pode fazer idéia do estado em que tenho vivido, arrastado, premido, abafado, atormentado, sob o peso de tantas coisas, que quase não agüento. (...) E, note, no meio de tudo isto, minha atividade própria literária está bloqueada, e as coisas de dentro, que rendo sair e fazer-se capítulos e livros, mais ainda contribuem para aumentar minha angústia. Debato-me. (B, 117 a 119).

Em 1966, ainda a Bizzarri, comunica resignadamente a sua decisão:

Programei novo modo de vida. Ascese, feroz. Comer pouco, não provar álcool. Não ler jornais, nem livros, por ora. Escalonar os assuntos metodicamente, taylorizadamente,⁸ defender-me contra a angustiosidade de querer tudo bem feito, pôr coisas e casa e gavetas em ordem, enfim. (B, 123 - 124, grifos nossos)

Através de depoimento dado a nós por D. Maria Augusta de Camargos Rocha,⁹ secretária de Guimarães Rosa no Itamarati, de cuja amizade privou de 1957 a 1967, ficamos sabendo que realmente quase se tornou um asceta, procurando ser "mais 'humano' para entrar na morte!" Ainda segundo ela, Guimarães Rosa sabia que ia morrer — era médico e conhecia muito bem a extensão de sua doença —, e teria "escolhido a hora de morrer". No ano de 1967, evitou falar sobre morte com ela, mas não escondeu seus temores: "de ser um quase sexagenário" e "de não escrever com o mesmo vigor" de antes.

D. Aracy Moebius de Carvalho, por sua vez, confirmou-nos a crescente angústia que o acometeu no último ano de vida. Disse-nos ela que Guimarães Rosa não tirava o terço da mão, rezava o tempo todo,

8. Ver ROTEIRO II - TAYLOR, Frederico: R, 409 (p. 96)

9. O depoimento de D. Maria Augusta de Camargos Rocha (MADÚ) foi dado a nós no Rio de Janeiro, nos dias 20 e 21 de julho de 1990. Segundo ela, em Guimarães Rosa o "lado racional (...) convivia com a mística e a metafísica. Em cinquenta e nove anos, ele viveu cem. Era um verdadeiro parto (na hora de criar). Era angustiado, tinha em si todas as contradições (...); introvertido e extrovertido. De testava o abstracionismo puro. Tinha que pousar no concreto. Tudo o que ele escreve está acontecendo no momento. Lia a Bíblia com frequência".

até no caminho para o Consulado: "No fim da vida, ele ficou fanático".¹⁰ Era um espiritualista, já nos dissera também a escritora Vilma Guimarães Rosa, filha do primeiro casamento com D. Lígia Cabral Penna.

Com relação à mística, Guimarães Rosa usa a palavra em vários sentidos: como entusiasmo por alguma coisa; no sentido de tudo o que é misterioso na natureza; no sentido religioso da transformação da alma por caminhos sobrenaturais até fundir-se com Deus. Trata-se, antes de mais nada, de uma experiência ou prática obscura, em que a alma passa por uma espécie de metamorfose, evolução misteriosa e íntima, do humano para o divino. A seguir, alguns exemplos dessas manifestações místicas:

Rezava, rezava com força; pegava um tremor, até queria que brilhos doessem, até queria que a cama pulasse (MM, 58),

passagem que mereceu de Guimarães Rosa a seguinte explicação, em carta de 1963, a seu tradutor italiano:

"até queria que brilhos doessem" (Ânsia de afã místico de Miguilim, angustia religiosa em ação.) No fervor, era como se quisesse ascender — à experiência salvadora de BRILHOS (à "glória de Deus"); e que esses brilhos DOESSEM: isto é, senti-los, em si, no próprio corpo, carne, para certeza de sua realidade, supra-realidade. Na evasão da reza, Miguilim queria era "transcender". (8, 27 - g. do a.)

A esse respeito, é interessante lembrar outro comentário de Rosa a Bizzarri, na mesma carta:

O que deve aumentar a dor-de-cabeça do tradutor, é que: o concreto, é exótico e mal conhecido; e, o resto, que devia ser brando e compensador, são vagezas intencionais, personagens e autor querendo subir à poesia e à metafísica, juntas, ou, com uma e outra como asas, ascender a incapturáveis planos místicos. (8, 20 - grifos nossos).

Dois anos depois (1965), declarava a Günter Lorenz que se achava místico porque aprendera que o "infinito da felicidade" estava em descobrir, na solidão, "que o diabo não existe" e também porque conseguia

10. Ver conclusão do trabalho.



"permanecer imóvel, durante longo tempo", praticando exercícios de me ditação. O sofrimento, segundo ele, era parte importante na vida do místico; passara por essa experiência ainda muito jovem, na sua curta carreira de médico. Sobre Riobaldo, afirmaria, na mesma oportunidade:

é mundano demais para ser místico, é místico demais para ser Fausto. (L, 17),

o que nos leva a algumas conclusões: ainda que Guimarães Rosa visse em Goethe, como a si próprio, um homem do sertão que escreve para o infinito, há divergências no posicionamento de suas personagens. Para Fausto, no começo era a ação, não o Verbo (Fausto, p. 79);¹¹ já para Riobaldo, "toda ação principia mesmo é por uma palavra pensada. Palavra pegante, dada ou guardada, que vai rompendo rumo" (GS:V, 137), lei tura rosiana para o Evangelho segundo S. João, que diz: "No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus" (Jo, 1). Outro ponto divergente a considerar é que, para Goethe, o fim é a vida em si, enquanto, para Rosa, o fim é o "Céu", Deus (GS:V, 49).

Tal como a vê Guimarães Rosa, a doutrina mística está centrada em escritos pertencentes a diferentes épocas e sistemas religiosos. É assim que o Tao (caminho da Verdade) e o Budismo (com seus fun damentos nos Vedas) estão presentes em suas obras.

Mas, no curso de sua experiência religiosa, além de Lao Tsé e Buda, o Iluminado, outros nomes não podem ser esquecidos como Platão, Plotino, Santo Agostinho, São Tomás de Aquino, Kierkegaard, Tolstoi, Dostoievski, Bergson, Unamuno, Berdiaeff, Rilke.

Com relação aos místicos ou contemplativos — aqueles que pau taram suas vidas pelo estreito convívio com o sobrenatural e pregaram a união do homem com Deus —, tanto Mestre Eckhart como Ruysbroeck, Santa Teresa de Jesus e São João da Cruz habitam o universo rosiano. Ascetas em primeiro lugar, todos eles se tornaram místicos depois, através da prática religiosa centrada na renúncia dos bens terrenos e na mortificação.

Segunda Vilma Guimarães Rosa, também seu pai praticava "exer

11. Cf. Goethe, Fausto. Tradução no metro original por Jenny Klabin Segall, com prefácio de Sérgio Buarque de Holanda e introdução de Ernesto Feder. São Paulo, Instituto Progresso Editorial S.A., s/d; ver ROTEIRO II - GOETHE: NUNP, 124; L, 10-13 a 15; (p. 88); VI CENTE, 163 (p. 88-89) e remissão, no final.

cícios de fé", não só na vida real, mas através de suas personagens. Aliás, na obra rosiana, podemos identificar vários tipos de experiência sobrenatural: a mágica — o gato "Saltara do chão à mesa, sem esforço o erguer-se, nada o sustentando ou suspendendo, tal nas experiências mágicas" (AP. 134); a que testa a "paciência" divina (S, 258-259); a que se confunde com a prática: "'A gente pode aprender sempre mais, por prática', (...) 'Só por precisão'" (NS, 84) e neste outro exemplo: "Comigo conversou. Com tudo que, em tão dilatado viver, ele tinha aprendido. Deus pai, como aquele homem sabia todas as coisas práticas da labuta, da lavoura e do mato, de tanto tudo" (GS:V, 393); a trans-psíquica, relatada ao embaixador e compadre Azeredo da Silveira:

Conto a Você que, na última semana, antes de entregar ao José Olympio o "Grande Sertão", passei três dias e duas noites trabalhando sem interrupção, sem dormir, sem tirar a roupa, sem ver cama: foi uma verdadeira experiência trans-psíquica, estranha, sei lá, eu me sentia um espírito sem corpo, pairante, levitando, desencarnado — só lucidez e angústia. Daí, entregues os originais, foi uma brusca sensação de renascimento: eu ia voar, como uma folha seca. Imagine, eu passei dois anos num túnel, um subterrâneo, só escrevendo, só escrevendo, só escrevendo eternamente... (R, 322, carta de 9/2/1956).

Recorrentes na vida e na obra rosiana, manifestações dessa ordem atestam a confluência não só da filosofia com a religião, mas também destas com a poesia, na visão do escritor mineiro.

2. Itinerários da Perfeição

É através do misticismo que, segundo São João da Cruz (Séc. XVI), se dá o contato direto com Deus. Mas não se pode esquecer que a adoção de técnicas contemplativas vem ao encontro da necessidade do homem de obter respostas para a sua situação existencial.

Ao compartilhar das virtudes que os "exercícios espirituais" proporcionam, Guimarães Rosa nunca deixou de considerar que o seu progresso espiritual tinha muito a ver com a Ioga, a Cabala judaica, os ensinamentos de Krishna e de Santo Inácio de Loyola.

Há muitas evidências de que Guimarães Rosa, a seu modo, foi um seguidor de Santo Inácio de Loyola. Basta comparar os "exercícios

espirituais" —¹² definidos por ele como "todo modo de examinar la consciencia, de meditar, de contemplar, de orar vocal y mental, y de otras espirituales operaciones", "todo modo de preparar y disponer el ánima, para quitar de sí todas las affecciones desordenadas, y después de quitadas para buscar y hallar la voluntad divina en la disposición de su vida para la salud del ánima" — com os "Deveres de fundamento" que "à vida, empírico modo, ensina".

Em Guimarães Rosa, a prática dos exercícios se faz acompanhar de disciplina e paciência (T, 165), rotina (EE, 24), treino (AP, 198), técnica (EE, 41 - AP, 198), adestramento (EMJGR, 73)

Interessado no desenvolvimento da atividade espiritual, é o próprio Guimarães Rosa quem propõe a questão:

A gente fabulando — o vivendo. Será que alguém, em estudo, já escarafunchou o roda-rodar de toda a gente neste mundo? Assim — serra acima ou rio abaixo — os porquês. Atrás de torto, o desentortado. Adiante. Todo lugar é igual a outro lugar; todo tempo é o tempo. Ai: as coisas acontecidas, não começam, não acabam. Nem. (EE, 158)

E é também ele quem nos oferece a resposta, através da alegoria do "bonde sempiterno" e suas sete paradas ou etapas, verdadeiro exercício de santidade (AP, 173) ou de perfeição, que vem a seguir:

A vida é de metal. Às vezes, morrendo as horas, um sentir vem solto, leve como a paina pouisa. Mas o silêncio é aberto, lábil, mal construído; e até o relógio, na mesa, triplica seus estalidos, na pressa laboriosa de um coração zinho de ferro. Minúscula sentinela, borboleta de asas de lâminas, ele tosa em tleque-tleque, como máquina de cortar cabelo. Rilhando e arranhando, passa um bonde, sobre cicatrizes de aço, com o gelo quebrar de blocos e arrastar de grilhões, até perder-se. Outros rúmoram, mais longe. O bonde é um exercício sempiterno, cheio de lições.

Um. Que ele é sólido, simplório, honesto e populoso. Platóia processional, movente edifício público, não tem a fechada intimidade dos autolotações, nem o indispensável egoísmo dos carros particulares. Onde o automóvel é o cavalo, ele é o boi; melhor, um camelo, pelas estradas mais desabreviadas, sem comer nem beber. Vai catando e recolhendo a

12. Ver Santo Inácio de Loyola, Ejercicios Espirituales. OBRAS COMPLETAS. Edición manual. Madrid, Biblioteca de Autores Cristianos, 1952, p. 153 a 252; ROTEIRO I - INÁCIO DE LOYOLA: PE, 75 (p. 55)

espécie humana, em seu salão de veículo, o mais humanizado de todos. E viajar nele é acostumar-se à humildade grande.

Dois. E roda sobre trilhos, em trajetória certa, com sabedoria estatuída e centimétrica, como o roteiro que nesta dura vida jamais deveria ser deixado pelo justo.

Três. Não tem a ansiedade espetacular do ônibus ("A quitude é de Deus, a pressa é do diabo"). Animalão pacífico e urbano, se recusa ele à insidiosa perfídia das rodas de borracha. Barulha, atroa, tine, se proclama — é a máquina acorrentada, respeitando mediantemente a vida dos pedestres.

Quatro. Certo, fica inferior ao trem, quanto à gozosa trepidação, que estimula o intelecto; mas é menos rigido, menos de-si, mais relaxado. Nele não há o irremediável se um menino quer, ele quase pára. Seu trote permite ler, lembrar, cochilar. O bonde é um abrigo.

Cinco. O brado de "Olha à direita", do condutor, soe-nos como apelo humano, resumo de fraternidade.

Seis. O homem vem, estica a mão, colhe o dinheiro, dá ou não dá troco, tilinta, e vai. Não o cumprimentei, não se pagou conversa, sua pessoa não pediu atenções. Tudo ignora de mim, e eu dele, não nos furtamos tempo. No entanto, acabamos de realizar ato necessário, no plano da quotidiana convivência. Profético ensaio da existência em futuro mundo feliz, onde toda vida de relação — salvo o amor — se arranjara de modo mudo e vegetal, como hoje com a máquina oculta da digestão, da circulação? Amém.

Sete. Por um fio, corre uma força. Que não tem forma, nem vulto, nem cor, nem rumor. Que ninguém sabe o que é. Mas que carrega todo o mundo, mesmo os que nela não pensam. Às vezes, também, pode destruir, muito rápido, os que põem a mão, por descuido ou por falta de informação. Reverência, pois, e rejubila-te: o mais sutil domina sempre o mais denso.¹³ (AP, 122-123)

E reflitamos — o bonde...

Pensando como os místicos, no sentido primeiro do termo — aqueles que vêem na experiência íntima do mistério a razão de viver

13. Cf. Salmo 69, 5: "Escutem e rejubilem em Vós / Todos os que vos procuram".



—, Guimarães Rosa aponta as sete etapas pelas quais a alma deve necessariamente passar, a fim de realizar a sua evolução espiritual. São as seguintes, no nosso modo de entender:

- Um. Humildade
- Dois. Sabedoria
- Três. Quietude
- Quatro. Meditação
- Cinco. Ordem Sobrenatural
- Seis. Amor
- Sete. Deus

Para penetrarmos mais profundamente no sentido dessas palavras, é preciso que examinemos cada uma delas separadamente, sua natureza e fim, reflexos no homem rosiano.

2.1. Humildade

Virtude sobrenatural, fundamento de toda vida cristã, que leva a alma a distinguir seus defeitos.

É parte da virtude cardeal da temperança e baseia-se na justiça e na verdade. Ser humilde é uma das disposições necessárias para rezar; as outras são: arrepender-se, livrar-se dos pecados, ter fé e esperança, praticar a caridade e viver segundo a vontade de Deus.¹⁴ É também condição indispensável para se chegar ao céu: "Porque aquele que se exaltar, será humilhado: e o que se humilhar, será exaltado" (Mt 23, 12).

Na obra rosiana, a humildade pode significar "a suprema forma de eficácia", o caminho que livra da loucura, o "despojamento", a purificação (EE, 74). Pode ser "mortal" (PE, 29), "ativa" (EE, 75), necessária (T, 178; EE, 66), meio através do qual o homem procura se assemelhar a Deus: "Peça a Deus assim, com esta jaculatória: 'Jesus, manso e humilde de coração, fazei meu coração semelhante ao vosso...'" (S, 339), palavras ouvidas por Augusto Matraga do padre, em confissão.

14. Cf. Catecismo Romano. Nova Versão Portuguesa baseada na edição autêntica de 1566 por Frei Leopoldo Pires Martins, O.F.M.. Petrópolis, Vozes, 1951, p. 522 ss.

Às vezes, a humildade se completa com a penitência, como nos exemplos:

Com certeza, ajoelhada no meio do quarto, Maria Behú, reza va. O terço serpenteava preto em suas mãos, e, à sétima ave-maria de cada mistério, ela beijava o chão, por orgulho de humildade. — "Ela quer emendar os outros, exemplar até os animais..." — nhô Gualberto falara. (NS, 139)

Se, à parte exagero, aqui rebaixado me revelo, será em função de penitente modéstia, num terceiro-ato de humildade. (EE, 59)

Para Guimarães Rosa, ser humilde é condição necessária "para do entreestranho demônio sem-olhos da vida" poder deshipnotizar-se para livrar-se da soberba, um dos sete pecados capitais e tema do primeiro capítulo do livro que escreveu em colaboração com outros seis escritores, publicado originalmente em 1964. Sob o título de "Chapéus Transeuntes" (EE, 54 a 90), Guimarães Rosa mostra a trajetória do Vovô Barão, da "destemperatura" em vida, até a morte que iguala a todos. Nessa narrativa, mais uma vez a humildade visa às coisas mais altas:

O micróbio é humilde, o vírus que se infiltra, o pó, o pão, o glóbulo de sangue, o esperma, o interminável futuro, na sementinha, o vingativo chão, a água ínfima: o átomo é humilde; humilde é Deus. (EE, 82)

Enquanto a soberba é fonte de todo o pecado, cega o homem, fecha-o para a verdade, fazendo-o a si mesmo o centro de tudo, a humildade abre a mente para a sabedoria, tenta anular essa fonte para ver, limpamente, as coisas e a si mesmo.

2.2. Sabedoria

Pode-se dizer que sabedoria e filosofia se identificam na medida em que buscam, ambas, o aperfeiçoamento do homem que, pela prática do bem, procura se aproximar de Deus e de seus semelhantes. Um dos sete dons do Espírito Santo, a sabedoria está no interior do homem e, para desenvolvê-la, é preciso conhecer a si próprio para conhecera Deus e admitir a própria ignorância. Mais ainda: concentração, retraimento, silêncio, observância das leis divinas.

Para Guimarães Rosa, "a sabedoria é algo distinto da lógica" (L, 16), e explica por quê: "Tôda lógica contém inevitável dose de mistificação. Tôda mistificação contém boa dose de inevitável verdade. Precisamos também do obscuro" (MC, 48). Definindo-a como "saber e prudência que nascem do coração", Guimarães Rosa distingue vários tipos de sabedoria: a "tranqüila sabedoria do medicamento: sophrosyne" (EMJGR, 82); a sabedoria dos magos (AP, 181), do "eremita" (AP 198), dos sertanejos (MM, 147), a sabedoria de quem é "hábil nos silêncios" (EE, 18-147).

Segundo Santo Alfonso María de Ligorio,¹⁵ "Los santos son los verdaderos sabios", e estes são os que "sabem amar a Dios y conquistar el paraíso", com o que parece concordar Guimarães Rosa. A diferença está em que o homem rosiano oscila entre ser "meio doido e meio santo" (S, 341), e acabar morrendo "santo", como é o caso de Augusto Matraga (S, 370); ou entre sábio e louco, caso de Ulisses (T, 48).

Há também aqueles de cuja sabedoria não se pode duvidar. São eles: o burrinho Sete de Ouros e Major Anacleto (S); Iô Liodoro (NS); Brejeirinha (PE); Jerevo, Nhoé e Jelázio (T); São Caetano Mascarenhas (EE); dona Rosalina (NUNP); Mirilygus (AP).

A caminho da sabedoria, identificamos, dentre outros: Dito, o Cavalo e o Vaqueiro (MM); Cara-de-Bronze e Grivo (NUNP); Riobaldo (GS:V); a vaca (PE).

A sabedoria oriental, como já dissemos, fascinava Guimarães Rosa, e é ele mesmo quem explica:

Desde cedo, apenas, também eu aprendera que "o sábio fia-se menos da solércia e ciência humanas que das operações do Tao". (EMJGR, 68)

Há que se observar, porém, que Guimarães Rosa não estava interessado num determinado tipo de saber, mas sim em reconstruir experiências pré-priscas, que levassem o homem ao reencontro com Deus.

2.3. Quietude

É o sexto grau da oração, segundo Santa Teresa de Jesus. Os

15. Cf. Santo Alfonso María de Ligorio, Obras Ascéticas. Edición Crítica II Madrid. Biblioteca de Autores Cristianos, 1954, p.487 ss.

outros são, pela ordem: Oração vocal, Meditação, Oração afetiva, Oração de simplicidade, Recolhimento infuso, União simples, União extática e União transformativa.

Tal como a define Santa Teresa,¹⁶

Esta quietud del alma es cosa que se siente mucho en la satisfacción y paz, con grandísimo contento y sosiego de las potencias, y muy suave deleite. (...) No osa bullirse ni menearse, que de entre las manos le parece se le ha de ir aquel bien...,

a quietude mística consiste em se permanecer longas horas em silêncio, absorto, quase sem se mover. É "coisa sobrenatural", espécie de "amortecimento" do corpo e da alma, "oração de união".¹⁷

Em Guimarães Rosa, a viagem da alma para lugares inatingíveis tem, na quietude, um estado obrigatório da contemplação. Vejam-se os seguintes exemplos:

Quieto; muito quieto é que a gente chama o amor: como em quieto as coisas chamam a gente. (GS: V, 350)

Requeto, contudo, na quietude, na inquietude. (T, 87)

Tudo, quanto há, é crendo e querendo: É calando e sabendo.... (EE, 147)

Além disso, a quietude completa-se com outros estados: a "mansidão aprendida" (EE, 95); a "tranquilidade" dos sábios (T, 126); a "tensa calma, algo para além do medo, inconcebível serenidade"¹⁸ (AP, 79); a "serenância" (MM, 157), definida por Guimarães Rosa como "ar ou efeito hierático, sacerdotal, ou de dansarino de minueto, por exemplo. Ou: atenção embevecida, religiosa" (B, 32-33); a "paciência, que é do boi, é do vaqueiro" (EE, 96), de Joca Ramiro (GS: V, 198), do velho (GS: V, 393). O exercício da quietude exige concentração,

16. Ver Santa Teresa de Jesus, Livro da Vida. OBRAS COMPLETAS - Tomo I. Madrid, Biblioteca de Autores Cristianos, 1951, cap. 15.

17. Idem. Caminhos da Perfeição, - Tomo II. Madrid, Biblioteca de Autores Cristianos, 1954, capítulo II.

18. Ver ROTEIRO I - ESTOICISMO: "O Imperador" - inédito (p. 53).

e está ao alcance de quem quer que pretenda empreender o caminho ascensional.

2.4. Meditação

Segundo grau da oração, tal como encontramos nos escritos de Santa Teresa de Jesus, a meditação é etapa necessária no caminho da santificação.

Os métodos de oração mental são os mais variados, como informa Fr. Antonio Royo Marín, O.P.¹⁹ Através dele, sabemos que os teólogos distinguiam vários "momentos" na oração, com pequenas alterações. Havia quem considerasse leitura, meditação, oração propriamente dita, operação e contemplação, caso de Hugo de San Víctor; ou preparação, leitura, meditação, contemplação, ação de graças, petição e epílogo, como P. Jerônimo Gracián. Santo Inácio de Loyola, por sua vez, enumerava três "potências": memória, entendimento e vontade, em seus Exercícios Espirituais.

No texto rosiano, o que se observa é que ele assinala três momentos: ler, lembrar e cochilar. A princípio, pode-se pensar que nada ou pouco haja em comum com o que afirmam os teólogos citados. Numa segunda leitura, observa-se que essa maneira quase irreverente de expor tema tão profundo não deixa de reafirmar a necessidade da meditação como preparação para o auto-conhecimento e para a entrega total a Deus.

Também o objeto de meditação do homem rosiano é bastante diversificado: tanto pode ser "a morte solitária" (PE, 134) como a "agenciação encoberta da vida" (GS: V, 181); tanto pode ser o "Medo de errar", o "medo meditado" (GS: V, 142) como um par de "sapatos velhos" (T, 146) ou

Aqui, convém: meditar sobre as belezas da castidade, reconhecer a precariedade dos gozos da matéria,²⁰ e ler a história dos Cavaleiros da Mesa Redonda e da mágica espada Excalibur. (S, 242)

Note-se e medite-se. Para mim mesmo, sou anônimo; o mais

19. Cf. Fr. Antonio Royo Marín, O.P. Teología de la Perfección Cristiana. Madrid, Biblioteca de Autores Cristianos, 1958, 609 ss.

20. Ver gozos dos bens do céu, neste mesmo capítulo.

fundo de meus pensamentos não entende minhas palavras: só sabemos de nos mesmos com muita confusão (T, 155),

princípio que "causa prazer" (L, 11), ainda que venha cercado de dúvidas:

quanto mais leio e vivo e medito, mais perplexo a vida, a leitura e a meditação me põem. Tudo é mistério. (R, 344)

De certeza, uma só, mas definitiva, sobre a sua atividade de criação:

Meditar cada frase. Cortar todo lugar-comum, impiedosamente. E exigir sempre uma "segunda solução", nem que seja a título comparativo. A gente não pode ceder um minuto, a inércia. "Deus está no detalhe", um crítico disse, não sei mais quem foi. Em geral, quase toda frase minha tem de ser meditada. Quase todas, mesmo as aparentemente curtas, simplórias, comezinhas, trazem em si algo de meditação e aventura. Às vezes, juntas, as duas coisas: aventura e meditação. Uma pequena dialética religiosa, uma utilização, às vezes, do paradoxo; mas sempre na mesma linha constante, (...) nos planos, que sempre se interseccionam, da poesia e da metafísica. (MC, 49 - g. do a.)

Ler, lembrar e cochilar, no nosso modo de entender, significariam o seguinte: ler, no sentido de meditar sobre a vida dos santos, o conteúdo das orações, os mistérios de fé, enfim, meditar sobre os atos e as palavras; lembrar, no sentido de reavivar e reviver o que aprendeu; cochilar seria o estado "constante de semi-sono" (S, 3), quando se dorme "sem adormecer" (MM, 79), quando as almas estão em estado de vigília.

2.5. Ordem Sobrenatural

Podemos dizer que a Ordem Sobrenatural é, acima de tudo, "participação do homem na vida divina", ou, ainda lembrando as palavras de Pe. Juan G. Arinterro, O.P.,²¹

El verdadero orden sobrenatural consiste, pues, en rebajarse Dios al nivel de la creatura y elevarse esta en lo

21. Cf. Fr. Juan G. Arinterro, O.P. Evolución Mística. Madrid. Biblioteca de Autores Cristianos, 1949, p. 43 e 317 ss.



posible al nivel de su Creador; consiste, en suma, en la encarnación o humanización de Dios, y la deificación del hombre. Tal es el orden sublime a que, por la divina liberalidad, hemos sido encumbrados!

Es el gran misterio escondido, que nadie podría adivinar si el mesmo Espíritu de Dios no nos lo manifestara. (g. do a.)

É um conceito próprio da teologia cristã e tem como característica principal o fato de transcender a natureza humana. A obediência, que toda ordem sugere, aqui é vista como uma maneira de mostrar que a perfeição está em acreditar que Cristo é o Caminho, a Verdade e a Vida (Jo 14, 6). Para atingi-la, é preciso seguir o Filho de Deus.

Guimarães Rosa vê a Ordem Sobrenatural sob o mesmo prisma, embora de uma forma muito particular. Trata-se de um grito de alerta, abrandado pelo "apelo" de Cristo humanizado, Ele próprio o exemplo, "resumo de fraternidade".

Ao indicar a direção, com o conselho ou petição "Olha à direita", estaria lembrando a todos que, depois de sua passagem pela terra, Cristo "subiu aos céus e está sentado à mão direita de Deus Pai, Todo-Poderoso, de onde há de vir julgar os vivos e os mortos", do Credo dos Apóstolos:²²

Deus não morre, (...) e Nosso Senhor... à direita (MM, 103),

Em carta enviada de Hamburgo (16/5/1938) a seu pai, Florduardo P. Rosa, confessa Guimarães Rosa:

Creio mesmo que só obteem exito na vida as pessoas que contam com um auxilio sobrenatural e que a elle recorrem, com fé. Creio ainda mais, que esse é um recurso illimitado. Os resultados dependem tão somente da dose de fé e confiança calma. O excesso de esforço proprio e a agitação demasiada, em geral, são inuteis e, quando não acompanhados de fé, até chegam a tornar-se prejudiciaes. (R, 155 - g. do a.)

Como se vê, desde cedo Guimarães Rosa tem o credo religioso definido — a confirmação está em sua vida e obra —, e por ele procura pautar o seu itinerário espiritual.

.. .. .

22. É o que se aprende no catecismo e se reza no começo do rosário.

2.6. Amor— Die Liebe ist das Element des Lebens! ²³

Grétel (AP, 180)

É uma via preparatória para quem aspira à eternidade, um dos momentos em que a infinitude de Deus supre as necessidades espirituais do homem. Em seu nome, os pecadores são perdoados; os bens celestiais, conseguidos, por quem tem fé. Segundo Abbagnano,²⁴

na concepção cristã, o próprio Deus responde com amor ao amor dos homens, por isso o seu atributo fundamental é "Pai".

Sem esse dom do Espírito Santo,²⁵ os outros não existem.

Na obra de Guimarães Rosa, a ânsia do absoluto através do amor já foi objeto de estudo de ensaístas e críticos.²⁶ Para mostrar a iniciação do homem na contemplação do eterno, fomos buscar os atributos do amor, que serão apresentados a seguir, numa enumeração talvez longa, porque abarca a obra toda, porém necessária, sem a pretensão de esgotar o assunto.

Nosso ponto de partida foi Magma, onde encontramos o poema "Epigrama" (M, 45), que fala do país dos amores platônicos. Nas outras obras, o motivo recorrente se traduz em o amor é: "bom, barato e bonito, como o queriam os deuses" (S, 86); é "coragens. E (...) sê de depois de se ter bebido..." (NS, 61); é "o destino verdadeiro" (NS, 103); "neutro e operoso" (NS, 147); "'(...) um calafrin doce, um susto sem perigos..." (NS, 193); "Sabe que: o amor, mesmo, é a espécie rara de se achar..." (NUNP, 240); é "já de si (...), algum arrependimento" (GS: V, 34); "é assim — o rato que sai dum burquinho: é um

23. No texto original: "Grétel, sua prima, da Turíngia, simples lou-ra, que vinha de achar o mar do amor, e redizia, em jeito de susto: — Die Liebe ist das Element des Lebens!" ("A Senhora dos Segredos" - AP, 180), que significa: "O amor é o elemento da vida".

24. Ver Abbagnano, Dicionário de Filosofia: amor.

25. Os dons do Espírito Santo são: Sabedoria, Entendimento, Conselho, Fortaleza, Prudência, Piedade e Temor de Deus (Isaiás 11, 2). Ver p. 137 deste capítulo.

26. Lembramos aqui, dentre outros, Benedito Nunes. "O amor na obra de Guimarães Rosa". O Dorso do Tigre, p. 143 a 171 e Ismael Xavier de Oliveira. "A Estória de Lelio e Lina". Estudos Universitários - ano 4, nº 4, Campo Grande, dez/1973, p. 57 a 68.

ratação, é um tigre leão!" (GS: V, 323); "original" (PE, 120 - g. do a.); "a vaga, indecisa palavra" (PE, 127); "uma estupefação" (PE, 144 g. do a.); "repentino (...) — o acima" (PE, 156); "meditado, a prova de remorsos" (T, 48); "capaz de consumir vozes e rostos — como a felicidade" (T, 97); "que o amor menos é um gosto para se morder que um perfume, de respirar" (T, 188); é "A tentação (...); o mundo, a força, o hierofante" (AP, 198); "é sempre ilógico, mas cada crime é cometido segundo as leis da lógica" (L, 16); "era o milagre de uma coisa" (NS, 250); "Antes, aquele amor infinitado; antigo amor pontiagudo" (EE, 249).

Para crescer no amor e "passar a um estado limpamente novo de ser" (EE, 66), é preciso vencer as seguintes etapas: 1. libertar-se do "antigo amor, plantado na matéria" (EE, 10); 2. buscar "tãomen^{te}" a "essência do presente, donos de uma perfeição espessa, o espírito que compreendesse o corpo" (NS, 192); 3. arrepender-se (GS: V, 34); 4. seguir, "certa; por amor, não por acaso" (PE, 65); 5. beber "de fontes amargas" (AP, 24); 6. persistir (AP, 27); 7. não se acomodar (AP, 135), porque "'O amor é que vale'" (NS, 248); porque o amor é passo de contemplação; e é sempre causa" (AP, 178).

Depois de levantados todos esses elementos, é chegada a hora de retomarmos a 6ª etapa percorrida pelo "bonde sempiterno", para melhor compreendermos o que pretende Guimarães Rosa ao propor a questão:

Profético ensaio da existência em futuro mundo feliz, onde toda vida de relação — salvo o amor, — se arranjará de modo mudo e vegetal, como hoje com a máquina oculta da digestão, da circulação? Amem.

Do modo como interpretamos, a existência humana é um "ensaio" para a existência divina, e o amor místico, a via que permitirá essa passagem divinumana, para usar expressão do próprio Guimarães Rosa (AP, 165). Nesse sentido, a resposta estaria em São João (1 Jo 4, 8): Deus é amor, não pode haver "relação" sem reciprocidade.

A partícula hebraica Amém, que encerra essa etapa, é, na sua origem, sinete da Oração Dominical, do Padre Nosso. Assim explica São Jerônimo, ao comentar o Evangelho de São Mateus. Pode ser utilizada para se pedir uma graça e, nesse caso, é sinal de fé, confiança e louvor a Deus; ou para confirmar um compromisso. Mas pode tam-

bém significar que Deus atendeu ao pedido feito. Cumpridas as seis etapas:

Tinha-se de amar e amar, e amar: e humildes. De ser.
Aqui ainda onde não estávamos (EE, 90)

— não necessariamente na ordem proposta pelo autor, mas podendo ser concomitantes —, a alma atinge finalmente o estado de beatitude tão almejado.

2.7. Deus

1. En una noche obscura,
Con ansias en amores inflamada,
¡Oh, dichosa ventura!
Salí sin ser notada,
Estando ya mi casa sosegada,

Ao iniciar suas "Canções",²⁷ falando sobre Deus, São João da Cruz assim o faz para mostrar o início da viagem espiritual empreendida pela alma, em direção à Luz da união de amor com Deus. É necessário passar pela "noite escura" da mortificação, para se chegar à contemplação.

São muitos os filósofos, teólogos e poetas²⁸ que nos falam das qualificações de Deus, destacando as seguintes: a de Causa e Bem; a de Alfa e Omega, princípio e fim (Apoc I, 8). Mas esses atributos se desdobram infinitamente, como nos lembra Pe. W. Devivier, S. J.²⁹

27. Noche Oscura de la Subida del Monte Carmelo, de São João da Cruz, divide-se em duas partes: a primeira corresponde à noite ativa da alma ("Subida del Monte Carmelo") e a segunda, à noite passiva da alma ("Noche Oscura", com comentário sobre cada verso).

28. Para exemplificar, lembramos Sócrates, para quem Deus é um ente uno, eterno; Platão: Deus é o Demiurgo do mundo; Aristóteles: Deus é o primeiro motor imóvel; Santa Teresa de Jesus: Deus é o Pai celestial e está "dentro de nós mesmos" (Moradas IV - 3,3); São João da Cruz: Deus é o Criador, a Luz, a Bondade, a Sabedoria; Camões: "O que é Deus ninguém o entende, / Que seria de nós, se Ele não fôra".

29. Ver Pe. W. Devivier, S.J., Apologética Christã. Versão portuguesa por Pe. Manoel Martins, S.J. 3ª edição. São Paulo, Companhia Melhoramentos, 1925, p. 47 a 57.

Nessa obra, são nomeados catorze deles: Deus como Ser necessário, único, soberanamente perfeito, infinito, puro Espírito, imenso, onipotente, imutável, eterno; inteligência, bondade, santidade e veracidade infinitas; o fim último de todas as coisas.

Deus está presente, com esses e outros atributos, em toda a obra de Guimarães Rosa. O que faremos a seguir é identificar alguns deles nos escritos rosianos, a começar pelo poema

ÁGUAS DA SERRA

Águas que correm,
claras,
do escuro dos morros,
cantando nas pedras a canção do mais adiante,
vivendo no lódo a verdade do sempre descendo...
Águas sôltas entre os dedos da montanha,
noite e dia,
na fluência eterna do ímpeto da vida...
Qual terá sido a hora da vossa fuga,
quando as formas e as vidas se desprenderam
das mãos de Deus,
talvez enquanto o próprio Deus dormia?...
E então, do sono pleno dos paraísos perfeitos,
os diques se romperam,
as forças livres rolaram, / rolaram livres, /
e veiu a ânsia que redobra ao se saciar,
e os pensamentos que ninguém pode deter,
e novos amores em busca de caminhos,
e as águas e as lágrimas sempre correndo,
e Deus talvez ainda dormindo,
e a luz a avançar, sempre mais longe,
nos milênios de treva do sem fim...
(M, 2)

Além de Criador, Deus é valente (S), vaqueja "os pequenos e os grandes" (MM), é "menino" e "chove em tôdas as cabeceiras..." (NUNP); é "a coragem" (NS), "paciência", "alegria", "doçura" e "bondade adiante" (GS: V); Deus "é dono de todas as simultaneidades" (AP). Deus também pode punir, mas "só por meio de pesadêlo" (NUNP). Deus é "traçoeiro. Ah, uma beleza de traçoeiro — dá gosto" (GS: V).

Ao chegarmos à última das etapas da viagem espiritual, a de número sete, nossa primeira lembrança é identificá-las com os sete dons do Espírito Santo; a segunda, tentar reconstituir a definição da idéia de Deus. Para Guimarães Rosa, Deus tem a "força necessária" que o homem tanto procura para superar as suas angústias e aflições (R, 170); é indelineável e de uma "astral luminosidade" (AP, 197); é "ideal, efetividade e proto-princípio — pio, inabalável. E

a Providência" (T, 165-166)

E reflitamos — o bonde sempiterno rosiano, tal como a alma em busca do aperfeiçoamento que levará à perfeição almejada, precisa vencer três etapas ou vias, subordinadas entre si, que são: a purgativa, a iluminativa e a unitiva. Todo aquele que quiser crescer espiritualmente terá de passar pelas três.

A purgativa (ascética) é própria dos iniciantes. Trata-se de uma via de abnegação e mortificação, de exercício metódico das virtudes, através das quais procura-se corrigir defeitos e vícios. São características dessa via: o temor e a piedade, a busca do estado de graça e a oração discursiva mental ou meditação.

A iluminativa (ascético-mística) é própria dos adiantados, aplicados, diligentes. Aqui a alma se esforça para progredir em virtudes — amor, esperança e caridade —, através de oração mais afetiva, menos discursiva. A busca da purificação se intensifica; a alma começa a vislumbrar a "luz infusa e não adquirida"³⁰ da contemplação, que brilha no seu interior, chegando mesmo a sentir-se bem próxima da perfeição de Cristo.

A unitiva (propriamente mística), quando a alma atinge o grau mais elevado de santidade e experimenta a ventura da união com Deus, o sabor do gozo inefável, a vida espiritual em toda a sua plenitude. No estado místico, predominam os dons do Espírito Santo, e os contemplativos conhecem os ocultos mistérios de Deus.

Nas vias de perfeição descritas por Guimarães Rosa, o homem

tem a terra e tem o céu —
escolha deve ser feita!
(S, 240)

O Reino de Deus é uma "região" suspensa. (AP, 217)

3. A razão impotente: o estado contemplativo

O caminho a ser percorrido pela alma, em busca da paz interior, pressupõe desde a tranquilização da consciência até a beatitude perfeita da vida divina.

30. Ver Fr. Juan G. Arinterro, Cuestiones Místicas, p. 452



Nesse processo da iluminação e da união com Deus, a primeira etapa predominantemente mística, como dissemos anteriormente, é o estado contemplativo: o apogeu do exercício espiritual.

Tal estado desenvolve-se na vida presente, aqui embaixo. Como diz São Paulo (Gal. 6, 10), "enquanto temos tempo, façamos bem a todos, mas principalmente aos domésticos da fé".

Outros há que identificam esse estado de graça com a oração do silêncio, entendendo por oração³¹ uma forma de alçar nossa alma a Deus, com o intuito de amá-lo e servi-lo, e, por silêncio, o recolhimento e a concentração. Já para o homem rosiano, não se recusa oração ou reza, "porque: dinheiro, carinho e reza, nunca se despreza" (S, 282). A reza "endireita tudo... P'ra tudo Deus dá o jeito!" (S, 338), ou, como o próprio Guimarães Rosa diz ao pai: "A oração é coisa muito mais transcendente do que parece. Apenas, ha mais de uma maneira da gente orar". (R, 155 - carta enviada de Hamburgo, em 16/5/1938. Além disso, "Reza é que sara da loucura no geral. Isso é que é a salvação-da-alma... Muita religião, seu moço!" (GS: V, 15); "—'Reza é começo de quaresma...' (GS: V, 323), e "uma jaculatória ou uma prece — coisas insubmersíveis" (EE, 41). Por quererem todos "outras larguras" (T, 56), - os sapos "rezam também — por força, hão-de! O sapo rezara" (T, 196); "O sabiá reza: — Senhora... Senhora... — a penas um rebate de saudade. Sempre mais longe, mais fundo, mais grave. Aonde os anjos, que ainda à terra vêm, agora. Vigem disfarçados?" (AP, 41 - g. do a.); rezam: Maria Behú, "quase todo o tempo" (NS, 86); o Canuto, "em pé e deitado" (NUNP, 137); Nominatedômine: "Olha o enquanto-é-tempo... Vamos, vamos: p'r'a igreja! Todos me acompanhem. Aqui-del-papa! Aqui-del-presidente! (NUNP, 46); Augusto Matraga, "Nomopadrosfilhospritosantamêin!" (S, 367); seu Joãozinho Bem-Bem (S, 364); Medeiro Vaz: "era solene de guardar o rosário na algibeira" (GS: V, 26); a Mãe (PE, 20); o Homem calado (PE, 53); frei Sinfrão (NUNP, 10); Miguilim: "Estava rezando, endereçado baixinho, para Deus dificultar d'êlle morrer" (MM, 29); Riobaldo, à sua maneira, o mais católico dos cristãos, rezando continuamente, mesmo enquanto mantém pacto com o diabo: "E rezo. Para a minha reza, Deus dá as costas, mas abaixa meio

31. Em Guimarães Rosa, encontramos a seguinte:

Oração

O louva-deus, erecto, num caule de junquilha,
reza, de mãos postas, com punhais cruzados,
como um bandido calabrês...
(M, 46)

ouvido." (GS: V, 365); "O senhor reza comigo. A qualquer oração. Olhe: tudo o que não é oração, é maluqueira..." (GS: V, 366); "Mas ninguém não pode me impedir de rezar; pode algum? O existir da alma é a reza... Quando estou rezando, estou fora de sujidade, à parte de toda loucura. Ou o acordar da alma é que é?" (GS: V, 458) Guimarães Rosa, ele próprio, foi homem de muita reza:³²

O poeta reza o Rosário

Mas, quando a gente reza, com fervor, tudo melhora, a gente suporta bem, e tira das próprias desvantagens uma certa satisfação. Ganha-se coragem. Isto é que é mesmo o que vale e tem importância. (R, 196 - carta à mãe, 9/7/1964).

A gente vai vivendo, vai empurrando, vai rezando e agüentando. (R, 197 - carta ao pai, 9/7/1964)

Rezo, de verdade, para que pudesse esquecer-me, por completo, de que algum dia já tivessem existido septos, limitações, tabiques, preconceitos, a respeito de normas, modas, tendências, escolas literárias, doutrinas, conceitos, atualidades e tradições — no tempo e no espaço. (R, 332, carta enviada a João Condé, 21/7/1946).

Rezo, escrevo, amo, cumpro, suporto, vivo — mas só me interessando pela eternidade. (R, 345 - carta ao Dr. Joaquim de Montezuma de Carvalho, 27/8/1963),³³

profissão de fé que norteou também a sua arte e criação desde 1936, quando escreveu o livro Magma, cuja epígrafe é a seguinte:

32. Sobre o Guimarães Rosa religioso, mais dois amigos dão o seu testemunho. Durante homenagem póstuma dos membros do Conselho Federal de Cultura (Rio de Janeiro), Augusto Meyer lembrou que Guimarães Rosa, ao "deitar-se, rezava sempre o seu rosário" (EMJGR; Geraldo França de Lima, um dos seus amigos mais chegados, contou sobre Guimarães Rosa: "E se a angustia o apertava, persignava-se, rezava baixo, suspirava. E me olhava" ("A última semana de Rosa", referindo-se ao dia 14 de novembro de 1967, antevéspera de sua morte - EMJGR, 190); Trição de Athayde escreveu um artigo sobre o assunto, de onde extraímos o seguinte trecho: "Contou-me ele mesmo que, freqüentemente, antes de entrar no Palácio do Itamarati, para suas tarefas pré-diplomáticas, passava uns bons minutos de meditação na pequena igreja de S. Jorge. E levava sempre consigo um pequeno anel, que no interior chamam de "dezena do Rosário", em que freqüentemente rezava". "Rosa". Folha de S. Paulo, 3/7/1981, p. 3.
33. A referida carta ao Dr. Montezuma foi publicada originalmente por Guimarães Rosa no Jornal Letras e Artes, Rio de Janeiro, 21/7/1946.

O poeta reza o rosário,
 conta a conta,
 e o fio corre por dentro
 sem que o poeta o veja,
 sem que o sinta,
 sem que o desminta...
 (M, 1)

Mas, na obra rosiana, também há lugar para a

REZA BRAVA³⁴

— "Saíu da casa, sem nenhum motivo,
 e me disse que não vai voltar.
 Dou-lhe o dinheiro e o cavalo arreiado..."
 — "Sossega, Dona, que seu marido
 ainda hoje mesmo, tem de voltar!
 Agora, silêncio, em honra dos Santos,
 que eu vou começar:
 — Chico!, volte para sua Dona,
 que nenhum descanso você terá...
 Tres pratos ponho na mesa,
 para mim, para minha Santa Helena,
 e para você, quando chegar...
 Tres vezes chamarei, tres pancadas lhe darei!...
 A primeira, na testa, para que você lembre,
 a segunda, no peito, para que você sofra,
 a terceira, nos pés, para você caminhar...
 Si estiver comendo, pare,
 si estiver conversando, cale,
 si estiver dormindo, tem de acordar...

 A meia-noite já vem chegando,
 e é a hora boa para rezar.
 Vou queimar pólvora, vou traçar o sino,
 vou rezar as sete ave-marias retornadas,
 e depois a reza brava de São Marcos e São Manso,
 com um prato fundo cheio de cachaça
 e uma faca espetada na mesa de jantar.
 Agora, Dona, fique esperando,
 que o seu marido tem de voltar...

Mas que barulho é esse, nessa hora morta?..
 Vem muita gente, batem na porta...
 — Ai, Siá Dona, nós não sabemos
 como isso aconteceu...
 Estavam todos alegres, bebendo cachaça,
 sem briga nenhuma, sem discussão...
 — Entrem todos, podem entrar...

34. Além de "reza brava" (ver S, 232, 253, 278), podemos encontrar na obra rosiana "reza boa" (GS: V, 378); "rezas pesadas" (MM, 136); "cantoria torta" (AP, 56); "Altas rezas" (GS: V, 47); "reza ruim" (GS: V, 184); "cantiga de espantar males" (S, 224).

Jesus!... que é isso,
vem carregado...
É o marido, ensanguentado,
com um ôco de faca no peito esquerdo,
bem no lugar do coração...
(M, 72-73)

Quanto ao silêncio, em Guimarães Rosa vem cheio "de mais ou
tras músicas" — músicas celestiais — (NUNP, 116), e ajuda a alma a
crescer (PE, 7). A questão proposta por Riobaldo —

O senhor sabe o que o silêncio é? É a gente mesmo, demais:
(GS: V, 319) —

resolve-se mais explicitamente na comunicação direta da alma com Deus,
de criatura com Criador:

Só há um diálogo verdadeiro: o do silêncio e da voz. (AP,
25)

No aperfeiçoamento do homem rosiano, silêncio e solidão ca
minham juntos, pois "a colheita é comum, mas o capinar é sozinho"
(GS: V, 47); carece sempre "nas estreitas horas — isso procuro" (GS:
V, 118-119); é preciso praticar "aquela liberdade vaporosa e o espí-
rito de solidão" (PE, 102). É difícil determinar o momento certo:

DE REPENTE, E ME SEPARO DE UM MILHÃO DE COISAS. Uno-me. Eu,
enfim, era eu, indispersado. (AP, 33)

Cristo é o modelo a ser contemplado e seguido, pois, lem-
brando Santa Teresa de Jesus, o Céu abrir-se-á para aquele que, coti
dianamente, dedicar uma parte de sua vida às orações, com fé e aten-
ção, humildade e perseverança. Inversamente, através de sinais, faz-
se a comunicação Deus - homem: a seu chamado, a alma sai e permanece
fora do corpo. Só então contempla a Essência divina.

Essa visão beatífica, o chamado "vôo do espírito",³⁵ de que
fala e pratica Santa Teresa de Jesus, produz efeitos extáticos no
corpo: "insensibilidade orgânica; a expressão da fisionomia; a agiliu

35. Ver Obras Completas de Santa Teresa de Jesus, 527 ss.



dade ou levitação", e, na alma, a "energia sobrenatural", segundo Fr. Antonio Royo Marín.³⁶

Algumas personagens rosianas atingem esse estado de júbilo total, de gozo "de los bienes infinitos del cielo", tal como nos mostra São João Crisóstomo.³⁷ É o que veremos a seguir

4. Projetos humanos e intervenção sobrenatural

Eis o que diz Guimarães Rosa sobre

INICIAÇÃO

E nem mais existirá a esperança do trágico...
 E no vazio,
 envão apelareis para as grandes catástrofes,
 para a vaidade do ranger de dentes,
 para o pavoroso das formas não de todo feitas,
 sob o terrível das fôrças verticais...
 Sumirão as espadas suspensas de fios,
 sumirá a mão que escreve nas paredes
 do festim velho,
 e a Esfinge dormirá nas areias eternas...
 Sômente o segredo, acordado, no caminho claro,*
 na encruzilhada de todos os caminhos,
 andando na tua frente, desvendado,**
 mais difícil de crer do que de decifrar...
 Teu pensamento, tua fé e teu desejo,
 criando, á tua escolha, o teu destino...
 E si fôres forte,
 olha bem para cima,
 para ver como é sorrindo
 que morre o teu Pai...
 (M, 43)

Antes das alterações feitas por Guimarães Rosa, os versos eram assim:

* Sômente o segredo, acordado,
 no caminho claro,

** andando na tua frente,
 desvendado,

Nesse poema de cunho profético e religioso, que faz parte

36. Cf. Fr. Antonio Royo Marín, Teología de la Perfección Cristiana, cap. I "El éxtasis sobrenatural", p. 674 a 684.

37. Ver San Juan Crisóstomo, "Después del Juicio, la Gloria". Tratados Ascéticos. Madrid, Biblioteca de Autores Cristianos, 1958, p. 332

do livro Magma, o que se vê é o Iniciado passando por várias etapas ascético-místicas, que nele operam mudanças de nível: do profano para o sagrado, do humano para o divino.

Para o neófito rosiano, crer é dificultoso, como viver também o é. No vazio da existência, aquele que não crê pode deixar escapar a última esperança dos desafortunados.

A encruzilhada é lugar de passagem; enquanto o centro do mundo não sair das trevas, o segredo não será desvendado. A não ser que a Esfinge, imóvel, durma infinitamente, e o caminho da dor se ilumine pela luz da fé.

Por isso, olhar para o alto — poderoso símbolo de ascensão —, bem "na tua frente", e dividir com Deus Pai o sofrimento, a morte e a ressurreição do Filho, são sinais de que, pela graça, é possível alcançar a eternidade. Completa-se, assim, o ciclo da evolução gradual em direção ao Céu. Segundo Pe. Juan G. Arinterro (Evolução Mística, 17),

todo el proceso de formación, desarrollo y expansión de esa vida prodigiosa, "hasta que se forme Cristo en nosotros", y "nos transformemos en su divina imagen" (Gal. 4, 19; 2 Cor. 3, 18)

resulta em evolução mística. A gradação que a caracteriza é observável na construção de várias personagens rosianas e na vida do próprio autor:

De fato, nada mudou, no meio da eterna e externa mudança. Por dentro, sigo. Menos angustia, mais certeza; isto, sim. Cada dia aprendo um pouco mais da vida. Sei, agora, que o labirinto também está andando, avançando, evoluindo. Todo fim é exato. O que a gente tem de aprender é, a cada instante, afinar-se como uma linhazinha, para saber de passar no furo de agulha, que cada momento exige. Mas não pode ser analiticamente. (R, 323 - g. do a. - carta ao embaixador Antônio F. Azeredo da Silveira, 25/1/1962)

Essas mudanças de estado — que, na ótica rosiana, devem reunir cada um dos vários elementos ou idéias, efeitos e resultados do processo evolutivo como um todo — constituem característica importante em relação a um grande número de personagens: Miguilim é "alegre por dentro" e "triste por fora" (MM, 48); Dito, seu irmão acredita que se pode "ficar então mais alegre, mais alegre, por dentro!..." (MM, 80-81); Joana Xaviel tinha momentos de grande beleza, "ficava semblante" (MM, 135); Velho Camilo se transfigura, quando conta histórias (MM, 188);

Grivo retorna "demudado", de sua viagem em busca do "quem" das coisas (NUNP, 123); Aleixo, depois da cegueira dos três filhos, "demudou completo": pratica a caridade, é mais feliz (GS: V, 13); o que muda em Riobaldo é o "cômpito da alma" (GS: V, 353); no conto "O Espelho", o narrador acompanha as mudanças por que passa depois de "sofrimentos grandes" (PE, 77).

De todas as personagens rosianas que passam por mutações internas, houve uma delas que nos chamou a atenção. Trata-se de Santa Nhinhinha.

Considerando toda a obra de Guimarães Rosa, identificamos, na deificação ou santificação da menina Maria — menininha, "Nhinhinha dita", que viveu "nem quatro anos" —, o desenvolvimento espiritual na sua totalidade. ("A menina de lá" - PE, 20 a 24)

A adoção divina, já no momento em que nasce, torna-a diferente das demais, predestinada. Cedo conhece os tão incompreensíveis mistérios da vida e começa a se preparar para atender ao chamado do Senhor.

Transcendente — trata-se da "menina de lá" — e solitária, "perpétua e imperturbada", contemplativa, "não se fazia notada, a não ser pela perfeita calma, imobilidade e silêncios". Recebe o comunicado da nova vida e começa a experimentá-la, fazendo "vácuos", espécie de arrebatamento extático; começa a perceber também que as estrelas são "deléveis, sôbre-humanas", e que quase pode tocar o céu com a mão.

Suas palavras não são entendíveis, e por isso desconcertam os que a rodeiam. Tiantônia é a primeira a entender que os balbucios e as frases sem nexo de Nhinhinha são uma forma de esconder os dons sobrenaturais, que exercita cada vez com maior frequência: "olhando o nada diante das pessoas: — 'Eu queria o sapo vir aqui'" (g. do a.); e o "milagre" acontecia.

Aos poucos, mansamente, ela se enche de graça santificante. Com a morte levando-a tão pequenina a seu pedido, pois queria "visitar" os parentes mortos, sua alma começa a ascender, porque seu coração é puro e sensível.

Nhinhinha alcança a glória eterna por merecimento. A luz divina transfigura sua alma virtuosa e abre-lhe as portas do céu, para que participe dos privilégios da bem-aventurança.

A menina de "lá", agora SANTA NHINHINHA, atinge o mais alto grau da evolução mística:³⁸ a união com Deus.

38. A "íntima transmutação" (EE, 219), quando a "alma" deve "mudar de faces" (EE, 225), ocorre com as seguintes personagens: Drá, a "Indicada" (T, 93 a 96); Mecheu (T, 101 a 104); Rita-a-Rola (T, 123 a 125); "o homem" (T, 138 a 141); o padre (T, 200 a 203), dentre outras.



CAPÍTULO IV

AS SETE SEREIAS DO LONGE¹

Na obra de João Guimarães Rosa, a mutação espiritual — tomada aqui no sentido de mudança interna, de passagem de um modo de ser para outro — é, sem dúvida, um tema unificador de sua weltanschauung: "mudável" é "a imutabilidade das coisas" (AP, 177), mutáveis são a sina (AP, 198), o ontem e o amanhã (EE, 246), as pessoas (NS, 138 - MM, 42 - GS: V, 13), o mundo. Somente a paz de Cristo é constante e permanente: "Para trás, não há paz" (GS: V, 35).

Para indicar o caminho² a ser seguido pela alma na manifestação de sua espiritualidade, Guimarães Rosa criou a alegoria das SETE SEREIAS DO LONGE. São elas:

1. "si-mesmo"
2. "o céu"
3. "a felicidade"
4. "a aventura"
5. "o longo atalho chamado poesia"
6. "a esperança vendada"
7. "a saudade sem objeto"

1. Ao relatar fatos acontecidos quando de sua passagem pela França — sob o título "Do Diário em Paris" (p. 63 a 67) —, Guimarães Rosa data dois trechos da referida narrativa, sem identificar o ano. Diz ele: "30-IX - O diário tem dois títulos: às vezes é 'Nautikon' — Nautikon 'Sou eu mesmo' —, às vezes 'Sozinho a bordo' (a propósito, em Guimarães Rosa, há dois tipos de solidão: "Eu estou só. O gato está só. As árvores estão sós. Mas não o só da solidão: o só da solistência" - AP, 64); "2- X - As sete sereias do longe: si-mesmo, o céu, a felicidade, a aventura, o longo atalho chamado poesia, a esperança vendada e a saudade sem objeto" (AP, 65).

2. Como se sabe, para o budismo, o óctuplo caminho consiste: 1º na justa visão; 2º na justa resolução; 3º na justa linguagem; 4º na justa conduta; 5º no justo viver; 6º no justo esforço; 7º na justa mentalidade; 8º na justa concentração.



Nesse sentido, a aspiração máxima do homem rosiano é o Logos, o estar face a face com Deus, seguir o canto belo e mágico das SEREIAS

Mandastes que as fontes corram em regatos
E deslizem entre as montanhas, (...)
Perto delas moram as aves do céu,
E entre a folhagem desferem o seu canto
(Salmo 103: 10 e 13)

pode ajudar o homem a sair do labirinto, que é o mundo aqui na terra; mas também pode provocar o esquecimento temporário de si mesmo, afetar a memória metafísica:³

e, se, por um pouco, a gente fazia que esquecia, era só para se despertar de novo, de repente, com a memória, no passo de outros sobressaltos. (PE, 35)

Esqueci, de tudo, muito; conforme o encargo da natureza.
(T, 143)

Durante essa viagem "iniciática", o desvelamento do eu mais profundo permite entrever o íntimo do ser, que só se mostrará por inteiro quando, através do êxtase, a alma penetrar em outras esferas, que, segundo Hermes Trismegisto, são sete: "Sagesse! Amour! Justice! Beauté! Splendeur! Science! Immortalité!" São também sete as etapas

-
3. Sobre memória metafísica, Cf. Jeanne Delhomme; La Pensée Interrogative. Paris, Presses Universitaires de France, 1954, p. 14-15: "La mémoire profonde fait ici la profondeur du temps; Platon et Bergson ont vu combien la mémoire était métaphysique; c'est, par elle, qui soutient et maintient, qui donc présente, que le présent est présence, c'est elle qui pressent et devine, c'est elle qui sait; elle sait ce qui n'est pas là quand quelque chose est là, elle sait qu'il y a quelque chose quand tout est absent; par sa consistance et par sa résistance, par sa présentation sans re-présentation, elle tient l'univers dans une présence qui ne fuit pas, qui ne s'écoule pas et pourtant ne demeure pas; mémoire souple et fidèle, mémoire qui en sait plus long qu'elle n'en dit, mémoire qui interroge sur ce qu'elle ne dit pas en faisant de l'oubli une certitude, du savoir un songe et du songe un savoir, elle est véritablement l'ex-sistant en tant que celui-ci naît au monde dans la re-connaissance de l'in-terrogation.
 4. Sobre Hermes Trismegisto, Cf. Léon Denis. Après la mort. Nouvelle Édition Revue et Augmentée. Paris, Librairie des Sciences Psychiques, s/d, p. 45.

da via mística, segundo Farid-ud-Din Attar, no seu poema "Le Langage des Oiseaux": "la Recherche, l' Amour, la Connaissance, l'Indépendance, l'Unité, l'Émerveillement, le Dénueement et la Mort mystique".⁵ E mais: as sete Moradas de Santa Teresa;⁶ os graus da perfeição; os céus budistas; as esferas planetárias de Dante; as portas do Paraíso; os planetas;⁷ os dias divinos; os artigos da fé cristã, com respeito aos tributos de Deus; os pecados capitais; as palavras de Cristo; as virtudes (quatro teologais e três cardeais); os Sacramentos; os sábios da Grécia; os sete "Selos" de Ruysbroeck.⁸

Voltando à alegoria das SETE SEREIAS DO LONGE, há dois pontos a ressaltar: o primeiro deles diz respeito ao sentido mítico; o segundo, ao sentido poético. Para se entender um e outro, é preciso que examinemos cada um dos termos que a compõem:

S E T E⁹

A ação mágica e esotérica do número SETE, símbolo da totalidade humana, está de tal modo arraigada no universo rosiano — referimo-nos à sua simbologia e representatividade numérica, seguramente comprovada mais de sessenta vezes —, que nos levou a procurar, na concepção pitagórica onde SETE é um número cósmico sagrado e perfeito,¹⁰ a sua virtude intrínseca: a harmonia universal. Por outro lado, nos textos bíblicos e místicos, fomos buscar a sua utilização em rituais, nas visões dos profetas, nas invocações.

De todas as ocorrências por nós levantadas na obra rosiana, uma nos chamou especialmente a atenção, exatamente a que revela:

5. Apud CHEVALIER e GHEERBRANT. Dictionnaire des Symboles: sept. O referido poema foi escrito em 1857.

6. Cf. Santa Teresa de Jesus. "Morada del Castillo Interior". OBRAS COMPLETAS- II. Madrid. Biblioteca de Autores Cristianos, 1954, 317.

7. Segundo a tradição, são em número de sete, embora a astronomia moderna tenha descoberto mais planetas.

8. Cf. Apocalipse: II. "O Livro dos Sete Selos", 4 ss.

9. Cf. Luís Cencillo. Mito - Semántica y Realidad. Madrid, Biblioteca de Autores Cristianos, 1970, p. 201 ss.

10 A doutrina dos números foi revelada por Deidades celestes.

Porque não é a êsmo que se vem fazer uma visita: aqui on de cada lugar tem indicação e nome, conforme o tempo que faz e o estado de alma do crente.

Hoje, vamos, primeiro às Rendas da Yara, para escutar de próximo os sete rumores do riacho, que desliza em ebulição. Perto, no fresco da relva, na sombra da selva, no úmido dos minadouros que cantam, dormem as avencas de folhagem minuciosa: (S, 242 - grifos nossos)

É evidente a estreita ligação do número SETE com Iara, a sereia brasileira.

Encontrados em Sagarana, os SETE RUMORES DO RIACHO ressurgirão em Ave, Palavra ("Do Diário em Paris" - AP, 65), de onde tiramos o título do presente capítulo. Explicitados, sim, mas sem perder a sua aura e os segredos das

S E R E I A S

Homero citou as SEREIAS, pela primeira vez, na Odisseia:¹¹ eram seres marinhos que atraíam os navegantes com seu canto.¹² Mulheres com cauda de peixe, voz divina que intermediava o acesso ao conhecimento do que diziam os deuses, aves, ninfas (chamadas oceânicas ou nereidas, quando moravam no mar, e náiades, quando moravam nos rios), musas, deusas da inspiração poética. Como se vê, há muita controvérsia sobre a origem e natureza das SEREIAS (do grego seirén pelo lat. tardio sirena). Platão refere-se a oito Sirenes e oito céus concêntricos.¹³ Guimarães Rosa, por sua vez, fala-nos de uma mulher¹⁴

11. Orfeu foi o único a resistir ao canto das sereias, por isso é considerado também um "encantador", um "purificador". Cf. R. Mondolfo. O Homem na Cultura Antiga. São Paulo, Mestre Jou, 1968, 32-33.

12. Guimarães Rosa refere-se a cantigas encantadas (NUNP, GS:V, PE); a "canção dada às águas" (NUNP, 93- grifos nossos); a música (MM, 172-182; NUNP, 66 -116-136; T, 145; AP, 33-42-188); a submúsica (NS, 84) e a transmúsica (NUNP, 22); "as estradas cantavam" (S, 360); a morte "canta" (GS:V, 47); "vida cantável" (GS:V, 368); "Tu do nesta vida é cantável" (GS:V, 368).

13. Cf. Platão: Sobre ninfas, A República II - Livro X, p.252-254; Fédro 230; musas, 244-248-258-259.

14. Outros exemplos em Guimarães Rosa: "As mulheres — as que, nuas, alhuresmente, andavam por dentro de rio e córregos, descendo, se oferecendo — uma o homem viu e quis: ela se inteirava de grávida, ali mesmo deu à luz". (EE, 266-267; ver 277 ss.); "Serpentes os cabelos," (EE, 277); ver Ondinas (M, "A Iára").

tão bonita se penteando",

A IÁRA

Bem abaixo das colinas de ondas verdes,
onde o sol se refracta em agulhas frias,
descem todas as sereias dos mares e dos rios,
irreais e lentas, como espectros de vidro,
para os palácios de madrépora de Anfitrite,
num vale côncavo, transparente e verde,
num recanto abissal, como uma taça cheia,
entre bosques de sargaços, espumosos,
e jardins geométricos de coral...

Por entre delfins, sentinelas de Poséidon,
afundam, suspensas, sôltas, como grandes algas,
carregando os jovens afogados:
Ondinas das praias, flexuosas,
Nixos da água furtacor do Elba,
Havefrus do Sund e Russalkas do Don...
Loreley traz no esmalte doce dos olhos
duas gotas do Rheno...
E Danaides laboriosas se desviam dos cardumes
de Nereidas,
que descem, ondulando as caudas palhetadas
dos seus vestidos justos de lamé...
Mas a Iára não veio !...
Mas a Iára não veio !...

Porque a Iára tem sangue,
porque a Iára tem carne,
sangue de mulher moça da terra vermelha,
carne branca de peixe da água gorda do rio...

Iára de olhos verdes de muiiraquitã,
cintura pra cima cunhantã,
cintura pra baixo tucunare...
Que veio, dormindo, Purús abaixo,
filha do filho do rei dos peixes
com uma índia branca Cachinauá...

Lá bem pra trás da Bôca aberta do rio,
onde solta seus diabos
o bicho feroz da pororóca,
ela ficou, cheia de medo,
brasiliana, tapúia, morena,
tão orgulhosa,
que não quer ser desaprezada pelas outras...

E a Iára é preguiçosa,
tão preguiçosa,
que não canta mais as trovas lentas
em Nheengatú !
-"Iquê, ianê rétâma icú,
Paraná inhâna tumassâua quitê..."

Nem mais se esforça em seduzir
 o canoeiro mura ou o seringueiro,
 meio vestida com a gaze das águas,
 na renda trançada dos igarapés...
 E eu tenho de chorar:
 - "Enfeitiça-me, oh Iára,
 que eu vim aqui para me deixar vencer..."

Mas, custa-me encontrá-la,
 e só à noite sem bordas dessas terras grandes,
 quando a lua e as ninféas desabrocham sôltas,
 eu posso beijá-la,
 nua,
 dormida,
 esguia,
 oleosa,
 na concha carmesim de uma vitória-régia,
 tomando o banho longo
 de perfume e luar...
 (M, 3 a 5)

e de seu encontro com

O CABOCLO D'ÁGUA

No lombo de pedra da cachoeira clara
 as águas se ensabôam
 antes de saltar.
 E lá em baixo, piratingas, pacús e dourados
 dão pulos de prata, de ouro e de cobre,
 querendo voltar, com medo do poço
 da quarta volta do rio,
 largo, tranqüilo, tão chato e brilhante,
 deitado a meio bote
 como uma boipeva branca.

Na água parada,
 entre as moitas de sarãs e canaranas,
 o puraquê tem pensamentos
 de dois mil volts.
 À sombra dos mangues,
 que despetalam placas vermelhas,
 dois bôtos zarpam, resfolegando,
 com quatro jorros,
 a todo o vapor.
 E os jacarés compridos, de olhos esbugalhados,
 soltam latidos, e vão fugindo,
 estabanados, às rabanadas, espadanando,
 porque do fundo
 do grande remanso, onde ninguém acha o fundo,
 vem um rugido, vem um gemido,
 tão rouco e feio, que as ariranhas
 pégam no chôro, como meninos.

O canoeiro
 que vem no remo, desprevenido,
 ouve o gemido e fica a tremer.
 É o Caboclo d'água,

todo peludo, todo oleoso,
que vem subindo lá das profundas,
e a mão enorme, preta e palmada,
de garras longas,
pêga o rebôrdô da canoinha
quasi a virar.

É o canoeiro, de facão pronto,
fica parado, remando baixo,
sempre a tremer.
Crescendo d'água, lá vem a máscara,
negra e medonha,
de um gorila de olhar humano,
o Caboclo d'água
ameaçador.

E o canoeiro já não tem medo,
porque o Caboclo o olhou de frente,
todo molhado,
com olhos tristonhos, rosto choroso,
quasi falando,
quasi perguntando
pela ingrata Iara,
que, já faz tempo, se foi embora,
que ha tantos anos o abandonou...
(M, 5Y-58)

Há um outro poema de Magma onde a Iara está presente, que é

NO ARAGUÁIA-III

Os carajás de baixo estão brigados
com os carajás de cima.
Porque roubaram um gramofone velho
do Capitão Bacuriquirepa,
e tem também a história de um menino índio
morto no mandiocal.
Vai ter barulho feio !...

Estão tres chefões reunidos
na maloca do Capitão Codunê
Cobra-Grande, Arco-Verde o Ariranha,
bebendo pinga e fumando cotí.

A fogueira está acesa,
e, lá em cima, ainda ha muitas fogueiras.
E a maior delas é a estrêla
fogo-grande-da-lua,
iací-tatá-uassú...

Araticum-uassú veio me trazer
uma pele de lontra e um camaleão moqueado.
Mas não quer cobertores, nem facas, nem fumo,
só quer muita pólvora e uma arma de fogo.
Vai ter barulho feio !...

Alguém vai cantando, lá longe, lá longe,
 uma voz dentro d'água, sem boca, sem garganta,
 Tem uma luzinha passeando e pulando,
 na praia comprida,
 um fogo que o vento não espalha nem apaga,
 um fogo do fundo, que deve ser frio.
 E estão rasgando, na macega clara.
 uma gargalhada fina.
 São as tres mães do índio órfão:
 a Mãe do Ouro, a Mãe d'Água, a Mãe da Lua...
 (.....)
 (M, 74 a 76)

Existem ainda: Çacyara, misto de Saci e Iara (EE, 168), Iarodara (AP, 151), Mãe-d'água (NUNP, 96 - T, 196 - M, "No Araguáia-III"), ninfas (AP, 233 e EE, 282), nereidas (EE, 17) e sereias (NUNP, 95 e EE, 17).

Na visão rosiana, o canto das SEREIAS¹⁵ é o "chamamento de aventuras" (T, 115) e serve como fonte de conhecimentos relativos ao ser, de atalhos para a essência divina. Em síntese, é a própria Poesia,¹⁶ linguagem da alma vinda diretamente do mundo celestial, na concepção teológica. Confunde-se com os cânticos de amor que os místicos escutam no silêncio de seus corações, nas profundezas da alma. Não se deve lutar contra o canto das SEREIAS, mas deixar-se levar por ele, no caminho ascensional da evolução interior. Não se pode fugir do chamamento

D O L O N G E

-
15. Segundo Flávio René Kothe, "O Fetichismo na Arte". Benjamim & Adorno: Confrontos. São Paulo, Ática, 1978, p. 50, "O canto das sereias é interpretado como um apelo de volta à natureza, da qual o homem surgiu, mas à qual não pode mais voltar: a viagem civilizatória precisa continuar. (...) é uma alegoria, cuja interpretação segue a linha hermenêutica também proposta por Benjamim".
 16. Aqui lembramos Abade-Henri Brémond, que aproxima a Poesia da prece mística; Novalis, que afirma que "poesia é a arte de excitar a alma"; Coleridge, para quem "poesia são as melhores palavras em sua melhor ordem". Segunda Eliot, "toda verdadeira poesia é uma visão de mundo", enquanto para Pound "A poesia se atrofia quando se afasta muito da música".

Dentro da cosmogonia mítica rosiana,

LONGE É O QUE FUGIU DE MIM.
TUDO O QUE FUGIU DE MIM.
LUCÍVORO ABISMO.
(AP, 152)

E os "pontos remotos" (MM, 5) se multiplicam por toda a obra.¹⁷ É assim que LONGE é o mar (MM, 57-70-107), o riachinho (MM, 119), o cemitério (MM, 86), a montanha (NS, 181), o sertão (NS, 163-GS:V, 268), o céu (NS, 181), a lua (MM, 69 - AP, 152), o passado (NS, 181), o futuro (T, 242-243), as horas (GS:V, 445), a oração (AP, 41), a alegria (AP, 135 - NS, 140), o destino (S, 253), a cantiga (PE, 18), a moça (PE, 120), tudo (MM, 120 - NS, 163), o mundo (GS:V, 336), o fim (NUNP, 96). O amor é a possibilidade de aproximação:

Buriti me deu conselho,
mas adeus não quis me dar:
amor viaja tão longe,
junta lugar com lugar.
(NUNP, 105)

Questões cruciais para o homem estão ligadas ao LONGE, sobre

-
17. A duplicação e a ressonância sugerem a extensão do LONGE até o infinito: "lo-õ-ongue" (PE, 117), "ao-longe" (PE, 33), "mais longe" (MM, 7 e PE, 51), "longelonge" (NS, 21), "longe, soslonge" (T, 31), para fora do alcance das pessoas. Podem simbolizar também a sensação de perda: "Todos os que eram meus (...) haviam ficado alhures, imensamente em não, em nada, imensamente longes, eu os tinha perdidos" (EE, 225); de loucura e morte: "Ia servir para levar duas mulheres, para longe, para sempre" (PE, 15); "Ela mesma permanecia igual a uma morta, (...) Tão longe afundada, tão longemente" (EE, 217); "Mas, pouco a pouco, choro também por este ou esta, desconhecido, por certo tão jovem, e in termino, e que a longo longe conduzimos" (EE, 241); de (ir)realidade: "o surdo-mudo se enfureceu, e rompeu embora, para o outro lado do rio, e daí, para o real longe, a ponto de dele nunca mais se saber" (PE, 122). Impossível determinar a distância que vai do PERTO/DENTRO/FUNDO ao LONGE (MM, 134 - 140; PE, 170; EE, 244; AP, 177-215), pois, no universo rosiano, "aproximar-se é se afastar" (AP, 215). Aqui se observa o princípio de polaridade do Caibalion: "Tudo é Duplo; tu do tem dois pólos": "Falava muito em Deus, mas como se Deus estivesse nem muito longe nem muito perto demais" (NUNP, 182).

o que é bom, o que é certo:

Mas, para mim, o que vale é o que está por baixo ou por cima — o que parece longe e está perto, ou o que está perto e parece longe. Conto ao senhor é o que eu sei e o senhor não sabe; mas principal quero contar é o que eu não sei se sei, e pode ser que o senhor saiba. (GS:V, 175)

Aprendi dos antigos. O que assenta justo é cada um fugir do que bem não se pertence. Parar o bom longe do ruim, o são longe do doente, o vivo longe do morto, o frio longe do quente, o rico longe do pobre. O senhor não descuide desse regulamento. (GS:V, 294)

O que veremos, a seguir, é cada uma das etapas do conhecimento: as SETE SEREIAS DO LONGE, segundo João Guimarães Rosa.

1. "si-mesmo"

A consciência da finitude do ser levou Guimarães Rosa a refletir sobre o "si-mesmo" e o sentido da existência.

Mais do que o estudo sistemático dos fundamentos do ser (Ontologia), Guimarães Rosa privilegiou em suas narrativas algumas descobertas: o silêncio interior, a experiência inefável, o nada e a nossa condição, a transformação espiritual.

Não é difícil para os seus leitores perceber que a meditação sugere o retorno do espírito para dentro de si mesmo (compreensão do universo interior); afinal, está preocupado tanto com o que se é quanto com o que se faz, do ponto de vista humano.

Essa viagem espiritual se constitui num fenômeno que transcende o tempo e busca a fonte absoluta do ser.

O mergulho no eu profundo — passível de infinitas manifestações — passa por etapas, sendo o si-mesmo a primeira das sete se-reias do longe. Por via da "intuição" existencial, da "revelação" e da "inspiração" — cujo primado sobre "o bruxulear presunçoso da inteligência reflexiva, da razão, a megera cartesiana" Rosa afirmou mais de uma vez (B, 58) —, o homem encontra o Deus verdadeiro.

A vida interior é a saída transcendente para o problema da existência, para aqueles que padecem incertezas e angústias. Em trânsito para a eternidade, o homem busca em si mesmo a solução para o

enigma do existir e outros mistérios. Avançar na busca metafísica é o que interessa.

Assim, não é de espantar que, em suas obras, o nosso autor abra um imenso campo especulativo sobre querer o homem tornar-se partícipe da natureza e santidade divina, para escapar ao mundo objetivo e agitado por terríveis crises existenciais. A transformação do mundo interior, vista como um processo natural; a verdade, que é intrínseca, repousa no centro de cada ser e pode diminuir o sofrimento do homem, são outros dois pontos a ressaltar.

Essa experiência é incomunicável verbalmente. Deixará, porém, de sê-lo, quando o homem chegar ao estado de consciência desperta, início da libertação e paradoxo existencial na obra rosiana, como se vê através do exemplo: "E entendia: um despertar — despertava?" (NS, 237)

Mediante a graça, que se infunde em sua alma, o homem rosiano tenta sair do anonimato (T, 155) e chegar ao conhecimento do seu Criador, que lhe permitirá vislumbrar o invisível. Sem ela, não há salvação, tudo é "culpa" (EE, 228); com ela, "Transluz-se" (PE, 82), pois "A graça sem pausas" (AP, 40) é um "dom sobrenatural" (T, 7 - g. do a.), dom comunicado por Deus às almas escolhidas para a vida eterna. Por si próprio, ninguém a alcança, na tradição cristã: mas, desde que escolhida — é o caso do Grivo (NUNP, 103) —, a alma receberá a graça sem nada em troca, por merecimento de Cristo. É um meio de santificação.

Antes, porém, de buscar a identificação com Cristo, vai buscar o eu em si, o que não pode ser conhecido, o nômeno da personalidade humana. Assim, em Guimarães Rosa, trata-se de buscar a consciência de e em si mesmo.¹⁸

Em vários momentos de sua obra, em seu nome ou no de suas personagens, Guimarães Rosa se isola do mundo e olha, profundamente, extaticamente, para o seu interior, à procura do si-mesmo. O conhecimento existe em contínua progressão, no sentido de tornar ato o homem embrionário — antes potência — que existe em todos nós. A passagem do escuro

18. A variante "ensimesmo" (PE, 152) é usada para mostrar o verdadeiro significado do olhar interior (em espanhol, significa atenção profunda em si mesmo), e não pode ser confundida com o ensimesmamento em que a pessoa se isola das circunstâncias, fica distraída, mas nem sempre para olhar-se por dentro.

à Iluminação se dá à medida que se penetra cada vez mais na profundidade do ser.

Porque as pessoas são mutáveis e contraditórias, a identificação total dar-se-á no plano divino. Para isso, como disse Mestre Eckhart, o ser precisa despojar-se de si mesmo para revestir-se da Eternidade de Deus. É exatamente esse percurso, para além de qualquer limite, que possibilitará ao eu projetar-se a si mesmo.

Mas, na obra de Guimarães Rosa, a meditação sobre a natureza humana, que para os existencialistas é uma abstração intelectual e vivencial (tendência anti-evolucionista), não pára aí; renasce, com toda a força reflexiva, na sabedoria eterna de personagens como Riobaldo:

Mestre não é quem sempre ensina, mas quem de repente aprende. (GS:V, 235)

Aprende a essência das coisas que, no dizer de Filolau, é imutável, única e divina, não percebida pelos sentidos, mas pelo espírito; conhece o em si das coisas — "a coisa das coisas e a pessoa das pessoas" (PE, 117), "a sobre-coisa, a outra-coisa" (GS:V, 152), "o esteio-mor" (GS:V, 176), "o interno da coragem" (GS:V, 17), "o recheio das coisas" (MM, 132) — e o si-mesmo do homem; sintoniza a consciência individual com a universal. Ver Deus é crescer "em si" (AP, 115), é amadurecer espiritualmente.

2. "o céu"

Não há qualquer dúvida de que Guimarães Rosa conheceu e utilizou a doutrina platônica do céu, na composição do seu universo mitopoético.

Assim é que o chamamento da segunda sereia do longe é por ele captado nos seus dois sentidos: a) no sentido de morada das almas liberadas que, procedentes do céu, escolhem suas respectivas vidas, assim como o bom ou o mau destino:

tem a terra e tem o céu —
escolha deve ser feita!
(S, 240);

b) no sentido da multiplicação do céu — ¹⁹ "inimitáveis céus" (AP, 34) —, na verdade "um só e único", à semelhança de seu Criador (Ti-meu, 31 a-b), onde as almas, depois de passarem por uma evolução que dura 10.000 anos, contemplam as essências e retornam ao interior do

19. Céu como morada divina, ver Platão, A República II - 618 a 621d; na forma plural, tem origem "no plural hebraico de excelência, algo equivalente as nossas letras maiúsculas" (Dicionário Prático

"céu da verdade", já agora com asas que as mantêm longe do sofrimento:²⁰

aos
céu e céu
olhos leste-oeste olhos
onde entre onde
me movo
morro-me e
me arranco de ti
a ti: a
amarga.
(AP, 68)

O que o azul nem é do céu: é de além dele. (T, 73)

Mas, na obra rosiana, o termo céu é empregado também no sentido teológico da morada especial de Deus e de seus anjos:

Sertão. O lugar era bonito. O céu subia mais ostentoso, mais avistado do que na Mata do Oeste, azuloso com uns azinhavres, ali o céu parecia mesmo o Céu, de Deus, dos Anjos (MM, 130)

e, algumas vezes, confunde-se com o paraíso²¹ (palavra derivada do per

da Bíblia Sagrada). Usa-se diferentemente no singular ou no plural. Ver "terceiro céu" (S. Paulo 2 Cor 12,2) e céu platônico (Fedro 247): "Nenhum poeta ainda cantou nem cantará a região que se situa acima dos céus. Vejamos, todavia, como ela é. Se devemos dizer sempre a verdade, a isso somos ainda mais obrigados quando se fala da própria verdade. A realidade sem forma, sem côr, impalpável só pode ser contemplada pela inteligência, que é o guia da alma. E é na Idéia Eterna que reside a ciência perfeita, aquela que abarca toda a verdade".

20. Ver Platão. Fedro, 247-248; Apocalipse 21, 1-4: "E vi um céu novo, e uma terra nova. Porque o primeiro céu e a primeira terra se foram, e o mar já não é. 2 E eu, João, vi a cidade santa, a Jerusalém nova, que da parte de Deus descia do céu, adornada como uma esposa ataviada para o seu esposo. 3 E ouvi uma grande voz vinda do trono que dizia: Eis aqui o tabernáculo de Deus com os homens, e ele habitará com ele. E eles serão o seu povo, e o mesmo Deus, no meio deles, será o seu Deus. 4 E Deus lhes enxugará todas as lágrimas de seus olhos, e não haverá mais morte, nem haverá mais choro, nem gritos, nem mais dor, porque as primeiras coisas são passadas".

21. Sobre o paraíso, falaremos mais adiante (CAPÍTULO V).

sa, jardim), morada dos justos na outra vida:

Dentro do céu, casas velhas, espaçadas, encerram um território remoto entre rua, praça, campo ou clareira; mais árvores, e caía-lhe a palavra "horto", que o ar sugere, ou "largo", "estância", "paragem", "logradouro" (...) Há de limitar-se com qualquer país de névoa acima, da ordem também dos mais claros (AP, 17)

ou a eterna bem-aventurança,²² em contraposição ao inferno²³ (hades, em grego),

um sem fim que não se pode ver. Mas a gente quer Céu é porque quer um fim: mas um fim com depois dele a gente tudo vendo (GS:V, 49),

lugar de castigo para os maus, estado dos condenados de duração perpétua; ao purgatório, um inferno temporário, onde as almas sofrem por algum tempo mas um dia verão a Deus; ao limbo, que é o "olvido", o "não-abolido" (I, 23).

Ainda dentro da doutrina cristã, o céu é a ausência de todos os males, o gozo eterno junto do Pai. Segundo Santa Teresa, a estrada real do céu é a meditação; para alcançá-lo, a alma deve passar por uma preparação, que consiste em viver na graça de Deus e no recolhimento.

O céu é também a recompensa, o sétimo e último dos encontros do homem com Deus;²⁴ a sua porta "não se fecha" para quem o busca (S, 240).

Cabe lembrar também a esse respeito que, tendo visitado a "bela, estranha e mística cidade de Assis", na Itália, "tôda impregnada ainda do grande Santo", São Francisco de Assis, diz Guimarães Rosa, em carta enviada ao amigo Dr. Antônio Augusto de Lima Coutinho:

22. Referimo-nos aqui à passagem bíblica que trata do momento que antecede à morte de Cristo, quando ele diz ao bom ladrão: "Em verdade te digo: que hoje serás comigo no paraíso" (Lc 23, 43).

23. Sobre o inferno, Cf. NS, 74-117; GS:V, 40-49-295; AP, 134.

24. Na tradição cristã, são sete os encontros do homem com Deus: no ato da criação; depois do pecado original; na Encarnação; na Eucaristia; na Sagrada Comunhão; pela graça habitual; na glória de Deus.

Vem-nos a idéia de que aqui é uma das portas,²⁵ um dos lugares onde será mais fácil e direto o caminho da Terra ao Céu". (R, 297 - g. do a., carta de 4/11/1949)

Para ganhar o reino do céu,²⁶ afirmava Jesus Cristo, é preciso voltar a ser criança, ter a sua pureza, inocência, simplicidade e confiança (Mt, 18, 1-5). Em Guimarães Rosa, repete-se o tema:

— O menino? O menino? De uns assim foi dito, que entram no Reino-do-Céu dansadamente... Que menino? (NUNP, 39)

Outro caminho é a velhice, "portentosa lanterna" a guiar a alma ao céu (T, 23). Exemplos disso encontramos na mãe do Dito e de Miguilim (MM, 127) e na mãe de Manuelzão, ambas tendo chegado, felizes, a esse local de hierofania, cuja "simples contemplação (...) desencadeia já uma experiência religiosa", pois, segundo Mircea Eliade:²⁷

O Céu revela, pelo seu próprio modo de ser, a transcendência, a força, a eternidade. Ele existe de uma maneira absoluta, porque é elevado, infinito, eterno, potente. (g. do a.)

É no céu que se faz o acerto de contas — "Contas certas, certa a vida" (AP, 239). Por outro lado, pode ser apenas

A fábula de ouro, o viso, o
Céu que se abre,
(AP, 161)

25. Sobre a porta do Céu, ver Apocalipse 4,1; Mircea Eliade, O Sagrado e o Profano. Trad. Rogério Fernandes. Lisboa, Edição "Livros do Brasil", s/d, p. 40-41: "O simbolismo implícito na expressão 'Porta dos Céus' é rico e complexo: a teofania consagra um lugar pelo próprio fato de o tornar 'aberto' para o alto, quer dizer, comunicante com o Céu, ponto paradoxal de passagem de um modo de ser a um outro". Ver Mircea Eliade, O Sagrado e o Profano, p. 129.

26. Ver Evangelho de S. Mateus 18,1-5: "Naquela hora chegaram-se a Jesus os discípulos, dizendo: Quem julgas tu que é maior no reino dos céus? 2 E chamando Jesus a um menino, o pôs no meio deles; 3 e disse: Na verdade vos digo que se vos não converterdes, e vos não fizerdes como meninos, não haveis de entrar no reino dos céus. 4 Todo aquele pois que se fizer pequeno, como este menino, esse será o maior no reino dos céus. 5 E o que receber em meu nome um menino tal como este, a mim é que recebe".

27. Ver Mircea Eliade, O Sagrado e o Profano, p. 129.

ou não existir mais, como mostra o poema

REVOLTA

Todos foram saindo, de mansinho
tão calados,
que eu nem sei
si estou mesmo só.

Eu não trouxe mensagem
e não me deram senha...

Disseram-me que não iria perder nada,
porque não ha mais céu.
E agora, que tenho medo,
e estou cansado,
mandam-me embora...

Mas não quero ir para mais longe,
desterrado,
porque a minha pátria é a memória.
Não, não quero ser desterrado,
que a minha pátria é a memória...
(M, 89)

Pode-se subir diretamente ao céu através da oração, como o fez o menino Didico antes de morrer, junto com o irmão Tiãozinho (S, 303), ou a porrete como Augusto Matraga (S, 344). O "desmazêlo de alma" pode ser empecilho para alcançá-lo (S, 345) e causa de adiamento; o dextravio do homem só não acontece por causa do "regular das estrelas" (GS:V, 44), "deléveis, sôbre-humanas" (PE, 21).

Para as dúvidas, que são muitas, as respostas podem vir imediatamente ou, passado algum tempo, em outro contexto, em outra obra:

"Que é que se vê no Céu?" (NS, 238)

"as belezas sem dono", ensinadas por Diadorim a Riobaldo (GS:V, 23)

"mesmo no Céu, fim de fim, como é que a alma vence se esquecer de tantos sofrimentos e maldades, no recebido e no dado? A como?" (GS:V, 19)

"Ah, formei aquela pergunta, para compadre meu Quelemém. Que me respondeu: que, por perto do Céu, a gente se alimpou tanto, que todos os feios passados se exalaram de não ser — feito sem-modez de tempo de criança, más-artes. (...) Por isso dito, é que a ida para o Céu é demorada". (GS:V, 20)

"Sei o reino-do-céu?"²⁸

Tombo um herege, e ainda posso rezar por o vosso avio uma ladainhazinha sem responso..." (NUNP, 137-138)

Num dado momento, o céu rosiano pode ser comparado a um precipício: para se chegar inteiro ao seu ponto máximo, mais do que sorte, é preciso ter merecimento (AP, 202). Em outro, é comparado a um arquiteto, no sentido de que pensar no céu nos constrói espiritualmente (T, 138). Essa perspectiva retoma a seguinte imagem: "argumento com fundamento: o céu, superedificante, de Deus" (T, 90-91). Em outras palavras, aponta para a existência de Deus como ser infinitamente perfeito, Criador de tudo e de todos. Quanto ao homem, é o ser finito que busca, em Deus, o sentido da vida e a bem-aventurança do céu. Num terceiro momento, o céu é uma ficção concreta, ao mesmo tempo imaginário e real (AP, 42).

3. a felicidade

"Pai, a vida é feita só de traíçoeiros altos-e-baixos? Não haverá, para a gente, algum tempo de felicidade, de verdadeira segurança?" E ele, com muito caso, no devagar da resposta, suave a voz: — "Faz de conta, minha filha.. Faz de conta..." (PE, 82 - g. do a.)

Vista sob a ótica rosiana, a recompensa neste mundo está nas coisas simples da vida — como no "cheio de um copo de se beber meio-por-meio" (NS, 17) — e em "jurisdições da felicidade" como a Mata, o Sul, o Oeste, o Triângulo, o Norte e o Centro de Minas, a sua Cordisburgo natal (AP, 219).

Terceira sereia do longe, na terra a felicidade é mera e leve (NS, 212); remuda "de oito" (NS, 94); é relativa (R, 301); mas também é "um modo sem seqüência, desprendido dos acontecimentos — camada do nosso ser, por ora oculta — fora dos duros limites do de

28. Encontramos também referência a outros reinos: "Ah, bem conhecia um espumoso reino de feitiço e fadas, do qual êle mesmo dependia" (NS, 133)

sejo e de razões "horológicas"²⁹ (T, 168).

Já a felicidade permanente e perfeita, anseio natural do homem, é um "dom" divino, que se recebe em "momentos neutros": até mesmo "no meio do sofrimento há as doces pausas da angústia" (T, 168).

Difícil de ser alcançada nesta ou em outra vida, pode vir associada à tristeza de um dia ter o homem abandonado o Olimpo, mora da das Musas e de outras deidades,³⁰ para tentar ser feliz aqui mesmo, antes de merecer contemplar de novo as essências de que fala Platão. Veja-se, por exemplo, o que diz o

Poema de Circunstância

Je m'en vais de Hellas
mon bonheur aussi.

Nous nous en allons d'emblée
nous quittons l'Olympe aux nuages
de marécage et d'étain
Mon bonheur, eh bien
on s'en va d'ici.

Dans mon sang une poussière de pierres
dans mon cœur une griffe de lierre
des baisers bleus dans mon verre:
ah, parmi ces durs rêves
j'aimerais aimer.

Les cyprès sans ombres
les cyprès s'imposent
les lauriers moroses
les lauriers s'en vont.

Plus loin encore que moi
mon bonheur, eh bien.
(AP, 67),

onde, mesmo encobertos pelas sombras do mistério, os ciprestes não deixam de acenar com a tão almejada imortalidade.

O "Caminho para a felicidade", traçado por Guimarães Rosa, é uma espécie de oração, dessas que são encontradas em manuais de reli-

29. Com a expressão "fora (...) de razões horológicas", Guimarães Rosa quis dizer que não se submetem ao tempo.

30. Há uma referência a um outro tipo de morada das musas: "Aquele Gonzalo Bambões tinha dito ao companheiro, em tom nem muito alto nem muito baixo: que ali era a casa das Deusas..." (NS, 213).

gião e devem ser rezadas no início de cada dia. Traz as seguintes recomendações:

Conserve o seu coração livre do ódio e a sua mente, livre da ansiedade. Viva simplesmente, espere pouco e dê muito. Encha a sua vida com amor, Faça o que gostaria l^{he} fizessem. Não fale mal de ninguém. Critique os seus próprios atos, fazendo cuidadoso exame de suas ações diárias.

Experimente isso por uma semana e se surpreenderá.

Faça cada manhã antes de iniciar suas tarefas diárias.
(R, 269)

Ainda segundo Rosa, nunca se sabe o momento certo de se achá-la: "— 'Felicidade se acha é só em horinhas de descuido...'" (T, 36 - g. do a.) "Três vezes passa perto da gente a felicidade" (T, 49). Pelo menos três são, também, os modos de atingi-la: pela prática da virtude

— "Esta, agora!" — e o outro balançou, sabiamente succumbido; já era a virtude em ato, virtude caída do cavalo. Mas simples sem cessar, na calma e paz, que irradiava, felicidade na voz. (T, 121);

pela experiência contemplativa

No transcurso da colineta, Zito e Ciganinha calavam-se, muito às tortas, nos comovidos não-falares. Sim, já se estavam em pé de paz, fazendo sua experiência de felicidade (PE, 118);

pela "oração ou poesia; e pura" (NS, 153 - grifo nosso).

Para Guimarães Rosa, tal como o foi para Aristóteles, a felicidade está muito próxima da beatitude, do estado de bem-aventurança celeste. Desfrutam dela pessoas extasiadas na contemplação divina, como foi o caso de Santa Teresa, para quem "Arrobamiento y suspensión (...) todo es uno, sino que yo acostumbro a decir suspensión, por no decir arrobamiento, que espanta; y verdaderamente, también se puede llamar suspensión esta unión que queda dicha". O vôo do espírito, ³¹

31. Ver Santa Teresa, "Cuentas de Consciencia" OBRAS COMPLETAS, p.527; 2ª Epístola de S.Paulo aos Coríntios, XII, onde, arrebatado ao

segundo Santa Teresa, é "un no sé como le llame, que sube de lo más íntimo del alma". Ainda segundo ela,

Parece que aquella avecica del espíritu se escapó de esta miseria de esta carne y cárcel de este cuerpo, y así pude más emplearse en lo que le da el Señor.

Na Suma Teológica de São Tomás de Aquino, encontramos uma definição que relaciona beatitude a felicidade. Considera ele que só em Deus se encontra a beatitude do homem, portanto, não pode ser alcançada nesta vida; a retidão da vontade é requisito para a beatitude; a última e perfeita beatitude está na visão de Deus.

Para quem pratica boas obras, as recompensas vêm em forma de bem-aventuranças, promessas feitas por Cristo a seus seguidores, no Sermão da Montanha. Em Mateus 5,3, elas são em número de oito. Em Guimarães Rosa, são nove as beatitudes, não especificadas, assim como são nove os "círculos concêntricos" abertos ao "longe" pela água:

ANIL

O vôo, quasi vertical, da jaçanã fugida
levantou meu olhar,
no dorso esbelto, de zinco polido,
a calota do céu,
liso, congelado em calmaria,
e quasi sólido, em cobalto líquido.
Pensei que a ave fôsse frechar, de cheio,
para pescar peixinhos escamados de ouro:
as estrelas que mergulharam de madrugada...
E que a água longe se abrisse
nos nove círculos concêntricos
das nove beatitudes...

Mas o pássaro foi breve um grânulo dissolvido,
entre nuvens fugindo como flocos de espuma,
com a paisagem a luzir, no seio de uma bolha,
o sol a se desmanchar, como um sabão redondo,
e o céu todo água, num côncavo de bacia
onde lavam o dia...

(M, 34)

terceiro céu, S. Paulo vê segredos inefáveis. Em Guimarães Rosa, aparecem as seguintes expressões: "Rapto de mim" (AP, 134) e "Rap-
tura" (EMJGR, 63), que correspondem à expressão latina raptus men-
tis.

Ser feliz, para Guimarães Rosa, é viver perto "de muita água" (GS: V, 26), é ser "quase" um meninozinho, em suas miúdas feições" (GS: V, 234), é

começar a cumprir em adiantado uma promessa, promessa sem assunto, conforme o Dito tinha adivinhado. Promessa de rezar três terços, todo dia. Mais pesada ainda: um mês inteiro não ia comer doce nenhum, nem fruta, nem rapadura. Nem tomar café... Só de se resolver, Miguilim parava feliz. (MM, 99),

ou ainda:

Ah, para o prazer e para ser feliz, é que é preciso a gente saber tudo, formar alma, na consciência; (GS: V, 237).

Quanto à "viagem inventada no feliz" (PE, 3), tem um único objetivo: o acesso à felicidade definitiva, ao Reino de Deus, que está dentro das pessoas.³² Tanto a vida como a morte podem levar a alma para o descanso eterno, o repouso preparado pelos anjos como prêmio de seu zelo e inocência. Mais do que uma chegada, é o início de um novo caminho ou, como diz Unamuno, a felicidade é "o prelúdio dessa visão que nos é descrita pelos místicos em êxtase".³³ E, em Guimarães Rosa, a mística é caminho para a sacralização da arte, da poesia.

4. "a aventura"³⁴

A cada dia, a cada momento, o homem verdadeiramente cristão prepara-se para empreender uma nova aventura, com o objetivo maior de explorar a sua alma e chegar à sabedoria pelo amor, pelo recolhi-

32. Segundo Pascal "Pensées". Œuvres Complètes. Paris, Gallimard, 1954, p. 1190: "Le bonheur n'est ni hors de nous, ni dans nous; il est en Dieu, et hors et dans nous".

33. Ver Unamuno, Do Sentimento Trágico da Vida. Trad. Cruz Malpique. Porto, Educação Nacional, 1953, p. 272; felicidade escatológica em Apocalipse 3,20 e Evangelho de S. Mateus 4,17.

34. Do latim adventura, aventura significa algo inesperado, empresa arriscada. Em Guimarães Rosa, há referência também a este tipo de aventura: Ver ROTEIRO II - MONTOLIEU: GS: V, 287 (p. 91). Segundo Vilém Flusser. Da Religiosidade. São Paulo, Conselho Estadual de Cultura-Comissão Estadual de Literatura, 1967, p. 78, "a própria essência da aventura, que é um 'admir', e não um 'ser buscado'".

mento e pela mortificação. Foi assim com São João da Cruz³⁵ e com Santa Teresa, santos que vivenciaram a mística integralmente, avançando pouco a pouco na viagem da perfeição espiritual.

Também o homem rosiano elege a aventura — a quarta sereia do longe — como uma das formas ideais de buscar justificativa existencial, de experimentar o desejo de liberdade, de aspirar à plenitude do ser. Peregrino, sai ele por este mundo limitado e contingente, com o coração e o pensamento voltados para o mundo interior, onde Deus é Pai e soberano.

Em Guimarães Rosa, a aventura leva a dois caminhos: o da aventura da forma e o da aventura do transcendente. Vejamos o que caracteriza cada um deles:

aventura da forma³⁶

Aqui o fazer poético abre novas perspectivas ao escritor, seja através da palavra, da frase, das estórias e do livro como um todo, seja através da língua/idioma. Nesse tipo de aventura, a recitação de "palavras ouvidas", por imitação "a outros", resulta em prática não criativa, quase uma traição (NS, 128). Por outro lado, quem forma palavras pode estar criando "religiões" (L, 15-16). Diz ainda Guimarães Rosa:

Uma palavra, uma única palavra ou frase podem me manter ocupado durante horas ou dias. (L, 11)

35. Veja-se "Dichos de luz y Amor", de São João da Cruz. Vida y obras de San Juan de la Cruz, p. 1272: "La sabiduría entra por el amor, silencio y mortificación. Grande sabiduría es saber callar y no mirar dichos ni fechos ni vidas ajenas".

36. M. Cavalcanti Proença refere-se rapidamente à aventura formal (na contra-capá do livro Ave, Palavra) como reaproximadora do "lúdico" e do "hermético". Sobre a aventura da palavra, Cf. Flávio Loureiro Chaves. "Grande Sertão: Veredas". CESAR, Guilhermino e outros. João Guimarães Rosa. Porto Alegre, Edições da Faculdade de Filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, s/d. p. 93-94; segundo ele, empreende-se a busca da palavra "a partir do estado de solidão". Sobre a aventura da frase, ver CAPÍTULO III.

Em Guimarães Rosa, encontramos o seguinte: "Quanto à frase in fine, querera dizer que: o que merece especulada atenção do observador, da vida de cada um, não é o seguimento encadeado de seu fio e fluxo, em que apenas muito de raro se entremostra algum aparente nexos lógico ou qualquer desperfeita coerência; mas sim as bruscas alterações ou mutações — estas, pelo menos, ao que têm de parecer, amarradinhas sempre ao invisível, ao misterio", (EE, 131). Quanto a aventura da estória, tanto pode ter elementos formais co

Aos tradutores de suas obras, Guimarães faz um alerta: que releiam "tudo, frase por frase", comparando-as com o original (MC, 49); meditar sobre a frase pode ser, assim, uma aventura edificante para o resultado final do texto e para a evolução espiritual do homem. Quanto à aventura proporcionada pelo processo de criação das estórias, tanto do ponto de vista do autor como das personagens, podemos distinguir pelo menos cinco fases:

1) fase da "inspiração":

A inspiração vem, é brilhante, é gostoso experimentá-la, é viva em geral. É uma delícia pensar, viver. É a única parte realmente agradável. (...)

Nunca eu acho que tenho a inspiração completa, de saída, espontaneamente. Quando eu escrevo é como se eu quisesse pegar uma coisa que já existe. Eu não posso trair essa coisa. A criação da minha obra é uma tradução de uma coisa que eu não vejo. (MC, 43)

É um tipo de inspiração diferente, mais ativa (...) (MC, 51)

2) fase da "procura, do trabalho, da luta, da gestação"

É um processo demorado. Como é que eu diria? Eu misturo-me

mo informais. Eis algumas das características por nós levantadas: 1. tanto a aventura do homem quanto a do animal — o burrinho pedrês, por exemplo (S, 4) — podem levar ao transcendente; 2. elementos da natureza como os "bambus" podem ser "a base de uma sub-estória, ainda incompleta" (S, 236); 3. "A estória não quer ser a história. A estória, em rigor, deve ser contra a História. A estória, as vezes, quer-se um pouco parecida a anedota" (T, 7); 4. a estória pode pegar "psicologia" (T, 27); 5. a estória pode ser fechada "redonda ou quadrada" (T, 42); 6. Toda estória pode resumir-se nisto: — Era uma vez uma vez, e nessa vez um homem" (T, 100); 7. "Também as estórias não se desprendem apenas do narrador, sim o performam; narrar é resistir" (EE, 98); 8. "Se verdadeira, bela é a história, se imagina, ainda mais" (AP, 20). Muitas das personagens rosianas têm em comum a "vontade de poder saber fazer uma estória" como Miguilim (MM, 50), ou de já ser um contador-mestre como Riobaldo (GS: V), Joana Xaviel e o Velho Camilo (MM), Grivo (NUNP) e outros. Sobre a aventura formal através do livro, ver R, 321. Sobre a aventura da língua/idioma, ver VICENTE, 137; "Pequena Palavra" — RÔNAI sobre a língua húngara; Vilém Flusser, "O 'Iapa' de Guimarães Rosa". Língua e Realidade. São Paulo, Herder, 1963, p. 131 a 136; L, 11; MC, 61.

com o assunto, eu estico, eu aperto, reduzo, depois dilato, eu ponho o assunto dentro de mim, depois ponho fora de mim, depois eu entro dentro do assunto. (...)

E vou tentando e vou fazendo, desmanchando, refazendo, pensando. A parte já escrita eu vou sempre tateando. (MC, 43)

Essa fase pode ser chamada também de fase de "estudo"

No caso de Guimarães Rosa, o material era coletado, em suas viagens, pelo contato direto com as pessoas, ou com a ajuda de intermediários como o Sr. Florduardo P. Rosa, seu pai.

3) fase de "premeditação", sobre a qual fala Guimarães Rosa ao amigo João Condé, referindo-se a Sagarana:³⁷

Aquela altura, porém, eu tinha de escolher o terreno onde localizar as minhas histórias. Podia ser Barbacena, Belo Horizonte, o Rio, a China, o arquipélago de Neo-Barataria, o espaço astral, ou, mesmo, o pedaço de Minas Gerais que era mais meu. E foi o que preferi. (...)

Bem, resumindo: ficou resolvido que o livro se passaria no interior de Minas Gerais. E compor-se-ia de 12 novelas. Aqui (...) findava a fase de premeditação. Restava agir (R, 333)

4) fase de preparação do autor para o ato de criação:

Então, passei horas de dias, fechado no quarto, cantando cantigas sertanejas, dialogando com vaqueiros de velha lembrança, "revendo" paisagens da minha terra, e aboiando para um gado imenso. Quando a máquina esteve pronta, parti. Lembro-me de que foi num domingo, de manhã. (R, 333 - g. do a.)

5) fase de criação:

O livro foi escrito — quase todo na cama, a lápis, em cadernos de 100 folhas — em sete meses; sete meses de exaltação, de deslumbramento. (Depois, repousou durante sete anos; e, em 1945, foi "retrabalhado", em cinco meses, cinco meses de reflexão e de lucidez). (R, 333-334) - carta a João Condé sobre Sagarana - 21/7/1946)

37. Sobre o título, Sagarana, ver R, 334; CAMACHO, 44.

Identificamos uma sexta fase introjetada nas personagens rosianas, a que o autor chama de fase hieroglífica, que compreende todo o processo de desvendamento dos símbolos armazenados a partir da leitura mitopoética do mundo. São exemplos disso duas narrativas, "As margens da alegria" (PE, 3 a 7) e "Cara-de-Bronze" (NUNP, 71 a 127):

O menino fêz ascas. Olhou o céu — atônito de azul. Ele tremia. A árvore, que morrera tanto. A limpa esguieira do tronco e o marulho imediato e final de seus ramos — da parte de nada. Guardou dentro da pedra.³⁸

- V -

De volta, não queria sair mais ao terreirinho, lá era uma saudade abandonada, um incerto remorso. Nem ele sabia bem. Seu pensamentozinho estava ainda na fase hieroglífica (PE, 7).

Mandava-os por perto, a ver, ouvir e saber — e o que ainda é mais do que isso, ainda. Até o cheiro de plantas e terra se espiritava. "Buriti está tocando..." — era de tarde, na variação do vento. "Os bois são mil cabritinhos?" "Flôr que murcha e vicia, em quatro vezes de tempo..." "Tem buracos no amarel'..." "Estou que fiquei lá, respirando para as árvores..." Isso é um ofício. Tem de falar e sentir, até amolecer as cascas da alma. (NUNP, 105 - g. do a.)

Falta falar ainda da aventura formal através do livro como um todo e da língua/idioma. Para ele, seus livros são verdadeiras aventuras:³⁹ "não têm tempo, não têm princípio nem fim" (L, 9). Além disso, são "rebelde a qualquer lógica" (MC, 48)

Guimarães Rosa era perfeccionista. Para ele, tudo devia ser:

retrabalhado, repensado, calculado, rezado, refervido, recongelado, descongelado, purgado e reengrossado, outra vez filtrado. (MC, 50)

Sobre a aventura proporcionada pela língua/idioma, se dizia horrorizado com o lugar-comum ou chapas que, para ele, eram "carne corrompida", "pecados contra o Espírito Santo", "taperas no território do idioma" (R, 333).

38. Ver Riobaldo sobre Medeiro Vaz: "O segredo dele era de pedra" (GS: V, 27).

39. No conto "Arroio-das-Antas", o romance é visto como uma "outra maneira de alma" (T, 23).

A essa altura da nossa exposição, já deu para perceber que não há limite entre aventura da forma e aventura do transcendente, em Guimarães Rosa, pois "Escrever é um processo químico; o escritor deve ser um alquimista", um "feiticeiro da palavra" (L, 13), entendendo-se por

ALQUÍMIA (QUÍ): ciência-arte iniciática das transmutações.
(T, 193)⁴⁰

Mas vejamos o que caracteriza esse segundo caminho, o da

aventura do transcendente

Identifica-se com a TRESAVENTURA, título de uma narrativa que faz parte do livro Tutaméia (194-196). Conta a estória de Dja ou Iaí — Ojaiaí —, ou ainda Maria Euzinha, nome inventado para si pela menininha cuja "presença não dominava 1/1.000 do ambiente". Mas, na sua aparente insignificância, buscava tesouros

no não perdido
no além-passado,

para fora dos limites do mundo comum. Sua viagem "iniciática" principia pela "Terra de arroz" com "vestígios de pré-idade", ponto de partida e meta final, o "arrozal lindo por cima do mundo, no miolo da luz — o relembramento". Porque precisava "de ir sem limites", um dia "Sol - tou-se",

passou a grande abóbora amarela, os sisudos porcos, os cajú, nus, o pato do bico chato, o pato com a peninha no bico, a flor que parecia flor, outras flores que para cima pulavam, as plantas idiotas, o cão, seus diálatos. Virou para um lado, para o outro, para o outro — lépida, indecisa, de cisa. Tomou direitidão. Vinha um vento vividinho, ela era mimo adejo de ir com intento.

Mirou-se na poça e se transformou em "mãe-d'água". Seguindo viagem, "sustou-se e palpou-se". "Volveu", sem ver o arrozal — "lugar tão vistoso: neblinuens. — 'A bela coisa!'" (g. do a.) —, mas instruída. Esperou o sono chegar, "dona em mãozinha de chave dourada, entre os grãos de ouro da alegria". De posse da chave do tesouro, que simboliza

40. Ver Glossário elaborado por Guimarães Rosa (T, 183).



a vida interior, por merecimento Maria Euzinha determinará, ela própria, o seu itinerário espiritual. Também ela ouviu o canto da sereia.

Em Guimarães Rosa, aventurar-se significa buscar o espaço infinito, o "desconhecido e inconsciente", o "irracional" (L, 16), o longe (NS, 205), atendendo ao "chamamento" do mar, do morro ou do céu.

Ainda segundo ele, a "ETERNA AVENTURA" é profundamente anímica" (AP, 37), ao contrário da "aventura, sucessiva e dispersa", que "aturde e acende, sem bastar" (S, 88).

A aventura pode ser "intrometida" (AP, 134), "inábil" (AP, 121) e "obrigatória" (T, 86), enquanto estiver atrelada ao fraco empenho do homem. Entretanto, se espiritual,⁴¹ simbolizará a busca da interioridade, da transformação radical do espírito e do coração. Essa é a verdadeira aventura humana, a aventura interior ou jornada cósmica, em que o despertar espiritual fará a palavra ressurgir das cinzas tal como a fênix,⁴² independente de circunstâncias favoráveis ou não, liberta dos medos e angústias, do sofrimento e da dor, do tempo e do espaço. Aventura que busca a poesia, a terra incógnita, o transcendente, o Reino de Deus.

5. "o longo atalho chamado poesia"⁴³

O homem rosiano é um ser em trânsito — "Seu estar parado"⁴⁴ é "o contrário do repouso" (EE, 278) —, com um longo percurso pela frente até chegar a Deus, princípio e fim de tudo e de todos: "Deus,

41. Para a aventura espiritual, o "escapulário" é uma peça importante (S, 255; GS: V, 454)

42. No glossário de O Livro dos Mortos do Antigo Egito, Trad. Edith de Carvalho Negraes. Hemus-Livraria Editora, 1972, p. 247, encontramos a seguinte referência à Fênix: "Manifestação da Alma de Ra (Bennu). Ave fabulosa, única da sua espécie, durava séculos no meio dos desertos. Sentindo aproximar-se o termo de sua existência, construía o ninho que se incendiava aos raios solares. Assim consumida, renascia das suas cinzas, porque da medula dos seus ossos nascia um verme que dava origem a outra Fênix". Ver Também: a casa que se incendia (MM, 139) e o renascer das cinzas (GS: V, 253; PE, 89).

43. Em carta datada de 25/11/1963, Guimarães Rosa diz a Bizzarri que atribui 3 pontos à poesia, de um total de 10 (B, 58).

44. Ver também EE, 263-279.

que está mais adiante de tudo" (NS, 222).

Nessa viagem também o guia é Deus,⁴⁵ "mas só por uma légua, depois larga" (GS: V, 112); o "roteiro" foi traçado por Deus (GS: V, 233) e pela Providência, "incompreendida computadora" (AP, 48); ao ho-
mem caberá seguir a luz da

estrela, o cometa ignoto ou milagroso meteoro, rastro side-
ral dos movimentos de Deus. (AP, 55)

Quem se dispuser a realizá-la, deverá prever um tempo de disciplina e meditação.

O mapeamento da vida e da escritura de João Guimarães Rosa nos revela ainda a existência de atalhos, estradas, veredas, sendas, vias, e caminhos, que se alternam e se multiplicam não ao sabor do aca-
so, mas determinados pela ânsia de libertação, até convergirem todos para aquele que é o Caminho, a Verdade e a Vida. Vejamos como isso se dá.

Em Guimarães Rosa, o verbo atalhar é usado em, pelo menos, três sentidos: atalhar o ferimento é o mesmo que querer "o que fôsse uma benzedura, com virtude de raminho verde de planta e mágicas pala-
vras no encoberto" (NS, 100); atalhar palavras é "mostrar no livro" que alguém estava falso, "corrigir o dito, (...) dar quinau" (GS: V, 100-101); ata-
lhar caminho é "suprimir a escala tão desejada" (VICENTE, 150 e AP, 14), isto é, fazer algum tipo de sacrifício para alcançar a meta final.

No universo rosiano, a tortuosidade do "ocre da estrada" tem a forma de um "S" (NUNP, 5), de "Saga" (DANTAS, 70); da canção de Siruiz⁴⁶ (GS: V, 93); do Sirimim (AP, 237) e de "segmentos do rio — um grande S encolhido — trechos" (NS, 123); de "... Satanão! Su-
jo,..." de "S... — Sertão... Sertão..." (GS: V, 448), de Silêncio, Sau-
dade e Solidão.

Há também referência a diferentes estradas: a branca (AP, 55 - NS, 110), a real (NS, 79, PE, 163), a real, do mal (GS: V, 409), a es-
trada-geral (PE, 66), a vaga (NUNP, 100), a estrada-mestra (NUNP, 6),

45. Cf. Salmo 47, 15. Ver estrela-guia (GS: V, 44).

46. A canção de Siruiz aparece ainda nas seguintes páginas: GS: V, 95-136-186-224-236-240 a 242. Ver Franklin de Oliveira, In: COUTINHO, Afrânio. A Literatura no Brasil. Modernismo - vol. V. 2ª edição. Rio de Janeiro. Editorial Sul Americana S.A., 1968, p. 446-448.

a que é "caminho das terríveis sortes" (T, 204 - epígrafe), as impedidoras (EE, 280), a "de nunca acabar..." (AP, 128 - GS: V, 58) "O resto é pequena vereda. E algum ribeirão" (GS: V, 59 - g. do a.). A vereda rosiana é chamada pagã, quando serve de parada "por repouso" rápido (GS: V, 431); cristã ou sábia,⁴⁷ quando, passando por ela, o homem acha a sabedoria (T, 155). Enquanto o rio é "pequena vereda" (GS: V, 59), o buriti é o seu "rei"⁴⁸ (NUNP, 74).

Quanto às sendas (do lat. semita 'atalho'), três são dedalinas (S, 242), tomado o termo de Dédalo, o grego construtor do labirinto de Creta; mas há também as sendas de pedregulho (S, 341), que dificultam o avanço, e a senda da conversão (S, 340), explicitada no mesmo Sagarana:

Sim, era melhor rezar mais, trabalhar mais e escorar firme, para poder alcançar o reino-do-ceu. (S, 345)

Se, de um lado, "— 'Tropeçar também ajuda a caminhar!...' (EE, 146) quem vive "tapado de Deus" (GS: V, 291), de outro é preciso "estar arrumado" (PE, 170) ainda neste mundo, pois é aqui mesmo que o "Cristão se concentra" (GS: V, 248).

No meio de travessia tão "perigosa" (GS: V, 232-410) e "tristonha" (GS: V, 177) é que Deus (GS: V, 235) e o real se dispõem "para a gente" (GS: V, 52). Em outras palavras, "a travessia para a solidão (...) equivale ao infinito" (L, 9 - GS: V, 142).

Em Guimarães Rosa, encontramos inúmeras referências à travessia da vida,⁴⁹ que é longa e solitária, e à travessia da morte —

47. Sobre vereda cristã ou sábia, compare-se Provérbios 3,13: "Bem-aventurado o homem que achou a sabedoria, e que está rico de prudência"; 3,17: "Os seus caminhos são caminhos formosos e de paz todas as suas veredas" (grifo nosso), com Guimarães Rosa: "Nasci para cristão ou sábio, quisera ser" (T, 155), onde os termos não excluem um ao outro, mas se identificam e se completam. Sobre vereda, em carta a Bizzarri, encontramos a seguinte definição: são "vales de chão argiloso ou turfo-argiloso, onde aflora a água absorvida. (...) A vereda é um oásis" (B, 22), espécie de jardim das delícias. "As veredas são sempre belas" (B, 23).

48. Joca Râmiro é o "rei da natureza" (GS: V, 32) e Medeiro Vaz, o "Rei dos Gerais" (GS: V, 51 - g. do a.).

49. Ver Franklin de Oliveira, In: COUTINHO, Afrânio - Op.cit, p. 434, para quem "Travessia" refere-se "ao poder do homem de superar-se", e o infinito, ao "signo matemático (certeza exata)" de superação, sempre, sem limites".

via de morrer —, para a qual "a alma do corpo põe avisos" (MM, 144). No meio desse caminho,⁵⁰ o homem pode se deparar tanto com abismos quanto com astros (AP, 48), às vezes com o próprio "abismo-eu,"⁵¹ que é o chão dos sonhos" (AP, 35) e espaço do "último íntimo" (T, 97), do "equilíbrio superior" (B, 59), de "aspirationes terrarum" (AP, 206). Para isso, é preciso

(...) ADQUIRIR MAIS SILÊNCIO
MAIS ESPERA
MAIS BRANCURA,
— Amor (...)

Entre avanços e recuos, deve haver lugar para

Rer, adviver, entender, aguisar, vigiar, conter, envir,
sistir, miscuir, separar, remover, defender, guaritar, con
duzir.

Assim o vaqueiro (...), no meio da mapa. (AP, 117-g. do a.)

Mas também para retraduzir, extrair, trabalhar, descobrir, meditar, chocar, limpar, amar, purificar, renovar, viver, engendrar, criar. Assim o escritor, no meio da escritura.

Difícil mesmo é determinar quando Guimarães Rosa traçou o itinerário de sua obra. Mas, com certeza, o sentido escolhido foi o "alegórico-espiritual"⁵² (T, 7), porque até quando fala de si mesmo o faz através de linguagem cifrada.

A passagem pelo "louco e longo" caminho da terra, e não o "encurtoso" (AP, 61); pelo caminho do "sol" — "no chão as sobreluzinhas flores, do amarelo que cria caminhos novos" (T, 148), as "florinhas em frol" (T, 196) — e das "névoas" (AP, 232), não é determinada pelo indivíduo. Nhô Augusto, por exemplo, prefere deixar que o caminho o "escolha" (B, 251).

50. Ver ROTEIRO II - DANTE: NUNP, 117; PE, 147; AP, 38; B, 11-83-97, (p. 79-80)

51. Ainda segundo Guimarães Rosa, "Todo abismo é navegável a barquinhos de papel" (T, 47).

52. Segundo Mircea Eliade, Mito e Realidade. Trad. Pola Civelli. São Paulo, Perspectiva, 1972, p. 135, "O método alegórico foi empregado por Filón para decifrar e ilustrar os 'enigmas' do Antigo Testamento".

"Ad astra per aspera!" (Só se chega aos astros por caminhos ásperos) e "Ad augusta per angusta..."⁵³ (Às alturas, por vias estreitas) (PE, 42-43), de um lado, e "'Longa é a arte e breve a vida... — um preconceito dos gregos!'" (PE, 42 - g. do a.), de outro, são os lemas que norteiam o homem rosiano.

A recorrência do tema do caminho é facilmente constatada. A qualquer momento podemos nos deparar com várias espécies de caminho: duros como no poema

DESTÊRRO

Eu ia triste, triste, com a tristeza discreta dos fatigados,
com a tristeza torpe dos que partiram tendo despedidas,
tão preso aos logares
de onde o trem já me afastara estradas arrastadas,
que talvez eu não estivesse todo inteiro presente
no horror dessa viagem.
Mas a minha tristeza pesava mais do que todos os pesos,
e era por causa de mim, da minha fadiga desolada,
que a locomotiva, lá adiante, ridícula e honesta, bracejava,
puxando com esforço vagões quasi vazios,
com almas cheias de distância, a penetrar no longe.
A tarde subiu do chão para a paisagem sem casas,
e o comboio seguia,
cada vez mais longe, mais fundo, a terra mais vermelha,
o esforço maior, as montanhas mais duras,
como sabem ser duros os caminhos,
pelos quais a gente vai, só pensando na volta...
Coagulada em preto,
a noite isolou as cousas dentro da tarde,
e o barulho do trem foi um rumor de sossobro
no fundo de um mar sem tona.
Nem mesmo foi a noite: foi a ausência
brusca e absurda do dia.
Tão definitiva e estranha, que eu me alegrei, esperando
o não continuar da vida,
o não-regresso da luz, o não-andar-mais do trem...
(M, 36)

53. Em "Noche Escura del Alma", Biblioteca Autores Españoles - Escritores del siglo XVI. Tomo primeiro. Madrid, 1948, p. 101, São João da Cruz refere-se ao caminho que, "por ser tan estrecho, y ser tan pocos los que entran por él (como también dice el mismo Señor), tiene el alma por grandicha y ventura haber pasado por él a la dicha perfección de amor, como ella lo canta en esta primera canción, llamando noche escura con harta propiedad a este camino estrecho, como se declara adelante en los versos de la dicha canción. Dice pues el alma, gozosa de haber pasado por este angosto camino, de donde tanto bien se le siguió, en esta manera".

ou claros (M, "Iniciação"), frescos (M, "No Araguaia-II"), enrolados e desenrolados (S, 49), feio, mas firme (S, 312), belo como um rio (S, 360), da esquerda (S, 288), direito (S, 329), avã (NUNP, 117), de ofício (NS, 135), de todo agrado (NS, 222), mau (NUNP, 109), bom (GS: V, 14), pobre (GS: V, 233), longo, longo, longo (PE, 66), fragosos (PE, 81), subvexo (PE, 113), caminho do que houve e do que não houve (GS: V, 135), resvaloso (GS: V, 237), aflito (T, 34), penoso (T, 38), que não leva a "Roma nenhuma" (T, 168); agreste, uniforme (AP, 22), retorcidos (AP, 217), manso (AP, 229):

Peça a Deus assim, com esta jaculatória: "Jesus, manso e humilde de coração, fazei meu coração semelhante ao vosso ..."⁵⁴ (S, 339),

para trás (GS: V, 451). A dúvida sobre qual caminho escolher está no coração e nas sábias palavras de Riobaldo:

Qual é o caminho certo⁵⁵ da gente? Nem para a frente nem para trás: só para cima. Ou parar, curto quieto. Feito os bichos fazem. Os bichos estão só e muito esperando? (GS: V, 74)

Só o que eu quis, todo o tempo, o que eu pelejei para achar, era uma só coisa — a inteira — cujo significado e vislumbre eu vejo que sempre tive. A que era: que existe uma receita, a norma dum caminho certo, estreito,⁵⁶ de cada uma pessoa viver — e essa pauta cada um tem — mas a gente mesmo, no comum, não sabe encontrar; como é que, sozinho, por si, alguém ia poder encontrar e saber? Mas, esse norteado, tem. Tem que ter. Se não, a vida de todos ficava sendo sempre o confuso dessa doideira que é. É que: para cada dia, e cada hora, só uma ação possível da gente é que consegue ser a certa. Aquilo está no encoberto; mas, fora dessa consequência, tudo o que eu fizer, o que o senhor fizer, o que o beltrano fizer, o que todo-o-mundo fizer, ou deixar de fazer, fica sendo falso, e é o errado. Ah, porque aquela outra é a lei, escondida e vivível mas não achável, do verdadeiro viver: que para cada pessoa, sua continuação, já projetada, como o que se põe, em teatro, para cada representante — sua parte, que antes já foi inventada, num papel... (GS: V, 366 - grifos nossos)

54. Ver Salmo 149, 4.

55. Ver Franklin de Oliveira, COUTINHO, Afrânio, Op.cit., p. 448 sobre caminho certo.

56. Na trilha da espiritualidade, o caminho do cristão é estreito e ascendente.

Sabe-se também que "uma vela acesa" é a "primeira indicação para a alma" (GS: V, 440-441) daquele que teve a sua vida "entortada" na terra; para este, a ordem é entregar para Deus e fazer penitência, pois

(...) o Reino do Céu, que é o que vale, ninguém tira de sua algibeira, desde que você esteja com a graça de Deus, que ele não regateia a nenhum coração contrito! (S, 339)

Quanto aos "caminhos da evolução", as explicações são dadas ao tio Vicente Guimarães, em carta enviada de Hamburgo (19/11/1938). Nela refere-se à morte do tio Nestor, que o entristeceu e abalou:

Consola-me, entretanto, a convicção profunda de que nenhum trabalho e nenhum sofrimento é inútil. Interpreto de maneira diferente o que você qualifica de ironia do destino: O Nestor esteve aqui embaixo como um garoto está numa classe de escola, para aprender uma matéria difícil, às vezes até repetindo o ano. Repare: logo que ele melhorou de sorte, "justamente agora que estava bem, com um bom emprêgo garantido..." não precisava de continuar nesta classe, onde aprendia a lutar contra os obstáculos e as dificuldades da vida prática, e teve de passar adiante, porque há sempre muita pressa nos caminhos da evolução. (VICENTE, 155)⁵⁷

Essa "filosofia" — a vida sufoca, a morte liberta —, segundo Guimarães Rosa, é "animadora" e "dá bons resultados".

O importante é "a coragem, e o espírito" (R, 178), a "penitência, o jejum, a entrega ao não-pensar" (EE, 233), a "paz, a sabedoria, a força" (R, 270), o AMOR e a ARTE,⁵⁸ amalgamados em nome e sobrenome de personagem — AMOREARTE (AP, 24 a 27) — e disseminados no universo poético de João Guimarães Rosa.

Concordamos com Fábio Lucas ("Ainda as palavras: Guimarães Rosa"),⁵⁹ quando afirma: "Em poucos autores a investigação da pala-

57. Essa mesma carta está em R, 205.

58. É interessante lembrar o que Guimarães Rosa disse ao entrevistador Fernando Camacho (p. 50): "Eu sou muito objetivo, eu não sou pessoa que me sacrifique pela arte. A literatura não é a coisa mais importante para mim. Eu sou um homem religioso. O importante para mim é a religião". Ver AP, 27; EE, 53; R, 345; VICENTE, 132-136-137-160; RÓNAI, XXIV.

59. O referido artigo de Fábio Lucas encontra-se no Suplemento Literário de Minas Gerais, 16/3/1974, p. 10.

vra coincide tanto com a investigação do ser". Em Guimarães Rosa, no nosso modo de entender, a palavra conduz o homem no caminho da poesia; é elemento essencial na identificação de suas personagens como Grivo (MM, 65 - NUNP, 124-126); Velho Camilo (MM, 177); Gorgulho (NUNP, 22-23), Riobaldo (GS: V, 134-362).

O encantamento produzido pelas palavras continua em definições e reflexões⁶⁰ espalhadas por toda a obra rosiana.

O canto da poesia — a quinta sereia do longe — ressoa por toda a obra rosiana: "Que é aquilo? Uma concha de molusco. Uma valva lisa, quase vegetal. Carbonífero... Siluriano... Trilobitas... Poesia" (S, 197), o "rol de reis leoninos, agora despojados da vontade sanhu da e só representados na poesia" (S, 238).

A poesia pode confundir-se com transcendência (T, 7), com sabedoria (AP, 226), com metafísica (MC, 60), com religião (MC, 60 - L, 15). É perseguida por Maria Behú (NS, 127); desmancha-se "no passado" (NS, 8); é segredada (T, 179); cai do "onipoético" Vovô Barão (EE, 55-70); viaja⁶¹ (S, 240).

Volta-se à poesia, "colhendo imagens de eliminação parcial", como a "também desitiva definição do 'nada': — 'É um balão, sem pele...' — feita por um menino (T, 10). É preciso sensibilidade para captá-la nas "paisagens e lugares", nos nomes das "árvores", na fala dos vaqueiros" (B, 60) e do burrinho (EE, 17), nos "bambus" (S, 236), na "viagem" dos "cabelos" (AP, 147), no "quem" das coisas. (NUNP, 101)

Existem as "poesias do corpo, malandragem" (GS: V, 147) e a "pura", que leva a alma para o céu (NS, 153); a "certa" (NS, 137) e as

do reesvaziado — donde de tudo surge um hálito de irrealidade, hálito do passado, do mais longe, quase um espírito de ruínas, de paradas aventuras e problemas de conduta, um intimativo nostalgir-se, a melancolia que coerce, que vem de níveis profundos. (AP, 218)

60. Eis as definições e reflexões a que nos referimos: "Sou doido? Não. Na nossa casa, a palavra doido não se falava, nunca mais se falou, os anos todos, não se condenava ninguém de doido. Ninguém é doido. Ou, então, todos". (PE, 36 - g. do a.); "O amor é a vaga, indecisa palavra." (PE, 127 - grifo nosso); ver T, 78, e AP, 99; "Sejam quais o sol e céu, a palavra horizonte é escura." (T, 140 - grifo nosso); "Miligrama — palavra fria." (AP, 65 - g. do a.); "(Quem sabe a palavra mais doce: b u l b u l — como os árabes chamam o rouxinol.)" (AP, 136 - grifo nosso); "(... 'Iram... 'nove'... por exemplo, estas ou outras quaisquer — infieis palavras — sem sentido.)" (AP, 151 - g. do a.). Ver saudade (L, 15) e sofrimento (M, "Regresso").

61. Ver Benedito Nunes "A Viagem do Grivo". In: O Dorso do Tigre. São

Segundo Guimarães Rosa,

Toda poesia é também uma espécie de pedido de perdão. (AP, 43 - g. do a.)

A poesia é também uma irmã tão incompreensível da magia...
(L, 15)

Duas coisas convém ter sempre presente: tudo vai para a poesia, lugar-comum deve ter proibida a entrada, estamos é descobrindo novos territórios do sentir, do pensar e da expressividade. (MC, 56)

poesia é remédio contra sufocação. (R, 447)

— MORRER TALVEZ SEJA VOLTAR PARA A POESIA... (NS, 239)

Para Guimarães Rosa, o longo atalho chamado poesia é uma aventura interior que nos permite enxergar para além da gaza que encobre a essência dos seres e das palavras. Trata-se de uma conquista contínua, no plano da metafísica, da arte e da religião. A palavra de ordem é buscar, dentro de nós, a dimensão ontológica de nosso ser e, na palavra, a sua aura.

Para crescer espiritualmente, o homem deve ter (AP, 117):

UM OLHO NA VIA, O OUTRO NA POESIA

Só depois de ouvir o canto da sereia, e cumprir mais uma das "escalas para o último enfim" (AP, 55), o homem estará pronto para atravessar "A ESTREITA PORTA" DA POESIA (AP, 39).

6. "a esperança vendada"

Em todos os tempos há quem padeça de falta de esperança. Sobre essa virtude teologal, que nos faz desejar a Deus e à felicidade eterna na outra vida e, nesta, a graça de merecê-la, através das narrativas rosianas sabe-se: a) que viver sem esperança é sofrer a "con

Paulo, Perspectiva, 1969.



tinuação do "martírio" (GS: V, 41); b) que "Deus existindo, tudo dá esperança", pois

sempre um milagre é possível, o mundo se resolve. Mas, se não tem Deus, há-de a gente perdidos no vai-vem, e a vida é burra (GS: V, 48);

c) há sempre possibilidade de um "novo senso de esperança" (PE, 3) e de "eternidade" virem do longe (AP, 32); d) mesmo para o "condenado", pode haver esperança (PE, 86); e) a esperança pode ser mais espaçosa (PE, 153), falsa (EE, 74), organizada (T, 44), insistente (AP, 34) e coativa (AP, 90); f) a qualquer momento, pode-se ver um "corisco de esperança como no poema

TENTATIVA

Manhã básica, alcalina,
neutralizando a gota ácida do sol.
O tornassol do céu, no fundo
do grande tubo de ensaio,
vai se espessando, cada vez mais azul.

Dos poços da marna alagada,
cheios, como frascos chatos sem gargalos,
sobem gases e vapores alvacentos.
A pressão calca com cinco atmosferas,
e o calor cresce,
nas alavancas de pirômetros negros,
dilatando as sombras.

Ríspida,
uma revoada triangular de periquitos
estraleja e crepita,
flambada ao sol, numa alça enorme de platina,
como o fio da língua, fugidia e verde,
de um sal de boro...

Quanto esforço da manhã,
para mostrar, tão alto,
um corisco de esperança...
(M, 83)

g) a apreensão, no sentido de aflição, pode levar ao "envelhecimento da esperança" (PE, 174); h) "o sertão é uma espera enorme" (GS: V, 436); i) "esperança-e-vida-e-velhice e morte" são inseparáveis (AP, 146), pois simbolizam, juntas ou dissociadas, a busca da perfeição interior; j) a esperança está ligada ao futuro, ao esforço para progredir espiritualmente; l) "A vida é ingrata no macio de si; mas transtroz a esperança mesmo do fel do desespero" (GS: V, 169 -

grifo nosso), entendendo-se por este último o esconder-se "de si só mesmo..." (NS, 44).⁶² Na visão rosiana,

o homem sofre o desespero metafísico, pois conhece a existência do diabo e pode assim liquidá-lo, superando-o até conseguir uma humanidade sem falsidades (L, 16),

ou, em outras palavras, o homem se abandona à dor sem ver qualquer possibilidade de pôr fim ao que o aflige e obscurece os sentidos; m) "Todo buriti" — "minha palmeira?" (NUNP, 74), "a palmeira de de Deus"⁶³ (NUNP, 140) — "é uma esperança"⁶⁴ (NUNP, 109 - grifo nosso)

Podemos sintetizar a visão rosiana através de perguntas e respostas:

Quem espera a esperança?

"Ninguém espera a esperança". (T, 20)

"até as pedras esperam" (GS: V, 259)

O que se espera?

Espera-se "um tudo diferente" (T, 104): o Reino de Deus, a vinda do Salvador, a ressurreição, a participação na glória eterna, o gozo da visão beatífica, o supremo Bem. Deus é o objeto essencial.

Esperar até quando?

-
62. Cf. Kierkegaard, O Desespero Humano. Trad. port. Adolfo Casais Monteiro. Porto, Tavares Martins, 1952, p. 38-42-50, para quem "Não desesperar-se é pois elevar-se"; "No desespero, o morrer continuamente se transforma em viver"; "nem um só (homem) existe que esteja isento de desespero, que não tenha lá no fundo uma inquietação, uma perturbação, uma desarmonia, um receio de não se sabe o quê de desconhecido ou que ele nem ousa conhecer, receio duma eventualidade exterior ou receio de si próprio"; "Mas o desespero é uma categoria do espírito, suspensa na eternidade (...)"
63. Cf. Salmo 91, 13: "Como a palmeira, florescerá o justo, / Elevar-se-á, como o cedro do Líbano".
64. Ver Santo Agostinho Confissões X, 29. Trad. de J. Oliveira Santos, S. J. e A. Ambrósio de Pina, S.J. São Paulo, Abril Cultural, 1979, p. 191: "40. Só na grandeza da vossa misericórdia co-loco toda a minha esperança, Dai-me o que me ordenais, e ordenai-me o que quiserdes"; Epístola de S. Paulo aos Romanos: 8, 24 ss.

"Ela tinha dito: — '... Esperar, até a hora da morte...'" (PE, 55 - g. do a.)

"Como surge a esperança? Um ponto, um átimo, um momento. Face a mim, eu. Aquele ponto, agarrei-me, era um mínimo glóbulo de vida, (...) Esta esperança me retorna, agora mais vezes, em certos momentos." (EE, 233 - grifos nossos)

Quem inspira a esperança?

Deus.

Mas, no universo religioso de João Guimarães Rosa, não se pode falar de esperança sem associá-la às outras duas virtudes teologais: caridade⁶⁵ e fé.⁶⁶ Uma e outra vivificam a esperança cristã, que deve ser firme e inabalável porque recebida de Cristo:

Agora pois permanecem a fé, a esperança, a caridade, estas três virtudes; porém a maior delas é a caridade. (1 Cor 13,13)

No discurso que proferiu por ocasião de sua formatura em Medicina, Guimarães Rosa conclama os colegas a exercerem a profissão como um ato de amor, em torno do mandamento máximo:

Jesus lhe disse: Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu entendimento, 38 este é o máximo, e o primeiro mandamento. 39 E o segundo semelhante a este é: Amarás a teu próximo, como a ti mesmo. 40 Destes dois mandamentos depende toda a lei e os profetas. (MT, 22, 37-40)

65. A caridade é uma virtude infusa, um dom de Deus que liberta e santifica.

66. Sobre o conceito de fé em Guimarães Rosa, ver Suzi Frankl Sperber Caos e Cosmos. São Paulo, Duas Cidades, 1976, p. 94-95. Em Guimaraes Rosa, anotamos outras ocorrências da palavra fé: "desesperar" de fé sem virtude" (GS: V, 48); refazer a fé (GS: V, 447); "refrigerar minha fé" (NUNP, 38); estar em "permissão de fé (...)" (GS: V, 169); ver também EMJGR, 81.

Com relação à fé, o primeiro ponto a ressaltar é a sua utilização no sentido teológico, tal como na Epístola de S. Paulo:

Pela fé é que nós entendemos que foram formados os séculos pela palavra de Deus: para que o visível fosse feito do invisível. (Hebr 11, 3)

Segundo Guimarães Rosa, a "fé" pode "auxiliar Nosso Senhor a (...) obrar milagre" (MM, 32), pois "Fé é o que abre no habitual da gente uma invenção, (...) entre outros alívios, o que abala a base" (T, 90). Querer "a fé, mais a bondade" (GS: V, 412) e acreditar na "fé" e "nas montanhas" são aspirações de autor e personagens: "Só a fé me vive" (T, 155), a fé ajuda a salvar, a curar (PE, 22):

Creio⁶⁷ mesmo que só obtem sucesso na vida as pessoas que contam com um auxílio sobrenatural e que a elle recorrem, com fé. Creio ainda mais, que esse é um recurso illimitado. Os resultados dependem tão somente da dose de fé e confiança calma. O excesso de esforço proprio e a agitação demasiada, em geral, são inuteis e, quando não acompanhados de Fé, até chegam a tornar-se prejudiciaes. (R, 155 - g. do a.)

O que significa a esperança vendada — a sexta sereia do longe —, na visão rosiana? Segundo entendemos, trata-se não de esperança proibida e que enseje o desespero, como poderia parecer à primeira vista, mas sim de uma viagem que só termina no momento da revelação, o que acontecerá se houver crescimento da alma.

De um lado, a esperança vendada represa o espírito, impede a inteireza do ser, retarda a suprema realização, que é o compreender a si mesmo; de outro, cria a condição necessária para a meditação, para a presença da Luz que leva ao conhecimento, à salvação. Esperança vendada seria, portanto, uma espécie de privação dos sentidos, ainda que temporária, que cega⁶⁸ o entendimento e adia a glória

67. Em Guimarães Rosa encontramos crentes (R, 204); sobrecrentes (PE, 47); céticos (AP, 103); incrêus (PE, 75). Sobre credo ver também Franklin de Oliveira (apud, COUTINHO, Afrânio. Op.cit., 438).

68. Há personagens cegas em várias obras de Guimarães Rosa: ver M, "Pavor"; NS, 35; T, 19-20.

eterna. A esperança permanece velada e oculta, tal como nosso eu mais íntimo, embora, no universo rosiano, os homens sejam "cegos transparentes" (AP, 214) e surdos para a canção que vem do longe: Diadorim foi uma "surda esperança" na vida de Riobaldo (GS: V, 147). Geralmente, não há causa visível:

Estaria eu... Cego?!... Assim de súbito, sem dor, sem causa, sem prévios sinais?...

(...) Espera, há alguma coisa... Passos? Não. Vozes? Nem. Alguma coisa é; sinto. Mas, longe, longe... O coração está-me batendo forte. Chamado de ameaça, vaga na forma, mas seria: perigo premente. Capto-o. Sinto-o direto, pessoal. Vem do mato? Vem do sul. Todo o sul é o perigo. Abraço-me com a suinã. O coração ribomba. Quero correr.

Não adianta. Longe, no sul. Que será? "Quem será?"... É meu amigo, o poeta. (S, 248-249)

Alcançar o céu demanda tempo, pois o crescimento é gradual: enquanto não chega a termo, a esperança permanece vendada à compreensão da imanência e da transcendência.

As expressões transcendence cachée (Jaspers) e Deus escondido (Kierkegaard) completam o sentido da esperança vendada em Guimarães Rosa.⁶⁹

A revelação, o descerrar do véu, a retirada da venda simbolizam o desvelamento do conhecimento, a iniciação, o ver a si mesmo. Pôr a venda significa o obscurecimento, a escuridão, as trevas. A venda, ou véu, encobre a Verdade que está escondida dentro do homem, que está em nós. Somente aos santos é dado conhecê-la.

7. "a saudade sem objeto"⁷⁰

A concepção rosiana da saudade sem objeto —⁷¹ sétima e última sereia do longe — traz, no seu bojo, a aspiração do homem levada ao paroxismo de querer experimentar um sentimento em relação a al-

69. Sobre o assunto, ver DONDEYNE, Albert (Foi Chrétienne et Contemporaine. Louvain, Institut Supérieur de Philosophie, 1951, p. 90 ss.).

70. Ver o poema "Saudade" - CAPÍTULO II, p. 119-120.

71. Cf. "fé sem objeto" em Jaspers, La Fe Filosófica. Buenos Aires, Editorial Losada, 1953, p. 21 ss.

go que não existe.

A idealização de um lugar apropriado para que esse sentimento se desenvolva, que pode ser a "Serra da Saudade", de que fala Riobaldo (GS: V, 230), deixa entrever o desejo de alcançar o "lá" (PE, 20 a 24), que fica para além do "buritizal" e dos "Gerais" (GS: V, 220), "para trás da Serra do Mim" (PE, 20): "A serra faz saudade de outros lugares" (T, 108).

As definições são muitas: saudade, às vezes, é sinônimo de "tristeza" (R, 223), ou de "chateação, pensando com cansaço" (AP, 24). Mas o sentimento que impera é de algo "bom" (GS: V, 92), pois "tem suas surpresas, e há muita coisa misteriosa, que a gente não sabe" (R, 297). Além disso,

Saudade é o predomínio do que não está presente, diga-se, ausente. (T, 17)

toda saudade é uma espécie de velhice. (GS: V, 34)

— A saudade é braço-e-mão do coração, e que, certas horas, quer segurar demais em alguma pessoa ou coisa. Mas, não se deve-de... (NUNP, 111)

Saudade é ser, depois de ter. (AP, 214)

Saudade é estrela vega, é anjo, é mar. (AP, 33)

Ou seja: o homem rosiano faz um grande esforço tentando direcionar sua espiritualidade para a transcendência. Dominar sua própria natureza significa, aqui, qualificar-se internamente.

Essa saudade não tem equivalência, pois trata-se de uma plenitude sem causa, "sem razão" (NUNP, 138) e sem objeto (AP, 65), "sem saber de quê, causa para ternura intacta" (T, 87), saudade "de uma coisa que eu não sei o que é, nem de donde me afrontando" (MM, 43), saudade "de parados recantos, sozinho" (NS, 44), a saudade pela saudade, o sentimento pelo sentimento.

Sentir saudade sem objeto é buscar algo indefinido, para além do que é passageiro e frágil ou, em outras palavras, é amar sem saber a quem.

Nos períodos de saudade, ela existe por si mesma; encontra-se presente em nós, mas encoberta por seus mistérios. Ao revelar alguns deles como nos exemplos: saudade de dona Rosalina (NUNP, 211), "do mar?" (MM, 57), das estórias (MM, 140), mais do que a contradição

natural do ser humano, Guimarães Rosa mostra, através de suas personagens, a eterna busca da sabedoria, do infinito, da poesia.

No universo rosiano, há lugar para várias "espécies" de saudade (AP, 39): abandonada (PE, 7); incerta (GS: V, 66); legítima (NUNP, 135); gloriada, assim confusa (NUNP, 139); oculta, súbita (PE, 68); firme (NUNP, 66); curta (GS: V, 145); prévia (AP, 4); maior (GS: V, 24); eficaz (NS, 97); que dá labaredas (AP, 34); caudalosa (AP, 229); a mais capciosa, (...) a saudade bocejada (NS, 187); a só saudade (T, 97 - GS: V, 52 - MM, 103); a inteirada (PE, 101); a necessária (AP, 38-39), a PLORANTE, SUBTRAINDO SEGREDOS (AP, 39). Existe até uma "SANTA SAUDADE" (AP, 39) e uma "Nossa Senhora dá Saudade" (do verbo dar), cujo nome é corrigido para "Nossa-Senhora-da-Saudade", pelo vaqueiro Sãos (NUNP, 102).

No conto "Evanira!" (AP, 32 a 39), cujo título deveria ser "Exercícios de Saudade", há mais de quarenta ocorrências do vocábulo. Dividido em sete capítulos, o longo poema sobre a saudade tem um "Narrador" que "tenta, em repetidos ímpetos, narrar o inarrável". Depois de passar "por uma espécie de morte, propiciatória e necessária" (g. do a.), descobre "que, já antes de encontrar a Amada, tinham saudade, sem o saber", sentimento por ele chamado de "SAUDADE da saudade". A problematização central está em o homem ser ou não ser saudade (e não ter) (AP, 36), "Só este é o grande suplício: ainda não ser" (EE, 234), pois:

A saudade é um sonho insone.

A saudade é o coração dando sombra.

Saudade — ninho de ausências.

Saudade — um fogo enorme, num monte de gelo.

Saudade — cofrezinho sem chave.

Verdadeiros exercícios de saudade são, de certa forma, também exercícios de santidade, pois expressam os sentimentos mais íntimos do ser rosiano.

Pertencem essas espécies todas a dois grupos maiores, que a excepcional intuição rosiana chamou de saudade de idéia e saudade de coração (GS: V, 24).

Por saudade de idéia, entendemos a saudade da representação de qualquer coisa no espírito; a saudade de um pensamento, de um modo de ver, da imaginação, de um juízo, de uma recordação; de uma imagem ou intenção; da concepção de um sistema filosófico ou de uma teo

ria científica; da criação literária ou artística.

Por saudade de Coração, entendemos a saudade movida não por meio do sistema motor e aparelho valvular, mas pela emoção, pela fé, pelo amor. O coração é, assim, a mola propulsora da espiritualidade. No coração, diz o vaqueiro José Uêua,

a gente tem é coisas igual ao que nem nunca em mão não se pode ter pertencente: as nuvens, as estrêlas, as pessoas que já morreram, a beleza da cara das mulheres... (NUNP, 86)

Na verdade, coração e idéia não vivem separadamente, são uma coisa só,

Só o um-e-putra, um em-si-juntos, o viver em ponto sem parar, coraçãomente: pensamento, pensamôr. (PE, 156)

Observa-se também que, algumas vezes como no caso de Miguilim, a saudade leva ao padecimento pela lembrança "de todos e de tudo" do Mutúm, "lugar bonito entre morro e morro, com muita pedreira e muito mato, distante de qualquer parte; e lá chove sempre..." (MM, 5). Outras vezes, a saudade vem associada à ternura — "quase uma saudade" — (T, 23), ao "pairar de ausência, a espiral de uma alta saudade — com fundo no céu" (AP, 243).

Enquanto festa é o seu "contrário" (NUNP, 202), "toda a alegria, no mesmo momento, abre saudade" (GS: V, 121). Ou ainda:

Tudo, quanto há, é saudade, alternando-se com novidades: diagrama matemático, em calor de laboratório. (T, 28)

Se, de um lado, pode-se experimentar "uma saudade e meia-morte" (PE, 104):

Quando um dia um for, para morrer, há-de ter saudade de tanta coisa... — ele só se disse, pegou o mugido de um boi, botou no bolso (T, 71),

e mesmo "pecar contra a saudade" (PE, 84), por outro, entre querer e não querer,

queria ter saudade. Não ri. Ele era — um meu personagem : conseguira-se presente o Rão no orbe transcendente (T, 164-165),

entre dar e não dar "conta de questão das saudades", a personagem do conto "Esses Lopes" fica com a segunda hipótese, ao lembrar-se de quando era menininha (T, 58). E voltar a ser menino, para Riobaldo, significa poder pôr fim à saudade que o adulto carrega em si (GS:V, 187).

Para a personagem Pernambo, que descantava: "sou filho de uma saudade, cruzada com uma paixão..." (NUNP, 187 - g. do a.), e para seu criador, Guimarães Rosa, que afirma em carta a Paulo Dantas que "Verso serve é para falar saudades" (DANTAS, 87 - 25/5/1958), esse sentimento pode ser cumprido (NUNP, 21) e "coerir-se" (AP, 110), isto é, aderir ao si-mesmo, na busca do céu, da felicidade, da aventura, do longo atalho chamado poesia, da esperança vendada, de TRANS SAUDADES DIÁFANAS (AP, 152) — caminho para a Luz divina, em seu próprio interior.

Da saudade como sentimento positivo, passa-se à saudade como sentimento negativo, e neste caso a identificação com a metafísica do vazio é imediata e inevitável.

Baseando-se talvez no conceito de vacuidade... universal (shunyata) do budismo clássico, que influenciaria séculos depois a filosofia da negação absoluta, Guimarães Rosa trabalha o tema em sua vida e obra. Em sua vida, por exercitar diariamente o retorno ao zero, em contagem regressiva a partir de 1.000 — o contrário também acontecia. Disse-nos D. Maria Augusta de Camargos Rocha que, a qualquer momento, era capaz de "mentalizar o vácuo" para, em seguida, preenchê-lo com números; quando atingia seu objetivo, ficava "muito feliz". E propunha esse tema aos amigos como o "compadre" Silveirinha, embaixador Antônio F. Azeredo da Silveira (R, 324). Em suas obras, o fato se repetia, por exemplo, na epígrafe (T, 165):

A matemática não pôde progredir, até que os hindus inventassem o zero.

O DOMADOR DE BALEIAS

Ou quando descreve a proximidade da passagem de vovô Barão, deste para o outro mundo:

sentia-se e sabia-se indo ao improvável zero e aonde o círculo se quadra. (EE, 70)

Mas é no conto "Páramo" que a imagem é usada com maior força, no mo-

mento em que é apontado um outro caminho, além da penitência e do jejum: a entrega ao não-pensar, as "necessidades do retorno ao zero" (EE, 233).

Nesse sentido, a via metafísica é negativa. Não há saudade disto ou daquilo; o objeto tem existência dentro de si, a sua forma exterior é que não é definida. O espaço da saudade é ocupado pela saudade; a saudade existe por si mesmo, sem objeto, sem causa. Em outras palavras, não há relação sujeito-objeto; há, sim, a saudade pura, em si, a consciência cósmica absoluta. Veja-se o poema

CONSCIÊNCIA CÓSMICA⁷²

Já não preciso de rir.
Os dedos longos do medo
largaram minha fronte.
E as vagas do sofrimento me arrastaram
para o centro do remoinho da grande força*
que agora flúe, feroz, dentro e fora de mim...
Já não tenho medo de escalar os cimos
onde o ar limpo e fino pês para fora
e nem de deixar escorrer a força dos meus*
e deitar-me na lama, o pensamento*
Deixo que o inevitável danse, ao meu redor
a dança das espadas de todos os momentos.
E deveria rir, si me restasse o riso,
das tormentas que pouparam as furnas da minha alma,
dos desastres que erraram o alvo do meu corpo...
(M, 99)

* A ilustração encobre trechos do poema, exatamente nos locais onde aparece o asterisco.

Para nós, o homem rosiano quer "outras larguras" (T, 56) e, guiado pela luz da sabedoria que emana das sete sereias do longe, começa a se preparar para penetrar no insondável, tornando-se cada vez mais receptivo e aberto às dádivas de Deus. Então, a Palavra lhe é dada, a dúvida desaparece, a transformação se completa. O Iluminado, agora Mestre, renasce, abre as asas e começa a voar.

72. "Consciência Cósmica" é o último poema do Magma, como se simbolizasse o ponto de chegada do homem rosiano, ainda na terra. Segundo Pierre Weil, "A dissolução do ego através da ampliação do campo da consciência dos níveis de realidade, da desidentificação dos diferentes planos experienciais e do controle dos diferentes graus da consciência é o caminho para a consciência cósmica". Ver A Consciência Cósmica. Petrópolis, Vozes, 1976, p. 38.

Assim chega o perquiridor à consciência cósmica,⁷³ que se realiza na aventura poética do livro ainda não escrito, na linguagem cifrada da revelação.⁷⁴

Delineada nos capítulos anteriores, a viagem iniciática é agora identificada através da simbologia que acompanha as sete sereias do longe, número sagrado e perfeito ~~que une~~ a natureza humana à divina, através da magia da música que encanta o homem na sua interioridade, em seus sentimentos.

As mudanças de estado reúnem cada um dos vários elementos ou idéias do processo evolutivo como um todo e constituem, aqui, o ponto central. Vejam-se os exemplos de Manuelzão, que procura "um re médio" que possa curar um "erro" e mudar "a natureza das pessoas" (MM, 142); e do Velho Camilo que, na sua rusticidade, é o contador de histórias cuja voz, mágica como o canto das sereias, mostra o caminho da poesia (MM, 188).

Guimarães Rosa escolheu sete ninfas da água para simbolizarem o aperfeiçoamento espiritual, a mesma água que purifica o corpo e limpa a alma, preparando o terreno para a eternidade.

As etapas vão sendo cumpridas uma a uma: a primeira delas é o "si-mesmo", o homem buscando a sua própria identificação. A seguir, "o céu", aspiração imediata; "a felicidade de poder almejar a glória eterna; "a aventura" da busca incessante; "o longo atalho cha do poesia", caminho estreito que leva à essência das coisas; "a espe rança vendada", que a gente pressente, mas cuja revelação é lenta e progressiva; finalmente, "a saudade sem objeto", que é o sentimento hu mano que adentra a pessoa e a faz sentir a presença de algo bom e be lo, mesmo estando ausente o objeto tão sonhado. A poesia aproxima o Céu, a religião permite ao homem chegar ao "quem" de tudo, que é Deus, aqui na terra; a casa, o jardim, o rio, o sertão, o morro, o páramo e o cemitério, possibilitando ao homem impregnar-se do transcendente e do divino.

73. É comum encontrarmos, na obra rosiana, expressões como "rebentação cósmica" (DANTAS, 82), o cósmico zero.

74. Em Guimarães Rosa, a idéia da revelação é a mesma que prevaleceu, por muito tempo, na Igreja católica: Deus fala diretamente aos es colhidos, e estes escrevem esses recados na ara, a pedra sagrada, a qual estão ligados os espaços hieráticos.

C A P Í T U L O V

O S S E T E E S P A Ç O S S A G R A D O S

A esta altura do trabalho, o itinerário espiritual de Guimarães Rosa já avançou o suficiente para levar-nos a importante conclusão: o equilíbrio da alma está na comunhão do homem com o divino.

No capítulo que ora se inicia, nosso ponto de partida e de chegada será a cosmogonia dos SETE ESPAÇOS SAGRADOS — mais uma vez o número sete aparece com seu sentido cabalístico —, através dos quais procuraremos recompor o universo dialético rosiano, naquilo que ele tem de profano e sagrado, de visível e invisível, de humano e transcendente. Somente dessa forma, cremos nós, será possível captar o verdadeiro sentido do questionamento rosiano: "Onde há uma borboleta, está pronta a paisagem?" (T, 155-156), "Quem sabe suas verdadeiras paisagens?" (AP, 39 - g. do a.)

Após um rastreamento exaustivo, que abrangeu a obra toda, encontramos explicitados:

a) dois tipos de paisagem: a "paisagem sólida" (AP, 237), onde o rio Sirimim, "no descuidoso im prestar-se: a lânguida água à lengalenga e a ternura em aventura" (AP, 240), acaba por vencer a insensibilidade de um morador de suas proximidades; a "paisagem especializada", à qual "a gente" se apegava, em busca de "paz, no descritivo" (AP, 98);

b) dois tipos de paragem: paragens "pardas", que reportam ao remoto, simbólico e abstrato (NUNP, 108; GS: V, 39), e paragens "do chão", que "têm o seu ser e poder" (MM, 116); demarcadas mesmo, mas no escuro, somente a "morte" e o "amor" (GS: V, 122);

c) dois tipos de espaço: o espaço "Ulterior" (AP, 101- grifo nosso), sobrepondo-se ao citerior, o do lado de "cá".

Guimarães Rosa inicia "A Estória do Homem do Pinguelo" definindo e traçando o desenho geográfico do espaço da seguinte maneira:

Nada em rigor tem começo e coisa alguma tem fim, já que



tudo se passa em ponto numa bola; e o espaço é o avesso de um silêncio onde o mundo dá suas voltas. Esfera com mares, em azul, que confeçam terras de outras cores. Montanhas se figuram por fieirinhas de riscos. Os rios representam-se a traços, sinuosos mais ou menos.¹ Aí e cada cidade é um centro, pingou ou não em pequenino círculo. Mas, o povoado...

¹ Nota de rodapé: "mais ou menos". Variante: menos ou mais" (EE, 128).

Ainda segundo ele, "Só o angustiado é que espreita o espaço" (AP, 135), mas o outro ou "outroutro" espaço (AP, 114) com seus "lugares contralugares" (AP, 111 - grifo nosso) e lugares de base como a Samarra (MM, 169), o Mutúm (MM, 108) e o Buriti Bom, que, de "ponto remansoso" (NS, 93), num crescendo vai se transformando em lugar onde acontece "a lenda" (NS, 132), "terra tão terra" (NS, 218): ele tinha unidades (NS, 111; EE, 226).

O "lugar" rosiano tanto pode ser um "cafarnaúm" (MM, 113) como um "refrigério" (EE, 145 - g. do a. e 247); tanto pode ter "indicação e nome, conforme o tempo que faz e o estado de alma do crente" (S, 242) como ser simples "lembança sem paragens" (NUNP, 139); tanto pode ser um "lugar para pasmos" (T, 50) e "espantos" (AP, 225), "de impossível amenidade, ao desabrigo de senha e sólito, fora de honestas consolações" (EE, 273) como "um paraíso" (NS, 220).

Para completar a "tenria" rosiana "da paisagem" (AP, 217), não podemos nos esquecer do que diz o autor a respeito: 1. "para a frente é que a gente vai!... Mas, depois" (S, 139); 2. "onde está o homem não morre o homem!..." (S, 235); 3. "as criaturas tôdas dêste mundo, com mais ou menos pressa, quisessem ou não quisessem, estavam tôdas encaminhadas para alguma outra parte" (NUNP, 221); 4. uma palmeira como o Buriti-Grande — "lugar preenchido, o formato" (NS, 136) — consola "mais do que às palavras procuradas num livro, do que um bom conselho de amigo" (NS, 144); 5. "A gente cresce sempre, sem saber para onde" (PE, 55); 6. "A vida é nunca e onde" (T, 87); 7. "Viver seja talvez somente guardar o lugar de outrem, ainda diferente, ausente" (T, 139); 8. "Lugar nenhum não é bonito nem feio, não é pra ser. Lugar é pra a gente morar," (EE, 168); 9. não é só a asfixia causada pela altitude que intensifica a "fome espacial dos sufocados" (EE, 227); 10. "Lugar algum tem a nossa crescível medida" (EE, 264).

Em comum, os SETE ESPAÇOS SAGRADOS — a casa, o jardim, o rio, o sertão, o morro, o páramo e o cemitério — têm o fato de serem espaços do indefinido, do indeterminado, do ilimitado, que Guimarães Rosa identifica com o "não-sabido", o "mais" e o "em branco" (PE, 3); "nenhu

ma parte" (PE, 33; EE, 237); o "incomeçado", "empatoso", "desnorte", "necessário" (PE, 67); "altas atmosferas" (PE, 101); o "diferente, só donde" (PE, 174); o "último lugar do mundo, fim de som, do ido outro-lado" (T, 22); o "nenhum rumo, para a vastidão" (T, 60); o "nenhum lugar" (T, 97); o "sítio, além, durado na imaginação" (T, 98); o "alto lugar" (T, 145); o "não perdido, / no além-passado..." (T, 194); o "lugar sem desigualdades" (EE, 247).

Em síntese, os espaços rosianos são centros de cosmicidade, abertos a dimensões transfísicas que nos remetem à ilha de Utopia, descrita por Thomas More (séc. XVI), originalmente "ou-topos, o não-lugar, lugar nenhum, nenhures" como explica Teixeira Coelho:¹

A utopia não é o dado, o existente, o fornecido, mas um projeto humano resultante de relações humanas. (g. do a.)

Por falar em projeto humano, quando se trata de Guimarães Rosa, há outro elemento tão importante quanto as utopias, o "sem lugar" (GS: V, 268). Referimo-nos às ucronias — ou "sem tempo", de que fala Teixeira Coelho —, ao tempo nenhum, "uma ordem rejuvenescida" (AP, 32), "só o futuro, perfeitíssimo..." (AP, 227), do universo rosiano.

Apoiando-nos no levantamento que fizemos nas obras, cartas e entrevistas, vamos tentar esboçar a teoria do tempo em Guimarães Rosa, considerando os seguintes pontos: conceito de tempo; concepção cíclica do tempo; tempo e eternidade; tempo e destino; atributos do tempo.

São as seguintes as definições de tempo, cada uma delas acrescentando um dado novo e procurando esclarecer questões cruciais como: "E — existe mesmo o tempo?" (EE, 237), "É possível um não-mais-futuro?" (AP, 99):

todo tempo é tempo!... (S, 358)

o tempo é um espelho mostrado a balançar (NS, 204)

Tempo é a vida da morte: imperfeição. (GS: V, 445)

o tempo é o mágico de tôdas as traições... (PE, 72)

O tempo é que é a matéria do entendimento. (T, 156)

O tempo não é um relógio — é uma escolopendra. (T, 169)

O tempo é o absurdo de sua presença. (AP, 135)

"(...) O tempo é um dogma..." (AP, 198 - g. do a.)

1. Cf. Teixeira Coelho. O que é Utopia? 4ª edição. São Paulo, Brasiliense, 1984, p. 16 a 72.

"(...) — O tempo é o triz, a curva do acrobata, futuro aberto, o símbolo máximo: o ponto. No invisível do céu é que o mar corre para os rios... Nunca há fatos." (AP, 198-g. do a.)

Usando de tautologia, conceitos relativos e absolutos, metáforas e alegorias, Guimarães Rosa remonta às sociedades arcaicas e à concepção platônica, mas também à concepção cristã do tempo. Assim é que a noção cíclica do tempo, segundo a qual ele é a "imagem móvel da eternidade",² subjaz a declarações feitas por Rosa em mais de uma oportunidade, como em carta ao embaixador Azeredo da Silveira (27/10/1945):

Pessoalmente, penso que chega um momento na vida da gente, em que o único dever é lutar ferozmente por introduzir, no tempo de cada dia, o máximo de "ETERNIDADE"... (R, 319)

Aliás, o "poder de eternidade" (EE, 113) é tão intenso, que norteia sua vida e seus escritos:

Rezo, escrevo, amo, cumpro, suporto, vivo — mas só me interessando pela eternidade. (R, 345)

Sou escritor e penso em eternidades. (L, 11)

Se, para o homem primitivo, o tempo rege o destino, em Guimarães Rosa o destino é criado pelo "pensamento", pela "fé" e pelo "de sejo" (M, "Iniciação"); "aplica luxo de lances" e "ataca por linhas simultâneas" (EMJGR, 67), num tempo que exerce continuamente as seguintes funções: salta para frente e para trás ("O Imperador", 49 - Ver Apêndice); flui ("Águas da Serra" - M, 2; AP, 214); tempera (PE, 118); finje (T, 24); seca (T, 49); mêde (GS: V, 445); sêgue e parafraseia (T, 48); roda (T, 141); tacteia (T, 161); re/move (EE, 74); não pára (AP, 24-34); muda (EE, 246-270); refaz (EE, 283); vale a faz (AP, 198) o passado, o presente e o futuro, pela interpenetração das três divisões do tempo, ora contestadas (EE, 267), ora declaradas sem qualquer vacilação (EE, 268).

Além dos exemplos acima, a referência a "outro" tempo é também indício de circularidade:

2. Ver Platão. Timeu. Trad. Carlos Alberto Nunes. Universidade Federal do Paraná, 1977, 37 d-e.



Outra a sua famigeração e círculo de motivos: sujeito a um ru mo incondicional, à aproximação de outro tempo, projeto de vastidão, e mais que se pense (AP, 185)

e aponta para o retorno ao começo absoluto, ao tempo das ab-origens, que "prepara um novo nascimento", segundo Mircea Eliade.³ Em Guimarães Rosa, tanto o duende Mirilygus quanto o menino, ambos personagens do conto "Jardim Fechado" (AP), vêm das ab-origens.

Por outro lado, a concepção agostiniana (teológica) do tempo como uma experiência da alma também é retomada, à sua maneira, por Guimarães Rosa, ao colocar lado a lado a mutabilidade dessa categoria com a imutabilidade do homem que busca a semelhança com Deus — depois de flu tuar entre o "estado impuro" (AP, 197) de após "a queda", que "persiste, como as cachoeiras" (AP, 213) — e o retorno ao illud tempus da pureza ori ginal:

No princípio do mundo, acendia um tempo em que o homem teve de brigar com os outros bichos, para merecer de receber, primeiro, o que era — o espírito primeiro. (MM, 200)

Há que se considerar também os atributos do tempo, que tornam ainda maior a complexidade da teoria rosiana. É assim que o tempo pode ser: "verde" ("O Imperador", 50 — grifo nosso); ruim (MM, 70-71); puro (GS: V, 445); tranquilo (PE, 76); feliz (PE, 82); piramidal (EE, 55); "a imperfeita simultaneidade" (EE, 268); "remoldável, gerador, coisa e cau sa?" (EE, 270); "patrimônio" (EE, 278); forte, imediato (EE, 281); par-co (AP, 41); fazedor, separador, escolhedor (AP, 135); aborígene (T, 170); desmemoriado (AP, 185); "t" ⁴ (T, 157; EE, 237).

Faltando poucos dias para o término desta tese, conseguimos cópia de uma das primeiras publicações de Guimarães Rosa (21/6/1930), o conto "Chronos kai Anagke" ("Tempo e Destino") — Ver APÊNDICE —, onde o insólito e o sobrenatural dão um tom surpreendente a uma partida de xadrez. Realizada no Club Andersen, na cidade de K..., sul da Alemanha, tem, como um dos participantes, o jovem ucraniano Zviazline. No meio dos assistentes, a estranha e demoníaca figura de um grifo/duende, vin-

3. Ver Mircea Eliade, Mito e Realidade. São Paulo, Perspectiva, 1972, p. 76 ss.

4. Em seu livro A Linguagem do Espaço e do Tempo, Hugh M. Lacey refere-se ao tempo "t" como designativo de "uma época" determinada. (S. Paulo, Perspectiva, 1972, p. 193, 196).

do "de muito longe", parece colaborar para as vitórias de Zviazline so bre seus adversários. No dia seguinte, sob o efeito de uma "droga" mis turada no café, Zviazline sai de casa e se encaminha para as ruínas do castelo de Fuchsenberg. Sobe uma escada em forma de caracol e passa por uma sala cujo chão se assemelha a um tabuleiro de xadrez, com suas "es phinges de pedra". Segue mais adiante e penetra num "reposteiro negro", em cuja parede vê "pentáculos e symbolos kabalisticos e abracadabran- tes"; é forte o odor de "styrax, incenso e myrha". Em volta de uma me- sa de xadrez, dois homens se preparam para jogar: um é o mesmo duende; o outro, de "aspecto sacerdotal", parece "acima das idades" e tem uma ampulheta. Zviazline fica sabendo pelo primeiro que foi escolhido para ser por eles iniciado "nos arcanos"; que o xadrez é o "único tarot ab- soluto, chave de todo symbolismo", ciência só compreendida por alguns poucos predestinados. O duende se identifica: "Os que me julgam bom, de nominaram-me Providencia; os que me temem, chamam-me Destino..." O ou- tro jogador é o Tempo. A "vontade" acabará por transformar Zviazline em deus, preconiza o Destino.

Enquanto isso não acontece, continua ele, é preciso deixar que a "Fatalidade se cumpra!" Tem início a transformação de Zviazline, passando pelo etapa do vôo do espírito, que leva à plenitude e à gló- ria.

Quando retorna da viagem iniciática que dura vinte dias, é recebido como o grande vencedor do torneio internacional e criador da "nova theoria do xadrez". O próprio Anagke o tinha substituído, enquan- to Khronos o distraía. O conto termina com Zviazline abandonando tudo para se casar com Ephrozine. "Mais forte que Adão, recusara provar do fruto da Sciencia, e mais humano que Prometheu, se não atreveria a rou- bar o fogo do céu".

É interessante observar que a temática desse conto⁵ é retoma- da no poema "Iniciação" (M, 43 - Ver CAPÍTULO III).

Não nos estenderemos mais sobre a formulação da teoria rosia- na do tempo. Fica, porém, a sugestão para estudos futuros.

A seguir, os SETE ESPAÇOS SAGRADOS: a casa, o jardim, o rio, o sertão, o morro, o páramo e o cemitério.

5. Cf. Guimarães Rosa, "Chronos kai Anagke" ("Tempo e Destino"). In: O Cruzeiro, 21/6/1930, p.12, 13 e 46. Título em grego. Ilustrado pe- lo Prof. C.Chambelland.

1. a casa

Tomando como ponto de partida o fato de que "tanto as paragens do chão" como "o desuso do espaço sòzinho têm o seu ser e poder", e sabendo "que, para fundar lugar", não pode faltar "o necessário de alguma espécie" (MM, 116-117), nosso primeiro passo foi levantar hipóteses para tais afirmações. Foi assim que chegamos à inusitada casa rosiana, ou "inusual", como aparece no texto "Além da amendoeira":

Dita que era uma aparição, conforme se ocultava, às escuras, o que dela se abrindo sendo só uma varanda de arco, perfeita para o escuro, e que se trazia de estórias — a casa na floresta, da feiticeira. (AP, 177)

Aos poucos, foram aparecendo outras casas inusuais, sempre envoltas em aura de mistério.

Em "Nenhum, nenhuma" (PE), "A mansão, estranha, fugindo atrás de serras, sempre, e à beira da mata de algum rio, que proíbe o imaginar" (PE, 50), "sem história visível, só por sombras, tintas surdas (PE, 51). No seu interior, o Menino encontra a Moça, "imagem", "linda e recôndita", e o Moço que "não sabe sofrer". Fechado num quarto, o Homem "velho, quieto e sem falar", "sem aspecto" ou "aparência", e "uma data"; fechada em outro quarto (ou seria no mesmo?), Nenha "velha, uma velhinha — de história, de estória —, velhíssima, a inacreditável", "alheada de fim", já "na perpetuidade". Tudo levando ao incognoscível, ao inexplicável.

Em "Cara-de-Bronze" (NUNP), a Casa que "cheirava a escuro, num relento de recantos, de velhos couros.(...) O tempo do mundo" (NUNP, 96); "repleta de sombrios", tem um único e estranho morador: Segisberto Saturnino Jéia Velho, Filho — o Cara-de-Bronze —, mestre e patrão, que dá ordem e ensina, sem sair do quarto: através do Grivo, "— Quer saber o porquê de tudo nesta vida".

Em "O cavalo que bebia cerveja" (PE), a casa do seo Giovânio — "grande, antiga, trancada de noite e de dia" — escondia segredos, para o empregado Reivalino e para os moradores dos arredores: um quarto fechado, onde se isolamo irmão do patrão, "em fuga da comunicação das pessoas", e o cavalo que bebia cerveja.

Em "Nada e a nossa condição" (PE), a casa de Tio Man' Antonio — "naquela eminência arejada, (...) de onde o tamanho do mundo se fa-

zia maior, transclaro, sempre com um fundo de engano, em seus ocultos fundamentos", "em paço acastelado" — incendeia-se com seu dono dentro.

Em "Sinhá Secada" (T), "Muitos entravam na casa então, devastada de dono. Cuidavam escutar soluço, do qual mesmo não se percebendo noção" (T, 159). Lá morava Sinhá, "fechada a gestos, ladeando o tempo, como o que semelhava causada morte" (T, 160).

Em "Buriti" (NS), a presença forte da "Casa — inabarcável como um século —, o rio próximo, (...) e as matas de montanha pelo lado do norte?" (NS, 207). No seu interior, o sofrimento resignado de Maria Behú que, "Demais, o dado do tempo, (...) se colocava avezinha, sob os santos, na branda penumbra do quarto" (NS, 207).

Em síntese, diríamos que o que caracteriza o inusual em Guimarães Rosa pode ser assim descrito: 1. à semelhança de uma igreja, a casa deve ser inaugurada ou consagrada com "uma ladainha" (AP, 239); 2. seu envelhecimento é precoce (NUNP, 96), envelhecer, aqui, tomado no sentido de adquirir "posse de passado" (EMJGR, 80); 3. a casa é, geralmente, "muito calada, muito grande" (NUNP, 97), muito escura; 4. a casa se marca (NUNP, 73); 5. a casa pode "guardar as coisas de artefeitiçaria" (NUNP, 240); para tirar os "quebrantos" (NS, 13), há que se perfumá-la com incenso; 6. a casa é uma "espécie de resguardo", local de refúgio para os seus moradores (PE, 9); 7. a proximidade de um rio — lugar cosmisado como se verá mais adiante — tem pelo menos uma explicação: ele testemunha o insólito, "grande, fundo, calado que sempre" (PE, 32). "Lá, o existir é muito escasso" (EE, 128).

Como se vê, dentro do projeto rosiano de evolução espiritual, a casa ocupa um lugar privilegiado e de rica simbologia: nela habita a transcendência. Enquanto o quarto que encerra segredos está diretamente ligado a ritos de iniciação, passagem do profano ao sagrado, a porta aberta representa a saída do desconhecido para a plenitude do homem. Lembrando Gaston Bachelard,⁶ a casa é um "ser concentrado" que "nos convida a uma consciência de centralidade", a um "estado de alma". Mas não deixa de ser morada provisória; a definitiva não é da terra.

6. Cf. Gaston Bachelard. A Poética do Espaço. Rio de Janeiro, Eldorado, s/d, p. 30-65.

Em determinado momento de "Cara-de-Bronze", em nota de rodapé, a citação de Chandogya-Upanixad (NUNP, 124):

Reconduz-nos à casa do Mestre

permite-nos um outro nível de leitura fundamental: a presença do Mestre é uma constante: Mestre é o Padre (R, 425), o vaqueiro (NUNP, 133-164), o urucuiano Uapa (AP, 115-125-130), o duende mestrim (AP, 226), o cantador (NUNP, 64), o crocodilo magister (L, 9); reconduzir à casa do Mestre significa, portanto, receber, através dele, a Palavra secreta e sagrada que se esconde no quarto escuro do nosso ser. Por isso, o aparente encarceramento de uma "data", do "tempo do mundo", da "história" e da "estória", não encerra o ciclo da vida. A Palavra dinamiza o processo de criação.

Por outro lado, a identificação da casa com outros espaços sagrados acontece por um fim comum: "o imanecer da bem-aventura, transordinária benignidade, o bom fantástico" (PE, 54 - g. do a.). É o que veremos a seguir.

No universo rosiano, a igreja (gr. ekklesia) é vista no seu sentido mais lato de 'assembléia' — local de reunião de fiéis em torno dos santos mistérios, da doutrina cristã —, mas também, e principalmente, como símbolo da pátria celeste das almas, do reino dos eleitos, da glória eterna adquirida pelo sacrifício, da intimidade com o divino. Tudo dito de forma simples, como simples são a paisagem e os seus frequentadores.

Casa de Deus na terra, a igreja é extensão do céu (Apc 21), símbolo da verticalidade e ascensão; ou ainda imagem do mundo, pelo fato de se situar no "Centro do Mundo" e reproduzir "à escala microcômica, o Universo".⁷ Os exemplos são inúmeros; na maioria deles, a idéia principal é de que, na humildade da capela, "o sagrado botava-se enorme" (T, 202):

a igrejinha, boneca e branca, no tope do outeiro; (S, 45)

7. No sentido usado por Mircea Eliade. O Sagrado e o Profano. Trad. Rogério Fernandes. Lisboa, Edição "Livros do Brasil", s/d, p. 56.

a capela — templozinho, nem mais que uma guarita, feita a dois quilômetros da Casa, (...) Uma ermida, (...) e tendo à testa a cruz. Nem um sino. (MM, 111)

capelinha branca, com tanta parede e janelas nenhuma, tão pequenina cruz, piando de pobre... (MM, 142)

a antigualha de capelinha, de rijos remotos tempos, a rearmada, a que santo (EE, 248)

no Urumicanga, uma igreja era a Arca. (EE, 281)

Saindo da ficção, encontramos referências ao "templo" dedicado ao Sagrado Coração de Jesus, erguido em Cordisburgo pelo padre João de Santo Antônio (R, 425); e visitas à igreja de "San Francisco ou San Diego, todas têm a mesma cor de pedra parda, só uma torre" (EE, 226); à basílica de São Francisco — "ganhei uma relíquia" — e à igreja de Santa Clara: "uma freira, velhinha e boa como se já vivesse entre isto aqui e o Paraíso, mostrava-me a cripta, onde se vê o corpo, incorrupto, da primeira franciscana", na cidade de Assis, Itália, em cartas a amigos e familiares (R, 297).

Existe todo um ritual acompanhando a construção e consagração dos santuários, a começar pela idéia ou "ponto ideado": a mãe de Manuelzão, "No tempo de adoecer, (...) mencionara a mesa-de-campo(...) para se erigir uma capelinha, a sôbre. (...) êle cumprira" (MM, 116); em "maior" e "elevado sítio, mais próprio, com feições de frequentada igreja, com patrimônio" (EE, 252). A proximidade do cemitério geralmente é proposital: lá "o orvalho é azul e mata a sede" (MM, 116).

Levantada e abençoada, a capela "Carecia de sagração, a missa" (MM, 114), naturalmente rezada pelo sacerdote — "não é o intermediário entre Deus e os homens?!" (EE, 253 - g. do a.) Dentro, o "Cristo do crucifixo grande — sinal de quimeras aquietadas" (EE, 257); "dez pessoas talvez não pudessem estar" (MM, 111), pois somente entram "pessoas de primeira vantagem" como o padre e o sacristão (MM, 133). Os adornos dão um toque profano e exótico, pois incluem "Chifres de boi, dos bruxos, como vasos para flôes", bandeirolas, toalhas e colchas, misturados às prendas deixadas para leilão: ovos de gavião, balaios, cristais, orquídeas e muitas outras (MM, 111-112). Logo viriam os "tituleiros" (T, 200), nomes dos benfeitores falecidos inscritos nas lajes "sem figura, só pó, no dormir infrene, sob pedras que muito se pisavam" (T, 202). Do lado de fora, não podiam faltar os letreiros com o nome do santo padroeiro, espécie de "invocação" para que servisse de

intermediário de suas súplicas.

Fazem parte do "método" de mover Deus (T, 26): 1. tirar o cha péu e benzer-se, "para saudar a porta da igreja" (s, 327); 2. rezar a "novena, heróica. Devia cada manhã, em igreja, acender vela e de joelhos ardê-la, a algum, o mesmo, santo — " (T, 26); 3. brandar a "fé" (T, 89); 4. ir mais à igreja, para adquirir santidade (T, 161). Depois de cumprir todas essas etapas, "descambados os serros da morte, e enfrentando o tribunal das almas", ganhar-se-ia o direito de reunir-se, mas no seio de Deus, que nem como dois riachinhos no mar — mais que nu ma vargem qualquer — ainda por mais completo se ajustam" (EE, 252). Des sa forma, Dona Dodona reencontraria o marido; é o que lhe prometia seu irmão, Padre Roque.

Tudo leva a crer que Guimarães Rosa não chegou a expressar o seu mais profundo sentimento com relação ao papel da igreja na sua vida e na vida de cada um, ficando a nível de sugestão, às vezes imperceptível aos menos avisados. O que nos faz pensar assim é a explicação que ele dá ao tradutor Edoardo Bizzarri sobre a seguinte afirmação, originalmente no conto "Buriti" (NS, 135):

O vento úa, morrentemente, avuve, é uma oada — ele igreja às árvores (B, 68),

explicação essa que nos permitimos reproduzir na íntegra, pelo que de esclarecedor ela nos revela do pensamento do autor:

úa = onomatopéia

avuve = " (do vento)

oada = " de (panc)ada, (z)oada; pode provir também de ôa! (= a voz com que o carreiro manda parar os bois do carro-de-bois).

igreja = Para o chefe, o que dá mais idéia de respeito sério e pânico, de suspensão cósmica, coitado; de misterioso silêncio e grave ambiente (Cf. sacer = na sua ambigüidade ou ambivalência de ao mesmo tempo "venerável" e "execrável") é uma igreja. Daí, o verbo igrejar.

Trad. : O ventoventovento hhh-úiva, e — de só o fim-de-pancada, pára, então dentro do silêncio as árvores todas estão dentro da igreja... (g. do a.).

Tratando-se do Chefe Zequiel — homem de muitos mistérios, "que chamava os segredos todos da noite para dentro de seus ouvidos" (NS, 106), "que procurava exprimir alguma outra coisa, muito acima de seu poder de discernir e abarcar" (NS, 181), "que os ruídos da noite dimidiava" (NS, 225) — é até compreensível. Com relação a Guimarães Rosa, é mais do

que uma simples resposta à sua busca de realização espiritual: a igreja é o caminho que leva o cristão até onde reside o sagrado, o divino.

IMAGENS ENCAITADAS
DA

CASA ONDE NASCEU

JOÃO GUIMARÃES ROSA



IMAGENS ENCANTADAS
DA
CASA ONDE NASCEU
JOÃO GUIMARÃES ROSA

Fotos Hygia Therezinha Calmon Ferreira



CORDISBURGO, 27 de junho de 1908

Nasce, nesta casa, João Guimarães Rosa.



A casa — vagarosa, protegida assim. Deus entrava pelas frinchas.

NOITES DO SERTÃO



Não gosto de falar em infância. É um tempo de coisas boas, mas sempre com pessoas grandes incomodando a gente, intervindo, estragando os prazeres. Recordando o tempo de criança, vejo por lá um excesso de adultos, todos eles, mesmo os mais queridos, ao modo de soldados e policiais do invasor, em pátria ocupada. Fui rancoroso e revolucionário permanente, então. Já era miope, e nem mesmo eu, ninguém sabia disso.

A Renard Perez ("Perfil de
João Guimarães Rosa")



Como médico conheci o valor do sofrimento; como rebelde,
o valor da consciência; como soldado, o valor da proximidade da morte...

A Günter Lorenz ("Literatura e Vida")



Um livro, um só. Suponho seja de poesias. Será o Livro. Não posso ainda lê-lo. Se o lesse, seria uma traição, seria para mim como se aderisse mais a tudo o que há aqui, como se me esquecesse ainda mais de tudo o que houve, antes, quando eu pensava que fosse livre e feliz, em minha vida. Mas devo guardá-lo bem, o Livro é um penhor, um refém. Nele estou prisioneiro.

ESTAS ESTÓRIAS



também configuram meu mundo a diplomacia, o trato com os cavalos, vacas, religiões e idiomas.

A Günter Lorenz ("Literatura e Vida")



nós, os homens do sertão, somos fabulistas por natureza.

Escrevendo, descubro sempre um novo pedaço de infinito. Vivo no infinito; o momento não conta.

A Günter Lorenz ("Literatura e Vida")

A oração é coisa muito mais transcendente do que parece. Apenas, há mais de uma maneira da gente orar.

A seu pai, Florduardo P. Rosa

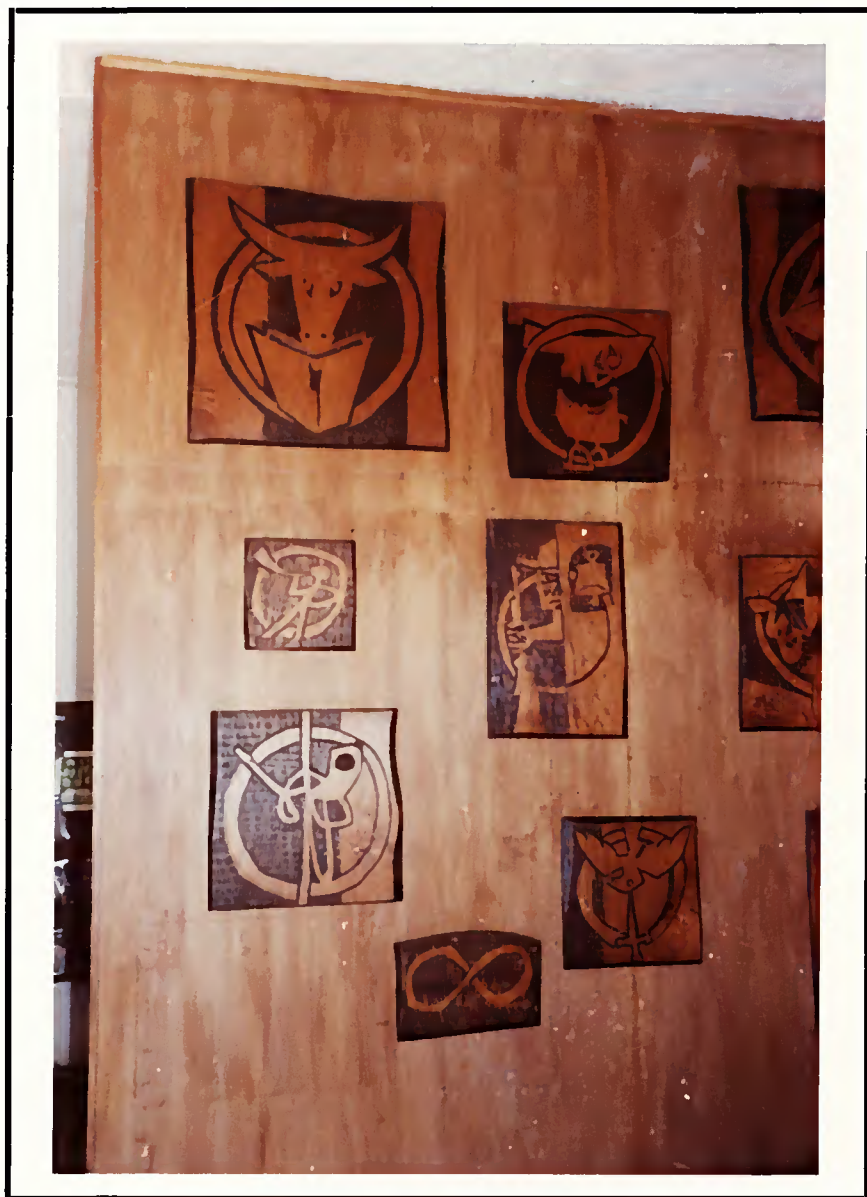


Eu queria rezar — o tempo todo. Muita gente não me aprova, acham que lei de Deus é privilégios, invariável.

GRANDE SERTÃO: VEREDAS

PAINEL EM MADEIRA - XILOGRAVURA

feito por Poty Lazzarotto, amigo e ilustrador de Guimarães Rosa, para Sagarana.



Guimarães Rosa sugeria os motivos, mas nada explicava aos ilustradores.



Eu trazia sempre os ouvidos atentos, escutava tudo o que podia e comecei a transformar em lenda o ambiente que me rodeava.

A Günter Lorenz ("Literatura e Vida")

Sertanejos sabidos sábios.

MANUELZÃO E MIGUILIM

E calçou mais na cabeça seu chapéu-de-couro, chapéu com
nove letras — dezenove, nove — tapatrava.

NOITES DO SERTÃO



Então, deitei, baixei o chapéu de tapa-cara. Eu vinha tão
afogado.

GRANDE SERTÃO: VEREDAS



Vi o aboiador, mão à boca, em concha, sustenir um toado troco, quase de jodel montano; ou tapando um ouvido, para que a própria voz se faça coisa íntima e estremecente, e o aboiado seu, as notas do aboio, triado, estiradamente artístico, tal que veio do tom da buzina, do berrante de corno, sua vez criado copiando o mugido boium.

AVE, PALAVRA



A rebaixa — um alpendre cercado —; o rancho de carros-de-bois(...)

2. o jardim

Guimarães Rosa é um autor com uma característica muito própria: se pinçarmos uma palavra, expressão ou frase do contexto em que se inserem, verificaremos que não só mantêm sua força expressiva como também o seu sentido universo. Exemplos disso são encontrados a todo momento, e a palavra jardim — e seus correlatos horto, floresta, mata, mato, horta, pomar — não foge a essa regra.

Depois de um levantamento exaustivo na obra rosiana, identificamos as seguintes espécies de jardins, todas elas estreitamente ligadas a textos bíblicos e à mitologia:

O JARDIM DE DEUS (NS, 244) é o espaço da perfeição em seu grau máximo, origem de tudo; é imóvel, imutável, ilimitado, infinito. Diz o profeta Ezequiel: "8 No jardim de Deus não havia cedros alguns mais altos do que êle: as faias não igualavam a sua altura, nem os plátanos lhe eram iguais na sua ramagem. Nenhuma árvore do jardim de Deus se assemelhou a êle, nem à sua formosura" (Ez 31, 8 ss.).

ÉDEN, JARDIM DE DELÍCIAS ou PARAÍSO (de pairi-daêza, antiga palavra persa que significa 'cerca' ou 'cercado'; no aramaico e no hebraico do AT, pardês significa 'parque', 'pomar', 'jardim ameno') é a região em que estava localizado o jardim ou paraíso terrestre (T, 8-9; EE, 82; AP, 142), onde Deus colocou o primeiro homem antes da queda (Gen 2 - 4,16). O jardim do Éden rosiano é um dos "paraísos do agradável" (MM, 180), um dos "lugares de agrado" (NS, 99).

Na mitologia grega, o JARDIM DAS HESPÉRIDAS ("Paraíso Filosófico" - M, 87) é descrito por alguns como um pomar cujas árvores produziam pomos de ouro, guardados por um dragão que foi morto por Hércules. O referido pomar pertencia a Egle, Aretusa e Hesperetusa, filhas de Atlas e Hespéria.

O JARDIM DE MIM é um lugar mítico de transformação interna (T, 57). Como jardim do si-mesmo, está localizado no centro do homem e ajuda a compor a paisagem onde se instala o eu profundo. Para alcançá-lo é necessário, num primeiro momento, deixar falar a voz interior: "Sigo, ao arreia-pêlo da correnteza, pela margem do mimo riachinho, soliloquaz: todo o tempo nos cruzamos" (AP, 237). O reencontro com os antepassados e, através deles, o retorno ao tempo e espaço primordiais, só serão possíveis se, "Em nosso jardim", houver "Solilóquios", "florestas e pausas" (AP, 32). A passagem do solilóquio ao diálogo com Deus, para a libertação da alma, é o

caminho natural para que o homem vislumbre o tão almejado transcendente. Nessa hora, o alerta de Guimarães Rosa não pode ser esquecido: "Só há um diálogo verdadeiro: o do silêncio e da voz" (AP, 25).

Escrito na década de 30, o poema "Taumaturgo" (M, 46) traz referência ao JARDIM DE HAGEMBECK, à Arca de Noé, aos bichos de Kipling. Já em "Histórias de Fadas" (AP), quem os guia é o teriopola, nas águas do Capibaribe. Em ambos os casos, a idéia é encontrar soluções milagrosas para salvar animais em extinção.

Em meio a uma enumeração caótica — os castiçais, os baús, arcas, canastras, (...) o oratório, registros de santos, (...) suspensas florestas" (PE, 52 - g. do a.), é clara a referência aos jardins suspensos da Babilônia, uma das sete maravilhas do mundo antigo, em Guimarães Rosa diretamente ligada à luta incessante com a memória (PE, 56) e à recriação dos mitos de origem.

Há também o JARDIM DA POESIA, localizado no coração do homem, que poderíamos chamar também de JARDIM LITERÁRIO,⁸ lembrando aqui os "jardins literários" de Sócrates.

Em princípio, a alegoria do horto fechado ou "cluso" (EE, 74-75) recupera, em Guimarães Rosa, a passagem bíblica que diz: "Hortus conclusus, soror mea sponsa; Hortus conclusus, fons signatus" ("Jardim fechado, minha esposa; Jardim fechado, fonte selada" - Canticus Canticorum, IV, 12). Entretanto, em "Chapéus Transeuntes" (EE, 54 a 90), onde ele ocorre, há alguns pontos importantes a considerar: 1. o muro do jardim não constitui obstáculo para quem quer "voltar a um terno recanto perdido, universo amorável"; 2. o jardim "invisível" produz, em si, no "íntimo" do ser rosiano, "um silêncio, uma diminuição de peso", quase um êxtase místico; 3. uma das principais características de Vovó Olegárinha, responsável pela formação do jardim, é ser "Senhora principalíssima, fora de querer saber as mudanças que indo por este mundo, vivia aprazível atualidade no passado"; 4. o jardim fechado é o centro mais íntimo da alma e pode pertencer aos "domínios do demasiado" (PE, 125).

Já em "Jardim Fechado" (AP, 224 a 227), o espaço mítico adquire uma outra configuração, pois levanta questões sobre ressurreição e infinito, remoto e eternidade, sagrado e profano, a busca da palavra e da plenitude do homem.

O "Jardim Fechado" é o local onde se reúnem um gato, um menino e um duende, e onde se manifestam, em igual proporção, o insólito, o mágico, o misterioso. O insólito, pela própria descrição: não se tra-

8. Ver Platão, Fedro. DIÁLOGOS. p.259. Em Ave, Palavra, há referência a um lago "literário" (AP, 103).

ta de um jardim qualquer, mas de um jardim que "fala" com outros jardins e que abriga seres que se transfiguram, um nos outros, em espelho; o mágico, pela "tranqüilação" do jardim, "Estância de doçura e de desordem", onde os seres se "vestem" de magia; o misterioso, por ser um jardim encapuzado, cheio de "recatos", "mansão de mistério". Também se observa a busca do transcendente através de estreita porta que pode levar a muitos lugares, pois "São muitos e milhões de jardins". Aqui, a entrada no jardim cercado por grade possibilita a mutação do ser através da viagem iniciática, viagem para dentro de si mesmo, em busca "das ab-origens", da "poesia", da "sabedoria" (grifos nossos). É o que acontece quando o espaço rosiano se desdobra e surge o JARDIM DE EVANIRA (AP, 227).

Por trás da linguagem cifrada de Guimarães Rosa, descobrimos, no JARDIM DE EVANIRA, elementos que nos permitem identificá-lo com o jardim das reminiscências, o que nos remete imediatamente à filosofia platônica de Fedro:⁹

Quando a alma, depois da evolução pela qual passa, chega a conhecer as essências, esse conhecimento das verdades puras a mergulha na maior das felicidades. Depois de haver contemplado essas essências, volta a alma ao seu ponto de partida. (...) Quando assim contemplou as essências, quando se saciou da sua sede de conhecimento, a alma mergulha novamente no interior do céu e volta ao seu pouso.

O caminho da ascese parte da obscuridade para levar ao conhecimento. Para que isso possa acontecer, três pontos são importantes: a força do olhar, a sensibilidade auditiva e o exercício do saber: ver - ouvir - saber, ver-ouvir-sentir. Ao final da narrativa, o menino aprende com o duende Mirilygus que amar¹⁰ também é importante, talvez mais do que os outros três:

Então o menino se encorajou: — "Meu senhor homúnculo... falou (claro que com outras palavras). — este jardim é o meu?" E o figurim respondeu: — "Não. O seu virá, quando amar". E o menino: — "Hem? Eu?" E o outro: — "Há flor sem amor?" (AP, 227 - g. do a.)

9. Ver Platão, Fedro. In: Diálogos, 247.

10. Ver ROTEIRO II - TRISMEGISTO: R, 411 (p.97).

No jardim fechado rosiano, o discípulo aprende com o Mestre que, para chegar à sabedoria, à plenitude, deverá passar por várias etapas de conhecimento, o que nos leva a concluir que o JARDIM DE EVANIRA é ponto de partida de uma viagem sem fim — travessia ou peregrinação mítica em busca da infância perdida —, lugar onde o próprio homem é o centro sagrado e onde metafísica e poesia caminham juntas para um fim comum: o "outro lado" da vida, o Éden pré-prisco, a terceira margem do rio.

Durante todo o tempo em que pesquisamos o jardim rosiano, uma pergunta centralizou a nossa atenção: QUEM É EVANIRA?

Pelo nosso levantamento, a primeira resposta que encontramos foi a que dá conta do número de vezes em que ela aparece, exatamente quatro, em diferentes narrativas: "Páramo" (EE, 237 - g.do a.); "Evanira!" (AP, 32 - título); "A caça à lua" (AP, 152) e "Jardim Fechado" (AP, 227).

Por sua origem nebulosa, a primeira conclusão a que chegamos foi a de que EVANIRA é uma palavra mágica e misteriosa. Não está gravada em pergaminho nem é amuleto que resguarda contra qualquer doença, mas uma palavra que até o momento não foi revelada aos estudiosos da obra de Guimarães Rosa.

À luz da Cabala, diríamos que EVANIRA é formada por sete letras e simboliza a perfeição e a vida eterna. Mas, pelas nossas pesquisas, as interpretações não param aí, por isso o que vem a seguir são tentativas "de desvendar a raiz comum da conceituação lingüística e mítica"¹¹ da palavra EVANIRA, de buscar a sua essência. Até o momento, eis o resultado a que chegamos: 1. EVANIRA — "o mesmo que EVA, com sufixo arbitrário, se não for composto de dois nomes"¹² — poderia referir-se a alguém que desaparecerá, esvanecerá, pela simplificação do futuro do verbo évanouir (fr. elle évanouira), 'desaparecer sem deixar vestígio', 'apagar', 'desfalecer', por isso

As pessoas e coisas têm de ser lembradas sempre; sob pena de MAIS um pouco de morte (AP, 152);

11. Cf. Ernst Cassirer, Linguagem e Mito, p.63.

12. Ver Prof. Rosário Farâni Mansur Guérios. Dicionário Etimológico de Nomes e Sobrenomes. São Paulo, Editora Ave Maria, 1981, p.114.

2. EVANIRA teria sua origem no lat. pop. exvanire (de evanescere), 'aparição', 'imagem que é percebida num momento e no outro desaparece'; 3. EVANIRA seria anagrama de NIRVANA (sânscrito), com desdobramento da consoante N, significando quietação, repouso, estado de ausência total de sofrimento, plenitude, a mais alta felicidade possível, a não existência de grilhões (ni = não, bhana = grilhões) (EE, 242); 4. EVANIRA seria a "EVA NASCENTE, PRIMEVA" (EVA = raiz hebraica, 'mãe de todos os viventes') dos tempos primordiais, tal como está no conto "Evanira!" (AP, 34); 5. EVANIRA seria o nome de uma moça "pássara" (sic) como Aníssia (T, 70), "andorinha do abstrato" como Orlanda (T, 156) ou Diadorim, "o pássaro — aquele poder dele" (GS: V, 140); 6. EVA seria anagrama de AVE, mas não uma ave qualquer; VANIR é uma divindade escandinava da fertilidade, associada a uma AVE que acompanha o homem por toda a vida como se fosse uma alma externa, o que viria ao encontro da máxima tibetana que diz:

A palavra deve vestir-se como uma deusa, e erguer-se como um pássaro (R, 84);

7. EVA seria anagrama de AVE (palavra que indica saudação), NIRA, possível anagrama de palavra ou de ave, em outro idioma, daí o título do livro Ave, Palavra ou a saudação "Av'ave" (GS: V, 440 - g. do a.). Nesse caso, EVANIRA estaria incluída entre as palavras "de outro ar" (PE, 47) ou palavras aladas:

E não é sem assim que as palavras têm canto e plumagem. (S, 238)

Aqui entramos na teoria rosiana da palavra, centrada nos seguintes pontos: 1. uma palavra apenas — como "Sofrimento" — pode refazer o idioma (M, "Regresso"); 2. "à parte o sentido prisco", vale o "ileso gume do vocábulo pouco visto e menos ainda ouvido, raramente usado, melhor se fôra jamais usado" (S, 238); 3. "a palavra" serve de "alimento" para o homem (doutrina dos sâman - Chandogya-Upanixad - NUNP, 124); 4. a palavra viaja, e o homem deve viajar com ela; 5. as "belas palavras" apontam "caminhos novos" (NUNP, 191); 6. "palavras no encoberto" sugerem "atalhos" (NS, 100); 7. "ter o poder de ir até no rabo da palavra" é "difícil" (GS: V, 134); 8. "a gente" voa "num amor, nas palavras" (PE, 47); 9. as palavras inventadas são "como as criaturas, costumando ter um pai só (...); a comunidade contribui apenas dando-lhes ou fechando-lhes a circulação. Não importa" (T, 76-77); 10. justifica-se a cria-

ção de uma palavra por dois motivos, pelo menos: para "tapar um vazio"; para satisfazer "uma precisão, constatada, incontestada" (T, 77); 11. "palavras intensas (...) abrem de espaços a vastidão onde o real furta à fábula" (EE, 95); 12. deve-se utilizar "cada palavra como se ela tivesse acabado de nascer, para limpá-la das impurezas da linguagem cotidiana e reduzi-la a seu sentido original" (L, 12); 13. meditar "sobre a palavra" é descobrir "a si mesmo", é repetir "o processo da criação" (L, 13); 14. uma pessoa pode estar criando "religiões" quando forma palavras (L, 15-16); 15. está "proibida a entrada" ao "lugar-comum"; "as palavras valem 'sozinhas', cada uma por si, com sua carga própria, independentes, e às combinações delas permitem-se tôdas as variantes e variedades" (MC, 56); 16. quanto às "palavras apenas mágicas", pede Guimarães Rosa, "Queira bem a elas" (R, 343). Quanto a EVANIRA, aplique-se a ela a teoria rosiana da palavra.

3. o rio

O rio é mais uma das paragens ideais, no universo rosiano. A idéia de que tudo passa, inclusive o rio (AP, 43-44), nos faz lembrar Heráclito, quando reconhecia que nunca podemos passar duas vezes pelo mesmo rio, porque ele nunca será o mesmo. Tudo passa, tudo flui (gr. panta rhei, onden menei), dizia ele.

Em Guimarães Rosa, o efêmero e o transitório estão também simbolizados no fluir da água em poemas como

TOADA DA CHUVA

Chove e faz frio.
Posso vir ao passado,
porque a chuva cái, como um estribilho
de dedos barncos num teclado manso,
disciplinada, como uma velha trova,
e o meu passado é frio...

(.....)

(M, 79 a 81)

NO ARAGUÁIA - IV

(.....)

O rio parou todo marylho no remanso,
mas não deixou, um só minuto de correr.
(M, 78)

Se "O monte dorme" (M, "Necrópole"), Anfitrites dormem (S, 201),

o homem rosiano, tal como o rio, não dorme, isso porque

(...) a água dos olhos
nunca tem sono...
(M, 41: "Sono das Águas")

Contradição do autor? Não, se observarmos que o sentido de dormir está diretamente ligado a morrer (T, 200), e nós sabemos que, na tradição cristã, quem se banha nas águas purificadoras do rio não morre, mas re nasce para a vida eterna. Corrobora essa idéia o ritual da absolvição do discípulo pelo Mestre, assim definida:

GRIVO: Pai Tadeu, absolvição não é o que se manda buscar—que também pode ser condena. O que se manda buscar é um rami nho com orvalhos... (NUNP, 126)

Discípulo é, então, aquele que toma a bênção como o canoeiro ao "Rio São Francisco, nessa maior turvação:" (GS: V, 84- g. do a.) ou o riachinho a Riobaldo (GS: V, 219); Mestre é aquele que dá a bênção como o pai ao filho, antes de iniciar a viagem sem volta (PE, 33). Discípulo é aquele que quer se "instruir também daquela parte do litoral — do mar, não entendido dos homens" (EE, 30), que quer "aprender" com Gotama Budha, "o pastor dos insones", o "rolar dos rios (...) "(S, 201). Mestre é quem desperta, "quem de repente aprende" (GS: V, 235) a escutar "o riachinho" (MM, 199), "a sede do gado" (NUNP, 127), "o orvalho" (GS: V, 92). Enfim, Mestre é o "poeta" (M, "Toada da Chuva"). Dito de outra forma, quando o Vaqueiro e o Boi Bonito bebem da mesma "água do riachinho" (MM, 200), quando Grivo bebe "sua viagem" (NUNP, 118), ou ainda quando se tem "uma gôta-d'água dentro do (...) coração" como Cara-de-Bronze (NUNP, 99), o homem não envelhece (NUNP, 182), ainda há esperança de salvação, pois importante "é o sentimento fundo de cada um" (NUNP, 215). O homem torna-se, então, um sábio:

(...) Todo aquele que bebe desta água tornará a ter sede; mas o que beber da água que eu lhe hei de dar, nunca jamais terá sede. 14 Mas a água que eu lhe der virá a ser nele uma fonte de água, que salte para a vida eterna. (Jo 4, 13-14)

O conselho é no coração do homem como a água profunda: mas o homem sábio daí o tirará. (Prov 20, 5)

Consideradas símbolo da Essência divina e da existência humana, as águas são, ao mesmo tempo, origem da vida e imagem da morte.

Encontra-se o rio como origem da vida, observando-se a descrição dos principais rios que atravessam o universo rosiano: o Rio das Velhas é "mudável, (...) rio quase humano" (S, 148); o Rio São Francisco é o "rio capital", "partiu (...) em duas partes" a vida de Riobaldo (GS: V, 235); no Rio Urucúia, a "paz das águas... É vida!" (GS: V, 24); o Rio Sirimim é "a água mais pura que há" (AP, 238).

Dentro dessa perspectiva, o rio é o espaço de viagem onde se concentra o sagrado. Lugar de suprema tranqüilidade e de meditação, fazer a sua travessia significa abolir o tempo — "O tempo, irretornável como um rio; frio" (EE, 66) e buscar a transcendência no acesso ao mundo interior.

Com relação à imagem da morte, o Lethes — um dos principais rios dos Infernos —¹³ tem uma forte presença na obra rosiana, mais precisamente no conto "Páramo" (EE). Rio do Esquecimento, tal como é também conhecido, ou "rio sem memória", nas palavras de Guimarães Rosa (EE, 219), o Lethes é o ponto a partir do qual a criatura deixa de ser "rascunho" e recebe a graça santificante de merecer o céu. É citado uma única vez, mas a ele remete o autor cada vez que utiliza as formas verbais esquecer/lembrar e similares. Vejamos como isso se dá.

Nos textos órficos, encontramos a seguinte explicação: as almas dos que aspiram a uma vida nova bebem no Lethes o esquecimento da vida anterior; para despertarem definitivamente, é necessário banhar-se na única fonte da Memória. Já em Guimarães Rosa, tal como a saudade, são "duas" e inseparáveis as memórias: a de idéia e a de coração.

A memória de idéia consiste no "regôzo de desfiar fino ao fim o que um tempo êle tinha tido(...); prazer de sombra" (NS, 21); memória de coração, porque é nele que "a memória verdadeira se desesquece" (EE, 270).

Se, de um lado, o "amor não precisa de memória, não arredonda, não floreia: faz forte estilo. E fim" (AP, 27), de outro a memória "quer é passar a olhar apenas para diante" (AP, 214), pois

Reperdida a lembrança, a representação de tudo se desordena: é uma ponte, ponte — mas que, a certa hora, se acabou, parece'que. Luta-se com a memória. (PE, 56 - g. do a.)

Acontece, porém, que um "sujeito só bi-dimensional" não percebe essas sutilezas nem as "três dimensões" do rio (S, 121), que o au-

13. Os rios dos Infernos são: o Aqueronte, o Flégéton, o Cocyte, o Styx e o Lethes.

tor nomela a toda hora e o leitor identifica em expressões como: "para o rio, e — para lá do rio —" (PE, 65); "Era um rio e seu além" (PE, 68); o "beira-rio" e o "tras-rio" (EE, 154); as duas margens e a "contramargem", para a qual se voltavam a Brejeirinha, em "Partida do audaz navegante" (PE, 120); o pai, a princípio, depois também o filho, em "A terceira margem do rio" (PE, 32 a 37).

A essa altura, já se pode entender melhor o fato de que o homem rosiano pode se esquecer de uma frase aparentemente corriqueira como "Lá, nas campinas..." (T, 97 ss.- g. do a.), da mesma forma que do "caos original e fechado aos evidentes exemplos do invisível" (EE, 55), do "Homem com o todo de cadáver" (EE, 233 - g. do a.) e do seu "bem-querer" (S, 159). Pode até se esquecer "de seu mesmo" (PE, 47) que, ainda assim, nem tudo estará perdido, porque sempre se pode desdeslembrar-se, "excogitar (...) das camadas angustiosas do olvido" (PE, 54).

Tal é, em síntese, a metáfora da morte, na visão rosiana: viagens que têm por fim restituir o "espírito ancestralmente ao oceano" (AP, 191 - grifo nosso), símbolo do ilimitado, do imperecível. Inacessíveis ao comum dos mortais, as "regalias altas" são para quem se encontra "justo completo, capaz para navegar logo para o Céu" (MM, 36). Quando chegar esse momento, a identificação homem - rio fechará o círculo da imortalidade. Quer no mundo ficcional — "sou da beira do rio" (S, 352), "— 'Sou riacho que nunca seca...'" (MM, 198), sou o "Náutikon", o navegador (AP, 65) —, quer no mundo real:

gostaria de ser um crocodilo vivendo no rio São Francisco. O crocodilo vem ao mundo como um magister da metafísica, pois para ele cada rio é um oceano, um mar de sabedoria, mesmo que chegue a ter cem anos de idade. Gostaria de ser um crocodilo, porque amo os grandes rios, pois são profundos como a alma do homem. Na superfície são muito vivazes e claros, mas nas profundezas são tranquilos e escuros como os sofrimentos dos homens. Amo ainda mais uma coisa de nossos grandes rios: sua eternidade. Sim, rio é uma palavra mágica para conjugar eternidades (L, 9),

almejar o mistério que existe na trans-vida é buscar, cada vez mais intensamente, a aproximação de Deus.

4. o sertão

Lhe falo do sertão. Do que não sei. Um grande sertão! Não sei. Ninguém ainda não sabe. Só umas raríssimas pessoas — e só essas poucas veredas, veredazinhas. (GS:V, 79)

Praticamente só se conhece o sertão rosiano a partir de análises que têm como fonte de estudo o romance Grande Sertão: Veredas. É necessário, pois, que conheçamos o sertão no conjunto da obra, não para buscar o diferente, o não explorado, mas para ampliar as perspectivas já existentes e fortalecê-las com um conhecimento objetivo e preciso do assunto.

O primeiro ponto a observar é que, do "umbigo do mundo" (S, 48) sem limite — imensidão —, ou "de não sei onde no sertão" (S, 3), em Sagarana um burrinho pedrês "resignado" (S, 3), de "nostalgia hereditária" (S, 6), "Todo calma, renúncia e força usada" (S, 7), sai em busca de "promessa de repouso e de solidão" (S, 49). Em sentido inverso, mas também "saídos das distâncias" (AP, 104), "Extraídos de solidões" (AP, 105) e viajando "só pra o sertão" (AP, 117), partem os vaqueiros de "espírito glório e contreito, uma séria hombridade maior, um tonus conquistado de existência" (AP, 111). Ascetas (AP, 118) ou ascéticos e fatalistas (AP, 112), apertados de "estóico" (AP, 112), "sua presença" é "longa lição, sua persistência um julgamento e um recado" (AP, 117), ou, mais do que isso, uma filosofia de vida que o próprio Guimarães Rosa revelaria a seu amigo Paulo Dantas, em carta datada de 31/7/1957, pouco tempo depois da publicação de Grande Sertão: Veredas:

Todos, do sertão, sabemos querer atalhos. Queremos o mágico. O pacto. As supremas superações, a trans-vida. (DANTAS, 63)

Sozinha, essa declaração já seria suficiente para nomearmos Guimarães Rosa um Mestre de "mais sertão" (MM, 119). As justificativas podem ser encontradas em sua vida e obra. Destacamos duas delas, que definem com exatidão personagens e autor: 1. é "pessoa perita nas solidões e tudo" (MM, 119); 2. teve a humildade de viver, em sua arte, o que pregou em emoção e pensamento: o sertão é "a alma de seus homens" (L, 8), "o terreno da eternidade, da solidão" (L, 13), a "suma autenticidade, total" (B, 58), "intenção de alegria" (DANTAS, 63),

Sertão é o sozinho. (...) Sertão: é dentro da gente. (GS:V,

284),

e seus habitantes naturais, seja o animal, a ave, o buriti, os vaqueiros, os jagunços (GS:V, 236) — "Sertanejos sabidos sábios" (MM, 147) —, todos dão autenticidade ao sertão.

Para o observador experimentado, está muito claro que Guimarães Rosa espalha, em sua obra, indagações de toda ordem, em torno da palavra sertão, tais como:

"eu sou muito do sertão?" (GS:V, 235)

"— 'Será que já é o sertão?'" (NUNP, 140)

No sertão, "Que é o que faz efeito e tem valença?" (T, 183)

"No sertão, o que pode uma pessoa fazer do seu tempo livre a não ser contar estórias?" (L, 8),

para provocar tensões. Assim é que, na ânsia de "captar a poesia das paisagens e lugares" (B, 60), Guimarães Rosa transforma o sertão num centro onde tudo pode acontecer, onde "'A gente pode aprender sempre mais, por prática'" (NS, 84), a procurar, achar, ajudar, encontrar(-se), mas também a seus contrários, pois "o sertão está movimentante todo-tempo — salvo que o senhor não vê" (GS:V, 391), nesse "ido e vindo enorme, sem começo" (NS, 195), "praxe de ir" (GS:V, 48), incessante "vem e volta" (GS:V, 410).

Por outro lado, sabe-se que o sertão não é uma terra de ninguém: seu dono é Deus (GS:V, 380), e quem rege "em rédea" só o faz "por uns trechos; que sorrateiro o sertão vai virando tigre debaixo da sela" (GS:V, 284). Difícil mesmo é entender seus muitos mistérios e segredos. No universo rosiano, por exemplo, o medo que o sertão tem "de tudo" (GS:V, 237) convive pacificamente com o medo que ele produz (NS, 182-183; MM, 147).

Diz Guimarães Rosa, a Günter Lorenz, que Riobaldo "é o sertão feito homem" e é seu "irmão" (L, 16), o que responde ao que foi perguntado anteriormente. Guimarães Rosa é, sim, do sertão, desse "Sertão Ulterior" (AP, 101) que é de muito além; do "sem lugar" (GS:V, 268) que "dobra sempre mais para adiante, territórios" (NUNP, 140), que "é grande ocultado demais" (GS:V, 382). Por sua vez, no sertão, as narrativas mostram uma "ordem diferente" que às vezes confunde a "harmonia", o "congragar-se" (NS, 222), com o caos e a desordenância. Além disso, nes

se cosmo transformado, "no qual a única realidade" é "o inacreditável" (L, 16), o tempo é "parco" (AP, 41), se comparado à "essência" do sertão (NS, 187), revelada através de seus atributos. Aparentemente contraditórios, eles definem o espaço rosiano magistralmente. Assim é que o sertão é "penal, criminal" (GS:V, 86), num momento, e puro, no outro (NS, 127); é "mau" (T, 22), mas "bonito" (MM, 130) e "bom" (GS:V, 343); margeado pelo "noturno" (AP, 115), mas também por "sol" e "luz" (NUNP, 140); é "lendário" (AP, 115) e, ao mesmo tempo,

onnipresente, onnivalente, a multi-sertã polissertania. (DANTAS, 70)

No sertão rosiano, "os epos das boiadas, relato ou canto, se iniciam com o elenco amável dos cavalos espiantes e dos vaqueiros sobressentados" (T, 182); atribui-se "valor aos nomes" (NS, 170); as "pessoas dramáticas" dominam e sofrem "as paragens em que sua estirpe se diferenciou" (AP, 103). As relações do homem com Deus não se limitam àquelas intermediadas pela igreja e seus representantes, aliás bastante raras; embora não formule com exatidão os indicadores de uma vida cristã — "Sou só um sertanejo, nessas altas idéias navego mal" (GS:V, 14) —, o homem do sertão acredita no sobrenatural e na força da oração. Empurrado, ora por Deus ora pelo diabo que "não há" (GS:V, 460), inquire, mais a si mesmo do que aos companheiros, em busca do aprofundamento às dúvidas originadas pela limitação do seu entendimento. Quase sempre o abismo, que se auto-impõe como um castigo que purifica, deixa de ser um obstáculo para a compreensão do mundo. Isso acontece quando o homem se sente fortalecido em seus propósitos de encontrar o tu que o completa (L, 14); quando o sertão não pesa mais dentro de si; quando se restabelece, na prática, a idéia de que a imensidão que o oprime ao mesmo tempo lhe assegura o silêncio necessário para dialogar com sua própria alma.

Em pleno "cenário e realidade sertaneja" (B, 58), onde há lugar igualmente para o feitiço e o milagre, as criaturas iniciam um processo de aperfeiçoamento em direção à Verdade, que encontra para além do mundo visível. Tornam-se, então, instrumentos ativos de uma força maior que vem do alto, e o sertão passa a ser a ponte que levará, à morada celestial, Riobaldo, o cego Borromeu (GS:V, 448) e todos aqueles que "vivem sem consciência do pecado original; portanto, não sabem o que é o bem e o que é o mal" (L, 16).

5. o morro

Dentro da simbologia que acompanha o morro, o monte e a montanha, há vários pontos importantes a considerar, no universo rosiano. Antes de nomeá-los, um esclarecimento: a primeira referência a esse local de hierofania aparece no livro Magma, mais precisamente no já citado poema "Necropóle", onde o monte, mesmo adormecido, abriga "esfinges, / à espera dos cansaços do futuro..." (M, 86).

Tanto para quem os vê de longe, como para quem os vê de perto, ou a eles se reporta, trata-se de uma região de difícil acesso, catalisadora de energia e magnetismo:

Sua feição pensativa e parca, a seriedade e interiorização que a montanha induz — compartimentadora, distanciadora, isolante, dificultosa (AP, 218),

onde, sensações de angústia e aprisionamento, evocadas pelas profundezas do inconsciente,

Era a treva, pesando e comprimindo, absoluta. Como se eu estivesse prêso no compacto de uma montanha, ou se muralha de fuligem prolongasse o meu corpo. Pior do que uma câmara-escura. Ainda pior do que o último salão de uma gruta, com os arcos mortos (S, 247)

alternam-se com o temor de ver e escalar montanhas — ⁸ "Alguma coisa estará lá, a além de" (EE, 234-235) — e com a esperança de um dia merecer a graça de encontrar consigo mesmo e com Deus:

Ou — a si — ia buscar-se, no futuro, nas asas da montanha. (PE, 86)

Sim, se os cimos — onde a montanha abre asas — (...) Seria, por isso, um dia topasse, ao favorável, pelo tributo

8. As etapas da perfeição mística descritas por São João da Cruz e Santa Teresa de Jesus tratam do tema da ascensão penosa de uma montanha.

gratos, o Rei-dos-Montes ou o Rei-das-Grotas — que de tudo há e tudo a gente encontra? (PE, 81)

Algumas vezes os mistérios que acompanham o morro rosiano parecem intransponíveis como faz crer a mãe de Miguilim — "por detrás dele acontecem outras coisas, que o morro está tapando de mim, "(MM, 6) — e ele próprio (MM, 44).

Outra característica é a sua personificação: há morros que continuam "tranquilos, que é a maneira de como entre si eles conversam, se conversa alguma se transmitem" (NUNP, 15), mas pode ocorrer também de o morro (ou monte) se dirigir a outro morro (ou monte) para transmitir o seu "padecer" (NUNP- epígrafe) ou "transcendências absurdas" (M, "Necrópole"). À vista do morro, o homem rosiano se persigna e rebenze, "tirado o chapéu" (NUNP 15-17) em sinal de fé e respeito, para murmurar, como o próprio Guimarães Rosa metaforicamente faz ao finalizar o discurso de posse na ABL:

ante macios morros e fortes gerais estrêlas, verde o mugibundo buriti, buriti, e a sempre-viva dos gerais que miúdo viça e enfeita: O mundo é mágico. (EMJGR, 87)

Mas, quando se trata de iluminar a inteligência do homem rude do sertão e de salvá-lo da ignorância e das opressões do mundo exterior, a situação se inverte. Agora é o morro que grita recados e revelações, sem que o mesmo homem tenha de subir até o seu topo e lá permanecer em meditação extática para entendê-los. Quando isso acontece, vem acompanhado de eco — "E-ê-ê-ê-ê-eh, morro!" (NUNP, 15) —, para facilitar a propagação da mensagem messiânica na terra e, tal como na pregação divina, assegurar aos que o ouvem a bem-aventurança prometida.

Na narrativa "O Recado do Morro" (NUNP), a mediação entre a natureza divina e a humana é transferida para um grupo inusitado de, ao todo, sete indivíduos — Malaquias, Catraz, Joãozezim, Guêgue, Nominedômine, Laudelim e Pedro Drósio — que intervêm de forma a se constituir no que chamaríamos de as sete etapas do conhecimento: os seis primeiros, escolhidos que foram por intuírem a manifestação da sacralidade; por não negarem o sobrenatural; por não vacilarem, cada um à sua maneira, em proclamar "a Voz e o Verbo" (NUNP, 46); por possibilitarem a salvação do último elemento.

Nesse particular, a associação do morro que "fala", com o mito universal da montanha sacra de "himalaias fora do tempo e do real" (AP, 203), ou com o Monte das Bem-Aventuranças (MT 5, 1-13 e Lc 6, 20-26), de

onde foram proclamadas as bênçãos aos filhos de Israel que já estavam para entrar na Terra da Promissão, está mais do que evidente. Em ambos os casos, o chamado vem de um local que é considerado sítio sagrado e se faz acompanhar do despertar religioso. A Palavra, que ora se distancia ora se aproxima, soa como um som mágico para aqueles que buscam a paz da solidão interior. Por isso, "subir de virtud en virtud y de claridad en claridad" como o verdadeiro cristão,⁹ e pular de "estrêla em estrêla" como Pedro Orósio (NUNP, 70) equivalem a atender ao apelo vindo do céu.

Centro do mundo na cosmologia hindu, montanha (T, 52) — montanha e distância (AP, 203) aglutinadas —, na cosmologia rosiana, ela vem cercada de "aura" (AP, 219) e, "num máximo raio", afina "translúcido" o ar (PE, 80), embora tal como o morro seja "de todo limite" (T, 100).

Duas formas acompanham o morro: a de um triângulo e a de uma pirâmide, o que pouco acrescentaria à visão rosiana, não fosse o fato de que, associadas ao mistério e à sacralidade inerentes a essas figuras, por tradição milenar, como no exemplo:

Lá — estava o morro da Garça: solitário, escaleno e escuro, feito uma pirâmide. (NUNP, 15),

garantem a ela uma dimensão cósmica. Por outro lado, se para Platão (Ti meu 54a ss.) a perfeição está no triângulo equilátero, para Guimarães Rosa ela se encontra no triângulo escaleno:

Em cada momento, espiava, de revés, para o Morro da Garça, posto lá, a nordeste, testemunho. Belo como uma palavra. (NUNP, 17)

Em carta a Dora Ferreira da Silva (19/2/58), Guimarães Rosa manifesta-se sobre a evolução individual externa e interna, usando a seguinte imagem:

Os cimos e montanhas tinham de correr-se, demolir-se, num nivelamento só aparentemente regressivo ou desanimador(...) Mas o nivelamento, em verdade, modela apenas a superfície: lisa, simples, harmoniosa, como teria de vir a ser (SILVA I),

9. Ver Fr. Juan G. Arinterro, O.P. Cuestiones Místicas. Madrid, Biblioteca de Autores Cristianos, 16.

tema esse que mereceu da parte de Guimarães Rosa incursões bastante frequentes. Buscando mostrar um dos momentos de aprofundamento dessas idéias, talvez posterior à sua tomada de "consciência" sobre a "própria mineralidade" — entre aspas, porque aqui o escritor mineiro cita Keyserling, em seu livro Meditações Sul-Americanas (AP, 206-207) —, transcreveremos, a seguir, um pequeno trecho daquela que é uma das mais belas descrições do Estado onde nasceu:

Minas é uma montanha, montanhas, o espaço erguido, a constante emergência, a verticalidade esconsa, o esforço estático; a suspensa região — que se escala. Atrás de muralhas, (...) por caminhos retorcidos, ela começa, como um desafio de serenidade. (...) De que jeito dizê-la? Minas: patriazinha. Minas — a gente olha, se lembra, sente, pensa. Minas — a gente não sabe. (AP, 217),

a mesma Minas que é tornada humana e divina em seus atributos: sábia, lendária, ilógica, translógica, supralógica, intemporal, das artes de Deus, do caos claro, arcaica, mítica, enigmática, canônica, claustral, labiríntica, benta, circuncisa, devota, cigana, mineral, intelectual, espiritual (AP, 221).

Paramos essa enumeração por aqui, pois o nosso objetivo é outro. Porém, antes de passarmos para o item seguinte, queremos fazer uma última observação: nesse mesmo texto, que se intitula "Minas Gerais", o trecho que fala da "aura da montanha, e os patamares da montanha" (AP, 219) nos remete a Thomas Merton.¹⁰ Em comum entre Merton e Guimarães Rosa, vários pontos, dentre os quais: a "graça santificadora", que ajuda no aperfeiçoamento da natureza humana (188); a prática dos exercícios espirituais de Santo Inácio de Loyola (295); a perfeição que se atinge através da "vida contemplativa" (453); o tema da viagem — "Podemos dizer que estamos sempre viajando, e viajando como se não soubéssemos para onde vamos" (458) —, além do próprio tema da montanha.

10. Cf. Thomás Merton. A Montanha dos Sete Patamares. Trad. José Geraldo Vieira. 7ª edição. São Paulo - Rio, Editora Merito, 1959, p. 188-295-453-458.

6. o páramo

Dentro da geografia sagrada descrita por Guimarães Rosa, os páramos são "elevados pontos (...) por onde têm de passar os caminhos de transmonte", (EE, 221-222), mas, principalmente, são centros de solidão concentrada, sinônimos de silêncio e recolhimento, procurados por quem deseja fortalecer a sua fé e ouvir nitidamente o recado de Deus.

Essa "estação crucial" da morte (EE, 219) — "espécie diversa de morte, imperfeita e temporária" (EE, 219), "incoativa (EE, 225) — acontece "no próprio decurso desta vida" (EE, 219). A "íntima transmutação" que dela resulta não é um ato contínuo; vem "precedida de uma certa parada" (EE, 219), para vivenciar algumas verdades rosianas: 1) "já existimos, neste ou em diferentes lugares" (EE, 219); 2) "Cada criatura é um rascunho" (EE, 219); 3) "os mais velhos, os mais acordados" (EE, 220); 4) "ao remate da prova, segue-se a maior alegria" (EE, 220).

Cumprido o "estágio terreno" (EE, 220), o homem se dirige ao páramo, a fim de dialogar consigo mesmo e tentar fazer parte da "cadeia movente: todo homem ressuscita ao primeiro dia" (EE, 219).

O itinerário espiritual prossegue, dando ensejo a uma nova etapa da existência: aquela que mais e mais aproxima o homem rosiano do topo da montanha cósmica, com a qual o páramo se identifica. Daí, então, acumpliciado ao "destino cósmico" (EE, 232) "inflexível" (EE, 224), "indefinitivo" (EE, 223), sai o homem "vulnerável" (EE, 200), em busca desse "caminho rápido demais, que é o sofrimento" (EE, 220), a "penitência, o jejum, a entrega ao não-pensar" (EE, 233). A "libertação pelo arcano" do Tarô — "dito o livro revelador, de páginas soltas, que os ciganos trouxeram do Egito" (AP, 197) — virá ao término do "ciclo" (EE, 220).

Considerado por nós uma das mais importantes hierofanias cósmicas em Guimarães Rosa, e ainda não estudado pelos pesquisadores de sua obra, o páramo assume dimensão trágica, por sua estreita ligação com a morte e com o transcendente. A propósito, diz Paulo Rónai:¹¹

11. Ver Paulo Rónai. "Guimarães Rosa não parou". In: Suplemento Literário O Estado de S. Paulo, 3/1/1970, p.1.

"Páramo", de extrema força alucinatória, é uma das poucas histórias de Guimarães Rosa desenroladas fora do Brasil. Trouxe-a da Colômbia, um de seus primeiros postos diplomáticos, onde ele mesmo teria experimentado os efeitos dissolventes do soroche, asfixia física e moral, para anos após utilizá-la nessa história fantasmagórica de pesadelo. Era preciso que um escritor excepcional, um médico e uma alma atormentada pelo medo da morte, unidos numa pessoa só, fossem submetidos à esmagadora experiência para dela extrair essa página obsessiva que cheira a incenso e enxôfre.

Paulo Rónai refere-se à ocasião em que Guimarães Rosa exerceu o cargo de Segundo-Secretário junto à Embaixada do Brasil em Bogotá, de 1942 a 1944. Quatro anos depois voltaria à Colômbia, agora como Secretário Geral da Delegação do Brasil à IX Conferência Interamericana. Tudo indica ter sido um período muito difícil para ele, entremeado de crises de angústia provocadas pela altitude e por problemas de ordem pessoal. Passaria por situação semelhante, mas de menor intensidade e desgaste, no México, convidado que fora para participar do II Congresso de Escritores Latino-Americanos, em abril de 1967.

Voltando à narrativa "Páramo" (EE, 219 a 244), é interessante lembrar que está entre as histórias publicadas após a morte de Guimarães Rosa e sem o acabamento final. Trata-se do que ele chamou, em outra narrativa, de "retrato da morte em vida" ("A Velha" -AP, 90 a 93). É a história de um homem que vem de um outro país e, premido pela angústia e solidão, passa a conviver com "o homem com a semelhança de cadáver", aquele que será seu único "companheiro, por decreto do destino". Sente-o como uma presença repugnante que, para o seu desespero, não o deixa em paz para buscar sozinho "um fim de redenção, uma esperança de Purgatório", ou para saber se a "serenidade" é apenas "uma fábula que sobrevive" e se "a vida do espírito", o sem "corpo", é "filosofia mera".

Compondo o clima insólito e irreal, a "12ª lâmina do Tarô: o homem enforcado — o sacrifício, voluntário, gerador de forças" — que, segundo ele próprio, o representa. A transformação "profundamente anímica" ocorrerá num "tempo t", durante o caminho para o "transfúgio, (...) quase um ninho", que é o Cemitério Central, enquanto acompanha o enterro de um desconhecido. Diz ele em dado momento:

De nada me lembro, no profundo passado, estou morto, morto, morto. Durmo. Se algum dia eu ressuscitar, será outra vez por seu amor, para reparar a oportunidade perdida. Se não, será na eternidade: todas as vidas. Mas, do fundo do abismo, po

derei ao menos soluçar, gemer uma prece, uma que diga todas as forças do meu ser, desde sempre, desde menino, em saudade e apelo: Evanira!... (EE, 237 - g. do a.)

Durante o crescimento do espírito do homem rosiano, há um momento em que a angústia, a aflição e o desamparo assumem proporções incomensuráveis, caracterizando-se, assim, o estado de "desolação paramuna"¹² (EE, 222 - grifo nosso), em que a alma vive "uma experiência misteriosa (...), no ritmo de ser e de re-ser". A explicação está muito clara: existem dois tipos de morte, uma que acontece no meio do caminho — "aquela" —, outra que é "final", a que Guimarães Rosa chama de "eqüestre, ceifeira, ossosa, tão atardalhadora". Das duas, a mais devastadora é a primeira.

Haveria uma outra explicação, que não anula a anterior, antes reforça-a. Fomos buscá-la em Miguel de Unamuno, a partir de poemas como "Castilla" —¹³, publicado em 1942, portanto no mesmo ano em que Guimarães Rosa chegou a Bogotá —, que diz o seguinte:

Es todo cima tu extensión redonda,
y en ti me siento al cielo levantado,
aire de cumbre es el que se respira
aquí, en tus páramos.

No livro Paisajes del alma,¹⁴ Unamuno revela outros aspectos igualmente importantes, relacionados ao páramo, como se vê nos textos que transcreveremos a seguir:

Cuando el cielo del alma-páramo de la vasta alma esteparia se cubre de aborascadas nubes, de una sola enorme nube, que es como otro páramo que cuelga del cielo, es como si fuesen las dos palmas de las manos de Dios. Y entre ellas, tiritando de terror, el corazón del alma teme ser aplastado.

Terrible como Dios silencioso es la soledad del páramo.

("Paisajes del alma", 15 - grifo nosso)

El páramo es como la mar.

(...) bañaba todos los días mi vista en la visión eterna de la mar, de la mar eterna, ("Montañ, desierto, mar!", 73)

Y cruzábamos — siempre cruz! — el páramo asentado y sedimentado, la dolorosa soledad serena del páramo, ("Jueves en Río seco", 89)

12. Desolação paramuna - relação lexical: cruzamento vocabular entre páramo e Unamuno.

13. Ver Miguel de Unamuno. Antología Poética. Madrid, ediciones Escorial, 1942; Ver ROTEIRO I: UNAMUNO, Miguel de.

14. Cf. Paisajes del alma. Madrid, Alianza Editorial, 1983.

Aquí la actualidad se hace eternidad. Y realidad permanente. Aquí se estudia el paisaje — en que entra el paisanaje — espiritual de Castilla; su realidad histórica actual. Paisaje de páramo desnudo y transparente la vida íntima del case río de Paradilla. ("En el castillo de Paradilla del Alcor", 99)

Para efeito de síntese do pensamento de Unamuno, levantamos alguns pontos que permitem identificação com o pensamento rosiano: a proximidade do páramo faz com que a alma se sinta sufocada e aterrorizada com a possibilidade de esmagamento, que pode vir das mãos de Deus; a solidão é uma faca de dois gumes: pode ajudar o homem a se encontrar ou empurrá-lo para o abismo, em vida; tal como o mar, o páramo é símbolo de eternidade; a solidão machuca, num momento, e no outro é caminho para o gozo espiritual; o páramo é presença obrigatória na paisagem espiritual do ser, em mutação. Além disso, Guimarães Rosa faz a seguinte comparação: "A Espanha é uma espécie de sertão (...). Sertão de bravura ritual" (DANTAS, 74 - carta de 3/9/1957).

Numa outra narrativa, Guimarães Rosa se utiliza da recriação de mitos ligados ao páramo que, além de ampliarem a sua abrangência, ainda nos aproximam, ao mesmo tempo, da Grécia antiga de Empédocles (séc. V a.C.) e da Idade Média, através de Dante Alighieri. É o que acontece em "Darandina" (PE, 136 a 149). Nesse conto, o mito do Empíreo — subida da alma ao último céu platônico (Fedro) e ao décimo céu de Dante (Divina Comédia) — se refaz, não através de um monte, mas de uma palmeira de "altura inopinada", "infinita", simbolizando a descida ao âmago do ser. Viagem entre a loucura e a lucidez de um homem "aquém, em torre de marfim, (...) comensurado com o absurdo", que um dia se rapta para chegar "ao píncaro" do "páramo empíreo" e de um "axioma", de onde contempla a si próprio, ao outro, aos "neutros". Enquanto, para Aristóteles, todos os axiomas podem reduzir-se a um só — "Uma coisa não pode, ao mesmo tempo, ser e não ser" —, para Guimarães Rosa, o "Tudo é e não é..." (GS: V, 12) é proposto aqui de outra forma: "Uma palmeira é uma palmeira ou uma palmeira ou uma palmeira?"

Quando o homem desperta, ao término da experiência, recua "ao real e autômato", ao "sem fim do comedido" e tenta "agarrar-se, inapto, à Razão Absoluta", apanha "a alma de entre os pés" e transforma-se em "outro" homem. Antes, via a Quimera e Palas Atenéia; depois, começa a enxergar o "além" do céu. Ele, "excelso" e "abstrato"; os outros, "substantes seres sub-aéreos", "alienistas". Estes, lembrando Empédocles e seu "suicídio reflexivo" — segundo a lenda, precipitou-se na cratera do Etna —; aquele, citando "o dito declarado assim, tão empírico e anerme

nêutico" do "Viver é muito perigoso...", tornado "slogan" já em Grande Sertão: Veredas (GS: V, 16) e aqui elevado à potência máxima, para simbolizar o "inacessível", nesta vida: "'— Viver é impossível...'"

O páramo rosiano remete-nos, ainda, a um romance, cuja temática gira em torno de almas que visitam os vivos, em peregrinação mítica. Referimo-nos a Pedro Páramo, do escritor mexinaco Juan Rulfo¹⁵ (1955), onde o retorno a um jardim, que é um inferno, completa a trajetória de um homem que se arrasta, na vida, para se purificar.

7. o cemitério

VOLTA PARA O PÓ, MISERO, AO BARRO DE QUE DEUS TE FEZ... (EE, 67 ss.),

diz a inscrição "em especiosas, ignóbeis letras, no cimo do portão" do cemitério, num conto rosiano cujo tema é a soberba, um dos sete pecados capitais. As sepulturas desse e de outros cemitérios — centros de onde parte a alma — podem trazer, na "lápide — cais tão calmo" (AP, 99), outras legendas que fazem pensar sobre "O que seria um epitáfio: Neste tempo e lugar, repousa o amigo da harmonia" (AP, 216). Para Guimarães Rosa, "Só o epitáfio é fórmula lapidar" (EMJGR, 85). Se, de um lado, o fatalismo determina que, em vida,

De estada e morada, não adianta mudar... (...) Os palmos onde cabe a sombra da gente, a gente para todo lugar leva consigo... (NUNP, 241),

no universo rosiano, a morte é "limite de transformação" (PE, 55) e com põe, com outras etapas, o seguinte roteiro (EE, 68): doença, agonia, passamento, inumação e mês de missa.

É interessante observar também que o homem rosiano experimenta diferentes tipos de morte: solitária (PE, 134), caudalosa (AP, 187), legal (EE, 270 - S, 351), mais profunda (EE, 226), branca (NS, 78), personificada (B, 54), morte em sua superfície — mortuália e lugúbria (EE, 80), morte de ida-e-volta (MM, 46), meia-morte (PE, 104), uma só

15. Juan Rulfo, Pedro Páramo, Trad. Jurema Finamour. Introd. Otto Maria Carpeaux, S. Paulo, Brasiliense, 1969.

(GS: V, 254 - NS, 78), duas (AP, 196), outra morte (EE, 228), espécie diversa de morte (EE, 219), a mãe morte (GS: V, 269). Sabe-se, ainda, que são duas as "bandas" da morte (GS: V, 440-441), ou três: a da "mão esquerda", a da "mão direita" e "a morte nova em minha frente", afirma Riobaldo (GS: V, 268).¹

O momento que antecede à morte é descrito como estar "no quase" (S, 369), "nas penúltimas" (EE, 57), "suspense entre o chão e o não (...), mas a alma já a desparafusar-se-lhe do corpo" (EE, 59), "nos domínios da alma imóvel" (EE, 64), no "hiato" (PE, 174), "penduradinhos por um nada, apagáveis a qualquer sopro" (AP, 194), à espera de "retombar para o lado de lá" (AP, 195-196), começar a ir "do meio-dia para a tarde" (NS, 100) ou "ao improvável zero e aonde o círculo se quadra" (EE, 70) e, finalmente, passar "desta para melhor" (EE, 52). O "ensaio de velório" (EE, 62) é conseqüência desses ensaios gerais da morte, enquanto "a vida é um ensaio particular" (EE, 83).

Antes da morte, há quem queira "terra de cemitério" (NS, 142), ou se "acabar no sôlto, olhando o céu, e no claro...", com o padre abençoando (S, 369). Após a morte, há quem suba "para o Céu, direito, na mesma da hora..." (S, 303), desde que se arrependa "dos pecados" e morra "logo como um cristão" (S, 369). Por isso, é preciso estar sempre "pronto para qualquer comprida viagem" (EE, 205), "não se pode estar de pijama..." (EE, 74 - g. do a.): dia de morrer é dia de balanço, de se ter "saudade de tanta coisa..." (T, 71 - g. do a.)

Morto, o indivíduo pode ser depositado em campo do sertão, no cemitério do Paredão como foi o caso de Diadorim (GS: V, 454); no rio, como o pai, e possivelmente o filho, no conto "A terceira margem do rio": "que, no artigo da morte, peguem em mim, e me depositem também numa candelinha de nada, nessa água, que não pára, de longas beiras:" (PE, 37); no mar, como no conto "Sem Tangência": Na dita cidade, muito longe (...) Ali, o mar era o cemitério" (AP, 98); na mesa-de-campo, onde foi enterrada a mãe de Manuelzão (MM, 115-116).

As exéquias seguem a tradição cristã: o corpo é lavado, coberto com lençol branco e flores, cercado de velas, em meio a orações, como no caso de Ditinho, irmão de Miguilim, e também de Diadorim. Apenas com Tio Man'Antonio aconteceu diferente: "defunto, consúmiu-se a cinzas — e, por elas, após, ainda encaminhou-se, senhor, para a terra, gleba tumular, só; como as conseqüências de mil atos, continuadamente" (PE, 89). Todos os três, Destinados (MM, 85 - GS: V, 147 - PE, 89), por merecimento, prontos para entrar na glória de Deus.

Em síntese, na obra de Guimarães Rosa, o cemitério (do gr.

Koimetérion pelo lat. coemeteriu, 'dormitório') é visto como: "o sítio mais amigo da cidade" (AP, 98), chão descoberto, no campo ou no interior, lugar onde se é "companheiro" (T, 206) e se divide o mesmo mistério: a morte; "espaço, dos que perderam para sempre o endereço" (AP, 98), dos que realizam a viagem sem volta; "entrepragem, na vagação, nas horas temporárias" (AP, 99), entrepausa na viagem que pode ser longa ou curta, dependendo da condenação ou absolvição da alma; local de inspiração (NUNP, 52), de revelação e plenitude através da música, segundo Laudelim; "chão de Deus" (S, 126), "chão sagrado" (S, 370) ou "campo-santo" (AP, 98), lugar abençoado pela mão divina; "bom lugar universo" (AP, 99), lugar de dimensões infinitas, onde habitam a serenidade, o despojamento, a igualdade; "sem-fim dos mortos" (PE, 26), espaço indefinido e vasto — o limitado; "a paisagem especializada" (AP, 98), particularizada, singularizada, porque é o fim de cada um; "unidade de lugar" (EE, 68), tomado o termo unidade no sentido aristotélico de inseparabilidade do que é unificado, no caso a humanidade; "asilo em sagrado" ou "transfúgio" (EE, 242), local apropriado para o isolamento e a meditação que transcende; "necrópole" (AP, 99), a última morada na passagem para o eterno; lugar de encantamento (AP, 215 - EMJGR, 87), onde jazem dormindo, encantados, os nossos ancentrais.

Concluída a nossa viagem pelos espaços míticos do universo rosiano, cabe agora apontar o que existe de comum entre eles.

Ao considerarmos também a casa — e por extensão a igreja (ou vice-versa) —, símbolo ascensional e hierofânico do universo rosiano, assim o fazemos pelo fato de que, entre quatro paredes, o homem se entrega à solidão para viver mais intensamente a sua experiência íntima. Não há outra testemunha além dele próprio, nesse ambiente propício à austeridade e ao sacrifício em busca do bem supremo.

Em ambos os casos, o homem se concede um espaço para que a sua espiritualidade aflore, geralmente com o auxílio do sobrenatural. Libertado do invólucro que o atormenta, pratica exercícios de humildade, para superar a sedução pelo gozo material e deixar a verdade brilhar do mais profundo de si.

Guimarães Rosa não dispensa o elemento divino, na construção desses espaços. Seu objetivo maior é a revelação do mistério, que é a vida, a morte, a "outra" vida. Tanto a casa quanto a igreja simbolizam, assim, o centro vivificador do homem, na medida em que a razão humana se deixa imbuir da sacralidade que nelas habita. Dessa forma, entendemos a afirmação da personagem rosiana: "a casa sem janelas nem portas — era o que eu ambicionava" (T, 45). A mudança que aí se opera é, antes de mais nada, resultado do progresso interior.

Continuando nossa caminhada, no limite entre a "desordem" e a "doçura" (AP, 224), chegamos finalmente ao último dos espaços sagrados do universo rosiano, sétimo degrau que leva à região cósmica do céu. Referimo-nos ao jardim ou paraíso, assim definido: é o lugar onde lembranças e espantos deitam raízes, onde corpo e alma buscam a paz necessária à meditação, à oração e à entrada ao amor de Deus.

O que marca o espaço do jardim é ele ser fechado e abrigar duendes, ter aura e concentrar forças sagradas. Em comum com a casa, o rio, o sertão, o morro, o páramo e o cemitério, identificamos, em síntese, os seguintes pontos: 1. todos têm atmosfera propícia ao recolhimento e exercícios contemplativos; 2. possibilitam intimidade com Deus; 3. neles vigem leis especiais; 4. transformam o homem; 5. lá não se mede a saudade.

O Jardim de Evanira é um espaço hipotético, criado por Guimarães Rosa para mostrar a saga da Palavra e servir de cenário à busca do nirvana, estado edênico que pode ser alcançado ainda nesta vida. Não é um topônimo localizável na paisagem física, mas sim na paisagem da alma: cada um deverá procurá-lo no interior de si mesmo, da mesma forma como se procura a liberação da morte e a morada eterna, no mundo espiritual.

No momento em que se penetra no Jardim de Evanira, cessam "o sofrimento", "a miséria" e o que Ferrater Mora¹⁶ chama de "la continua cadena de la reencarnación (o do temor a ella)", a transmigração da alma, segundo Guimarães Rosa.

Dos poucos ensaístas a escrever sobre Ave, Palavra, Fábio Lucas¹⁷ faz a seguinte observação:

16. Cf. MORA, Diccionario de Filosofia: nirvana.

17. Ver Fábio Lucas, "Ainda as palavras: Guimarães Rosa". Suplemento Literário de Minas Gerais, 16/3/1974, p. 10.

Em poucos autores a investigação da palavra coincide tanto com a investigação do ser. Procurou ele, a vida inteira, o vocábulo energético e conciso, perdendo às vezes em melodia o que ganhava em pluralidade de significações, para também alcançar o cerne da vida, essências.

Para se decifrar a palavra "consagrada", dentro da escritura rosiana, é preciso verificar cada um dos seus sentidos, como mostra o exemplo:

1. o sentido literal da palavra Evanira leva-nos a identificá-la ao grito de quem assistiu ou vivenciou o 'desaparecimento' de um ser, que lhe era muito próximo: o seu Outro. Reencontrá-lo, embora doloroso, possibilitará reconstituir o ciclo da vida, rompido temporariamente;

2. o sentido alegórico da palavra Evanira não a dissocia do jardim fechado, onde somente os discípulos escolhidos podem penetrar com o Mestre;

3. o sentido místico ou espiritual da palavra Evanira leva-nos a identificá-la: a) a uma prece de Invocação e Evocação, ao mesmo tempo, ou a um pedido de salvação (EE, 192), que, atendido, propiciará o despertar iniciático como parte de um processo de transformação, por que passa o homem rosiano. A Palavra está em Deus e junto a Ele deverá ser buscada; b) a uma noiva "no vácuo, somenos luz. A do lago" — perdida sereia ou ser incorpóreo (AP, 151), que Melim-Meloso e Grivo tanto procuravam (T, 109 - NUNP, 125); c) a um anjo/ave, que vem à terra disfarçado (AP, 33-37-41); d) à poesia (NUNP, 126), chave que abre a porta de comunicação entre Mortais e Imortais e faz, dos escolhidos, moradores do sobrenatural, do transcendente.

Não são poucas as vezes em que o homem rosiano demonstra saber "as poeiras do mundo e como se navega" (MM, 116). Também é verdade que as águas do rio quase humano têm propriedades milagrosas, quais sejam as de curar os agonizantes dos pecados cometidos antes do Dilúvio: purificar e abençoar; oferecer o caminho vertical da ascese, através da sua aparentemente tranqüila horizontalidade.

Ao contrário do que se poderia pensar, o homem rosiano não está sozinho, quando chega a hora de atravessar o espaço do rio, nivelado aos outros dois anteriores, pelo seu valor sacral: tem por companheiro o "crocodilo", "Leviatã raro — um deus" (AP, 175), símbolo da eternidade e do mistério.

Por outro lado, é para beber da fonte da imortalidade que o homem revive o estado viator, adquirido no instante do primeiro nasci-

mento. Viajando numa canoa que não ancora nunca, através de um rio que deságua o seu segredo em insondáveis oceanos, depara-se ele com vários caminhos pela frente: "Minha vida: margens" (AP, 32). Se bebe da água do Lethes, esquece a vida anterior; se se banha nas águas do Sirimim, reencontra o centro espiritual primordial.

Já os três grandes espaços profanos do sertão — "aqui é o Gerais, lá é o Chapadão, lá acolá é a caatinga" (GS: V, 370) — convivem com o terreno do transcendente, construído progressivamente dentro de cada um de seus habitantes. No vai-vém de todos os dias, enquanto Deus e o diabo medem forças, o sertanejo envelhece em estória, idade e espírito, lembrando que velhice é sinônimo de sabedoria.

No sertão rosiano, o grande S, de Saudade, Sofrimento, Solidão conhece "demais" essência e vazios, medos e bondades, códigos e raízes, qualidade e quantidades, descrença e muita fé.

O encontro consigo mesmo também acontece no sertão, sem portas e sem janelas (GS: V, 374), "sem consciência do pecado original" (L, 16). Lá o tempo não foi domesticado, e a travessia independe de hora ou local, assim como a eternidade dos rios: faz-se em meio a tristezas, buritis e lendas, as pessoas constantemente em estado de alerta "pronto, durável" (NS, 93). O que importa é viver a poesia do lugar.

Através de simbologia voltada para a mística, espalhada por toda a sua obra, Guimarães Rosa faz de nós, seus leitores, testemunhas da sacralização de mais um espaço: o do morro, escolhido para falar em nome de Deus.

Sobressaindo na linha do horizonte em direção ao céu, já nos textos bíblicos se faz acompanhar da indagação aos viajantes: "Quem há de subir na montanha do Senhor?" (SL 23,3). A resposta a esta pergunta sai do coração de quem a ouve — ainda que não professe estado religioso —, como se ecoasse a "senha do secreto" (PE, 88) a si dirigida. Entre as trevas, que comprimem absolutas, e a alegria, que incentiva a batalhar a graça desejada, o homem rosiano entrega-se ao isolamento mas não interrompe a caminhada em busca de solução para os grandes problemas da alma. Pouco a pouco, os degraus da espiritualidade são vencidos e, ao final, vem a recompensa: nas asas da montanha, ascende ao reino da bem-aventurança.

Dentre os espaços rosianos, por nós estudados, tudo leva a crer que o páramo é aquele que desencadeia fenômenos de conseqüências mais imprevisíveis, levando o indivíduo a atitudes próprias de um louco ou de um santo, às vezes as duas coisas, ao mesmo tempo.

Pela sua proximidade geográfica com o céu, o páramo constitui-se num lugar propício ao recolhimento e à transmutação. Da mesma forma que o morro, para se chegar ao seu ponto mais alto é preciso viajar mais, isto é, aperfeiçoar-se espiritualmente até que, superados os estados iniciais de depressão ou de euforia, o homem possa realizar a experiência cósmica, chegar ao êxtase místico.

Paralelamente à perda de contato com o mundo exterior, intensifica-se o medo da morte, a ponto de provocar, no indivíduo, visões alucinatórias espantosas, como acreditar que seu próprio cadáver adquire vida própria e não se separa mais do seu eu.

Para o estudioso da obra de Guimarães Rosa, cremos não haver dúvida de que o cemitério é um dos principais locais de manifestação do sagrado. Nele, cumprem os mortos uma das etapas de Iniciação à vida superior.

O desejo de ver a Luz, depois da morte, dirige o pensamento e as ações daqueles que, na terra, esperam o momento da passagem do estado transitório para o definitivo. Dentro desse cenário, morrer é caminho para a evolução espiritual. Mas a morte acena com um repouso temporário; aos que merecerem a recompensa, o sepulcro oferecerá a seiva eterna da outra vida. Finalmente, a purificação virá através da água da chuva, que lava a penúltima morada e a alma daquele que, em vida, escolheu a Deus como seu Mestre e guia.

Todos esse espaços, recriados por Guimarães Rosa, estão associados a mistério, magia, aventura poética e transcendente. São lugares de transição, centros geográficos, onde se busca a harmonia dos tempos primordiais.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

João Guimarães Rosa foi um incansável questionador que, à clássica pergunta quem sou eu, fez seguir muitas outras como que é o ser, o que é existência, essência, transcendência.

Não escreveu tratados de filosofia, mas seus textos decorrem de pensamentos profundos, de longa meditação, e revelam uma preocupação central com a solidão, o sofrimento, a angústia existencial, enfim, o conhecimento do homem e do mundo.

Não se dedicou exclusivamente a Deus e a seus semelhantes, mas, nos últimos anos de sua vida, passou por um processo de purificação que, não fosse ele Guimarães Rosa, provavelmente levaria a isso.

Presente neste mundo, "no departamento astral", não dos "problematistas", mas dos problematizadores, o viator João Guimarães Rosa foi: o médico que procura fórmulas para elaborar uma "bula santa" que evite o sofrimento e a dor, que reanime e cure o ser humano; o diplomata que consegue "bem" exercer a sua profissão, porque não sufoca o seu lado sonhador; o prefaciador que faz, do universo alheio, o seu microcosmo, dosando emoção e objetividade, vivenciando o texto original; o tradutor que escolhe a fragilidade de um maçarico, para revelar a poesia dos pássaros; o especulativo, "a quem o simples fato de meditar causa prazer", podendo "permanecer imóvel durante longo tempo, pensando em algum problema e esperar"; o intuitivo, à sua maneira, pois sabe, "desde muito cedo, intuitivamente, quais as estradas" onde seus "pés caberiam"; o Iniciado em correntes filosóficas e religiosas, como o foram: Moisés, Orfeu, Zoroastro, Pitágoras, Buda, Confúcio, Platão, Cícero, Jesus, São Paulo, Plotino, Santo Agostinho, Santa Teresa de Jesus e São João da Cruz, dentre outros; o meio-existencialista-cristão, que não se preocupa com os bens perecíveis e que pratica a doutrina cristã, com o íntimo do seu ser voltado para o domínio da natureza humana, o amor, a concepção dramática da existência, o Outro, a salvação da alma e o Reino do Céu; o temente a Deus que roga e pede que, "por alguma operação encoberta, dessas que se dão sem cessar no interior da gente", lhe venha o consolo para superar todas as adversidades e lhe possibilite chegar ao Céu; o espiritualista, para quem é



"impossível" vincular-se a uma só "associação ou organização religiosa: tudo é o quente diálogo (tentativa de) com ∞ ", "talvez" pertença a todas; o teólogo que propõe a fé e a oração como respostas a questões essenciais e transcendentais, e a luz do espírito como consequência das revelações cristãs transmitidas pela palavra humana; o asceta que pratica exercícios espirituais para a realização plena da virtude; o místico que busca atingir o estágio maior da vida interior, com temática voltada para o mais profundo de si mesmo, partindo da contemplação, nem sempre serena, dos problemas existenciais, para chegar à percepção da Verdade eterna, suprema forma de Conhecimento; o escritor comprometido com a "brasilidade" e com a arte, cuja filosofia-de-vida foi eclética o bastante para destacá-lo, nos meios literários do seu e dos próximos tempos; o criador de linguagem que capta o esforço de Maitina, a "feiticeira", em consolar Miguilim e ajudá-lo a "achar um jeito de sarar com Deus", falando apenas "carinhos"; o poeta que não se esquece de rezar pela sua salvação, e da humanidade, buscando "a oração ou poesia: e pura". Em síntese, Guimarães Rosa vivenciou dois caminhos: o da religião e o da metafísica, transmutados num terceiro, o da poesia, que impregna o seu ser e o convida a viajar rumo ao transcendente.

*

Passados quase vinte e quatro anos do "encantamento" de Guimarães Rosa, poder revisitar o seu universo poético fascina os leitores com a mesma força do primeiro encontro.

A caminho do inefável, a palavra rosiana traz, no seu interior, uma meta principal: alcançar o sétimo céu e ultrapassar a comunicação humana para, então, completar a união extática do homem com Deus.

1. Foi para tentar acompanhar passo a passo o aperfeiçoamento filosófico-espiritual de criador e criatura — segundo afirmou Guimarães Rosa, inúmeras vezes, era essa a sua necessidade mais premente —, que elegemos, como nosso primeiro objetivo, mostrar as "heranças" acumuladas por ele através do pensamento, de religiões e de literaturas de orientação filosófica.

O resultado do rastreamento, realizado em toda a obra rosiana publicada e parte inédita, levou-nos à elaboração de dois ROTEIROS que possibilitassem aos leitores de Guimarães Rosa uma exegese do ponto de vista cristão, acima de tudo, mas apoiado em duas "linhas cintilantes":

Na primeira delas, Cristo é o centro catalisador de energia espiritual e cósmica, mas há igualmente lugar para Platão, Bergson, Berdiaeff, assim como para a visão panteísta do mundo. Como diz o próprio

Guimarães Rosa, existe "o pan-sertanismo. O trans sertão". Tudo que existe ou é parte de Deus ou é o mesmo Deus. A realidade está em cima, no alto: "Zurück — jamais; para coisa nenhuma. Só: Hinauf. A busca da plenitude, um fato. Mas: com a prévia abolição, total, do sofrimento". Só que o homem rosiano não se contenta em ser uma sombra da realidade. Ele quer "ser um sonâmbulo de Deus". A circularidade só termina quando o homem atinge a terceira margem, o "zerinho zero" anunciado por Nominedômine, o retorno ao cosmo, em sua forma primitiva. É bom lembrar também que, essa visão panteísta, está presente na poesia, na ficção e nas observações a seus tradutores, como mostra o exemplo já citado de caracterização do Chefe Zequiel em outras línguas, que, segundo Guimarães Rosa, devem captar "a idéia de respeito sério e pânico, de suspensão cósmica".

Na segunda "linha cintilante", Guimarães Rosa retoma a teoria da reminiscência de Platão, o intuicionismo de Bergson, a dialética do divino e do humano de Berdiaeff, e o Reino do Céu — ponto máximo da doutrina de Cristo —, aos quais são acrescentados: o Tao, os Vedas e Upanixades, Evangelistas, São Paulo e Plotino. Com eles, temas como: a revelação como fonte de conhecimento, quietismo e meditação, a obtenção da beatitude, o exercício espiritual, retomados das filosofias orientais e da mística cristã. Santa Teresa e São João da Cruz contribuem anonimamente para um quadro que se estende em tantas outras direções, que nos permitiu elaborar cronologicamente a história da filosofia e da espiritualidade rosiana (ROTEIRO I). E aqui é interessante lembrar um poema do livro Magma, que fala de um cágado filósofo. Por sua importância, transcreveremos a seguir:

O CÁGADO

Numa dobra da serra
ha um minadouro,
uma bica,
e um poço azul.
E ali, na água redonda, pequenina e fria,
mora um cágado escafandrista,
filósofo pessimista,
que tem a mania da perseguição.

Quando o sol bate de cheio,
êle traz para fora a cuia emborcada,
e se aquece, encolhido, em cima da lage,
chato, cascudo e feio.
Mas, si alguém pisa perto,
êle escorrega e pula, na água mansa
que explode e respinga.

E leva bom tempo
para assomar o focinho
do periscópio.
Mas, si é falso o alarma,
lá vem aflorando, levemente, á tona,
a concha remendada com fiapos de limo.
Depois, mais afoito,
o prudente réptil
passeia o dorso, convexo e abaúlado,
como um "U-18"
da base de Kiel.

E o caipira guarda a vida do monstrengo
(Ai! meus pecados de antes do Dilúvio!...),
si o matarem, o olho d'água se evapora
(Ai! minha felicidade pequenina!...)
E o cágado, lento e prediluviano,
na cacimba da grotá, espera outro Dilúvio...
(M, 84-85)

Como outras espécies pré-diluvianas, o cágado filósofo sobre vive ao cataclisma das tendências contrárias ao seu pensamento, na Arca dos pessimistas, daqueles para quem a existência é ilusória, e o mal, a essência do mundo. Schopenhauer é um exemplo de filósofo pessimista. Segundo ele, chega-se à paz, negando-se a vontade de viver. Em Guimarães Rosa, esse réptil se esconde quando se depara com doutrinas filosóficas de natureza diversa. E o poeta conclui: a felicidade é "pequenina", mas existe, para quem acredita nela.

Mas há uma terceira linha cintilante, que começa em Homero e passa por Sófocles, Eurípedes, Dante, Cervantes, Shakespeare, Goethe, Dostoievski, Tolstoi e outros de igual ou menor expressividade. Em comum entre eles, o alcance espiritual do homem, a estética aliada ao pensar filosófico.

O espaço, aqui, também é tão amplo e eclético, que permitiu reunir poetas e literatos — alguns deles médicos e diplomatas como Guimarães Rosa —, da literatura mundial ou da literatura brasileira (ROTEIRO II). Desse universo tão diversificado, ele foi o herdeiro que deixou aflorar o espírito inquieto do filósofo, do místico, do poeta, que trazia encoberto pela simplicidade do homem do sertão, seu companheiro de todo dia.

2. Nosso segundo objetivo consistiu em reconstituir o posicionamento do escritor, frente a indagações sobre o homem (natureza, origem, fim), o contingente, o absoluto, o mistério da vida e da morte.

Premido por sentimentos intensos de dor e tristeza, mas também de excelsa alegria, o homem rosiano tenta sobreviver, buscando o

seu centro imutável, caminhar para a suprema paz, o conceito metafísico de paz entendido aqui não apenas no sentido de harmonia entre os homens e Deus, mas também no sentido de estado edênico que vai da serenidade à beatitude — ponto máximo de liberdade, felicidade e perfeição, simbolizado no Jardim de Evanira. Agindo dessa maneira, conhecerá o despertar espiritual.

O alcance do Absoluto é, portanto, a meta principal do homem rosiano, ainda que não venha expresso em palavras. É também a forma de libertar-se do "peso da temporalidade".

Na perspectiva rosiana, a existência deve ser vista como o modo de ser do homem, que o faz voltar-se para a sua própria inquietação, mas, ao mesmo tempo, só lhe permite conhecer meia-verdade ou um "pequeno número" de verdades, como diz Mounier. Somente conhecendo a essência, o homem rosiano poderá viver integralmente a Verdade. O que explica a subdivisão em existência real (do homem do sertão) e existência ideal (no sentido huizinguiano de domínio da natureza humana).

Em sua peregrinação aqui na terra, o homem rosiano carrega consigo o drama do viver a busca incessante do auto-conhecimento.

Trágica também é a vida de seres não pensantes, mas imbuídos da humanidade dos que os cercam. A propósito, Guimarães Rosa aprendeu a ler nos olhos de um burrinho, no vôo cego de um passarinho, na lentidão de um boi, o que lhes passava na alma. Para ele, eram "seres maravilhosos". A um de seus entrevistadores, chegou mesmo a dizer: "Quando alguém me narra algum acontecimento trágico, digo-lhe apenas isto: 'Seolhas nos olhos de um cavalo, verás muito da tristeza do mundo!'" Para ele, enfim, o mundo seria melhor se "fosse habitado por vaqueiros", pois estes conhecem profundamente não só a alegria, como também o sofrimento do animal que dia a dia os acompanha.

Há personagens criadas por Guimarães Rosa, como Brejeirinha, que, para chegarem ao mundo da poesia, da harmonia celestial, percorrem o caminho para a Luz divina, eliminando etapas: rosa-amor-espinhos-saudade.

Como cristão que é, o homem rosiano sabe que, para se purificar, precisa praticar o exercício da santidade. Está-se, aqui, na teoria da alma, na teoria do homem. Cabe aqui uma observação: no universo rosiano, há também personagens espíritas e maçons. Sobre o espiritismo, tivemos oportunidade de nos referir, quando falamos em Allan Kardec (ROTEIRO II). Sobre maçonaria, de acordo com informações conseguidas por nós junto a familiares, confirmadas por um documento fornecido pela Grande Loja de Minas Gerais, em 25 de fevereiro de 1981 (Ver APÊNDICE), Guimarães Rosa nunca foi maçom.

Para Guimarães Rosa, são vários os caminhos da religião: um deles é a arte — a literatura, a dança, a música —, que possibilita ao homem transformar-se "para que o espírito cresça", buscando a verdade em si mesmo (imanência), para depois tentar superar-se e chegar até o Ser, que é Deus. Só então será merecedor da outra vida, da trans vida (transcendência).

3. Nosso terceiro objetivo foi seguir, passo a passo, os itinerários da perfeição em Guimarães Rosa, depois de constatarmos que ele se considerava essencialmente religioso e buscava o progresso místico, na experiência intransmissível da "noite escura da alma", no sentido empregado por São João da Cruz de estreitos caminhos, de transição gradual, passando pela via purgativa: a purgação diária e a meditação; pela via iluminativa: a prática das virtudes e da oração; pela via unitiva: a união íntima com Deus, última etapa do aperfeiçoamento espiritual, caminho semelhante ao seguido por Santa Teresa de Jesus. "Sou místico", disse espontaneamente a um de seus entrevistadores, "pelo menos acho que sou".

Foi através da alegoria do "bonde sempiterno", em Ave, Palavra, que pudemos reconstituir os sete itinerários da perfeição: Humildade, Sabedoria, Quietude, Meditação, Ordem Sobrenatural, Amor e Deus. Percorrer todos eles significa atingir a perfeição verdadeiramente divina, como aquela criança que virou santa, Santa Nhinhinha, cujo prêmio foi poder contemplar a Deus.

Mas há um outro aspecto muito importante, no universo rosiano: a religião caminha junto com a poesia, e a poesia é sabedoria. O poeta faz a sua profissão de fé, "o poeta reza o rosário" (Magma), Guimarães Rosa reza o rosário. Além disso, o assunto religião era um dos seus preferidos. Dão testemunho disso seus familiares — segundo sua filha Vilma, de "Espírito naturalmente cristão, religiosidade intensa, interessavam-lhe a realidade do mundo imaterial e a grande significação das coisas criadas" —, e amigos mais próximos, como Afonso Arinos de Me lo Franco, referindo-se ao dia 16 de novembro de 1967, posse de Guimarães Rosa na ABL: "fugiu para o problema religioso, surpreendendo-me com o seu hinduísmo, maometanismo, bramanismo, tudo constituindo motivo de angústia e de sofrimento até certo ponto e com uma certa dificuldade no que eu chamo de separação das faixas, que se confundiam em uma exaltação religiosa única". Era o sinal de que sentia a aproximação da morte, que aconteceria três dias depois. No fim da vida, acentuava-se ainda mais a sua "ascese feroz".

4. Nosso quarto objetivo consistiu em acompanhar a viagem

"iniciática" das personagens rosianas, o que nos permitiu verificar que, do nascimento até a morte, o invólucro da alma humana passa por SETE etapas do conhecimento, identificadas por Guimarães Rosa com AS SETE SEREIAS DO LONGE. SETE, porque esse é o símbolo numérico do homem perfeito; indica a relação consigo mesmo, com os homens e com Deus. SEREIAS, porque, ao mesmo tempo que seduzem, preparam o homem para o retorno às origens; DO LONGE é o espaço do "poético", da "transcendência metafísica". Pela ordem, são elas:

1. "si mesmo" - A SEREIA DA INTERIORIDADE;
2. "o céu" - A SEREIA DA BEM-AVENTURANÇA;
3. "a felicidade" - A SEREIA DA BEATITUDE;
4. "a aventura" - A SEREIA DA JORNADA CÓSMICA;
5. "o longo atalho chamado poesia" - A SEREIA DA PALAVRA SECRETA E SAGRADA;
6. "a esperança vendada" - A SEREIA DA CRENÇA E DA SALVAÇÃO;
7. "a saudade sem objeto" - A SEREIA DA GLÓRIA ETERNA.

O sopro divino que muda o homem não é aqui verbalizado, como no recado do morro. Aqui, o canto das sereias ajuda a romper o cárcere da alma e convida a seguir os "rastros" da Palavra, tal como encontramos num hino védico; produz a vertigem que antecede a busca sublime do diálogo com Deus; é a forma que o Ser escolheu para se expandir pelo mundo. Enfim, é o canto poético que encoraja o homem rosiano a harmonizar-se consigo mesmo e com os outros homens, para merecer aquilo que mais deseja: a Verdade pura. Mas, atenção! Não há uma hierarquia entre as sereias; há, sim, a força do destino a ser cumprido, mas, principalmente, a vontade de Deus.

5. No universo rosiano, aprontar a paisagem da alma significa trabalhar o seu esboço ou o seu rascunho, para se chegar à forma definitiva do espaço Ulterior. Assim, nosso quinto objetivo não poderia ser outro que buscar os SETE ESPAÇOS SAGRADOS, viagem ao interior do homem que escolheu a poesia como forma de religião. Se a poesia está na essência, no magma, no "quem" das coisas, é preciso procurá-la em "paisagens especializadas", lugares do "não-encontrável" ou "nenhuma parte", utopias indissociadas de ucronias.

Por outro lado, o tempo é tão mutável quanto a paisagem meta-
física; mas, para recuperar o tempo das ab-origens, é preciso um amadu-
recimento de idéia e um amadurecimento de coração. Em outras palavras,
o que impede o desmemoriado, aquele que bebeu do rio Lethes, de atin-
gir a etapa final, é justamente o fato de não se lembrar como tudo acon-
teceu, no seu início. Em síntese, para o homem rosiano, há um tempo de
deslembrar ou desmemoriar; de não precisar de futuro e de passado; de
ignorar, sem deixar de recordar; de ter duas memórias e de ter Tempo
e tempo. O tempo acrônico ou místico acaba por criar uma outra dimen-
são: a espiritual, de seres semidivinos ou, como prefere chamar Guima-
raes Rosa, de seres "subaéreos", que buscam acolhida junto às asas de
Deus.

Voltando aos SETE ESPAÇOS SAGRADOS, o que temos a dizer é
que todos são igualmente importantes: a casa (do homem) e, por exten-
são, a igreja (a Casa de Deus); o jardim; o rio; o sertão; o morro; o
páramo e o cemitério. Embora visitados por nós separadamente, estão es-
treitamente ligados e acarretam mutações na natureza física e nos se-
res que os habitam.

Pontos de parada no trajeto do homem rosiano, os sete sítios
sagrados testemunham a felicidade, a aventura, o amor, a saudade, a es-
perança, a fé, a vida, e os seus contrários. Lá estão as raízes de cada
ser, lá habita a poesia.

Nesses sete territórios ou paragens espirituais, e através
da oração, do retiro, do silêncio, da solidão, da penitência, da medi-
tação, da contemplação, o homem rosiano parte em busca do seu centro
geográfico e das "coisas insubmersíveis".

Pôr-se em presença de Deus é ideal místico, "privilégios, in-
variável". A viagem é penosa, mas há que persistir. A purificação de-
pende de se olhar para o interior de si mesmo, verdadeira operação al-
química, experiência interna da alma, que se repetirá infinitamente
até realizar "a íntima transmutação" e projetar-se na direção do mais-
além.

*

Completa-se, aqui, a trajetória do pensar rosiano, mas não
ainda o nosso exercício de reflexão.

Quando iniciamos a pesquisa, que resultou nesta tese, intuí-
mos a existência de um paraíso filosófico rosiano, simbolizado nas SETE
SEREIAS DO LONGE e nos SETE ESPAÇOS SAGRADOS. O Jardim de Evanira como
síntese de tudo.

De posse do Magma, livro inédito de poesia de Guimarães Rosa, encontramos o seguinte poema:

PARAÍSO FILOSÓFICO

No Jardim das Hespéridas, sem flôres
na discreção dos tufos de folhagem,
passeiam passos lentos
homens de tunica longa,
como os magos da Rosa-Cruz.

Sob os pomos das luzes do Capricórnio aceso,
o relógio do tempo
ha muito que parou os dedos superpostos,
como o dia e a noite,
porque não ha mais noite e nem dia...

Ar parado,
lagos vidrados,
e vasos,
muitos vasos,
vasos vazios...

E os anciãos perpassam
intérminos terraços,
com olhos tranqüilos, olhos gelados,
de tanto olharem o sol.
E as mãos tacteam calmas,
como si os dedos mergulhassem
na translucidez de uma água,
esculpindo
invisíveis e impossíveis fórmulas novas....
(M, 87)



PARAÍSO FILOSÓFICO

-:-

Ne Jardim das Hespérides, com lírios
 na discreção dos tuos de folhagem,
 pausavam passos lentos
 demora da túnica longa,
 como os magos da Rosa-Cruz.

Sob as pomas das luzes do Capricórnio acúcio,
 o relógio do tempo
 os muito que parou, os dedos superpostos,
 como o dia e a noite,
 porque não há mais noite e nem dia...

Ar parado,
 lagos vidrados,
 o vazio,
 muitos vazos,
 vazos vazios...

E os anciões porpassam
 intermináveis terraços,
 com olhos tranqüilos, olhos geiados,
 de tanto olhar o sel. (olharem)
 E as mãos tocam o útero,
 como se os dedos mergulhassem
 na translucidez de uma água,
 esculpindo
 invisíveis e impossíveis formas novas....



Fac-símile de poema inédito do livro Magma

1 9 3 6

Em "Paraíso Filosófico", o que se vê é um jardim de sonho, onde, diz a mitologia, três ninfas guardam as maçãs de ouro, ajudadas por um dragão. Isso não impede que homens "de túnica longa, / como os magos da Rosa-Cruz" passem e perpassem, sob as "luzes do Capricórnio aceso" — Signo da Iniciação, da Ordem e Justiça Cósmicas.

É bom lembrar que, na corporação dos rosacrucianos ou filósofos ocultistas, cujos membros mais elevados são chamados Magos ou Sábios do Mundo, o candidato à Iniciação tem, pela frente, algumas condições a cumprir: ser honrado e instruído; ter vontade de desenvolver-se espiritualmente e praticar a ascese; guardar segredo do que fazem e de onde se reúnem; ser moderado, justo, amante da Verdade; levar uma vida contemplativa; carregar o seu símbolo, que é uma cruz com uma rosa no centro, simbolizando a beleza, a vida, o amor, a secretividade.

Para os que vivem no mundo do Pensamento — lembra o poeta —, o tempo não existe, o corpo não respira, a natureza pára. Só existe o vazio, " — O NADA. Liso, calmo, quieto, fresco, frio, morto, im perturbado — é o NADA" (AP, 36). No nada, a Palavra criadora não consegue produzir "formas novas".

Ocorre que o "Paraíso Filosófico" é de 1936. De lá, ou melhor, de antes ainda, o pensamento filosófico rosiano evoluiu, perpassou outras seitas, religiões e filosofias, enfim, ampliou o seu espaço original. Guimarães Rosa leu muito sobre outras doutrinas secretas e ciências ocultas, aprofundou seus conhecimentos de alquimia e astrologia, e magia passou a ser "irmã tão incompreensível" da poesia.

Em síntese, Guimarães Rosa passou a vida sonhando com um recanto de delícia, onde pudesse reaver a harmonia perdida. Chegou mesmo a desenhar o seu itinerário, desenho inédito que faz parte da novela "O Imperador".

O referido desenho virá, a seguir, em dois tamanhos: o original e o reduzido, sendo que, neste último, as palavras, antes ilegíveis, foram reescritas por nós.

Modelo R. J. 49-A

SECRETARIA DE ESTADO DAS RELAÇÕES EXTERIORES



Fac-símile de desenho inédito de João Guimarães Rosa

In: "O IMPERADOR"



OS SETE PATAMARES DO POETA

Para nós, o desenho acima constitui um documento espiritual de grande valor, pois revela o anseio maior do Poeta: transcendência e liberdade.

Em Guimarães Rosa, a alegoria da Torre simboliza uma ascese — subida do espírito —, para buscar o sentido cristão da condição humana, em sua plenitude.

Altar sagrado da mística cristã, a Torre rosiana está cerca da por uma atmosfera sagrada; sua espacialidade se distribui nos sete patamares do aperfeiçoamento espiritual, na passagem do físico para o

transfísico, do humano para o divino. Nesse percurso, o tempo é acró-ni-co e mítico.

No início de sua viagem "iniciática" pelos sete patamares, o Poeta segue a claridade que lhe é imanente e se prepara, etapa por eta-pa, para o desvelamento total da Luz infinita. O dedo do Poeta toca o Céu, ainda na Terra, pela prática da santidade; a chegada à glória eter-na virá através do crescimento "em si" (AP, 115) e do amadurecimento do espírito.

Essa "Babel espiritual", referida textualmente por Guimarães Rosa em outro contexto (L, 14), vem encimada por uma pomba branca, en-volta em aura — o Espírito Santo revelado (Mt 3, 16), o coroamento da perfeição —, simbolizando o fim da aventura para o Eterno. Enquanto o azul é a cor da Sabedoria, o branco é a síntese das cores, a Transfi-guração. Nas palavras rosianas, a pomba é o pássaro "suspenso esplenden-temente" (PE, 171); a ave "intrínseca" do Poeta (AP, 42).

Deus se comunica com o homem através da Palavra — sob a for-ma de recados, profecias, inspirações —, para restaurar a felicidade escatológica perdida. Somente através do sinal divino, acontecerá o re-encontro com Deus, no mesmo jardim em que o homem residiu antes da que-da (Gen 2), quem sabe o Jardim de Evanira.

A ascensão pode ser muito lenta, pois o caminho é estreito e difícil, mas o homem não desiste.

O "longo atalho chamado poesia" encurtará o trajeto espiri-tual do pássaro-poeta, o único a ver o vôo do tempo (T, 207), do espaço (AP, 42), da música (AP, 22), do pensamento (AP, 25), da pedra (AP, 32), da noite (AP, 88), da lua (AP, 143), da voz (PE, 118).

A poesia plenivoa (AP, 42), em busca do refúgio nas asas de Deus; a poesia é alma "para cima".

A palavra tem "canto e plumagem" (S, 238); a palavra é avis rara, "a vez, rara" (T, 167) do sonho do Poeta, onde

Todos os não simples pássaros, cores soltas, se desmancham de um desenho. (AP, 143)

A Palavra não se desmancha.

A Palavra fica.

Ave, Palavra.





JASILVA-11-4-91
João Antônio da Silva.

Na concepção do pintor primitivista,

'a estrela sai apenas da cabeça dos gênios'.

UM POUCO MAIS DE GUIMARÃES ROSA

Quando começamos a pesquisar sobre a obra de João Guimarães Rosa, verificamos que parte dela permanecia desconhecida para muitos dos seus pesquisadores e leitores de um modo geral, ou por seu ineditismo e raridade, ou pela pequena divulgação.

Recentemente, tivemos acesso a alguns desses textos não publicados até o momento desta Defesa, como é o caso do livro Magma (poesia, 1936) e o esboço de novela (ou conto) "O Imperador", de data incerta. Publicado somente na Argentina, "O Imperador" não chegou a ser concluído por Guimarães Rosa.

Também chegaram, às nossas mãos, textos que revelam outras facetas de Guimarães Rosa. Referimo-nos ao diplomata e ao tradutor.

Foi pensando em ampliar o material disponível de e sobre Guimarães Rosa, que resolvemos abrir este espaço, no nosso trabalho.

Assim, o que se verá, a seguir, são informações sobre inéditos — Magma e "O Imperador" —; informações sobre o tradutor e o diplomata; documento fornecido pela Grande Loja de Minas Gerais.



1. Com relação ao aspecto legal de divulgação dos poemas do Magma: não nos responsabilizaremos por qualquer publicação (reprodução em órgãos da Imprensa) dos poemas do Magma, transcritos nesta tese. O mesmo vale para "O Imperador".
2. Com relação aos poemas propriamente ditos:
 - 2.1. No corpo da tese, as citações dos poemas são identificadas pelo título e pela página. Observe-se, porém, que, quando o livro for publicado, provavelmente a paginação será outra.
 - 2.2. Foram mantidos: o tipo de letra (maiúscula e minúscula), a acentuação, a ortografia e a paginação do original.
 - 2.3. Nas páginas: 2-4-6-10-24-28-32-34-39-40-43-44-45-48-51-58-59-60-61-62-63-69-72-73-78-80-83-87-89-90-92-94-95; encontramos orientações e correções feitas pelo próprio Guimarães Rosa; umas alteram os textos, outras indicam que dois ou mais versos passam a constituir um só.
 - 2.4. O poema-epígrafe "O poeta reza o rosário" não tem título, no original. Para efeito de catalogação, reproduzimos, no índice, seu primeiro verso. Não existe índice, no original.
 - 2.5. O poema "No Araguaia" foi desmembrado, pelo autor, em quatro.
 - 2.6. Apesar de Guimarães Rosa ter literalmente riscado o poema "A casa da Boneca", nós o consideramos como parte do livro e o transcrevemos, na tese.
 - 2.7. Quanto às ilustrações — há quem afirme que não existem, no original, enquanto, para outros, não são em preto e branco, mas coloridas —, não se sabe quem as fez. Em nossa cópia do Magma, há aquelas que não prejudicam o poema (p.40-47-48-54-83-87-90-94) e as que o prejudicam irremediavelmente (p.52-68-82-88-93-99).
 - 2.8. Anotamos 455 registros de reticências, em toda a obra.
 - 2.9. Maiores informações podem ser encontradas no corpo da tese. A seguir, o índice do Magma.

M A G M A

ÍNDICE DO LIVRO

página

1. O poeta reza o rosário.....	1
2. ÁGUAS DA SERRA.....	2
3. A IÁRA.....	3
4. RITMOS SELVAGENS.....	6
5. LUAR.....	10
6. BOIADA.....	11
7. "HAI-KAIS".....	15
Imensidão.....	15
Romance - I.....	15
Egoísmo.....	15
Mundo pequeno.....	15
Romance - II.....	15
Infinito.....	16
Evocação.....	16
Turismo sentimental.....	16
Turbulencia.....	16
8. GRUTA DO MAQUINÉ.....	17
9. MALEITA.....	20
10. CARANGUEJO.....	23
11. LUAR DA MATA.....	24
I - CINEMA.....	24
II - RAPTO.....	26
12. ELEGIA.....	28
13. VERMELHO.....	29
14. ALARANJADO.....	30
15. AMARELO	31
16. VERDE.....	32
17. AZUL.....	33
18. ANIL.....	34
19. ROXO.....	35
20. DESTÊRRO.....	36
21. PAISAGEM.....	37
22. LUNÁTICO.....	39
23. REPORTAGEM.....	40
24. SONO DAS ÁGUAS.....	41

25. NA MANTIQUEIRA.....	42
26. INICIAÇÃO.....	43
27. POEMAS.....	44
Riqueza.....	44
Distância sentimental.....	44
Pudor estóico.....	44
Encorajamento.....	44
Medo da felicidade.....	44
Mal entendido.....	44
Definição.....	44
Epigrama.....	45
Madrigal gravado em laca.....	45
Para os almanaques.....	45
Falta de armas.....	45
Bergson.....	45
Sergio Lifar.....	45
Música de Schubert.....	45
"A casa da Boneca"	45
Taumaturgo.....	46
Oração.....	46
Justificação.....	46
Paisagem.....	46
28. IMPACIENCIA (Duas variações sobre o mesmo tema).....	47
- I -	47
- II -	48
29. MIL E UMA NOITES.....	49
30. IRONIA.....	50
31. MEU PAPAGAIO.....	52
32. DELÍRIO.....	54
33. AUSÊNCIA.....	55
34. GARGALHADA.....	56
35. O CABOCLO D'ÁGUA.....	57
36. SONHO DE UMA TARDE DE INVERNO.....	59
37. HIEROGRAMA.....	61
38. A TERRÍVEL PARÁBOLA.....	62
39. A ARANHA.....	64
40. NO ARAGUÁIA - I	65
41. BATUQUE.....	67
42. NO ARAGUÁIA - II	69

43. REZA BRAVA.....	72
44. NO ARAGUÁIA - III	74
45. MADRIGAL.....	77
46. NO ARAGUÁIA - IV	78
47. TOADA DA CHUVA.....	79
48. ASSOMBRAMENTO.....	82
49. TENTATIVA.....	83
50. O CÁGADO.....	84
51. NECRÓPOLE.....	86
52. PARAÍSO FILOSÓFICO.....	87
53. SAUDADE.....	88
54. REVOLTA.....	89
55. REGRESSO.....	90
56. PAVOR.....	91
57. ANGÚSTIA.....	92
58. BIBLIOCAUSTO.....	93
59. AMANHECER.....	94
60. PRIMAVERA NA SERRA.....	95
61. CHUVA.....	96
62. INTEGRAÇÃO.....	98
63. CONSCIÊNCIA CÔSMICA.....	99

GUIMARÃES ROSA E O MAGMA

Em discurso proferido no momento em que recebia o prêmio pelo livro de poesia Magma, concedido pela Academia Brasileira de Letras, Guimarães Rosa afirma que

O poeta não cita: canta. Não se traça programas, porque a sua estrada não tem marcos nem destino. Se repete, são idéias e imagens que voltam à tona por poder próprio, pois que entre elas há também uma sobrevivência do mais apto. Não se aliena, como um lunático, das agitações coletivas e contemporâneas, porque arte e vida são planos não superpostos mas interpenetrados, com o ar entranhado nas massas de água, indispensável ao peixe — neste caso ao homem, que vive a vida e que respira a arte. Mas tal contribuição para o meio humano será a de um órgão para um organismo: instintiva, sem a consciência de uma intenção, automática, discreta e subterrânea. Com um fôssco fundo ao redor da sua turris eburnea, deixa a outros o trabalho de verificarem de quem recebeu informações ou influências e a quem poderá ou não influenciar.

E o incontentamento é o seu clima, porque o artista não passa de um místico retardado, sempre a meia jornada. Falta-lhe o repouso do sétimo dia. Não tem o direito de se voltar para o já-feito, ainda que mais nada tenha por fazer.

A satisfação proporcionada pela obra de arte àquele que a revela é dolorosamente efêmera: relampeja, fugaz, nos momentos de febre inspiradora, quando ele tateia formas novas para a exteriorização do seu magma íntimo, do seu mundo interior. Uma tortura crescente, o intervalo de um rapto e um quasi arrependimento. Pinta a sua tela, cega-se para ela e passa adiante. Se a surdez de Beethoven lhe tivesse trazido a infecundidade, seria um símbolo. Obra escrita — obra já lida — obra repudiada: trabalhar em colméias opacas e largar o enxame ao seu destino, mera aventura de brisas e de asas.

Tudo isto aqui vem tão somente para exaltar a importância que reconheço ao estímulo que me outorgastes. Grande, inesquecível incentivo. O Magma, aqui dentro, reagiu, tomou vida própria, individualizou-se, libertou-se do meu desamor e se fez criatura autônoma, com quem talvez eu já não esteja muito de acordo, mas a quem a vossa consagração me força a respeitar. Sou-lhe grato, principalmente, pelo privilégio que me obteve de poder — sem demasiadas ilusões, mas reverente — levantar a voz neste recinto, como um menino que depõe seu brinquedo na superfície translúcida de uma água, para a qual a serenidade não é a estagnação, e cujo brilho da face viva nada rouba à projeção poderosa da profundidade. (...)

(Revista da Academia Brasileira de Letras, Anais de 1937, ano 29, vol 53, p. 261 a 263)

Depois dessas emocionadas palavras, a não publicação do Magma precisa ser revista.

ÍNDICE DOS POEMAS DO MAGMA,

transcritos, integralmente, no corpo da tese

O poeta reza o rosário	149
ÁGUAS DA SERRA	146
A IÁRA	160-161
GRUTA DO MAQUINÉ	92- 93
CARANGUEJO	40- 41
ANIL	175
DESTÊRRO.....	186
LUNÁTICO	117-118
INICIAÇÃO	152
Pudor estóico	49
Medo da felicidade	114
Epigrama	46
Bergson	62
Sergio Lifar	33
Música de Schubert	33
"A casa da Boneca"	87
Taumaturgo	88
O oração	148
IMPACIÊNCIA I - II	98
MIL E UMA NOITES	43
O CABOCLO D'ÁGUA	161-162
SONHO DE UMA TARDE DE INVERNO	94- 95
REZA BRAVA	150-151
ASSOMBRAMENTO	118-119
TENTATIVA	191
O CÁGADO	243-244
NECRÓPOLE	87
PARAÍSO FILOSÓFICO	249-250
SAÚDE	119-120
REVOLTA	171
REGRESSO	101
ANGÚSTIA	114
BIBLIOCAUSTO (Ver 25)	59
AMANHECER	117
CONSCIÊNCIA CÓSMICA	200

* * *

A seguir, reprodução dos demais poemas do Magma.

RITMOS SELVAGENS

-:-

O pica-pau, vermelho e verde,
 paralelo ao tronco branco de papel
 de uma nirtácea,
 como um ponte, que desde a madrugada,
 vem fazendo ^{o que} ~~o~~ acastillago dos seus versos,
 mastela com o bico, na casca da árvore,
 o poema dos índios caiapós:

- "Índios escuros, das terras fechadas,
 que ninguém pisou,
 dos chapadões a meio caminho dos grandes rios,
 brancos e brutos, sem arcos nem flechas,
 rompem cabeças de missionários a encetadas,
 fazem tremar, fazem correr as outras tribus,
 voam nos campos atrás dos cascos dos veados,
 matam veados só com pauladas,
Caíamu-porué-dje-ipô!..."

Depois de pendurar num ramo de cajueiro
 uma casa de cômodos
 em cartolina cônica e amarela,
 os estúrdios maribondos-de-chapéu
 saem dos alvéolos e fermentam no ar,
 num remoinho de ferrões e azas,
 zumbindo o hino dos índios das matas:

(Continúa)

- "Bem escondido entre as ramadas da beira d'água,
como curta e grossa gibóia quieta,
toda enroscada nas penas lindas de uma arara
que devorou,
o nhambiquara, de rosto escuro, zígonas pintados
a genipapo,
fica dez horas, todo encolhido, de bote armado,
os olhos vivos, o arco pronto, muita paciência,
e trinta flechas envenenadas..."

O paturí, no alto,
deixa escapar do bico a piaba,
que desce no ar como uma gota
de mercúrio vivo,
e grasma para a lontra, que avança n'água,
em linha recta, como um torpedo,
notícias novas que trouxe do Xingú:

- "O bacairí, belo e tranqüilo,
com o arco vermelho de guarantã,
parece surdo, parece bobo, olhando a água,
e joga a flechada no rio crespo, flagando o lombo
de um surubí..."

E fica triste, e fica bravo, só porque a ponta da flecha longa
pegou dois dedos mais para baixo, no dorso lizo do peixe do
que ele nem viu..."

(continúa)

Um triate tucano, de bico armado,
 descompensado, maior que o corpo,
 chega voando, e toma de assalto
 um dos fortins de terra vermelha
 que as termitas vão escalonando pela campina,
 e bem na grinja do cocoruto,
 desprende a queixa dos índios do sul:

- "Os índios moles, sujos e tristes,
 que não tem rédes, que falam manso e dormem no chão,
 e pulam batendo com as mãos nas pernas ensanguentadas
 das ferroadas das murissócas,
 e cantam semanas, tirando as carnes dos esqueletos, o bacorôro,
 grandes batoques nos beiços grossos, sempre tremendo,
 pobres borôros,
 sentem a onça a tres quilômetros, na mata espessa,
 tem antes da fera os farejar..."

E o jacaré crespo, de lombo verde, de papo amarelo,
 ensina á arara,
 toda azul, de patas pretas, de pálpebras pretas,
 que ensina ao gavião, que passa no vôo, fino e pedrôo,
 que ensina a um bando, que vai de mudança, de maracanãs,
 o canto das índias dos carajás:..

- "Carajás das praias do Araguáia,
 meio vestidas, meio peladas, mal domesticadas,
 mulheres rôxas, de nariz chato, de pés enormes,
 trincando piôlhos nos dentes brancos,

(continúa)

(continuação)

Índias pesadas,quasi na hora de dar á luz,
vêm nas pirogas,que são simples troncos,finos,compridos,
com cachos de meninos,curunins vivos,equilibrados,
dependurados,
e as canoinhas passam,á glôr das águas,como coriscos,
á frente dos ventos,vencendo piranhas,vencendo azus e pensamentos,
Araguáia abaixo,de Caiapózinho até Conceição..."

O dia inteiro,as águas ouviram,
e as matas entenderam,
as vozes que o vento vai levando
para oeste,para longe,para além do Culucene,
onde o sol se apaga,como a fogueira da última taba,
onde os cocares dos buritis pendem immobilizados,
e o rio marulha a canção dos guerreiros
que vão desaparecer...

L U A R

-:-

De brejo em brejo,
os rapos avisam :
-A lua surgiu !...

No alto da noite as estrêlinhas piscam,
purando fios,
e dançam nos fios
cachos de poetas.

A lua madura
rola, desprendida,
por entre os musgos
das nuvens brancas...

Quem a colheu,
quem a arrancou
do caule longo
da Via-Láctea ?...

Docliza solta...

Si lhe ostenderes
tuas mãos brancas,
ela cairá...

BOIADA

-:-

-"Ei boi !... Ei boi !..."

É gado negro,

é gado bravo,

que vem do sertão.

E os cascos pesados,

atropelados,

vão martelando o chão

na soltura sem fim do Chapadão do Urucúia...

-"Boiada bôa !..."

Anças cavadas,

costelas a mostra,

chifres pontudos de curraleiros,

tinir de argolas de bois carreiros,

sol de fornalha...poeira vermelha...

Überes murchos,

corcovas rombas,

berros, mugidos,

bafagem suada,

sangue de ferroadas,

muita bicheira...

-"Que sol !...Que poeira!..."

E a manada corre,

cangotes baixos,

(continúa)

foelinhos em baba,
sacolejando ossos e couros,
num tropel de trovão...
--"Boiada bôa !..."

--"Calopa, Joaquim,
que o gado entoura
por esse Golaz a fora !...
Enterra a espora !..."
--"Que sol !...que poeira !..."
Barbelas moles,
cachaços brutos,
lombos queimados...
--"Eh caracá môleo, como berra feio !..."
--"Eh boi !...Eh boi !..."

Colpes de raspa,
refugos tontos, cornadas doidas,
gado selvagem, gado sem ferro...
--"Olha a vaca malhada
investindo os outros !...
Ferra a vara, Raimundo !..."
--"Que terra brava !..."
--"Que sol !...Que poeira !..."

(continúa)

(continuação)

Cacundas ondulantes,
desabaladas,
como as águas de um rio...

- "En boi!... En boi !..."

Novilhos rajados,
garrotes mateiros,
zebús enormes,
vacas turinas,
cheiro de curral...

- "Corre, Zé Grande, cercar o boi preto
que esparramou !..."

- "Olha o bicho atacando !..."

Olha o bicho crescendo na vara !...

Firma na vara, mulato bom !..."

- "Põe pra lá, marroceiro !..."

- "Verga e não quebra,
que é de pau-d'arco da beira d'água,
Seu Coronel !..."

- "Boisda bôu !..."

O gado agora trota cansado,
e a trovoadá rola
do fundo do chão...

- "Ch João Nanico, porque canta assim ?..."

Tem aumentado seu gado miúdo ?..."

- "Gabarro e peste mataram tudo..."

(continúa)

- "Está pensando será na crioula ?..."

- "Fugiu, que tempo, foi pra Baía,
por esse mundão de Deus..."

- "Está lembrando então do seu filho ?..."

- "Morreu no cito, no ano passado,
pleado de urutú..."

- "Então, João Nanico,
porque canta assim ?!..."

- "Ai, Patrão, a vida é uma bolada,
e a gente canta pra ir tocando os bois..."

- "Oh João Nanico, mineiro velho,
quer vir comigo pro Paracatú ?!..."

- "O gado é bravo ?... A pinga é boa ?...

Ai, Patrãozinho, vamos embora,
vamos embora pro Paracatú !..."

-:-

Insensidão

Cheiro salgado
de um cavalo suado.
Quem galopa no mar ?...

Romance-I'

No cinzeiro cheio
de cigarros fumados,
os restos de uma carta...

Egoísmo

Si fosse só eu
a chorar de amor,
sorriria...

Mundo pequeno

O albatroz prepara
breve passeio
de Pólo a Pólo...

Romance-II

Bem na frente
de um retrato empoeirado,
uma aliança esquecida...

(continúa)

Infinito

Oh múmia longa,
ante os teus séculos,
eu durmo ainda...

Evocação

Lagosta púrpura:
uma galera a remos
conduzindo um César...

Turismo sentimental

Viei toda a Ásia
ao alisar o dorso
da minha gata Angora...

Turbulência

O vento experimenta
o que irá fazer
com sua liberdade...

MALEITA

--:

Não vem mais chuva.

-Chô, rio velho !...

O Pará está desinchando, devagarinho,
está ajuntando a água.

As várzeas estão vermelhinhas de lama,
e o capinzal virou um brejo podre.

-Ven, Compadre, ver os novilhos nadando no moloso,
e as matrinhãs pastando barro na invernada !..."

-Chô, rio velho !...

-Vamos pescar, Compadre ?...

Até no fundo do quintal

tem mandis de esporão,

tem timburés, tem cascudos,

tem bugres barrigudos,

e curimatãs.

Acende o pito, Compadre,

que os mossorongos vieram também...

Olha o modquito rajado !...

Zzzzzú!.....

Olha o mosquito borrachudo!...

Zuuuum!...

-Chô, riachão !...

O negrinho, dentro do poção,

está pegando plabas com a peneira.

(continúa)

- "Cavaca fundo, Compadre,

que as minhocas vão fugindo terra a dentro.

Enrola na fôlha de inhame.

Traz o anzol de dourado,

bem encaastado.

Traz fumo goiano,

e as pílulas de quinino também.

- Mas não treme tanto, Compadre !...

- Chô, riachão !...

- "Que frio !... Que fri-f-lo !...

Que mosquitada brava !...

Estou com a sezão dos tres dias...

Ei, Compadre, vamos quentar sol naquela podra ?..."

- "Volta pra casa, Compadre, deixa de bater queixo,

vai cortar a febre

com cachaça com limão..."

- "Você também está tremendo ?!...

Que frio !... Tudo treme !...

Olha os pernilongos

zunindo nos meus ouvidos !...

Olha o quinino zunindo

dentro dos meus ouvidos !...

Que frio !...

Zzzzzú !... Zuuuum !...

As traíras estão tremendo nas locas...

Que frio !... Até a água empoçada

(continúa)

(continuação)

está arrepiada...

- "Vamos pra casa, Compadre ?..."

- "Não, vamos chegar ali na igueira,
que eu quero ver as árvores

tremendo também com a estação...

-:-

I-CINEMA

Noite de lua,
noite de festa,
na clareira da mata.

As palmeiras,
~~mas~~ ^{não podendo} frechar as aves grandes das nuvens,
pararam, em longa fila indiana,
como graves guerreiros carijós.
Vagalumes passam, com lanternas tontas,

procurando si ainda tem lugar.

E as corujas chegam, vestidas ^{de} sedas,
esvoaçando, sem fazer rumor.

A musica vem dos discos brancos dos brejos,
onde ha turmas de sapos a coaxar.

Nas fricas dos galhos da imbaúva clara,
cochilam os meninos passarinhos.

Os grilos, agudos, ás vezes dão vaías,
e todos, ariscos, se mexem, de susto,

quando a onça desliza, procurando
o moleque penetra Saci-Perêrê.

Mas logo se aquietam, passado o espavento,
e ficam, calados, a ver, longo tempo,
no telão da lua,

a cena já velha de um filme remoto:

um cavalo num prado,

a galopar parado;

(continúa)

carregando

ninguém sabe quem...



(continuação)

está arrepiada...

- "Vamos pra casa, Compadre ?..."

- "Não, vamos chegar ali na igueira,
que eu quero ver as árvores

tremendo também com a estação..."



-:-

I-CINEMA

Noite de lua,
noite de festa,
na clareira da mata.

As palmeiras,
~~que queriam~~ ^{não podendo} frechar as aves grandes das nuvens,
pararam, em longa fila indiana,
como graves guerreiros carijós.

Vagalumes passam, com lanternas tontas,

procurando si ainda tem lugar.

E as corujas chegam, vestidas ^{de} sedas,
onvoaçando, sem fazer rumor.

A musica vem dos discos brancos dos brejos,
onde ha turmas de sapos a coaxar.

Nas frisas dos galhos da imbaúva clara,
cochilam os meninos passarinhos.

Os grilos, agudos, ás vezes dão vaías,
e todos, ariscos, se mexem, de susto,

quando a onça desliza, procurando
o moleque penetra Saci-Perêrê.

Mas logo se aquietam, passado o espavento,
e ficam, calados, a ver, longo tempo,

no telão da lua,

a cena já velha de um filme remoto:

um cavalo num prado,

a galopar parado;

(continúa)

II-NAITO

Na Canôa-quebrada, á beira da lagoa,
tão branca e redonda,
onde ha catubras pescando sôzinhas,
a onça está parada,
apontando para cima olhos verdes de brasa,
só com o rabo e os bigodes ainda mexendo,
Ela veio pensando que a água era a lua,
e a lua ficou lá no alto se enchendo...

O tamanduá-bandeira parou da outra banda,
balançando o corpo de um para outro lado,
penacho para cima, os braços abertos,
levantado nas patas de truz.
Será que Ele pensa que a lua vem vindo,
querendo o abraçar ?...

A anta chegou, de galope, soprando,
bateu na água mole e sumiu-se no fundo,
que nem um toro pesado.
E ninguém a convence de que, em cheio, na lua,
não esteja nadando...

Mas, brusco, rebenta
um alarma furioso:
rugidos, miados,
e galhos quebrados,
galopes na mata,
de perseguição.

(continúa)

Foi a arisca vinda,
que veio beber
e saltou, de repente,
no branco da luz,
ainda mais clara,
mais clara,
e fugiu pela trilha,
para longe da mata,
com o corpo esguio e branco de prata
raptando a lua...

-:-

Teu sorriso se abriu como uma anêmona
entre as covinhas do rosto infantil.
Estavas de pijama verde,
nas almofadas verdes,
os pezinhos nus, as pernas cruzadas,
pequenina,
como um ídolo de jade
que teve por modelo uma princesa ananinha.
Tuas mãos sorriam,
teus olhos sorriam,
o liso dos teus cabelos pretos sorria,
e mesmo me sorriste,
e foi a única vez...

(Não pude calçar,

com beijos,

os teus pezinhos ,

e não pudeste caminhar para mim...

Mas é bem assim que os meus sonhos te possuem.



-:-

É uma pomba

-parece uma virgem.

De debaixo das plumas, vem o jorro

enérgico, da foz de uma artéria:

e a mancha transborda, chovendo salpicos,

a cada palpitação.

Cresce, cresce,

parece que meus olhos a tocam,

e que vem aos meus olhos

passando por meus dedos,

viva, tão viva,

que quasi grita...

Ardente e berriante...

Como deve ser quente !...

Mancha farta, crescente, latejante,

dão-me nos olhos e me irrita...

Cresce, cresce,

tão depressa,

que chega a mudar o gosto na minha boca...

Tenho-a agora presa nos meus olhos,

quente, quente,

e no entanto a pomba já está fria,

e colorada, como uma grande flor...

-:-

No campo sêco, a crevitar em brasas,
danzam as ultimas chamas da queimada,
tão quente, que o sol pende no ocaso,
bicado
pelos sanhaços das nuvens,
para cair, redondo e pesado,
como uma tangerina temperã madura...



AMARELO

--:-

Kuang-Ling,
pintor chinês de máscara de cora,
feliz de ópio, o óbrio de dragões,
molha o pincel na água de ocre
do Hoang-Ho,
e, entre lanternas de seda,
pinta e repinta,
durante trinta anos,
sulfúreos e asiáticos mirasóis,
na incrível porcelana
de um jarrao
dos Ming...

-:-

Na lâmina uzinhavrada
desta água estagnada,
entre painéis de musgo
e cortinas de avenca,
bolhas gazosas espumejam a *tona*,
~~como~~ como opalas ôcas
num veio de turmalina :
é uma rã ballarina,
que se se ver feia, toda ruuenta,
pulou, raivosa, quebrando o espelho,
e foi directa ao fundo,
reenfaltar, com mimo,
suas roupas de limo...



AZUL

-:-

Uma vanessa tropical travou na campânula
de uma ipoméia

o vôo oscilatório e helicoidal.

Dobra o quimão de franjas sinuosas,

marquetado e hachureado

com minérios de cobre:

arólicas, anéis, joias concêntricas,

olhos de íris elétrica e de papila enorme,

ocelos de um leque de pavão.

Sinto o perfume da flôr nova,

com mais dois estames, buliçosos,

e quatro pétalas, de um esmalte raro,

molhadas nas tintas de céus fundos,

e aromadas com a falanga das lagôas...

-:-

Deixa que o levem, agora,
que a mulher cristã da sala
já quer ir embora...

Ela desceu dos teus olhos de choro,
magnética e profunda, como um resto
de ametistas mortas...

Passou pelas olheiras fundas,
pousou nos romalhetes de saudades,
tocou nas fitas das cordas, longas
como equinóses...

E agora, vê: vai passeando,
de leve, pelos lábios, pelo rosto,
pelo corpo,
pelos dedos, duros, de teu espóso morto...

Ela quer ir embora...

Deixa que o levem, agora....



PAÍSAGEM

-:-

No quadrilátero do arrozal,
verde-aquarela,
cortam-se em ângulos rectos
canais azues de água polida.

No ar de alumínio,
as libélulas verdes vão espelhando
joias faiscantes, brochos de jade,
duplas cruzetas, lindos brinquedos,
nos alfinetes de sol.

Pairem suspensas, em vôo de caça,
horizontal,
e jogam, a golpes da tela metálica
das asas nervadas, reflexos de raios,
que hipnotizam as murisócas tontas...

A libelinha pouse na ponta
do estilete de uma haste verde,
que faz arco (pronto!...)
e a leva directa à boca,
aberta e visguenta, de um sapo cinzento...

-Glú!... Muitas bolhas na espuma...

E as outras aeroplanam, assestando

(Continúa)

para o submersível,
os grandes olhos redondos,
com quarenta mil lentes gaceladas....



REPORTAGEM

-:-

O trem estacou, na manhã fria,
num lugar deserto, sem casa de estação:
a parada de Loprocurio...

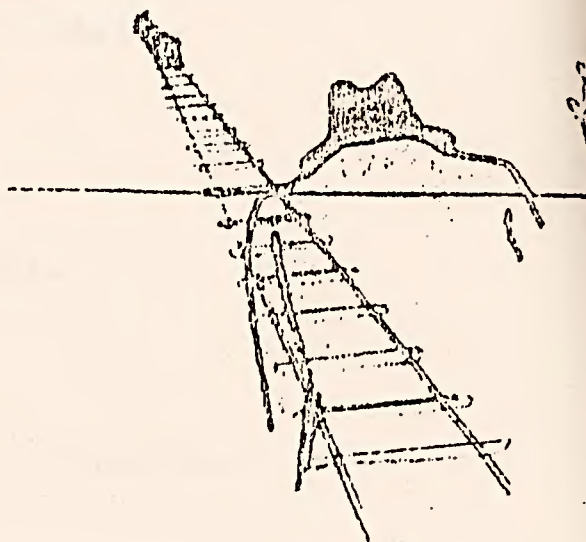
Um homem saltou, sem despedidas,
deixou o baú á beira da linha,
e foi andando. Ninguém lhe acenou...

Todos os passageiros olharam ao redor,
com ~~revelo~~ ^{revelo} de que o homem que saltara
tivesse viajado ao lado deles...

Progado no dorso do baúzinho humilde,
não havia nome ou etiqueta de hotel:
só uma estampa de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro...

O trem se pôs logo em marcha apressada,
o no apito rouco da locomotiva
gritava o impudor de uma nota de alívio...

Eu quis chamar o homem, para lhe dar um sorriso,
mas ele ia já longe, sem se voltar nunca,
como quem não tem frente, como quem só tem costas...



-:-

Ha uma hora certa,
no meio da noite, uma hora morta,
em que a água dorme. Todas as águas dormem:
no rio, na lagoa,
no açude, no brejão, nos olhos d'água,
nos grotões fundos.
E quem ficar acordado,
na barranca, a noite inteira,
há de ouvir a cachoeira
parar a queda e o choro,
que a água foi dormir...

Águas claras, barrentas, bonolentas,
todas vão opilar.
Dormem gotas, caudais, seivas das plantas,
fios brancos, torrentes.
O orvalho sonha
nas placas da folhagem.
E adormece
até a água fervida,
nos copos de cabecela dos agonizantes...

Mas nem todas dormem, nessa hora
de torpor líquido e inocente.
Muitos não de estar vigiando,
e chorando, a noite toda,
porque a água dos olhos
nunca tem sono...

Por entre as anélias da cordilheira
dormida,
a lua se esgueira,
como um lótus branco
na serra de dorso de um crocodilo,
brincando de esconder.

Dá para o alto um arranco,
repentino,
de balão sem lastro.
E sobe, mais clara que as outras luas,
quasi um sol frio,
redonda, esvaíndo-se, derramando,
esfarelando luz pelos rorçãos, do beijo
farpeado nas pontas da montanha.

-:-

Riqueza

Veiu ao meu quarto um besouro
de asas verde e ouro,
e fez do meu quarto uma joalheria...

Distância sentimental

Mesmo ao sonhar contigo,
só consigo que me ames noutro sonho
dentro do meu sonho primitivo...

Pudor estóico

Acuado entre brancas,
um escorpião volve o dardo
e faz o "hara-kiri"...

Encorajamento

Meu desejo corre a ti com velas enfunadas...
Todes dar-lhe um porto, sem nenhum recelo:
Ele não ~~tem~~ ^{tem} âncora.....

Medo da felicidade

Estremecemos juntos...
que Potência má será a soberana
desse vento frio que passou ?...

Mal entendido

Na boda de um camarão com uma lagosta,
levantaram um brinde ao transatlântico
que passou por cima para os cumprimentar...

Definição

O cigarro de fumaça impalpável e brasa colorida,
que se fuma a si mesmo num cinzeiro,
será um poeta?...



Epigrama

Oh lua cheia,
ocular de um longo telescópio branco
que devassa o paiz dos amores platônicos...

Madrigal gravado em laço

Quando a borboleta coroou a flôr amarela,
os lírios, em ângulo recto com seus caules,
fizeram uma profunda saudação...

Para os almanagues

No meu relógio, de uma para outra hora,
quando o ponteiro menor sai a levar lembranças,
passa-lhe á frente o grande, transportando Antrigas...

Falta de armas

Dois caracóis chocaram, de leve, as suas cascas,
e mexeram tentáculos, um dia inteiro,
pedindo-se mil desculpas...

Bergson

Uma água contínua,
ao sol do dia,
os vãos do môcho de Minerva...

Sergio Lifar

No palco em penumbra,
como os violinos e as cigarras,
alguem canta com o corpo...

Música de Schubert

Sombras de amôres
em bailado longínquo, num palco sem fundo
como um fundo de espelho...

"A casa da Boneca"

No verão tropical fez frio, de repente,
Quem traria uma geladeira sobre a vida?...
Ah, fechou, depressa, esse livro de Ibsen!

Tauraturgo

Muitos bichos reunidos ? : um jardim Hagenbeck.
 Ou, quem sabe, talvez, a Arca de Noé...
 Mas um gênio os dirige ? : um livro de Kipling...

Oração

O louva-deus, erecto, num caule de Junquilha,
 reza, de mãos postas, com punhais cruzados,
 como um bandido calabrés...

Justificação

Penham o Amazonas ao pé do limelaia,
 e ali nascerá, depressa,
 uma raça de homens pequeninos...

Palçada

A cascavel chocalha na moita, anunciando,
 grátis,
 um destino certo...

(G. S. S. S. S.)

IRONIA

-:-

A noite fria, no jardim fechado,
joga convites
para os namorados.

Um grilo sibila
seu estríbilho
de tenor sem sono.

Esses vagalumes,
abelhas sonâmbulas
de velinhas verdes,
vêm das corolas das estrelinhas
distilar orvalho
nos botões de jasmim.

Tudo calado
no jardim fechado...
Beija-me, querida, nesta noite fria,
toda de algéria...

Não queres beijar-me ?...
Queres ir embora ?...
Perdão... Eu pensava
que gostasses de mim...
Quanta ironia
nesta noite fria,

Os vagalumes já vão piscando,
vão apegando as lanterninhas felizes...

E faz tanto frio
que o grilo franzino
já desafina
no seu flautim...

--

Toma a palavra, na gaiola alta
Papagaio Real, meu Papagaio Louro,
sésudo e notavel discursador !...
Muito bem !...apoiado !...
Assim empoleirado,
de fraque verde com botões d'or de ouro..

Não sabes, narigudo papagaio,
o quanto admiro cada coisa em
tua eloquência, teus passinhos
teu plastron rubro
e teu soberbo humor.

Mais uma vez, papagaio,
quasi humano
meu confidente;
meu conselheiro...
Repete, discursador,
gravemente:

-"Io I amp !..."
-"Je t'aime !..."
-"I love you !..."
-"Te amo !..."
-"Te quiero !..."
-"Ja vas liubliú!..."

Cópia fac-símilada para
BIBLIOTECA
QUILINA LUIZ DE OLIVEIRA COUTINHO
(1972)

Vai repetindo, amigo,
caridoso,
a cada instante, sem parar,
tudo o que a minha esquivada
toica ou não me dizer...

33



DELÍRIO

--

No parque morno, um perfumista oculta
ordenha heliotrópicos...
Deixa aberta a janela...

Minhas mãos sabem de-côr o teu corpo
e a alcova é morna...
Apeguemos a luz...

Não sentes na tua boca
um gosto de papoulas?...

Passa o lenço de sêda do tuas mãos
sobre minha fronte,
e não me digas nada:
a febre está, baixinho, ao meu ouvido
falando de ti...

AUSÊNCIA

-:-

Na almofada branca,
as sandálias sonham
com a sêda dos teus pés...

Partiste...

Mas a alegria ainda ficou no quarto,
talvez no ninho morno, aquecido por teu corpo
no leito desfeito...

Entardece...

Esfusante e verde,
um beija-flôr entrou pela janela.
(Pensei que a tua boca ainda estivesse aqui...)

Do frasco aberto,
vestidas de vespas,
voam violetas...

E na almofada de sêda,
beijo as sandálias brancas,
vazias dos teus pés...

GARGALHADA

-:-

Quando me dizeste que não iria me machucar,
e que iria partir,
dura, precisa, bela e inabalável,
com a impassibilidade de um executor,
dilatou-se em mim o pavor das cavernas vazias...
Mas olhei-te bem nos olhos,
belos como o veludo das lagartas verdes,
e porque já houvesse lágrimas nos meus olhos,
tive pena de ti, de mim, de todos,
e me ri
da inutilidade das torturas predestinadas,
guardadas para nós, desde a trave da época,
quando a inexperiência dos homens
ainda não creara o mundo...

-:-

No jardim paixão,
entre os panos de púrpura de uma fúcsia
poliandra,
oito estômes preguiçosos
amam um pistilo voluptuoso...

A brisa baralhou
o enxame azul de borboletas
que se ensavam nas corolas,
e logo todas trocaram de par...

E lá, jasmineiro desfolha e derrama
na Suburra do charco,
em lácteos jasmims de cheiro assucarado,
os beijos mais raros de uma leporatriz...

Beija-me...

Depois, si não ~~gostares~~, *mas gungear,*
eu te direi, depressa, o nome
de alguém que te ama...

A TERRÍVEL PARÁBOLA

--:-

A Mãe-Preta contava:
uma meninazinha
morava num sobrado
com uma cachorrinha.
E no meio da noite bateram na porta
e cantou lá fora
o Kibungo-Gerê.

- "Kibungo-Gerê!... Kibungo-Gerê!...
Cadê Zabelinha, que eu quero comê!..."

Mas a cachorrinha, acordada,
cantou para o bicho
Kibungo-Gerê:
- "Zabelinha já lavou,
já delitou,
já dormiu!..."

E pela noite ~~de fora~~
foi andando embora
o Kibungo-Gerê.

A menina, com raiva,
matou a cachorrinha.
Mas na outra noite,
quando o bicho voltou,
a cachorrinha morta cantou no quintal...

A menina, de raiva, enterrou a cachorrinha,
a menina, de raiva, queimou a cachorrinha,
a menina, de raiva, jogou no rio a cinza
da brava cachorrinha,
que cantava acordada,
que cantava morta,
que cantava enterrada,
que cantava nas cinzas,
2. que parou de cantar...

E a menina escondeu todas as luzes do sobrado,
para ~~esperar~~ o bicho
Kibungo-Gerê.

E o bicho voltou,
Kibungo-Gerê!...
e o bicho cantou,
Kibungo-Gerê!...
e foi abrindo a porta,
Kibungo-Gerê!...

(continua)

e foi subindo a escada,
Kibungo-Gerê!...Kibungo-Gerê!...
Kibungo-Gerê!...



A ARANHA

-:-

Num desenho octogonal,
a aranha, noite e dia,
traça e destrua linhas, tentando em resolver
o seu problema de trigonometria.

Obesa e mole, de ventre bojudo,
ela ainda faz seus treinos
no trapézio e na corda:
bem triste velhice
de uma profissional...

Já remendou, mais de uma vez, a rede,
para as moscas que não vêm. Vem.
Ela bem que poderia
pescar pequenos arco-íris, nas gotas de orvalho
ponduradas
do fino chamalote...
si fôsse poeta...

Aranha triste, aranha fiandeira,
podendo envolver-te na tua própria teia,
porque tanto tardas em te amortalhar ?...

-:-

Nestas praias sem cercas e sem dono
do velho Araguáia,
achei um amigo, escuro,
de cara pintada a jenipapo e urucum :
o carajú Araticuma-uassá.

Seus músculos são cobras grossas
que incham sob o couro moreno;
suas narinas tem sete furos ;
e nos seus ouvidos há cordas azuis, onde ressoa o pio
curto e triste, que, mais de um quilômetro distante,
solta o patetico borrachudo.

Quando o rio encolado entruça, em qualquer ponto,
a lâmina lisa de níquel molhado,
êle traduz, na esteira da maré,
com o binóculo faiscante dos olhos,
o tamanho e a raça do peixe escondido.
E a flechada vai harponar, certaíra, debaixo d'água,
o pacamã ou o pirarucú.

A mata não lhe dá mais surpresas
(tem nove presas de onça preta no colar),
nem o rio lhe conta mais novidades
(êle é capaz de flutuar, até dormindo,
correnteza abaixo, como um pau de pita).

Hoje eu lhe perguntei:

- "Como foi feito o mundo,
oh meu patrício Araticum-uasú ?..."

Ele riu, deu um mergulho no rio,
e emergiu, com a cabeleira em gotas,
sem querer falar...

- "Bem, mas o que é mesmo a vida, meu irmão moreno ?..."

Araticum-uasú riu com mais gosto ainda,
e saiu a remar, com esforço simulado,
tangendo a proga corredeira e calma...

- "Muito bem, amigo, quero saber, agora,
o que pensas do amor..."

Desta vez ele não riu - franziu o rosto,
e jogando fora o remo de taquara,
deitou-se na canôa, indiferente,
com olhos fechados, braços cruzados,
e deixando-se levar pela corrente, à-toa,
sumiu na curva, atrás do saranzal...

-:-

A legrada dança,
e alica descansa,
no chão do terreiro,
de pés no chão...

- "A primeira imbigada
é papudo qui dá.

Eu também sou papudo,
eu também quero dá..."

E o batuque ferve,
e a sanfona geme,
e a violada chora,
errastando a função...

Comidas finas, querendo comer,
bebidas finas, querendo beber.:
pau-a-pique, cobú, bolo de fubá,
sachaça queimada, garapa e aludá...

Cheiro de negro, cattingada brava,
chitas luzentes, já ~~sem~~ amarradas,
o Felão que não veio, graças a Deus,
que eu tenho muito medo do Seu Felão...

(Tenente Felão, cabra malvado,
que foi capitão do mato, noutra encarnação...)

- "Felão veio ?..."

- "Nun vei não..."

- "Pruquê qui nun veiu ?..."

- "Nun sei não..."

Supateio, patadas, de péz, en. ponendas,
pisando, polados, aos pulos pesados,
a poeira do chão...

- "Corre, gente, qui enven sordado !....

Como, gente, qui enven Felão !....

- "Pula, negrada, no meio do terrêro,
que eu vou ensiná vocês dançá !....

Dança de refe, sanfona e rebenque

olá, violão, começa a tojá !....

quem fôr, fôgo nele, no meio da festa
e não tem i ven... (musical sound) ...

tear de dançar a noite inteira,

o corpo toda a parte...

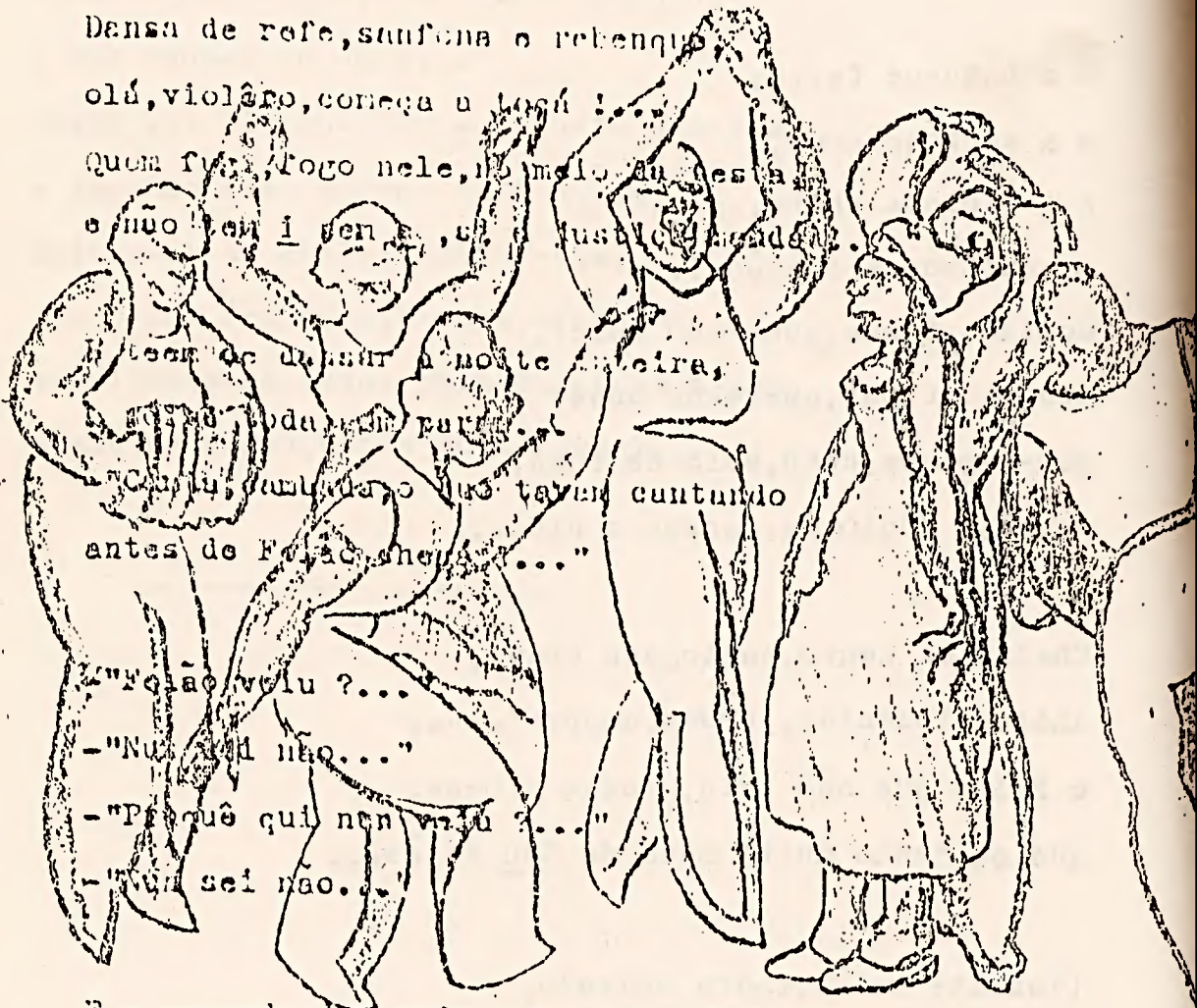
Contu, cantado, que taven cantando
antes de Felão chegar...."

- "Felão veiu ?..."

- "Nun sei não..."

- "Pruquê qui nun veiu ?..."

- "Nun sei não..."



E a negrada dançando, e os refes batendo
nessa gente preto,
que em trezentos anos
aprendeu a spanhar...

-:-

O mato está cheio de camilhões frescos,
que eu não posso enxergar.

Mas Araticum-uassú vem comigo,
cheirando o ar e escutando o vento.

Ele matou uma tracaçá
e mandou as tocandiras
fazerem uma saboneteira para mim.

-Vamos mais devagar, Araticum-uassú,
que eu não tenho pernas de suassú-pucú...

Araticum-uassú ficou parado,
está ouvindo,
está namorando o capinzal rastreiro,
está virando bicho do mato.

Ele mostra com os dedos :

-Aqui tem tres rastros !...

Para mim isto aqui é cerrado sujo,
^{onde}
~~mas~~ ele está vendo uma encruzilhada.

Sinal de um piscalegado, na terra fôfa,
capim amarrótado.

Cortaram a facão a cordoalha de cipós,
e botaram, lá adiante, um saco no chão.

Deve ter muito fumo, muita carne seca,
na bagagem dos Padres da Missão.

Um bem-te-vi, como um distintivo auriverde,
avisa, do pique da lança do coqueiro :

-Auirí cotí !...Auirí cotí !...
Auirí !...Auirí !...



Aquí arloraram, de leve, o chũo,
os pés de venda de uma carajá.
Deve ser a bonita Auá-narú,
que deixou cair um cacho de bogarís,
e vai pela praia, procurando amor...!

As rôlinhas sussurram, nos ramos de assa-peixe :

-Inantú diadomã !... Inantú diadomã !...

Dia-domã !... Dia-domã !...

O que leva á mata é um rastro largo,
gente forquda, cheiro de cerníca,
sangue miúdo respingado,
fiapos pretos nos carrapiões.

São tres garreiros tapirajés,
carregando zorto um jaguaretê-pixena,

Deram com as lanças na guazaleira,
vêm armados, querendo brigar...

Um caracaré trouxe tres zorta no alto,
e comandou, fanhoso :

-Uer-rrê !... Uer-rrê !...

Corrotê !... Corrotê !...

Araticum-uassú está calado...

-Auirí !... Auirí !...

Araticum-uassú está sorrindo...

-Dia-domã !... Dia-domã !...

Araticum-uassú está elisando o porrete...

-Corrotê !... Corrotê !...

Araticum-uassú levanta o pelto,

berre como cabrito,

e bate nas minhas costas.

Já escolheu, e some,

entre os tuéus espinheiros,

atrás do rastro que vai dar na mata...

As tocandiras já descarnam a tracejá.

Minha saboneteira está quasi pronta...



Os carajás de baixo estão brigados
com os carajás de cima.
Porque roubaram um gramofone velho
do Capitão Bacuriquirepa,
e tem tambem a história de um menino índio
morto no mandiocal.
Vai ter barulho feio !...

Estão tres chefões reunidos
na maloca do Capitão Codunê :
Cobra-Grande, Arco-Verde e Ariranha,
bebendo pinga e fumando cotí.

a fogueira está acesa,
e, lá em cima, ainda ha muitas fogueiras.
E a maior delas é a estrêla
fogo-grande-da-lua,
laçí-tatá-uassí...

Araticum-uassú veiu mo trazer
uma pele de lontra e um camaleão moqueado.
Mas não quer cobertores, nem facas, nem fumo,
só quer muita pólvora e uma arma de fogo.
Vai ter barulho feio !...

Alguém vai cantando, lá longe, lá longe,
uma voz dentro d'água, sem boca, sem garganta,

Tem uma luzinha passeando e pulando,
na praia comprida,
um fogo que o vento não espalha nem apaga,
um fogo do fundo, que deve ser frio.
E estão ruggando, na macega clara,
uma gargalhada fina.
São as tres mões do índio órfão :
a Mãe do Ouro, a Mãe d'Água, a Mãe da Lua...

Os índios velhos estão combinando
saques e ataques aos carajás de cima.
Haverá briga para todos...
E os tres abanaram a uma vez as cabeças,
depois de esvaziados já tres garrafões.
Os bacurús vão perto do fogo.
Araticum-uassú está quieta, esperando
a hora de brigar.

Pela praia enluarada, um homem vem vindo,
trazendo, de paz, alguns garrafões.
É o Capitão Uachiatô, dos de cima.
E todos lhe falam, e fazem, e bobam.
Não vai ter mais briga ...

De manhã cedo,
os chefões estão dormindo, emborcados,
e deve estar bem longe Araticum-uassú.
Mas, no trilho da Missão, tem um homem morto,
grande e feioso como uma capivara.
É o Capitão Uachiatô,

com a cabeça quebrada a porrete,
e a cara medonha sujando de sangue
os espinhos das moitas de João bravo.
Ronda ali perto, nos galhos do pau-d'óleo,
meia dúzia de exploradores de vanguarda
da gente dos urubús...

-:-

No tronco do jequitibá,
que estavas abraçando,
colando-lhe o corpo, do rostinho aos pés,
vejo os aîranhões fundos,
onde o cangussú, quasi de pé,
afia as garras,
e, mais embaixo, a cosca esraçalhada,
onde os caátotús vêm acerar os dentes...



-:-

Quando Cereizuracô se escondeu atrás da porcheira,
 e Araticum-nassú caiu morto de letelão,
 empalitado de flechas como um ouriço afogado,
 o rio o levou para um remanso bonito,
 forrado com todos os lírios d'água :
 nelumbos azues, nenúfares rubros e lântêas alvas.
 Um lençol de garças se abriu por sobre o poço,
 um martin-pescador verificou a morte, com bicudas,
 e os marrecos, de barrate cor de folha,
 colête perdo e colarinho branco,
 grassaram longos réquiens pelo ar.
 Lontras choramingaram.
 Os jaburús ^{deprimidos,} ~~deprimidos~~ impassíveis,
 com as pernas cruzadas em ódio algarismo.
 E, até a hora de chegarem as siranhas,
 houve um extenso luto de asas nas árvores da margem .
 O rio parou todo marulho no remanso,
 mas não deixou, um só minuto de correr.
 Porque tem pressa
 em descer para a foz, no Grande Rio,
 onde borbulha,
 nos dias equatoriais, nas noites amazônicas,
 abraçado ao Tocantins, rolando juntos
 para o suicídio no mar...

Chove e faz frio.

Posso vir ao passado,
porque a chuva cái, como um estribilho
de dedos brancos num teclado moço,
disciplinada, como uma velha trova,
e o meu passado é frio...

(Chuva fina,
chuva fria,
desfilando sem cessar...
Ontem foi dia de festa,
e a chavinha veio, lesta,
todas as flôres regar.
Hoje é manhã de finados,
os túmulos já estão lavados,
e a chuva não quer parar...)

Vara o ar um feixe
de flechas oblíquas,
ferindo nas poças mil mariposas,
que rufam, doidinhas, as asinhas de água.
Nas lagôas do asfalto, há círculos convergentes,
entretangentes, a abrir e a fechar.
É da beira de um telhado,
lá, comprido e constante, um jorro claro,
que espirra na calçada,
onde uma aranha de vidro espremeia,
endurada
e um fio de sol molhado.

(Chuva bela,
chuva leve,
que te debulhas no ar...
Si és tão triste nas goteiras,
porque tuas mãos, zombeteiras,
vêm na vidraça tocar ?!...
- "Mas, tanto e cada goteira,
si há sempre um poeta a escutar ?!..

As mãos da água,
frias mãos de fada,
escorrem d'ondos longos,
alisando as árvores e as casas.
Cada folha verga, sob as grandes gotas,
cada casa esfria, sob as telhas húmidas.

(Chuva santa,
chuva clara,
como a toalha do um altar...
Porque tanta coisa impura,
tanto pecado e amargura,
dequê não podes lavar ?!...
- "quanto mais desço, a enxurrada,
mais suja não vês rolar ?!..."

Nas portas, nas janelas,
sob os toldos,
há gente parada, como insectos presos.
E quando passar a chuva,
toda a cidade destapada e clara,
irão pensar que não mais os isolam
outras húmidas campânulas de cristal...

(Chuva boa,
chuva melhora,
que assim me vens consolar...
Se no céu estão chorando,
porque preciso chorar ?!....)



PAVOR

-:-

Em torno a mim

círculos concêntricos se fecham,

como as órbitas lentas de um corvo...

Tudo é torvo e pesado,

falta de ar e de amor...

Para mim já se apagou a última cor.

E a minha alma se enfurna

em poços velhos de mulheiras,

de onde foi tirado o carvão todo.

Como um cego

que dormiu na treva, amedrontado,

para sonhar que mais uma vez cegou...

PRIMAVERA NA SERRA

-:-

Claridade quente da manhã soldosa.
O sol deve ter posto lente nova,
e areiou todas as manchas,
para espediar luz.

Doze esquadrilhas de periquitos verdes
receberam, a um tempo, a ordem de partida,
cedendo
a uma formação de araras e de fogo,
o piquizeiro morto.
E a árvore, esgallhada e seca, se faz verde,
vermelha e castanha, entre os mochoqueiros,
braúnas, jatobás e imbaúbas do morro,
na paisagem que um pintor daltônico
pincelou no dorso de um cavaleão.

E o lenho da serra é tão bonito e claro,
que ~~é~~ uma coruja cinza,
tonta e míope na luz,
com grandes óculos redondos,
fica trepada num cupim, o dia inteiro,
imóvel e encolhida, admirando as cores,
cansada, talvez, de tanta erudição....

Vai chover chuva de vento. . .

Já estou sentindo um cheiro d'água,
que vem do céu cinzento.

As formigas lavadeiras cruzam o quintal
em filas compridas de correição.

Os Minhocas brotam à flor de terra.

Em agüão !...

A chuva vai vir de banda de serra,
porque o João-de-Barro abriu / seu porto
virado para o sul.

As sementinhas do meloso são
devem estar dançando na poeira.

Eu não ouvi o primeiro trovão,
mas o zebê está esbaltando,
com a cabeça encostada no chão.

Tres voadoras passaram no alto,
em vôo lento,
em recta longa.

Vão para os lapas dos fogedões.

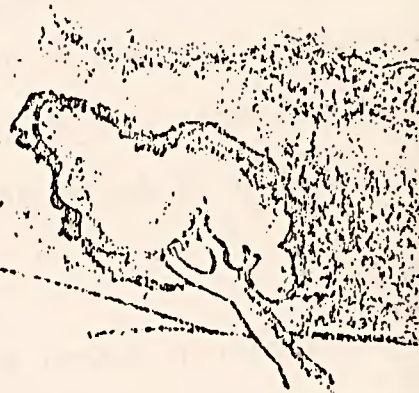
"Vai fazer uma casa, Urubú !...

Tempe de chuva aí vem, Urubú !..."

Já deve estar chovendo nas cabeceiras da serra,
porque o ribeirão engrossa, cor de terra.

Vai chover chuva de vento. . .

Os bois vêm correndo, pasto abaixo,
procurando as árvores do capão.



O vento já chegou nas casuarinas,
e o sapo saiu de debaixo da lagoa
para um buraco no meio do mato
onde vai se esconder um dia.
Ah agüão !...

Olá, José, arreia meu Cabália,
liso do casco á testa,
preto do rabo á crina,
que eu vou sair pelo cerrado a fora,
a galopar com a chuva me correndo atrás...
Ela já vem, branquinha, cheirando a água nova,
e a serra está clarinha, neblinando...
A chuva vem rolando, vem caindo,
e o vento assovando,
galopa, Cabália, que a água vem vindo,
e as sementinhas do meloso seco estão dançando...

INTEGRAÇÃO

-:-

Deitado no chão, fôfo de tantas chuvas,
onde o meu corpo calca os seus contornos,
acompanho as pontas dos cipós que oscilam,
o respirar das folhas,
o saltitar de cócegas nas patas dos gafanhotos,
e o crescer rampante das trepadeiras bravas,
avanzando em meus braços.

Oh! a canção viva
do liso verde-azul dos sambaços nos galhos,
e o pio dos gaturamos maduros,
fino e gostoso como um caldo de fruta !...

O céu,
limpo, azul e côncavo, na altura,
é um recanto de corpo feminino,
pronto a se contrair, ao primeiro contacto,
num único espasmo de voluptuosidade sóbria...
Inútil erguer-me: mais alta é a gameleira...
Mas meus dedos afundam no solo amolecido,
como garras de raízes nuas...
Desce-me ao fundo do peito a terra inteira,
no cheiro molhado da poeira,
e os meus olhos sobem, tacteando os verdus...

"O IMPERADOR" (inédito)

Não se sabe, ao certo, quando "O Imperador" foi escrito. Segundo D. Maria Augusta de Camargos Rocha, Guimarães Rosa teria iniciado o esboço de novela (ou conto), na mesma época em que preparava o livro Estas Estórias, publicado postumamente. "É muito posterior ao Magma, também inédito, e deveria evoluir para um livro grande" — disse-nos ela.

Outra informação, também fornecida por ela, foi a de que, para escrever sobre a Festa do Divino — tema central de "O Imperador" —, Guimarães Rosa teria recorrido a um embaixador maranhense aposentado, amigo dele. Queria saber mais sobre como se procedia à escolha do menino que seria o Imperador da Fesra.

Por tratar-se de texto inédito, no Brasil — mais adiante falaremos sobre a publicação na Argentina —, achamos conveniente descrever o material que temos em mãos, que foi dividido por nós em três partes.

A primeira delas consta de 13 páginas (e não 12, a de nº 3 está repetida), esboço discursivo e manuscrito da novela. Na página de nº 9, encontra-se o desenho inédito de Guimarães Rosa (Ver fac-símile p. 252-253, em Considerações Finais). Mais adiante, reproduzimos a p.l.

A segunda parte traz onze páginas, sendo que, na que lhe serve de capa, encontra-se a assinatura: Guimarães Rosa. A seguir, vem uma página com uma frase, de autoria do próprio Guimarães (precedida da seguinte abreviação: "m% = meu cem por cento") e citações em espanhol, não identificadas. Nas páginas seguintes, numeradas por dia (do 1º ao 9º), observações em português, dados sobre a Festa do Divino, citações em francês, não identificadas. O 8º dia está em branco. A folha 9 foi reproduzida por nós.

Na terceira parte (terceiro bloco de folhas), uma folha com o subtítulo "(sínteses)" precede um total de 10 páginas, que trazem, pela ordem, os seguintes títulos: ATITUDES -+; FISIONOMIA; CANSAÇO E SONO; OS DIAS; O POVO; 6ª e 7ª folhas, sem título; ODETTE; MÔÇAS; FIM. Faz-se seguir de um quadro (avulso) com anotações sobre cada um dos dias da novena.

Infelizmente, além de termos conseguido esse material há pouco tempo, as cópias trazem palavras ilegíveis, de forma que, no momento, é só o que temos a dizer.



mt)-há pausa olhada de quem

mt)-Frente olha,...

mt)-... , pelo depois,

ato - continuo = sem interrupção, logo após aquilo de que se acaba de falar

mt)-... , próprio e pronto.

o assunto - (mt, o : o parte, com a matéria: o assunto) o assunto

mt)-olha que o perseguido.

à sua frente - pelo que diz respeito a (à minha frente : quando o eu)

inabarcável - (mt, - o bôlo)

espilagoso

... , quando menos (mt) = no menos, pelo menos

mt)-no feliz (infeliz) fútil

mt)-N. logo, dada toda, exagera-se o perfil,

mt)-o que os seus olhos exprimem

mt)-respiro notável

mt)-um resplendor de luz

mt)-Aquele dia era mais-fácil.

mt)-as expressões simbólicas

mt)-o extenuado (estado da igreja)

Regras seguidas em seguida (no meio da região superior da frente),
indicando de sangue e outras partes físicas, ou outras,
gerando expressão certa). =

mt)-Ela está passando um tempo...

mt)-aquela última lividez

mt)-afirmação os olhos

Que tenham pensado dele?

extenuado

submissivamente

mt)-o obstáculo imortal

mt)-incertamente o olhar (olhar)

mt)-... , sem pausa.

mt)-um sorriso tímido,

mt)-em circunstâncias de silêncio.

Ao cabo de uma viagem, (FIM)

Então ali, decantando. (no penegal).

Adoramos eternamente. (FIM FINAL)

obviamente

mt)-finais : julia/pedro (falta de um nome e um)

"EL EMPERADOR"

Com relação a "El Emperador", trata-se da publicação do conto de Guimarães Rosa, em revista da Argentina (Mundo Nuevo - 41. Buenos Aires, noviembre 1969, p.42 a 51), precedida de uma introdução de Afrânio Coutinho e de observações da tradutora do texto, Haydée M. Jofre Barroso.

Dele destacamos a seguinte explicação, dada por aquela que será a "madrinha" do Imperador:

— El Diving es Dios mandado por Dios... Viene como si fuera el viento más fuerte, y más quieto, en las hojas de los árboles de la gente... Como si fuera un pájaro que siempre vuela y siempre se posa, canta dentro del alma de la gente... (p.50)

A seguir, na íntegra, o referido conto.

João Guimarães Rosa

El relato «El Emperador», que su autor dejara inédito, se refiere a una fiesta popular de origen portugués, y muy difundida tanto en Portugal como en el Brasil. Fue creada por la reina D. Isabel, esposa del rey D. Diniz, en el siglo XIII, y llegó al Brasil en el siglo XVI, alcanzando gran divulgación y popularidad hasta hace muy poco tiempo, sobre todo en las áreas del interior, en las pequeñas ciudades y pueblos. Consistía en una fiesta, con misa cantada, procesión remate de prendas, exhibiciones de autos y «cavalhadas» (1). Se armaba una especie de palco al aire libre, en medio de la plaza principal. Escogíase un «emperador», el Emperador del Divino (Espíritu Santo), y que tanto podía ser un hombre como un niño, a fin de presidir la fiesta. Permanecía en el palco, rodeado de la corte. Tenía derechos de emperador, escogía una corte y, en la solemnidad del día de la fiesta, daba audiencia con las prerrogativas de un soberano, concediendo gracias y liberando prisioneros. La fiesta era un acontecimiento en la localidad, y la elección del Emperador constituía un honor muy especial.

Este es el tema del cuento aquí presentado. Guimarães Rosa (1909-1967) era muy afecto a la temática popular, que acostumbraba a trasladar a su arte, aprovechándola para obtener efectos ora dramáticos, ora míticos. En los últimos trabajos, especialmente, esa tendencia mítica se afirmaba aún con mayor fuerza. Por otra parte, la infancia, la psicología infantil, eran otras tantas preocupaciones permanentes del escritor.

El autor hace un análisis de la actitud infantil, por una parte las reacciones del niño elegido para ser el Emperador del Divino, la graduación creciente de sus íntimos sentimientos cuando, tomado de sorpresa, a poco sientese invadir por la idea; por otro lado, las reacciones de los primos que representan, en el caso, a la muchachada que siente envidia por esa elección. Era un aislado; la soledad infantil es uno de sus temas predilectos. La rivalidad con los primos se expresa en las bromas que estos le dirigen. Ellos no le gustan, no quiere que se le acerquen, y ese momento es su oportunidad para poder demostrarse superior. El

habrá de ser el Emperador. Puede, por lo tanto, mostrarse hasta generoso, regalándoles sus bolitas de vidrio. Después, la espera del gran día de fiesta, la ansiedad, las dudas, el comportamiento del padre y de la madre, de todos.

Con el tema, también el estilo, el lenguaje que Guimarães Rosa —creador de una forma propia que es el resultado de una larga investigación y de experiencias y siempre adecuada al tema— jamás deja de usar a su manera tan especial, reúnen el profundo conocimiento del idioma clásico con el constante aprovechamiento de la creación popular. Idioma difícil, el roseano. Personal, personalísimo, terror de los traductores, pero también uno de los que más han seducido, obrando como si fuera un desafío a los traductores de varias nacionalidades.

Al presentar a los lectores de *Mundo Nuevo* este cuento inédito, no tenemos certeza en cuanto a si estaba terminado; Guimarães Rosa era un torturado, que hacía y rehacía sus trabajos, cortaba o ampliaba, corregía o modificaba el estilo. Hacía un esquema del relato, en sus más mínimos detalles, y trabajaba en la redacción de acuerdo a ese plan. La de este relato quizá hubiese debido someterse a otros retoques; y, en lo que respecta a su final, tampoco hay certeza, aunque tal como aquí aparece la historia, ella posee unidad y puede ser tomada como un todo completamente terminado.

AFRANIO COUTINHO

Bibliografía de João Guimarães Rosa

Sagarana, 1946 (cuentos).
Corpo de baile, 1956 (ciclo novelesco).
Manuelzão e Miguitim, 1964 (novelas).
No Urubuquã, no Pinhem, 1964 (novelas).
Noites no Sertão, 1964 (novelas).
Grande Sertão: Veredas, 1956 (novela).
Primeiras histórias, 1964 (cuentos).
Tutaméia, 1962 (cuentos).

Están por publicarse nuevos libros, conteniendo material inédito.

(1) Diversión popular; especie de justa o torneo.

JOAO GUIMARAES ROSA

El Emperador

Consideramos que nos corresponde hacer algunas observaciones acerca de esta traducción. Pocos autores en lengua portuguesa tan difíciles, tan herméticos y contradictorios; baste señalar que, en la opinión de un distinguido escritor de su lengua y ampliamente versado en la nuestra, «la mejor traducción de Guimarães Rosa deberá ser, necesariamente, la que parezca una mala redacción en español». Y esto se explica así: Guimarães Rosa creó, prácticamente, un idioma (su idioma; el «idioma roseano», según Afranio Coutinho), formándolo con bellas formas del antiguo portugués, expresiones arcaicas, giros regionales y caracteres propios. A todos ellos, sumó sus «felicis y endiabladas invenciones»: expresiones y formas particulares, que no responden a ninguna regla ni se integran a ninguna ley gramatical ni estilística.

El traductor que asume la difícil y hermosa tarea de volcar a nuestro idioma la expresión formal de Guimarães Rosa, deberá elegir entre estos dos caminos: sería enteramente fiel conservando su idioma, guardándolo en su mayor pureza si bien respetando el compromiso de claridad y de ritmo de nuestra lengua; o bien hacerlo fácilmente comprensible al lector, volcándolo a formas de tradicional claridad. En el primer caso, se complicará al lector el fenómeno de comprensión del texto, pero se le ofrecerá el mismo en toda su auténtica, desconcertante y muy novedosa belleza; en el segundo caso, se facilitará la tarea de la lectura, pero ella aparecerá despojada de las audacias formales y los hallazgos del idioma roseano.

En esta ocasión, optamos por el primer camino; tratando de ofrecer al público hispanoamericano un texto que, sin perder claridad ni complicar su comprensión, mantenga vivas las características idiomáticas de Guimarães Rosa: sus ásperas y bellas imágenes, su barroquismo, sus retorcidas y míticas expresiones. Porque en toda su obra G. R. no se conforma con «hacer hablar a sus personajes» de acuerdo a su edad, medio y «status» socio-cultural, sino que también él, escritor, piensa en función y situación de sus criaturas.

No olvidar estas consideraciones hará más lógica aceptación de nuestro criterio.

HAJOEE M. JOFRE BARROSO

Fue una vez un niño, él estaba en la huerta de su casa, que era sombreada de espacios y de árboles, y sin fondo, esto es, que tenía una plantación de durazneros, más allá de los limoneros y de las «mangas» a la orilla de la acequia corriente y serpenteante. El todavía se encontraba a su entera cuenta distraído del movimiento de todas las cosas, solo de sí, debajo de un duraznero aún falto de flores o de frutos, como no fueran los de mentira. De repente, lo llamaron a grandes gritos. Fue el día 31 de mayo de 1906.

Era de mañana, los primos debían llegar para jugar juntos, y el niño, que a veces, confusamente intentaba alinear con la manera más sabia de aguardarles la llegada, hasta entonces de ninguna manera había conseguido acertar con ella. Por ejemplo, había en el mango mayor una hamaca, en la que le valdría permanecer ya sentado en esa ocasión, columpiándose en lo alto, y como si estuviera tranquilo; o cabalgar a horcajadas de otro mango, a medio, donde habían colgado una sonora campanita, con su cuerda para tirar; o, más simplemente, se quedaría de espaldas, entretenido con las bolitas de vidrio o el trompo, desinteresado de toda compañía. De cualquier manera, sin embargo, ellos a cada entrada hacían como que no veían la precedencia, en seguida imponían con gran algazara algún juego diferente, llenaban la huerta, mudaban el aire de todo. Ellos eran así, bruscos los tres, sus primos hermanos. Y ahora seguramente por eso el niño probaba retraerse hasta el punto extremo del terreno, adonde tendrían que andar bastante camino a fin de encontrarlo. Mientras tanto, allí podría recoger agua de la acequia para llenar poco a poco los redondos agujeros del suelo, ojos de casa de los abejorros, a fin de forzarlos a surgir de las entrañas de la tierra, oscuros y ya desdoblados y zumbantes; o perseguir de entre las hojas secas a tantas blandas lagartijas; o tapar minúsculos corales, construcciones de ramas, círculos de buscadas piedras puntudas; o imaginar otras artes, fáciles en el atenderle las más urgentes necesidades de la condición: la de incesantemente descubrir nuevos hechos objetos y sin esfuerzo esquivarse al peso de la presencia de las personas. Pero para todo,

y aún más cuando solitario, sin compañero, él casi siempre sentíase sin gracia, tomaba aumentada noción del propio cuerpo, de las actitudes, de los actos, recelaba ensuciarse; ah, detestaba tener que ensuciar la ropa. No que por ello temiese represiones y castigos, sino porque en sí y por sí aquello le repugnaba. La preocupación de lo inevitable lo sobresallaba desde hacía algún tiempo: la de que apenas se vestía una ropa, aunque nueva, o la más bonita lavada y planchada con esmero y ya, desde el primer momento, ella comenzaba despacito a ensuciarse, ya el polvo se depositaba en ella, a hilachas, sudor, el aire, o lo que fuese, y enseguida estarían reveladas una, otra, muchas manchas, sin que uno supiera cómo —la realidad le parecía lo contrario del Cielo—. «¿Los ángeles tienen ropa?» «¿Ellos no se ensucian la ropa?»... Y la pregunta, no respondida, precisaba ser repetida por él. Sólo que no tenía persistencia de recuerdo, ni el poder de guardar más allá de algunos instantes sus tentativas de especulación: no pasaba de ser un niño ya entrado en los siete años, la percepción a extraordinarios giros, sucesivamente entregado a cualquier cosa maravillosa —el ser verde de los pastos y la hierba, lo intacto en pie de los troncos, el dosaje de los sonos de la acequia, el intercambio de las sombras, los saltitos rítmicos del pájaro, el revuelto pensil del pájaro, el pestañear del canto del pájaro, el lento y espiralado descenso en el aire del plumón del pájaro, el ignoto nido del pájaro, el agudo aparecer de una avispa, la posible picadura de la avispa en la mejilla de uno de los primos, la probable irrupción, dentro de algunos momentos, de esos mismos primos...— él solamente presente allí, en actualidad levisima, bajo su árbol. Y también ya quedaba desanimado, hastiado de todo y ningún juguete, los primos no venían nunca, no conseguía más ponerse en espera, sólo no estar por estar ya era pues la hora de que lo rodease alguna modificación mayor, de que se diese un acontecer. Por eso fue que las voces de llamada de la madre o de las mujeres, allá cerca de la casa, le sonaron a punto: puesto que escuchadas así de súbito, no le cortaban la atención de ninguna cosa notable. Por lo que, de esta manera, aquellos gritos eran un hecho histórico.

También parecían no denotar una llamada común —la que uno podía tardar en obedecer, bastando

con acudir apenas con la respuesta y seguir jugando donde se estuviera, pasando tan sólo a otro estado, en efecto de alerta, por tratarse apenas de como un primer aviso, a ser reiterado en ocasiones hasta afirmarse al final, perentorio—: el niño, parándose aún más, por un segundo, presentía eso, calculaba con todo el cuerpo, a la manera de los bichos. De pronto lo corrió a las orejas un golpe extra de sangre, el abrirse de las narices le dolía la respiración, el mentón se erguía, el corazón apresuraba el dar. Lo sentía ahora por entendimiento recto e inmediato. Aquella era no-natural, otra cualidad de convocatoria, expresa. Los gritos no iban a consentirle la suspensión, no se callarían un tiempo. Las mujeres vendrían a buscarlo.

Entonces le parecía mejor anticiparse, encaminándose hacia ellas, esto es, no había reflexionado en la acción, únicamente que ya se estaba alejando del lugar, avanzando las piernas, demasiado cortas, desiguales, quizá torcidas. A pesar de bien querer venir, se demoraba, y no a propósito, ejecutaba una contradicción en los pasos. Aunque el llamado hubiese coincidido con su ambicionada ocasión, cuando enfadado por descubrirse solo él pedía un acontecimiento, ahora algo adentro de él protestaba contra las personas que lo llamaban, acaso presintiendo que en realidad los sucesos de la vida corriendo deberían sucederse de otra manera, aún más exacta, en todas formas agradable, ya iniciadora de ventajas y de aseguradas consistencias. El no sabía nada de eso, ni tampoco que estaba como sordo precisando oponerse de medio modo a la madre, a las mujeres, a la voluntad de ellas, a fin de poder creerse propiamente más él, más en su rumbo. Caminaba un tanto curvado; por otra parte el siempre era así, la cabeza encogida entre los hombros y un tanto agobiado.

De lo no pensado, de lo sin plan, adelantándose hasta enfrentarse con ellas, se había lanzado, sin embargo, conducido a la realización de un resultado de astucia, dándose el encuentro justo en el sitio que a esa hora por cierto mejor se le aqueñaba a la naturaleza, y convertido en su área de oportunidad: en medio del mangle, al pie del mango donde había colgado la campana con el badajo y la cuerda, a las plácidas márgenes de la acequia, que era un pequeño arroyo serpenteante.

Al detenerse, al verlas, encaraba a la madre y

no a las mujeres, en lo que bien podía ser que expresase el rigor del deseo de que ellas no estuviesen allí, la necesidad de excluirlas del vivo pequeño mundo que ahora era el suyo. Al mismo tiempo había interrogado rápidamente a la madre, con la mirada, conociendo desde las apariencias que ella quería darle algo.

Pero no se precipitó hacia ella. Asumió el aire medio disimulado, involuntario, tanto que un subir de pudor trababa su espontánea sonrisa, el todo de abierto desajuste parecido a la confusión del rostro con que se mostraba cuando, luego de la caída que lo ensuciara en forma, se apresuraba a comparecer ante los más viejos, que entonces tendrían que cuidar de él, bañarlo y arreglarlo hasta dejarlo limpio. Por otra parte las mujeres —la madrina, las tías, la abuela— al mismo tiempo le hablaban alto y en forma medio encubierta, y lo que de esa manera decían, él no conseguía captarlo, ni hacía cuestión de entenderlo, solamente se fijaba en la madre: sea que, de hecho, mirase al suelo, aunque a la más mínima palabra o gesto de ella estaría turbadamente atento. Y la madre demoró en proclamar aquello, tal como si procurase en el alma el debido decir, o estuviese simplemente repleta de mayor emoción.

—¡Hijo mío! vas a ser el «Emperador»...

El niño se arrojó a un desenredo y espanto, el corazón casi saliéndosele. Faltó poco para que no resistiera al comienzo del llanto. Finalmente pudo:

—Yo... ¿Ya tengo que irme?... ¿Voy a morir?...

Ya lo tranquilizaban entre todas, confundidas por aquella reacción, y entraban a explicarle, también la madre. Lo que él iba a ser era Emperador, pero «Emperador» del Divino, en la fiesta que celebrábase allí, en el pueblo. Lindo, lindo, que para eso había sido escogido, en forma que a todos gustaba, consistiendo el cargo de Alteza en bendiciones, honores y gracias. La fiesta se fijaba para muy en breve, esto es, en ese año se realizaría en el mes de julio y, de larga ejecución, el ceremonial duraba nuevo días, con gran barullo y pompa, las serias, grandiosas solemnidades, de las que él sería el centro; porque representaba al rey imperial. Así se resumía, la conversación de ellas, el enunciado.

Pero la madre se había inclinado para acariciar al niño, y las otras redoblaron sus bromas amigas, chistes con los que, quién sabe, tuviesen por

donde atenuar en sí mismas la inconfesable aunque natural antipatía siempre animalmente provocada por los mismos que se establecen entre madre y cría. Pero también, como si por primera vez tomase vergonzosa conciencia de eso, él mismo, el niño ya se volvía hacia las otras mujeres, y como si se acordase, súbitamente, de que hacía falta la declarada confirmación, justamente de las personas más alejadas, para ese asunto que desbordaba lo doméstico y se ampliaba hasta la general competencia. En tanto que, por entre exclamaciones de ¡«Emperador! ¡Emperador!», ellas lo urgían con preguntas, exigiéndole que se manifestara. ¿Es que no se entusiasma, llenándose de satisfacción con la importante noticia?

Por lo que el niño paró un momento, abrió desorbitados los ojos, mal tragado el momento, la gente lo veía bajo la conmoción de lo que lentamente escuchara, angustiado con la belleza salvaje y astuta de los absurdos. Su pensamiento aún estaba en la fase jeroglífica. Por otra parte, también, eso era una cosa insospechable. Las mujeres así de improviso venían a tirarle los huevos de oro. Hasta que, repentinamente, él mismo habló, para nadie, sólo afirmativo, la voz oprimida: —Yo voy a ser el «Emperador»... De forma que, entonces, tuvo cuidado de poner aquello en la idea, y fue como el restallar de la tapa de una caja de un sulto. Ser «Emperador» era el milagro abierto en medio de todo, como si de inmensas leyendas y ardores se formara ese premio que superaba el volumen de todos los sueños todavía dormidos y aún de no posibles deseos, una grandeza de gracia y de susto, más vistosa que la de la libertad. Él, todo se animó, su aspecto defendido se resolvió en una especie entre suspiro y sollozo, muriendo en un flojo «ahaaa» de risa. Ahora, él se transformaba en un perfecto pequeño niño, sosteniéndose desnudo en la alegría.

Y fue en ese punto que tuvo una actitud totalmente disparatada: sin razón se puso a saltar y gritar, después salió corriendo, llevado por esa exaltación, fue más allá, dio vuelta al mango con la campanita y su cuerda; si no se lanzó a trepar al árbol, es porque ciertamente miró hacia lo alto, en un relámpago, conforme sintiera que ya bien podría ser la hora de que la campanita fuera tocada; y por fin retomó, estaba con la cara muy roja, por haberse comportado con imprudencia en esa

carrera natural y traviesa (sin educación), a ejemplo de lo que en salud a menudo hacen los perros. Pero, las mujeres, que primero casi habían armado contra él semblantes de censura, pasaron a emitir las acostumbradas protestas en cuanto a la seriedad de la madre, que venía de reprenderlo. Hasta le había dado un pellizcón y, moderándose de tan imprevista aspereza, consideraba útil advertirle ahora que la fiesta era una representación santa, incompatible con despropósitos de ese tipo por parte de quien iba a revestirse de la dignidad de «Emperador», para lo que antes necesitaba tomar juicio y portarse bien. Si, ella se extendía en plácidas exhortaciones, a fin de —aun sin el concurso discursivo de la razón— tener tiempo de ocultarse a sí misma que el verdadero y profundo motivo de tal severidad no pasara de ser un medio de conjurar la tristeza estimulada en su intimidad por la visión del hijo, pobrecito tan poco dotado, de formas poco airoosas, que se notaban todavía más cuando él pretendía ejercitarse en excesos como los otros niños de su edad, viéndosele más defectuoso y enfermizo. Ah, por espacio de una nada ella se había consternado: tanto diferente qué podría haber sido todo, juguetón y destinado a ser «Emperador», sí, pero un chico lindo, bien proporcionado, elegante, él, su adorado hijito... Y el niño de tan excitado que se había puesto, pareció ni darse cuenta del pellizcón y la reprensión; solamente más adelante iría a recibirlos en vivo, recordaba la impresión de ese encojo materno, pareciéndole que había sido una injusticia. ¿Acaso cuando uno se enteraba de que iba a ser «Emperador» no era justo el expandirse en júbilo y estrépito, saltar, correr y cantar? Y si no ¿de qué serviría la gloria de ser «Emperador» y saber, así, que se iba a serlo? Pero, conforme lo dicho, el ejercicio lo había enojado y aún lo levantaba en alborozos el arroyo de la augusta revelación, en la linda y tígida obstinación con que un perfume se distiende en el aire para deshacerse.

Porque, en eso, justo, llegaron los primos, llegaron sin hacerle caso. Habían asistido a la roprimenda por lo que, por el sí y por el ser, no podían menos que, simplemente, burlarse. En ese momento, sin embargo, las tías, en el intento de reordenar el equilibrio, los reprobaron a su turno; y, aún, por cuanto no se contenían de ir a propalar de prisa la gran novedad, les anunciaron que

el niño, primo de ellos, iba a ser el «Emperador». En un mismo momento ellos entendieron y no entendieron, atontados de increíble curiosidad. Lo que fue un intervalo. Tan fuertemente se pintó después en los rostros de los tres la mala sorpresa, que parpadeaban mucho los ojos, y las bocas se les amargaron en el trazo, prolongadamente abiertas. Hasta que uno, el primo mayor, recobrándose, pronto estalló en una burla: —¡Emperador de mierda!... Lo que los otros repitieron, más agudamente. Después de lo cual todos se precipitaron a un tiempo, hacían y querían enseguida por jugar, de cualquier manera, de cualquier invención. —Anda también, hijo...», lo animó la madre, que no había reperado en su sonrisa sin ganas, y que a poco se retiraba con las otras mujeres hacia el interior de la casa, dejando al niño y a los primos en la huerta, como todos los días, en una crisis no concluida. Ellas tenían que ocuparse y comenzar los muchísimos preparativos, entusiasmas, sobre el futuro desarrollo de la fiesta.

Y el niño bien que se acercó a los otros, todo en él podía por inspiraciones de paz, por el tema, por causa de una tranquilidad. No es que se preocupara por el momento de aprender más pormenores sobre la fiesta, de cómo serían las formas de la fiesta. Suficiente le era hablar en el aire, y prestar oídos a lo que le dijeran y repitieran —que él iba a ser el «Emperador», eso mismo sí, sin duda alguna, alrededor y a lo ancho irrevocable y decretadamente. Sí, como si ya lo fuese. Ser el «Emperador» — eso abarcaba el sentido todo del mundo. Pero los primos no querían conversar de aquello.

Realmente parecía como si en algo ellos hubiesen cambiado, se alejaban con monerías e impertinencias, admitiéndolo de mala gana en el juego, haciendo como que lo toleraban solamente como a comparsa mudo y secundario, bastante ignorado. No le sacaban empuje el ojo de encima, ávidos de apropiarse del aura de prestigio y encubrimiento que ya iba cobrando forma en su persona, a despecho de todo. Así daban cuenta de que existía una grave alteración. Y el primo del medio, el gordiflón, más su amigo, dijo por todos: —Pero él va a ser el «Emperador»...» A lo que su primo mayor, el pelirrojo, protestó entonces: —¡Adónde! —y la duda peyorativa fue acompañada por una risa seca. Otra vez perturbado el ámbito, nueva-

mente se alejaron los tres. Comenzaron a treparse a los árboles.

El niño tenía ganas de salir de allí, dejarlos en la huerta y entrar en la casa, cerca de las personas grandes; hasta suponía, fuertemente, que allá dentro era adonde debiera estar ahora ¿sentíase inquieto por no saberlo con exactitud? De un modo como si él mismo se hallase mal empezado y no terminado, en el estado que adquiriera. O, también, porque si se fuera ahora de allí se avergonzaría, podría parecer como si abdicara de una regalla, y todo se prendía bastante a la presencia de los primos, al reconocimiento que ellos se obstinaban en no prestarle. Acabó sentándose en la hamaca, en el mango grande.

Ya instalado allí, los otros volvieron. Venían derecho hacia él, como si quisieran obligarlo a pelear.

El niño le dio más impulso a la hamaca. El primo pelirrojo, entredientes, lo provocó:

—También es una fiesta de negros...

El niño rio, a propósito. Sentábase apretadamente en la tabla de la hamaca, las piernas encogidas, las manos sujetando con firmeza la cuerda de cada lado, iba alto y lejos, y volvía. No, no era una fiesta de negros, era «la Fiesta», la de todo el mundo, la del Divino Espíritu Santo. Ellos bien que sabían eso, solamente estaban buscando la forma de fastidiarlo. Lo descubrió de repente; se puso alegre de reírse para sí, ahora muy pocas otras cosas le interesaban. Aprendiendo eso sintió un enorme placer, casi físico, y aquel placer era como si fluyera hacia él emanando de los primos, la animosidad odiosa de estos funcionaba a la manera de un tributo. Sí, era el «Emperador» allí?

Los tres primos no podrían detener la hamaca, si lo intentaban él se defendería a puntapiés. ¿Le arrojarían piedras?

El primo menor fue el que se quedó más lejos:

—¡Vós no sós de aquí; no vivís aquí! ¿Entonces, por qué no te quedaste en tu ciudad, siendo «Emperador» allí?

En verdad, el niño no residía permanentemente allí en el pueblo. Venía una sola vez al año a pasar una temporada, a causa de los aires saludables. Vivía en la capital, con los padres. La hermanita, bastante menor que él, había quedado en la ciudad,

en casa de los abuelos maternos. Esa vez (en esa época), irían a demorarse más tiempo. Del pueblo, sí, eran la abuela, las tías, la madrina. La hamaca era linda, daba una especie de pequeño vértigo ser «Emperador», los primos ya comenzaban a tener que creer que él lo fuese. Podían morderse las uñas.

El mayor se acercó, a lo mejor él intentaría tomar con fuerza una de las cuerdas, el niño encontró que hasta él mismo debía disminuir los impulsos, entrar en *ralenti*. El primo mayor se apostara todo airado, en falsa imponentia:

—Si vas a ser «Emperador», aquí, entonces primero vas a tener que darnos las bolitas...

Eran unas bolitas grandes, lisas, que brillaban, de muchos colores mezclados. El niño reflexionaba. Había hecho parar totalmente la hamaca. No se levantó de la tabla. En total eran ocho bolitas. El reflexionaba muy de prisa, en ese momento no tenía dificultad. Encaró al primo pelirrojo:

—¿Te gusta que yo sea «Emperador»?

—¡Pfff... No tengo nada que ver con eso...

—¡Entonces no te doy ninguna bolita!

El primo mayor se encogió de hombros. Pero el niño había pasado a mirar y sonreír al primo del medio, que le retribuía la sonrisa. El primo menor se acercó, él era menos capaz de disimular: —Déjame ver las bolitas...» Entonces el mayor también mejoró la cara, apresurándose:

—¿Quién dijo que no me gusta? No soy yo el que va a serlo. No quiero. No me gustan esas tonterías.

El niño había sacado del bolsillo algunas bolitas:

—¿Querés que el «Emperador» te regale algunas bolitas?

—¡Eso sí quiero!

—Entonces tomá estas dos.

El niño había hablado con desusada autoridad, se había demorado en las palabras, se había demorado en entregar las dos bolitas, sin escarmentar, en una digna liberalidad de gestos. Después se dirigió al primo del medio:

—Vós también, tomá estas otras dos...

El pequeño, a su vez, ya extendía la mano. Pero el niño primero lo contuvo:

—Vós vas a tener sólo una, porque sós muy chico... Otro día, tendrás una más.

De las ocho sólo quedaban tres, él era aún el

más alto poseedor. No obstante, ¿para qué iba a necesitar de allí en adelante las bolitas? Seguían los movimientos de los otros, remirándolas y guardando cuidadosamente sus nuevas posesiones. ¿Pero él, qué tenía que tener? Ahora tampoco tenía deseo alguno de jugar. Solamente quería tener cosas, y dadas, distribuidas con medida, y enteramente a su voluntad.

Pero el primo petirrojo, luego de metarse en el bolsillo las dos bolitas conseguidas, se mostró más dispuesto a la conversación:

—¿No tenés miedo de ser «Emperador»? Es difícil. No vás a aguantar, no sabés...

Por primera vez, mal, los primos habían dicho eso. ¿Si no supiera? ¿Si no pudiese? ¿Entonces, ser «Emperador» no era una cosa simple y fácil, como la gente que crece a cada momento, como un regalo de Navidad que se obtiene? ¿Cómo, entonces? Y su pensamiento se debatía, con poca alía, en ese espacio oscuro por el que vaga el indagar del miedo, entre lo posible y lo efectivo. A intervalos, durante días el niño debería volverlo a escuchar solo, y en el siguiente tiempo volverlo a pensar. Y ese estaba siendo el germen de su verdaderamente primera preocupación, nacida de la vida. Ser «Emperador» debía ser duro, difícil.

Y bien que podría ser así, tanto que el padre, horas después, le dijo:

—Yo soy el Fiestero. Tenés que proceder entero y correcto, por mi reputación. ¡Mucho cuidado!

Y de esa manera el niño aprendió en qué consistía ser el «Fiestero»: el patrocinante, el sustentador monetario de la Fiesta, por cuenta de quien corría la mayor parte de los gastos, gruesas sumas. El Fiestero tenía que ser una persona importante. El padre iba a gastar largo. Porque el padre tenía dinero, ¿por eso él iba a ser «Emperador»? Y el Emperador, apoyado por el dueño del dinero, no podía desmerecerlo, tendría que portarse en forma. Pero, eso no era todo. De la misma manera, la madre continuó:

—Hijo mío, yo hice una promesa. Espero de Dios una gracia. Vos, en estos días que van a ser de Fiesta, sós quien tendrá que merecerla y alcanzarla, para alegría de todos nosotros...— Hasta cierto punto esas declaraciones lo ufanaban. Nunca le habían hablado así, dándole la responsabilidad.

Estaban sentados a la mesa, era la hora en que

él debía tomar los remedios, la madre lo miró entristecida, poniéndole la mano en el hombro, corrigiéndole la postura; antes, ella le había murmurado algo al padre, el padre de entrecejo fruncido. Otras cosas habían dicho, y de esas él no encontraba todo el sentido, de aquellas palabras. Si, el niño compenetrábase de que tenía que tomar todos los remedios, para dejar de ser un niño débil, y esforzarse por enderezar el busto, en la mesa, sino iba a quedar jorobadito. En ese momento estaba pensando en la hermanita, allá en la ciudad; era una niña sana y bonita, ¿vendría ella para la Fiesta? Ah, mientras que él fuera «Emperador», habría que cumplir todo, bien, para satisfacer la esperanza de la madre y responder a la confianza adulta del padre. ¡Los primos, ya iban a ver esos! ¿Difícil? ¿Qué él no iba a aguantar? No. Iba a cumplir bien su parte.

Entonces ¿era solamente una obligación?

A veces, preguntaba sobre la belleza, la importancia de ser el «Emperador». Deseaba que lo repitiesen, mucho, siempre, que le volvieran a anunciar, de nuevo, de nuevo, la misma cosa —como en el primer día—, el inédito esplendor de aquella promesa enorme. Molestaba a los damas.

—¿Estás hecho un ambicioso, lleno de tontarías, sólo porque vas a ser el «Emperador»? ¡Es un pecado del infierno! —decía el primo petirrojo.

Ah, los primos siempre le daban una respuesta torcida, le tenían ojeriza. Muchas veces lo dejaban de lado, y propósito: —El «Emperador» no necesita jugar... O lo relegaban al puesto menos agradable o más oscuro (el menos deseable) de los juegos: —¿Andá, acaso vos no vas a ser el «Emperador», mientras nosotros nos quedaremos sin serlo?— Ojalá que ellos jugaran menos, y pensasen más en la fiesta. Los primos, sin embargo, tiraban para el vagabundeo.

No obstante, lo peor fue cuando el primo petirrojo dijo:

—No importa. Cada año uno de nosotros va a ser «Emperador». Este año te toca a vos, el que viene a mí; y así de ahí en adelante todos van a serlo...

No. Le dolió, y de más, eso. Le era intolerable que no supieran hacer distinciones. Y, con súbito sufrimiento, de repente tuvo el aprendizaje rápido de una cosa. La necesidad de rescatar su pensamiento constante, de disfrazar lo que soñaba. De-

cidió no empujar más el asunto. Los primos le enseñaban la sabiduría del secreto.

No era que dejase transparentar esa decisión. Estaba bien, solo. Y, no obstante, ahora era cuando más precisaba comprender muchas cosas, demasiadas, todas esas cosas: entender la mayor forma en que todo aquello quedaría comprendido, ser el «Emperador», y la Fiesta de la que iría a ser el «Emperador». Comprender para poder entonces sentir de verdad y en plena felicidad, el gozo y el gusto de todo; y no lo conseguía, su cabeza tenía que ser siempre así, tan pequeña? El todo, urgentemente necesario, para poder ser de verdad feliz, él no abarcaba.

El tiempo saltaba hacia adelante y hacia atrás, hasta el final de esos días que le iban a traer otros obstáculos.

Los padres y los parientes quisieron que viniese, dos veces por semana, el sobrino del cura, para enseñarle el catecismo. Eso le era muy necesario al que iba a ser el «Emperador» del Divino. El sobrino del cura era un muchacho largo y fastidioso. Exigía mucho de él, lo intimaba a memorizar doctrina y oraciones: —Vós deberías hacer la Comunión antes. Ya tenés suficiente edad...—, le imponía. Se esforzaba, se aplicaba, memorizaba. Pero era difícil. A pesar de eso, cuando tenía que aprender de memoria y rezar, era cuando le venía más inspiración de deseo para re-imaginar las bellezas ignoradas de ser el «Emperador» de la Fiesta, dejar suelto el pensamiento, extender el pensamiento, en un suave pasar de materias. Así es como aprendió el «Credo». Del cual solamente un trecho se destacaba en su mente, amplio y rutilante... «Creo en el Espíritu Santo»... en la Fiesta. Y ella ya debía andar cerca.

El resto, lo fatigaba. Se falseaban las cosas, las horas se falseaban. A veces todo parecía cansar.

Pero, entonces, era como si todos, a su alrededor, colaborasen para transformarlo: mantenían la continuidad del tema de la Fiesta en su atención, esperanza y memoria.

El quería extender la noticia. Quería la unanimidad. No solamente ellos, los primos legítimos. Esos, llegaban hasta el punto de humillarlo: —Vós meabas en la cama, allá en la ciudad...— Ya que hablaban así, entonces el niño pensaba en otros posibles compañeros, los demás niños del pueblo,

que mal avistaba, que no conocía ya que sus padres no le consentían jugar fuera de casa. Le gustaría poder conocer a esos otros, ellos habrían de ser diferentes de los primos, lo admirarían mucho, por cierto, nunca se habrían enterado de que, en la ciudad, hasta hacía bastante poco tiempo atrás, él se orinaba en la cama. El pueblo quedaba en medio de un campo inmenso, y tenía muchas casas.

Lo llamaban para probar las ropas. La madrina hacía las ropas, era una costurera muy buena. Pero todo el mundo se encontraba presente allí, la madre, las tías señoras de afuera. Hasta los primos, siempre burlones: —¡Ropa adornada! ¡Ropa de mujer!— Pero, al probarse la ropa, ellos querían ver, tocar, poner las manos. No debían. La mayoría de las ropas era suave, pantalones cortos, para usar con medias largas hasta la rodilla. La ropa menor solemne era la que él quería. Nueve trajes: según los usos, él debía renovarse en nuevo trajes. Uno, blanco, para el primer día, de una especie de tejido moiré. Otro, de terciopelo azul. Uno caki, amarillo, con una corbatilla roja. Cuello, no era blando. Ese le gustó. Otro beige, crema, de algodón aterciopelado. Uno de gabardina color gris perla. Uno de marinero, con gorra. Y la casaca verde, una especie de jubón, color de hoja nueva de mango, con calzones blancos. Y el de bayeta anaranjada. Y el de púrpura real, en un fino violeta oscuro.

Hermoseado así, vestido de domingo en las ropas, él estaría diferente de todos. Ah, esas ropas no llegarían a ensuciarse; y, si se ensuciaban, eso no tendría importancia, pues seran usadas cada una un solo día, y después regaladas a algún niño pobre, en loor y honra del Espíritu Santo, que quiere que todo sea siempre lo nuevo, lo ignorado, lo renovado con rapidez.

Sin embargo, en un día no siguiente, el primo mayor denunció nueva duda: —Espíritu... Es alma, es fantasma del otro mundo...

No, con eso no se impresionó, no tendría miedo de los encantamientos de Dios, de la Tercera Persona. Parece, a pesar de todo, que estaba cansado de esa sorda oposición, de los primos y aún de todos, que a su alrededor se manifestaba a veces, que lo mostraban en cada ocasión en que él preguntaba algo, y porque él preguntaba. Esa mala voluntad

que le tenían los otros, y que era como si adentro de él mismo se originase. Tantas dificultades.

Entonces, como por defensa, él quedaba solo, se ponía a imaginar fuerte: ya fui «Emperador»... Todo estaba realizado, en el pasado, definitivamente experimentado y adquirido; así él tenía de repente el sosiego, nadie podría robarle lo que ya había sido: poseído, adquirido. Lo que ya le pertenecía, como pasado. Sólo las cosas ya sucedidas son las que pertenecen a la gente, de un modo seguro e irrevocable.

No obstante, un día, él preguntó, triste, a la madrina —fue a la orilla de la acequia—, ¿si no habría sido más propio, mejor y cierto, escoger para «Emperador» a uno de los primos?

Pero la madrina respondió que no. El había

sido el escogido, señalado por elección encubierta del propio Espíritu Santo.

• ¿Quién era el Divino, el Espíritu Santo, del que él iba a ser el «Emperador»? Ni la madrina se mostró sorprendida, ella no lo miraba con atención, ella era mucho más alta que él. Solamente explicó:

—El Divino es Dios mandado por Dios... Viene como si fuera el viento más fuerte, y más quieto, en las hojas de los árboles de la gente... Como si fuera un pájaro que siempre vuela y siempre se posa, canta dentro del alma de la gente...

Era el Inspirador, el Consuelo de la gente. El Espíritu Santo lo ayudaría, a él, niño, lo transformaría. Seguramente ya lo estaba haciendo.

—¿Pero cómo es que uno sabe? ¿Cómo es que puede saberse?

No. No se podía saber. No convenía. Si él lo supiese, arruinaría el trabajo, la acción del Divino, él actuaba misteriosamente la gente luego volvía para atrás, caía de las altas alturas de la virtud, por vértigo del orgullo.

El niño tenía lágrimas en los ojos. La escuchaba con sus oídos creando más nervios.

¿El no podría aguantar la espera? Le decían: el tiempo aún estaba verde para todo. Solamente una cosa estaba segura: las ropas en el ropero, en el armario de jacarandá, con dos cajones grandes abajo. Un día le mintieron: —Me parece que no va a haber fiesta. El cura está enfermo, muy mal... El niño tomó aquello como una extraña injusticia. Y pensaba: si el cura es de Dios ¿cómo es posible que enferme? Se asustaba, con tantas posibilidades de obstáculos, sin parar. Hasta llegar a asustarse.

¡Pero, quería! Tenso, distendiéndose por aquellos días fugitivos, sometido a tantas cosas innecesarias y sin propósito.

El padre, pareciéndole que él estaba demasiado nervioso, quizá, inventó que después de la Fiesta lo llevarían a un paseo largo y lejano, en barco, irían hasta Río de Janeiro. Y no obstante eso él se angustió, en desesperada expresión. ¿No era lo más importante ser «Emperador»? ¿No era ser el rey de la Fiesta? ¿Cómo es que podía haber un después? ¿Cómo podían siquiera hablar de un después?

Pero, quería. Entonces, lo que le daba fuerza continuada al querer era la resistencia propia a las mentiras de los otros, era la resistencia de los

otros. Esperaba, altamente, se escapaba por encima de lo pequeño del mundo. ¿Cada día no pasaba? Cada día traía el deshojar de mil hojitas de almanaque, era como si todos, quisieran o no lo quisieran, trabajaban para su Fiesta. Sonreía y preguntaba: —¿Tiraron la hoja de hoy del calendario?— Su desaparición tomaba la forma de la alegría.

Era mucho mañana.

Tanto que el día llegó. Y despuntó despacio el día. El niño se estremecía, nervioso, condenado mucho ahora a esperar que lo incluyesen en los episodios sucesivos. Aún no tenía ningún motivo para acción alguna. ¿Qué irían a pensar de él? Sufría con la prudencia, sin alejarse de uno o de otro rincón, ansiando que lo llamasen y mucho lo trajesen a la plaza, al centro de todo. Temía y quería. Se guardaba, cerrábase en un silencio de bozal en la boca. Y no podría ser diferente; su tono de voz era demasiado sincero.

Ah, él debía esperar. Desde el amanecer aguardaba esa hora.

daba esa hora. Asistía, desde la ventana de la Casa-de-la-Fiesta, todavía sin su ropa de gala.

Sonaba la música, levantaban el mástil. Pero, justo a esa hora distribulaban caramelos a los demás niños. Desde la ventana, también él arrojó caramelos. Desde ese momento, el mástil afirmado, él adquiría el título: —¡Señor Emperador! ¡Señor Emperador!— entonces lo proclamaban con respeto y saludos.

La madre, es la madre misma quien lo empuja, amiga pero extrañamente decisiva, quien lo empuja, parece querer separarlo de ella, lo empuja dulcemente hacia afuera del círculo de las mujeres; los hombres también. El padre retrocede, mirando. El se queda solo, rodeado por todos, en círculo.

Ni podía fijarse en el gran movimiento momentáneo de la Fiesta —su comienzo— la porfía de los niños intentando escalar el mástil enjabonado.

¿Adónde estaría yendo el padre, en el coche? ¿Por qué calles y no calles y lugares? También él debiera estar allí.

Mientras tanto, se llenaba la plaza, para aplaudir y ver, el pueblo popular, la gente limpia y -petuleña- (1).

(1) Mole del partido popular organizado en Portugal en 1836, y por extensión sobrenombre dado a sus miembros, gente de pueblo.



SUM

Nº 319 (Julio-Agosto de 1969)

OCTAVIO PAZ: Conjunciones y disyunciones

GRAHAM GREENE: El joven Dickens

E. GONZALEZ LANUZA: Profesión de fe

JUAN LISCANO: Demoliciones

LUIS JUSTO: El amigo

ELVIRA ORPHEE: Todos los héroes murieron

SUSANA THENON: Distancias

MARIO CAJINA VEGA: Los cezontles

ROBERTO YAHNI: Los conciertos de Cortázar

Viamonte 494, 8º piso
Buenos Aires

O tradutor João Guimarães Rosa

As traduções de João Guimarães Rosa são muito pouco conhecidas:

"A Organização Científica em Minas Gerais", artigo do professor alemão O. Quelle, que esteve em visita ao Estado de Minas, no final da década de 20. Publicado no jornal Minas Gerais, em 5/10/1928.

O Último dos Maçaricos. Condensação do livro Last of the Curlews, de Fred Bodsworth. Copyright 1954, 1955. Editores: Dodd, Mead & Co. Nova York 16, com epígrafe de William Beebe e ilustrações de T.M. Shortt, mantidas na tradução rosiana. Publicada na edição brasileira do Reader's Digest, 1958, p. 434-470, vol. 6 da Biblioteca de Seleções.

O Último dos Maçaricos, cujas primeiras páginas reproduzimos aqui, é um comovente relato sobre a saga de um maçarico, ave que vive nas regiões árticas da América, de onde emigra para o Sul, alcançando, no litoral do Atlântico, o Estado da Bahia. É chamado também de tarambola.

Sobre a tradução feita por Guimarães Rosa, colhemos os seguintes depoimentos:

PAULO RÓNAI (tradutor):

"O ÚLTIMO DOS MAÇARICOS. Era um resumo de uma monografia, feito por G.R. para a revista Seleções do Reader's Digest, com muito gosto, e de que ele se alegrava, e de que era muito orgulhoso. Não me consta que ele tenha feito outras traduções. Eu pedira-lhe que traduzisse A luz que se apagou de Rudyard Kipling, mas ele se recusou com horror a verter um livro sobre um personagem que paulatinamente se torna cego. G.R. se pronuncia sobre a arte da tradução num trecho do prefácio à minha Antologia do Conto Húngaro.* (carta a nós dirigida em 14 de março de 1991)

* Eis o trecho a que se refere Paulo Rónai:

"Uma tradução é saída contra Babel; e tenho que, do gorar da Torre, adveio não apenas a separação das falas: cada qual, ao mesmo tempo, perdeu algo da geral eficácia, ficando re partido entre as outras, e que só no remirar do conjunto é que um dia deverá restituir-se de ver". ("Pequena Palavra" - RÓNAI, XII)

MARIA AUGUSTA DE CAMARGOS ROCHA (secretária de Guimarães Rosa):

"Guimarães Rosa gostava muito de bichinhos. Achou a história muito bonita. Ele queria entrar em outras formas literárias e escolheu a tradução, que não é conhecida. A edição brasileira do Reader's Digest deu cinco copyrights para Guimarães Rosa." (depoimento colhido pessoalmente no Rio de Janeiro, em 20/7/1990)

É interessante lembrar que, em 20/4/1947, Guimarães Rosa publicava, no Correio da Manhã, "Histórias de Fadas" — também em Ave, Palavra, p. 12 a 16 —, sobre a Saga dos Beija-Flores. Em Joãozito (VICENTE, 140 a 151), encontramos republicado o texto original, que começa falando de Gandhi e seu amor pelos animais, para depois relatar fatos reais, envolvendo o dinamarquês Ludvigsen, na sua tentativa de impedir a extinção dos beija-flores.

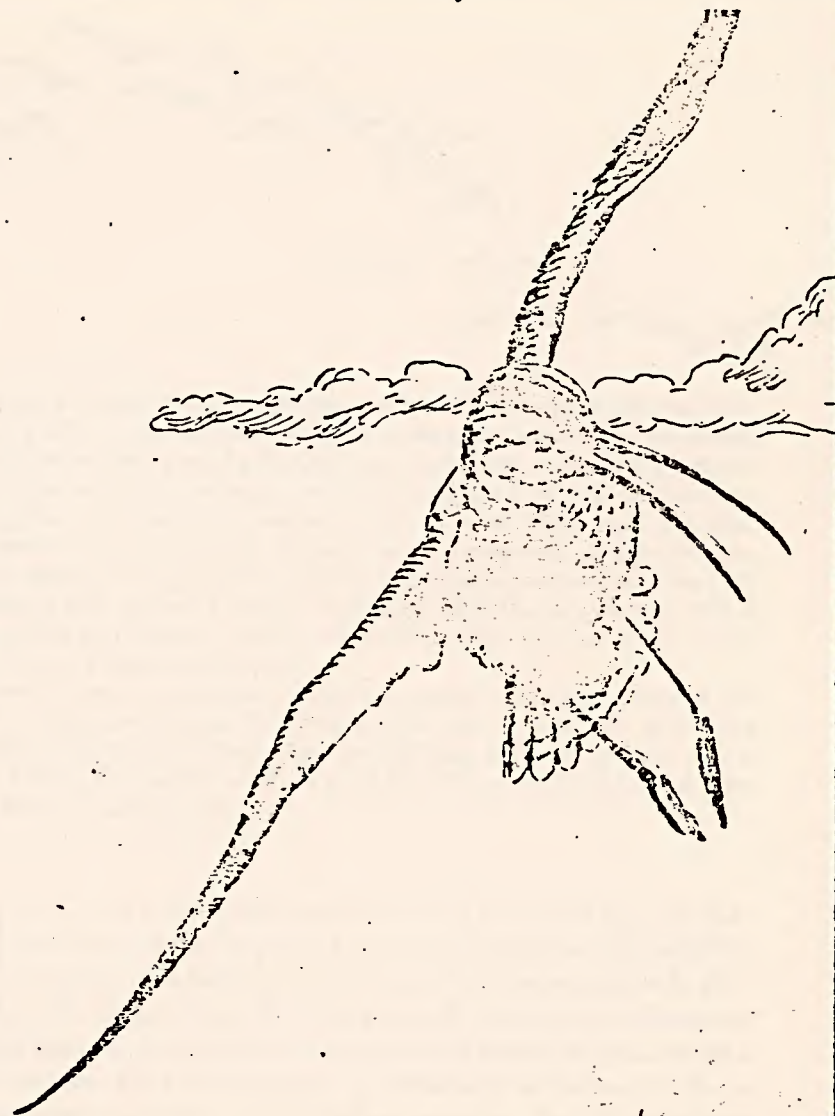
O Último dos Maçaricos

Condensação do livro de
FRED BODSWORTH

Tradução de João Guimarães Rosa



"Last of the Curlews", copyright 1954, 1955, by C. Fred Bodsworth.
Editor: Doubt, Mead & Co., New York 16, N. Y., E. U. A.



Ilustrações de T. M. Shortt

A beleza e a essência de uma obra de arte podem reconceber-se, ainda que sua primeira expressão material haja sido destruída; uma perdida melodia poderá novamente inspirar o compositor; mas, quando o último de uma raça de seres vivos deixa de respirar, outro céu e outra terra passarão, antes que uma tal possa tornar a existir.

—William Beebe

Assim uma raça de seres vivos foi a dos gentis e corajosos maçaricos-esquimós, pássaros que outrora, em bandos, voavam dois Continentes, escurecendo o céu. Agora, tendo tido de passar, por toda a parte, o corredor de homens e armas da civilização, eles quase desapareceram.

Documentado em testemunhos autênticos, que se entremeciam na narrativa, *O Último dos Maçaricos* foi recebido com aplausos por naturalistas e críticos, a um tempo pela história absorvente e por sua verdade científica, mais estranha que a ficção.

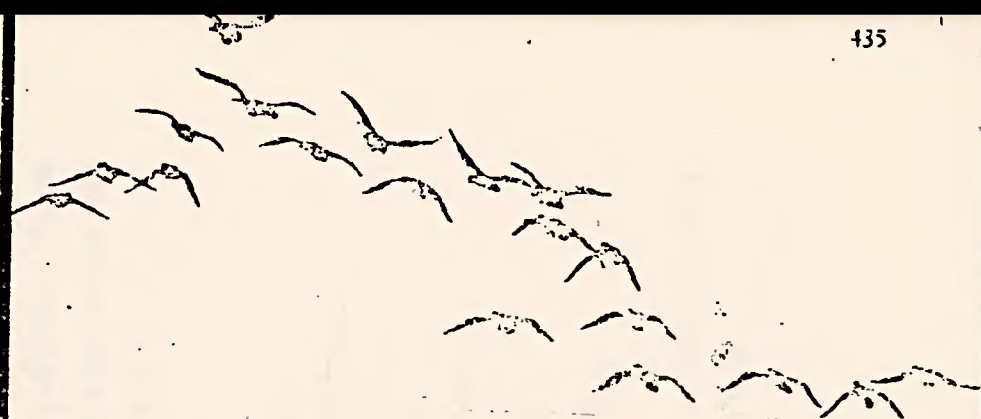


Por volta de junho, a noite no Ártico se reduz a breve trecho de cinza-lusco-fusco, e a todo instante dos dias compridos os mosquitos enzuamizam, em nuvens, dos caldeirões da tundra em degelo. Outrora, era então que os esquimós esperavam pelo chihear sussurrante, trêmulo, escutado longe, dos bandos de maçaricos-esquimós, com sua promessa de carne tenra. Mas os grandes bandos não vêm mais, deles somente restam as lendas. Porque o maçarico-esquimó, de primeiro uma das mais abundantes caças-de-penas do Continente, corria uma coxa de tiros cada primavera e cada outono, e, no voar assim, aprendeu a enxugar demais o rânio à arma de fogo do caçador, essencial para a sobrevivência. Agora a espécie se consome, incerta, à beira da extinção.

Só um ou outro remanescente, desirmanado avulso, ainda voa a perigosa migração — desde seus quartéis-de-inverno na Patagônia — à procura de par, nas descongeladas planuras da tundra, que pendem para o Oceano Ártico. Mas o Ártico é vasto. Esses sobreviventes em geral debalde buscam. Derradeiros de uma raça a morrer, voam sózinhos.

*Q*UANDO a semi-noite ártica se desfez no róseo e logo no amarelo cru do dia de junho a avançar, o maçarico-esquimó afinal reconheceu a familiar curvatura em S de um rio orlado de gelo, meia milha abaixo. Ele estava cansado. Surraetas e puídas trazia as barbas marrons das penas das asas: do voo de arribação, iniciado, para lá dos trópicos, em folgadas etapas, e terminando em arrancada doida e ininterrupta através das Terras Estéreis, quando a ânsia de acasalar-se o empolgara de todo.

Dispôs as asas e deixou-se descer, com uma série ziguezagueante de



O contista João Guimarães Rosa

Com 21 anos de idade, o estudante de medicina João Guimarães Rosa começou a escrever seus primeiros contos, dentre eles:

"O Mistério de Highmore Hall". O Cruzeiro, 7/12/1929, p. 11 a 13. Ilustrações de Chambelland.

"Chronos kai Anagke"("Tempo e Destino"). O Cruzeiro, 21/6 / 1930, p. 12-13-46.

"Caçadores de Camurças". O Cruzeiro, 12/7/1930, p. 9 a 11. Ilustrações do Prof. H. Cavalleiro.

O primeiro deles — "O Mistério de Highmore Hall" — está dividido em duas partes. O tema central gira em torno de Sir John Highmore, proprietário de Highmore Hall.

O que se sabe, logo no início da narrativa, é que sua esposa, lady Anna, fugiu com sir Elphin, dono do castelo de Duw-Rhoddoddag. Depois do misterioso desaparecimento do casal, que já dura quinze anos, dr. Angus Dumbraid é chamado para ver Sir John, que parece ter enlouquecido. Um dia, o médico descobre um "pequeno volume" nas costas de um rato: era um pedido de socorro, escrito com sangue por Sir Elphin, que acaba escapando do cárcere, para se vingar de Sir John. Encerrada viva com ele, Anna acabou morrendo lá mesmo.

*

Sobre "Chronos kai Anagke", reproduzido integralmente mais adiante, leia-se comentário no Capítulo V, da tese (p. 206-207).

*

"Caçadores de Camurças" é a história de dois caçadores monteses do cantão de Grisões, Ulrich e Rudolf, mais conhecidos por Uly e Ruedi, e o amor deles por Lisel, filha de mestre Hellau.

Para resolver com qual dos dois vai ficar, Lisel impõe uma prova definitiva: conseguir uma camurça, animal quase lendário na região onde moravam.

Ao final de uma perigosa caçada, apesar dos esforços de Uly, Ruedi acaba morrendo. A narrativa termina com Uly entregando a camurça, por ele capturada, ao seu inimigo, o guarda-florestas Tschober, e este se casa com Lisel. O "herói" Uly retorna, então, às montanhas.

A inclusão do conto "Remimento" se deve ao fato de ser esse texto possivelmente o último escrito por Guimarães Rosa. Completa-se, assim, a trajetória do contista.

*

Eis os referidos contos, pela ordem de publicação:

O MYSTÉRIO DE HIGHMORE HALL
O Cruzeiro, 7/12/1929

Um conto de João Guimarães Rosa. Seleção de na contista de "O CRUZEIRO". Ilustração de G. Hambelland.

RIO, 1929, 7 DE DEZEMBRO: SURGE NA LITERATURA BRASILEIRA NOVO ESCRITOR, O CONTISTA MINEIRO JOÃO GUIMARÃES ROSA. Vinha da pacata Cordilaburgo para a hospitaleira terra carioca, mas seu destino eram terras do mundo todo. Estréia com o conto *O Mistério de Highmore Hall*, publicado n'O Cruzeiro, n.º 57. Leiam esse trecho e observem o estilo de Rosa na primeira fase.

O Mistério de Highmore Hall

— "Não. Highmore Hall fica mais para diante. À beira do lago, junto ao clan de Glenpywy. Este aqui é o castelo de Duw-Rhoddoddag, pertencente ao jovem sir Francis Lawen, que está agora em Londres. Se quiser aceitar nossa hospedagem, preparar-lhe-emos um quarto".

— "Obrigado. Preciso continuar minha viagem. E ainda está muito longe o solar dos Highmore?".

— "Não muito. Poderá chegar até lá antes do anoitecer. Mas... afinal, será o senhor parente do velho, para vir se meter nessa lura de raposa?".

— "Sou apenas medico, e é como tal que venho de Inverary, a chamado de Sir John Highmore".

— "Não lhe invejo a sorte, senhor...?"

— "Angus Dunbraid".

— "Pois é como lhe digo, dr. Dunbraid, o velho casarão não é nada convidativo, e menos ainda o é sir John, que vive lá enfiado como uma coruja".

Como o assumpto tinha para elle algum interesse, o jovem medico continuou a ouvir a tagarelice de Trgywyddol, guardião de Duw-Rhoddoddag.

— "Não é por causa da inimizade entre os Lawen e os Highmore que eu deixo o velho, mas só o seu aspecto carancudo basta para amedrontar o mais corajoso! No seu lugar, eu voltaria daqui mesmo para a cidade".

— "Então, os seus patrões não se dão com os Highmore?".

— "Isso já vem de longe. Ha quinze annos, quando sir Francis era ainda garoto, eu já servia no pae, sir Elphin. Depois do fallecimento de lady Mabel, sir Elphin dera para frequentar a miudo o castello vizinho. Eram excursões pelos lagos, caçadas ás raposas e passeios sem fim. Ora, sir Elphin, ainda na flor da idade, fazia optima figura; lady Anna era uma das mais bellas mulheres de toda a Escocia; e o demonio se encarregou do resto! Quando o estúpido sir John quis desconfiar de alguma coisa, já o meu pa-

trão lhe tinha fugido com a mulher. O homem fez um estardalhaço horrivel; ro-gou pragas, expediu criados e mensagei-ros para todos os lados, prometteu muito dinheiro a quem descobrisse os fugitivos, desesperou-se a valer! Mas nada conseguiu.

O que nos causou, entretanto, grande espanto, a ruina e a todos de Duw-Rhoddoddag, foi sir Elphin nunca mais ter dado noticias, abandonando o pequeno Francis sem a menor recommendação. Alem disso, conforme declarou o reverendo Affael, que então desempenhava aqui as funcções de intendente e secretario, elle fugiu com pouquissimo dinheiro, deixando intactos os cofres do castello, bem como os depositos de Glasgow. Não acha exquisto, dr. Dunbraid?".

— "E durante esses quinze annos ja-mais souberam do seu paradeiro?".

— "Nunca. Esperamos muito, meses, annos. Depois desistimos por completo. Sir Francis creceu sob os cuidados do reverendo Affael, e para elle assim como para todos nós, o conde deve ter morrido em algum accidente. Ou então atravessou o oceano, indo procurar refugio na America. Essa intriga fez grande escandalo no pais inteiro. Sir John, que fôra sempre um homem alegre, apesar de estúpido e caleculado como um jumento, mudou completamente dahi por diante.

Despediu os criados de Highmore Hall, conservando apenas dois homens do clan de Lleodlag, da sua absoluta confiança. E até hoje não deixou mais a velha casa. Nunca mais sorriu. Parece uma alma do outro mundo! O castello vae se desmoronando aos poucos. O vento oeste já derrubou o torreão grande; de muros nem sobra resta. Mas ao velho urso pouco se lhe dá que Highmore Hall se escombre num montão de pedras, cobertas de silvas e epinheiros. Não recebe visitas, não acolhe viajantes; tampouco viaja. Para mim o homem enlouqueceu. E é por isso,

O Cruzeiro, 21/6/1930



-12

Mais tres dias, e teria inicio o grande torneio internacional de xadrez. Mestres, amadores, dilettanti e aficionados, de todos os centros enxadrísticos europeus, haviam accorrido á cidade de K..., importante estação balnearia do sul da Alemanha, onde borborinhava, naquelle fim de verão, uma mistura heterogenea e cosmopolita: slavs barbudos, de olhos somnolentos; judeus aquilinos e esgrovinhados; ingleses compridos, de feições angulosas; allemães louros e pesados, homens amorenados dos paises mediterraneos; typos de nacionalidade dubia, specimens da fauna nomade dos hoteis, casinos e transatlanticos.

Zviazline era talvez o mais novo dos concorrentes á sensacional disputa. Já conquistara, todavia, alguns louros importantes na curta carreira de amador, e trouxera da pequenina cidade natal, no coração da Ukraina, um mundo de esperanças e illusões. Além de tudo era pobre; e o elevado premio em dinheiro permittir-lhe-ia desposar Ephrozine, figura gentil de mulher intimamente unida aos seus sonhos de gloria. Ia defrontar ante o taboleiro intelligencias poderosas, malicias matreiras e escoladas, experiencias sabiamente accumuladas, conhecimentos profundos da theoria.

Aos sisudos e compenetrados mestres, a sua presença parecia unia quase insolencia, a que elles respondiam com insulamento desdenhoso e hostil. Elle era o *parvenu*, o jogador moço e sem passado, e, principalmente, a ameaça da geração nova, a luta certa, a resistencia provavel e a possivel victoria.

Os grandes enxadristas reuniam-se todas as noites no *Club Andersen*, onde se esgrimiam em partidas de treinamento. Era a segunda vez que ali comparecia o joven ukrainiano, e logo ao entrar, foi rodeado pelos frequentadores, com vivas demonstrações de sympathia. Instantes depois começava uma partida contra um dos mestres presentes. A principio jogou mal, timidamente, constrangido, esmagado ante a personalidade famosa do adversário. Porém, pouco a pouco foi se animando, voltou-lhe a calma habitual, sentiu-se á vontade, e mergulhando em si mesmo, iniciou bellissima combinação, propria do seu estilo imaginoso e exuberante. Surpreendido pela transformação brusca, em vão procurou o contendor respostas capazes de parar as multipas ameaças, e foi forçado a capitular, por duas vezes, em curto espaço de tempo. O despeito franziu-lhe o rosto, e elle retirou-se immediatamente.

No silencio do ambiente, quebrado apenas pela bulha compassada dos relógios registadores, circulou um murmuro de admiração. Então Zviazline olhou pela primeira vez os assistentes. E viu na sua frente uma figura estranha de grypho, que relembra os retratos de Satanaz: fronte desmedidamente ampla; sobranceiras obliquas; olhos pequenos, maliciosos, faiscantes; nariz adunco como bico de falção; labios finos frizados por sorriso diabolicamente ironico.

Se até aquelle momento Zviazline não tivesse estado tão abstraído no jogo, poderia ter notado que a sua subita inspiração coincidia com a chegada do bizarro personagem.

O desconhecido estendeu a mão de dedos finos e compridos, como garras, e pôs-se a brincar com as peças do jogo. Depois riu. E o seu riso foi tão escarninho, qual cacarejar ou crepitar abafado, que para elle se voltaram todos.

—Emfim, já se começa a compreender e a jogar o xadrez entre os homens!

A sua voz estalou fanhosa, esganiçada, como se viesse de muito longe; e, não fóra o ar sobrenatural de quem pronunciara, qualquer um se sentiria insuaitado pela ironia da expressão. E, sem esperar resposta, o enigmatico memzinho se afastou num passo miudo, como o saltitar de um passaro.

Os circumstantes indagaram-se mutuamente, mas nenhum conhecia a esdruxula criatura de sortilegio. Era certo algum brincalhão de máu gosto, que quizera se divertir á custa delles.

Zviazline voltou ao hotel profundamente impressionado. Recordara-se, muito vagamente, num lusco-fusco mental, de já ter visto aquelle facies de ave rapineira, de já ter sonhado com aquella inconfundivel figura de duende, após os longos serões passados a estudar e analysar as partidas dos mestres. Quem seria?

E durante a noite pesadelos demoniacos agitaram-lhe o somno de chumbo.

Não tornou ao club. Mas as duas victorias bastaram para lhe espalhar a fama, e o seu nome foi commentado em todos os circulos, tomando de boca em boca uma exaggeração mais retumbante.

Ninguém poderia duvidar da honestidade dos competidores de Zviazline, mas, seja por que o medo transbordasse consciencias, ou seja por qualquer outro motivo, o que é facto é que, na vespera do torneio, um delles foi visto acompanhando confidencialmente dinheiro e instruções a um empregado do hotel...

O joven enxadrista acordou cedo e bem disposto. Como de costume, o criado lhe trouxe o café preto, ainda fumegante. E logo após começavam os effeitos estramonizantes de uma droga criminosamente misturada!

O que depois se passou, nem o proprio Zviazline soube contar direito. Lembra-se, muito mal, de ter saído desesperado, numa excitação doida, pondo-se a girar a esmo pelas ruas, esquivado por completo do torceio a começar dali a pouco. Tomara em seguida um automovel, e, já fóra dos arrabaldes, ao norte da cidade, despedira o chauffeur, caminhando num automatismo de somnambulismo, como se arrastado por chamamento superior e invisível.

A beira da estrada, entrelaçadas de hera, escoravam-se as ruínas do castello de Fuchsenberg, destroço medieval esborado pelo tempo...

Zviazline transpôs o humbral e caminhou pelo corredor longo, lugubre, silencioso. Parecia-lhe andar pela nave d'um templo. Só então reparou que alguém seguia na sua frente. E, como parasse, hesitante, esse alguém se voltou e mostrou um rosto de cera, inexpressivo. Zviazline subiu atrás do guia a escada de caracol. Passaram por uma sala quadrada, cujos ladrilhos se alternavam, brancos e pretos, quadriculando um campo de xadrez. O moço con-

"**S**O ENTÃO REPAROU QUE ALGUÉM SEGUIA NA SUA FRENTE. E, COMO PARASSE, HESITANTE, ESSE ALGUÉM SE VOLTOU E MOSTROU UM ROSTO DE CERA, INEXPRESSIVO..."

templou sem espanto as figuras, esphinges de pedra escajeadas pelos escaques. Na sua semi-inconsciência, tudo lhe parecia natural, como se jamais tivesse vivido noutro lugar que não aquele.

Percorreram numero infinito de salas semelhantes á primeira, variando apenas as posições dos trebelhos de marmore. E Zviazline perdeu a noção do tempo... Finalmente alcançaram uma porta acortinada de pesado reposteiro negro.

Ao entrar, avistou no meio da vasta sala circular, dois homens assentados que se defrontavam, debruçados sobre uma mesa de xadrez com as peças enfileiradas.

De um globo pendente do tecto abobadado, phosphoreava uma luz pallida esverdeada, em tonalidades furtivas de fogo fatuo, como a chama de cirios accesos na claridade do dia. Em torno da mesa, unico movel ali existente, erguiam-se candelabros de bronze, sustentando tochas. E essa iluminação funerea, derramando-se pelo vasto aposento, caricaturava sombras esguias, como aventesinas.

Na circumferencia muito negra da parede decifravam-se pentáculos e symbolos kabalísticos e abra-

cadabrantes. Odores intensos de styrax, incenso e myrrha misturavam-se no silencio subterraneo da sala.

Zviazline aproximou-se dos dois jogadores, que pareciam estatuas, de tão embrenhados na profundidade dos seus calculos! Um delles era bem o seu antigo conhecido, o homem do club, o personagem mysterioso dos pesadelos. Envolvido em ampla capa preta, elle se delineava ao bruxoleio baço das tochas, como a silhueta fantastica de um morcego.

CONCEITO 1210 46.

O outro tinha cabelos e barbas cor de neve, mas a physiognomia austera e majestosa não era absolutamente a de um velho. Elle parecia acima das idades! Tinha uma ampulheta ao seu lado num canto da mesa.

A attenção do moço voltou-se para o taboleiro e as peças. Mas em vão tentou analysar a posição. Elles jogavam de uma maneira tão acima do seu entendimento, que a partida lhe pareceu um divertimento desordenado de crianças.

Agora o homem da cara de abutre levantou os olhos para elle. Tinha o mesmo riso sardónico, contrastando inteiramente com o aspecto sacerdotal do companheiro.

"Ah! Ah! Ah!... Chega atina o nosso amigo!... Ha tanto tempo que esperavamos!"

A alma passiva de Zviazline desmanchou-se ao eco estridente daquelle gargalhar. Quiz falar, formulou na mente uma pergunta angustiada, mas a garganta não lhe obedeceu. Todavia, o homem que parecia Satanaz sobre elle o pensamento.

Vaes já saber quem somos... Não foi sem um fim que te atraímos até aqui... Tu és o predestinado, o eleito para receber de nós a iniciação completa nos arcanos impenetráveis aos teus semelhantes, tão avidos sempre do conhecimento da verdade!... Essa verdade, eu a lancei á Terra, velada pelas posições e variantes inesgotáveis do xadrez, unico *ludus* absoluto, chave de todo symbolismo!... Mas o que a Fatalidade lhes dera, só com o Tempo poderiam os humanos decifrar!... E, através dosculos, o xadrez não foi para quasi todos senão um jogo, para alguns uma arte, e uma sciencia para muito poucos...

Queres saber quem somos? Os que me julgam bom, denominaram-me Providencia; os que me temem, chamam-me Destino. Contudo, não sou bem nem má, pois maldade e bondade são sentimentos puramente humanos!... Quanto ao meu companheiro, deves conhecê-lo de sobra, pois está constantemente entre os homens... E ouve bem, a Terra, os humanos, e tudo o que fazem e desfaçam teus semelhantes não passam de um reflexo desta partida millenar, que estamos jogando!... Cada lance nosso vos faz mover involuntariamente á superficie do vosso minúsculo planeta, como formigas inconscientes e vaidosas!...

O homem falava, e á medida que a sua voz regurgava no aposento, como um gúinchu estridente no oco de uma caveira, Zviazline pôde retomar o sangue frio.

Mas... quem sois vós?... Demazal e Ahriman a jogar nesse taboleiro os destinos do mundo?...

A mesma gargalhada crotica de novo, mephistophélica, terrível, num ranger de lona que se rasga.

Isso me mo, tu melhor, chama-nos pelos nossos verdadeiros nomes: o Tempo e a Fatalidade!...

O outro jogador permanecia immerso nas combinações infinitas, majestoso, hierático, impassível, os longos fios da barba prateada descendo até as peças do jogo.

E a voz lúubosa continuou a gramar:

Sim, não passáveis primitivamente de meros automatós, com menus independentes e arbitrio talvez que estes trebelhos em que tocam as nossas mãos!... Entretanto, uma força immensa, formidável, desabrochou e cresceu na chama microscópica de vossos cerebros em

hryonarios... Essa potencia que não sabeis ainda manejar, mas que vos ha de transformar em deuses, é a vontade!... Zviazline tremia sob o gume daquelle sorriso.

E essa partida? Não terá mais fim?!

O Tempo é eterno, e a Fatalidade inexorável! E agora que já ouviste bastante, fica no Tempo, e deixa que a Fatalidade se cumpra!

Num sopro de encantamento, extinguiram-se as luzes, e a escuridão fez pesar ainda mais o silencio.

O personagem zombad'or voltou-se antes de sair, e Zviazline viu-lhe ainda as pupilas glaucas a perilampejar na treva.

O moço olhou o taboleiro. E viu, attonito, surpreso, espargirse por sobre os escaques uma ligeira phosphorescencia, enquanto as figuras de ebano e marfim reis, rainhas, bispos, cavalleiros, torres e peões multiplicavam-se, cresciam, adquirindo vida e movimento. Em pouco foi toda uma multidão enchendo uma planície.

Como um film sobrenatural, elle assistiu o desenrolar de toda a Historia. E viu papas e imperadores, e reis e guerreiros, e frades e bandidos, e camponeses.

De repente sacudiu-lhe o corpo inteiro um arranco violento. Percebeu-lhe que subia, girava, voava, vertiginosamente, absurdamente, com a trepidação de um motor monstro, como se remoinhasse no centro de um cyclone. E elle vibrou num fremito guerreiro, contemplando lá em baixo o tropel sangrento de mil batalhas.

Quando a velocidade, hegon ao auge, tudo desapareceu; e invadiu-o a calma, uma sensação de plenitude, de gloria tranquilla. Elle zumbia agora na treva, como um grande besouro a gravitar em torno de dois soes de fogo, enormes e coruscantes.

E a corrida foi diminuindo, diminuindo... Os dois soes aplequenavam-se, reduziam-se, minimizavam-se.

Já eram apenas o tremelozir de vagalumes distantes... E ao cair, atordoado, Zviazline pôde reconhecer ainda nelles os olhos penetrantes do homem das barbas brancas.

Quando acordou, á margem do caminho, com a cabeça a lhe doer horriavelmente, tudo se resumiu para elle num longo pesadelo. A lembrança do torneio feriu-lhe a mente. Correu á procura do primeiro automovel que passasse. Talvez pudesse ainda chegar a tempo! Durante o percurso, notou que varios transeuntes o cumprimentavam respostosamente, enquanto que outras pessoas apontavam-no com o dedo.

Mas o cumulo do espanto, foi quando avistou, ao chegar ao local do campeonato, um grande placard com o seu nome:

"Dmitri Zviazline Dnitrioff, 1.º lugar no torneio! Onze victorias em onze partidas! Zviazline cria a 'nova theoria do xadrez'!"

Mas... em que data estamos? perguntou ainda, duvidando do primizo, mais allucinado do que que na sala dos dois mysteriosos jogadores.

Haviam decorrido vinte dias de começo da sua amaldiçoada existencia, enquanto o velho Khroms o dot com as visões fantasmagóricas. Ao distacado, substituiu Zviazline o meio, alcançando estrondosa victoria.

O novel campeão regressou á T. na, onde desposou a meiga Ephrudente vivido o casal sempre muito.

Mas o que motivou just e geromiração, foi Zviazline abandonar completo, tudo que se relacionava o jogo de xadrez.

Mais forte que Adão, recusara provar do fruto da Sciencia, e mais forte que Prometheu, se não atreveu roubar o fogo do céu.

CAÇADORES DE CAMURÇAS

O Cruzeiro, 12/7/1930

Caçadores de Camurças

Conto de J. Guimarães Rosa
(Especial para O CRUZEIRO)

ciada caçadores, que a baptizaram — Blitz, e relam-
page.

Entregando ao acaso a sua indecisão, declaron-
lhes a moça, que só se casaria com o que lhe trouxesse,
morto, o esquivo ruminante.

Quando já se fazia manhã nas geleiras, e ainda
era madrugada no valle, Uly vestiu o gibão cinzento
de pelles, prendeu ás costas o sacco de provisões,
pôs a bolsa de caça e a carabina a tiracolo, cobriu-se
com o largo chapéu emplumado com uma penna de
água, e deixou a cabana. Subiu pelo atalho sinuoso,
apoiando-se na bengala alpina, encastada com um
cifre de camurça; as botas ferradas marcavam-lhe
o rastro no solo limoso, espinhado de cardos.

A aldeia ficava lá em baixo, presépio pittoresco,
com as casinhas de madeira espalhadas na encosta,
chalets de tecto encarnado escalonados desde o valle
até a grande floresta de abetos, protectora contra a
queda das avalanches. A neblina desmanchava-se
aos poucos, deixando ver a scintillação vítrea das al-
turas. Uly cruzou com um rebanho de vacas ma-
lhadas, finindo guizos e campainhas, sob a guarda
de pastores corados e sadios, que cantavam ao som
das trompas. Tendo passado o verão nas pastagens
elevadas, voltavam agora, na migração periódica,
em demanda dos valles, onde hibernavam.

— "Felix, regresso! gritou-lhes o caçador, ao
passar.

— "Zet wuhl! responderam vozes francas, espe-
sar de rudes.

Um d'elles, que vinha por ultimo, parou a con-
versar. Travaram dialogo em dialecto romanche:

— "Tschobet, o guarda-cães, anda pelo monte.
Cuidado!

— "Ha caça para todos. E o tempo? Conti-
nuará bom?

— Parece. Vê como o Stürwiss pôe o seu cintu-

java a montanha pelo lado menos es-
posto á queda dos aludes e lavinas.
Rerrevam as ultimas pastagens, ma-
gras e mirradas, entre as cadeias de
rochedos; surgiam agora os talúdes
perigosos, as escarpas de neve. De
longe em longe, sob o fuso verde das
coníferas, uma cabana de madeira
de pinho, abrigo providencial para
os caçadores e viajantes perdidos. Ali,
a dois ou tres mil pés de altitude,
brota a rosa dos alpes; que fenece
quando transplantada no valle, e na-
da tem de commum com a rosa, a não
ser o nome. Mais para cima, só vege-
tam musgos, pinheiros e a tanchagem
alpina. Um mugido continuo, seme-
lhante ao trovão, ribomilha, sem cessar,

na montanha — são centenas de cascatas tombando
em poeira liquida, em chuva fina; é o reterver bra-
vio das torrentes espumosas; o fragor dos blocos de
rochedo, rolando para o valle; o estalar das geleiras
que se fendem, derramando pela encosta o leite
branco — azulado, onde sobrenadam a mica e o
feldspatho triturados.

Depois de longas horas de subida, o caçador al-
cançou a região das geleiras e frimas. Muitos tron-
cos de lariços, tombados na neve, mostrando a ca-
beleira emmaranhada das raizes, recordavam a ul-
tima vez que o *sohn* soprara rijo do sudoeste as
terribes haleradas ardentes. Mais adiante bran-
quejava a mole hyalina do primeiro glaciar, de onde
ventava uma brisa gelida, cortante, assoviadora.

O panorama descorria-se magnifico. Atra-
vés dos rasgos das nuvens, percebiam-se, em fundo
longinquo, a esmeralda das campinas, os valles atu-
fados de florestas verde-escuras, as aldeias, o lago a
beber, tranquillo, as torrentes da montanha. Gys
paetos orbitavam circulos immensos, na amplitudo
azul. Uly parou, fez sua rapida refeição e descen-
çou. Estava no ponto inicial da caçada, pois, a ma-
nada de Blitz pertencia á variedade dos *grattiere*,
que nunca abandonaram as arestas altissimas e os
campos de neves perpetuas.

Retomou depois a marcha, agora com mais cui-
dado, esgueirando-se de fraga em fraga, grimando
penedias de gelo, o olhar exercitado a devassar o
deserto branco; seguia sempre contra o vento, para
que o olfacto agudo dos animaes não o farsesasse atra-
vés da brisa. Demorou-lhe encontrar o pequeno re-
banho.

Em numero de seis ou cinco, os graciosos ani-
maesinhos, de um bello castanho claro, cabriolavam
na neve, encabritavam-se, sacudindo as cabeças, ar-
madas de cornos recurvos. Um pouco afastada,
numa pequena elevação do terreno, montava guarda
Blitz, a rainha da tropa, elegante, firme nas pernas

O ROSA DE ANTES DE SAGARANA: ESTE É UM TRECHO DO TER-
CEIRO CONTO QUE PUBLICOU EM O CRUZEIRO de 12 de julho
de 1930. Observem no fac-símile estampado como era o estilo de Rosa ao
estrear. Acabara ele de completar os 22 anos.

O diplomata João Guimarães Rosa

Em carta enviada de Hamburgo, ao tio Vicente Guimarães (3/6/1939), diz Guimarães Rosa:

Você me pede que lhe fale da minha situação como Cônsul. Mas a matéria referente ao assunto é, nas coisas interessantes, eminentemente reservada, secreta mesmo, de tal maneira que não me arriscaria a dizer a mínima palavra a respeito numa carta. (VICENTE, 161)

Já ao Embaixador Orlando Leite Ribeiro (5/6/1946), o recém-nomeado chefe-de-gabinete do Ministro João Neves da Fontoura descreve o seu conturbado dia-a-dia:

Se não pude responder imediatamente, como queria e devia, vá perdooando: o Gabinete tem sido, cada vez mais, uma pequena Nova York... Mais telefonemas, mais audiências, mais telegramas, mais incumbências. No meio da barulheira, o Guimarães Rosa vai fazendo um pouco como o burrinho pedrês da história; mas, à saída, lá pelas nove da noite, nada se fez, de ponderável e palpável, e a cabeça está zonzá de nomes, coisas, providências a tomar, a anotar, a telefonar, e não há ânimo para segurar papel e pena, para uma carta amiga. Veja Você no que deu a sua idéia de colocar um poeta na chefia do Gabinete... (R, 396 - grifos nossos)

A Günter Lorenz ("Literatura e Vida"- janeiro de 1965), no meio de uma longa entrevista, assim se auto-define:

um diplomata é um sonhador e por isso pude exercer bem essa profissão. O diplomata acredita que pode remediar o que os políticos arruinaram. Por isso agi daquela forma e não de outra.* E também por isso mesmo gosto muito de ser diplomata. E agora o que houve em Hamburgo é preciso acrescentar mais alguma coisa. Eu, o homem do sertão, não posso presenciar injustiças. No sertão, num caso desses, imediatamente a gente saca o revólver, e lá isso não era possível. Precisamente por isso idealizei um estratagema diplomático (...)

* Guimarães Rosa, em resposta a Lorenz, refere-se aqui à aventura que foi arriscar-se em Hamburgo, para salvar os judeus da Gestapo.

Apenas em 1987, através de Heloísa Vilhena de Araújo (Guimarães Rosa: Diplomata), pudemos conhecer alguns memorandos, notas e relatórios emitidos por ele, sobre assuntos diversos. Seleccionamos dois deles para constarem deste Apêndice:

- MEMORANDUM SOBRE CORREÇÃO LINGÜÍSTICA, de 26/1/1945.
- NOTAS PARA O PROGRAMA DO CONCURSO DE PROVAS DO INSTITUTO RIO BRANCO, 1952.

Em ambos, a preocupação com o rigor, a precisão e a justiça.

SECRETARIA DE ESTADO DAS RELAÇÕES EXTERIORES

MEMORANDUM para o Sr. Chefe do Departamento de Administração.

26 janeiro 45.

O 1º parágrafo da minuta a que se refere o *memorandum* do Secretário (X...) - estava redigido assim:

"Acuso o recebimento da carta de 15 do corrente, com a qual tem V. Ex.^a a amabilidade de, atendendo ao meu pedido, enviar ao Ministério das Relações Exteriores várias amostras de damascos existentes na praça de Assunção."

2. Sofrível, apesar de um pouco arrevesado, não estava certo, entretanto; infringia, candidamente, uma norma imposta pela "Consolidação das Instruções de Serviço" (Livro VIII, Capítulo III, Seção IV, Art. 2º, alínea a). Exigia, pois, revisão ativa. E, revisto, passou a ter a seguinte forma:

"Acuso o recebimento da carta de 15 do corrente, com a qual V. Ex.^a, atendendo ao meu pedido, teve a amabilidade de enviar várias amostras de damascos existentes na praça de Assunção".

3. Quatro foram, portanto, as alterações introduzidas: I) transposição da oração "atendendo ao meu pedido"; II) mudança de lugar da flexão verbal "tem"; III) substituição de "tem" por "teve"; IV) supressão do complemento terminativo "ao Ministério das Relações Exteriores".

4. Quanto à primeira, basta a comparação dos dois textos para deixar ver que constituiu modificação útil. Dando naturalidade e elasticidade ao período, respeitou melhor o encadeamento lógico das idéias e reforçou, mesmo, a ênfase que o redator diz haver querido emprestar ao escrito. No gênero epistolar, principalmente em cartas oficiais, a simplicidade é sempre aconselhável; mais, ainda, quando a comunicação se refere a assunto trivial e despretencioso, como o agradecimento da remessa de algumas amostras de pano.

5. Iguais considerações valem para a segunda alteração - a mudança de lugar do verbo. Quando muito, teria o minutor o direito de argumentar com as suas preferências estéticas em matéria de "arquitetura" de frases. Mas, nesse terreno,

assim como em todos os pontos meramente opinativos, de fundo ou de forma, não prevalece o gosto do redator de minutas, nem a preferência pessoal do revisor, mas sim o critério geral de orientação, indicado pelo Chefe do Departamento.

6. Com a terceira o próprio minutor parece haver concordado, pois não a incluiu nas reclamações do *memorandum*. Não era uma alteração indispensável; mas ajudou a melhorar o conjunto.

7. A respeito da quarta - e, aqui, posso dizer *correção* - não viu o redator que o emprego de "ao Ministério das Relações Exteriores" constituía transgressão do disposto na alínea a do Art. 2º, Seção IV, Capítulo III, Livro VIII da "Consolidação das Instruções de Serviço". No caso, de maneira alguma poderia ter escrito "ao Ministério das Relações Exteriores", nem "a este Ministério", nem mesmo "ao Ministério".

8. Ao corrigir a expressão imprópria, estava à escolha do revisor substituí-la indiferentemente por "(enviar) à Secretaria de Estado" ou por "(enviar-)me"; mas, igualmente, sem prejuízo da clareza do sentido, sem desobedecer às normas de redação do Itamaraty e sem a menor ofensa à gramática, podia omitir simplesmente o objeto indireto, implícito na oração. Achou preferível adotar o terceiro processo.

9. Por causa disso, o estilista da minuta e autor do *memorandum* levantou contra o revisor a acusação de haver errado, e errado gravemente. A afirmação, dogmática, peremptória, estaria a exigir demonstração mais consistente do que a tentativa, rudimentar e simplista, exarada no *memorandum*.

10. *Enviar* é um verbo transitivo-relativo - pede objeto direto e complemento terminativo (objeto indireto). Há, porém, uma coisa, muito usada, muito conhecida, que se chama *ellipse*: "figura de gramática que suprime da frase termos que facilmente se podem subentender".

11. No período em exame - "Acuso o recebimento da carta de 15 do corrente, com a qual Vossa Excelência, *atendendo ao meu pedido*", etc. - de sobejo está indicado o complemento terminativo. Se foi "eu" quem recebeu a coisa enviada em atenção ao "meu pedido", a pessoa a quem foi enviada só poderia ter sido "eu" (me, a mim). A idéia está expressa, o sentido está formado, o período está *positivamente* certo. Se a amostra de damasco tivesse sido enviada ao Emir da Transjordânia ou ao Secretário X..., então naturalmente, seria indispensável a menção do destinatário.

12. Aliás, não creio que o autor do *memorandum* desconheça um caso de construção absolutamente equivalente, a qual, "como é fácil observar nos nossos arquivos", tem, além de muito "honroso passado", um não menos honroso presente, usada como é, a cada instante, por todas as Divisões da Secretaria de Estado e, *mutatis mutandis*, por todas as Missões diplomáticas, por todos os Consulados de Carreira. Ei-la:

A SECRETARIA DE ESTADO CUMPRIMENTA A EMBAIXADA EM ... E ENVIA, EM ANEXO, O TEXTO SOLICITADO PELO OFÍCIO Nº..., DE ... DE ÚLTIMO.

Ou:

A SECRETARIA DE ESTADO DAS RELAÇÕES EXTERIORES

CUMPRIMENTA A LEGAÇÃO EM ... E, ATENDENDO AO PEDIDO FORMULADO NO OFÍCIO Nº ..., DE ... DE ... ÚLTIMO, TEM A HONRA DE ENVIAR, EM SEPARADO, A PUBLICAÇÃO ..., etc.

13. Pode-se, no caso, acrescentar um *lhe*: “e envia-lhe”, “e tem a honra de enviar-lhe”. Pode-se também deixar como está. Questão de preferência.

14. O 2º parágrafo era este:

“Infelizmente, nenhum dos tecidos corresponde quer em qualidade quer em quantidade às necessidades de renovação do mobiliário do Itamaraty”.

15. Depois da revisão, ficou:

“Infelizmente, nenhum dos tecidos corresponde, quer em qualidade, quer em quantidade, às necessidades de renovação do mobiliário do Itamaraty”.

16. Faltavam vírgulas; foram fornecidas as vírgulas. O redator não gostou. Se quisesse ser coerente, se quisesse acatar a pontuação por ele mesmo aplicada no 1º parágrafo, deveria ter gostado. Mas, infelizmente, há ponderação ainda mais séria: a subordinada disjuntiva exige vírgulas:

17. Ao tratar das ditas, afirmou o autor do *memorandum* uma verdade incompleta. O que poderia dizer é o seguinte: “A pontuação, sobretudo nas vírgulas, tem muito de subjetivo. Cada autor pontua a seu modo. Uns são sóbrios no emprego dos sinais; outros são pródigos. *Quaisquer que sejam, porém, as divergências, lugares há em que a pontuação não pode deixar de ser a mesma para todos*”. (Antenor Nascentes – “O Idioma Nacional”, 3ª edição, Vol. III, pág. 136).

18. Haveria a considerar, outrossim, que o papel da vírgula não é apenas o de garantir a boa compreensão da frase. Ninguém ignora – as gramáticas e os escritores, pelo menos, não ignoram – que aquele sinal de pontuação preenche outras funções.

19. Mesmo porque, fosse aquilo certo, *todas* as vírgulas da minuta poderiam ter sido omitidas, conforme qualquer pessoa poderá verificar. Porque nenhuma delas faz falta à boa compreensão da carta.

20. E curioso notar que, exatamente ao fazer a sua profissão de fé em matéria de sinais de pontuação, dizendo-se partidário da virgulação sóbria, o autor do *memorandum* tenha escrito:

“Outros, preconizam maior sobriedade”. (O *s* em “preconizar” é grafia do autor).

21. Neste caso, a vírgula, além de desnecessária à boa compreensão, está separando o sujeito do predicado (!). E nem poderia o redator, honestamente, alegar a existência de uma elipse para realce enfático, porquanto, na frase anterior –

138
“Mestres da língua há que abusam desses sinais” – onde não havia a elipse, não houve vírgula.

22. A verdade é que minuta e *memorandum* comprovam a completa desorientação do autor, no tocante ao emprego das vírgulas.

23. No *memorandum*, na frase “Onde porém ele errou...”, por exemplo, a vírgula era indispensável. “A conjunção *porém*, que hoje em dia é pospositiva, exige vírgula. Ex.: Ande rápido; veja, porém, se não esquece alguma coisa”. (Antenor Nascentes – Obra citada).

24. Maior disparate foi o perpetrado na frase “Eu lhes explicaria, então, o que pretendi dizer e juntos, procuraríamos a redação que melhor conviesse à matéria”. A terceira vírgula, a que vem depois de “juntos”, é mais do que um erro – é uma pilhéria. Creio que, depois de apontar esse exemplo de virgulação teratológica, nada mais necessito acrescentar.

25. Em sua parte final, o *memorandum* protesta contra a modificação de “ensejo” por “oportunidade”, propondo a alteração da “Consolidação das Instruções de Serviço”, em obediência à qual fora feita a emenda. Parece-me ocioso comentar queixa tão absurda; ridículo seria discutir tão bizantina proposta.

26. A presente explicação não se propõe estabelecer polêmica, gênero alheio aos trabalhos da Secretaria de Estado e, portanto, inadmissível, no caso. Com as linhas acima, quis apenas evitar que pudesse ter curso o *memorandum*, desacompanhado da necessária refutação das acusações, infundadas e injustas, nele contidas.

Respeitosamente,

a) João Guimarães Rosa

ARAÚJO, Heloísa Vilhena de. Guimarães Rosa: Diplomata.
Ministério das Relações Exteriores/Fundação Alexandre de Gusmão, 1987, p. 135 a 138.

NOTAS PARA O PROGRAMA DO CONCURSO DE PROVAS
DO INSTITUTO RIO BRANCO

ARAÚJO, Heloísa Vilhena de. Guimarães Rosa: Diplomata.
Ministério das Relações Exteriores/Fundação Alexandre de Gusmão, 1987, p. 141 a 147.

NOTAS para o
Programa do Concurso de Provas
- parte de CULTURA GERAL

A sua Excelência o Senhor Diretor do Instituto Rio Branco.

Em obediência ao encargo, com que me honrou Vossa Excelência, de colaborar no preparo dos programas para o Concurso de Provas, na parte referente à Cultura Geral, achei útil apresentar por escrito as primeiras conclusões a que pude chegar, estudada a matéria. A mútua confiança que me aproxima de Vossa Excelência, o interesse merecido pelo assunto, e a própria natureza da incumbência, obrigando-me a franqueza, permita Vossa Excelência que a mesma se expresse, quando esclarecedora e necessária, sob forma de bem intencionada crítica ao atual "Programa do Exame Vestibular do CPCD" - ponto de referência e base determinada para o trabalho em apreço.

Quando se introduziu no programa do Vestibular a prova de Cultura Geral, o que se teve em mira foi um processo de apreciar, no julgamento dos candidatos ao Instituto, também os conhecimentos - científicos, artísticos, eruditos, ilustrativos, etc. - adquiridos seja mediante aprofundamento extraordinário nas matérias dos Cursos Ginásial e Colegial, seja em cursos outros, seja, extracurricular e autodidaticamente, através de leituras e outros meios de informação e enriquecimento do espírito, mas conhecimentos suplementares ou complementares, transcendentais da rotina escolar, bem assimilados e sedimentados, contribuindo eficazmente para a formação da personalidade do candidato, e resultantes de curiosidade intelectual e capacidade mental, do gosto pela indagação objetiva ou especulativa, de vocação cultural e consciência humanística.

Na regulamentação da prova - já que o objetivo da mesma devia ser a aferição do saber gratuito e da cultura de informação, básica, variada e pragmaticamente utilizável - procurava-se evitar tudo o que tendesse a induzir ou facilitar aos candidatos o estudo utilitário, para exame, as leituras apressadas, adrede feitas, a memorização artificial interessada.

Por isso mesmo, não havia programa de Cultura Geral. Não havia e não poderia haver, porque a simples delimitação da Cultura Geral num programa desvirtuaria, conceitual e praticamente, a natureza da prova, tirando-lhe a razão de ser.

O Instituto mantém o desiderato e o critério, observado no "Programa do Vestibular" em vigor, porquanto o capítulo IX do folheto, consagrado à Cultura Geral, consigna, sublinhada, a afirmação:

"A relação abaixo publicada *não constitui um programa*: é apenas o desdobramento dos assuntos, feito para ajudar os examinandos a se orientarem e a recapitularem noções de humanidades que não podem nem devem constituir matéria nova quando os mesmos estiverem já cursando o Rio Branco".

Acontece, entretanto, que menos ainda se justifica, s.m.j., a publicação de uma relação ou "desdobramento" semelhante, pois à luz do princípio vigente, e em razão do qual se proscreveu a organização de um programa, *quando o aluno se inscreve para o Vestibular, sua "cultura geral", a que se pretende verificar, supõe-se cabedal de incorporação já efetivada*, e não uma matéria entre as demais, a ser estudada para o Exame, com o auxílio de um "roteiro" – que, além do mais, dificilmente deixará de ser tomado como uma espécie bastarda e vicariante de programa.

Isso, aliás, o Instituto reconhece, conforme a NOTA final (pág. 23 do "Exame Vestibular"):

"A Secretaria do Instituto Rio Branco poderá fornecer, a título exemplificativo, indicações bibliográficas sobre as matérias versadas neste Programa, exceto *Cultura Geral*, dada sua natureza especial."

Ora, se a ausência de programa ou de qualquer espécie de repertório de Cultura Geral se impõe para o Exame Vestibular, ainda com mais razão devem ser omitidos no Concurso de Provas, o qual, por dar acesso imediato ao posto inicial da Carreira, provavelmente atrairá candidatos menos jovens, já com diploma de curso superior, e, de esperar-se, mais cultos.

(Mesmo se abstrairmos o que ficou afirmado, *i. e.* a improcedência de qualquer tipo de roteiro, basta rápido exame para se evidenciar que, em si, o atual "desdobramento" é defeituoso, a ponto de trair a finalidade que anuncia.

Trata-se, com efeito, de um sumário de 8 matérias, simplificado ao extremo, não obedecendo a qualquer consideração normativa. Em quase todas as suas partes, o que primeiro se pode recusar é a excessiva sumarização, o encurtamento fundamental, com o qual não se coadunam as imprevistas indicações de minúcias, intercaladas aqui e ali.

Já no primeiro ponto – *Antropologia e pré-história* – impugne-se o exagero de síntese: os 4 tópicos, que se seguem ao título e pretendem informá-lo, compreendem, a rigor, toda a matéria, e, assim sendo, sua apresentação não se vê bem em que poderá ajudar os candidatos, antes

lhes será fonte de dúvidas. Por outra, há o perigo oposto: o de parecerem, por tão sucintos, inculcar nos examinandos a idéia de que o que se vai exigir deles no exame é apenas uma superficial seqüência de rudimentos.

E o mesmo ocorre, em grau maior ou menor, nos demais parágrafos.

No tocante a *Noções de desenvolvimento das ciências*, vemos que o "Desdobramento", confrontado com os programas para o Curso Colegial (cujo certificado é exigido dos candidatos), se apresenta bem inferior em nível, constituindo regressão ao raso e perfunctório. O enunciado se compõe de 12 itens: 2 de *Ciências* em geral (classificação e história); 1 de *Cosmografia* (impropriamente, no caso, dito de *Astronomia*); 3 de *Física*; 2 de *Química* (um, melhor dito, de *Alquimia*, e o outro colocado entre os de *Física*); 1 de *Física-Química*; 3 de *Biologia geral*. Sua escolha, aparentemente, não obedeceu a sistematização. Assim, enquanto um só item – "Lavoisier e a Química moderna" – abrange praticamente todo o território dessa ciência, na *Física* e na *Biologia*, manifestam-se preferências pouco explicáveis. A delimitação do campo de estudo é confusa, facilmente geradora de dificuldades mesmo na prática do exame. O tema "*O desenvolvimento da biologia depois da invenção do microscópio*" comporta razoável divisão em dezenas de pontos de exame; ao passo que outro, "*Genética e hereditariedade*" tem de ser considerado como ponto único, no máximo como dois, ou quatro, pois, caso subdividido, levaria a prova ao nível de especialização.

Objetar-se-á que os itens não correspondem a pontos de exame, mas, se o declarado intuito do "Desdobramento" é "ajudar os examinandos a se orientarem", difícil é acreditar que possa ser de ajuda eficaz o pouco proporcionado esquema, que não se pode comparar com o programa do Curso Colegial, nem ao índice de qualquer mediocre compêndio.

Idêntica observação cabe na parte de *Literatura mundial*. Aqui, entre outras impropriedades – por exemplo, o relevo dado à *A literatura bárbara* e a *Os Enciclopedistas* (e estes já considerados na parte de *História da Filosofia* e no programa de *Francês*), numa enumeração tão sucinta, em que estão a reclamar menção expressa temas de bem maior importância – tem-se que, obedecendo de início ao critério dos países ou civilizações, envereda a seguir pelo de sucessão de épocas ou de escolas. O primeiro inconveniente disso, e não pequeno, é que, na prática do exame, o tratamento da maior parte dos itens (... *a literatura medieval. O Renascimento (classicismo, gongorismo, arcadismo). Os enciclopedistas. O romantismo. O realismo, o naturalismo e o simbolismo. O modernismo.*) penderá, forçosamente, para temas que já constam do Programa – nas provas de *Literatura portuguesa, Literatura francesa e Literatura inglesa*... E que retrocesso não representa o nosso "Desenvolvimento", com relação ao programa de *Literatura* do Curso Colegial,

no qual – simples exemplo – se contempla, desenvolvida em 2 unidades, a *Literatura Russa*, e figura um item sobre o “dolce stil nuovo” na Itália, e, principalmente – porque consideramos as finalidades do CPCD do Instituto Rio-Branco – um capítulo introdutório e outro, em 2 unidades, consagrados às *Literaturas Hispano-Americanas*.

Consideração mais sutil, se bem que importante, prende-se a que, no tocante a certas matérias (V. por exemplo os itens *História da Filosofia* e *História da Civilização*), à elaboração de um sumário no gênero tem de presidir cuidadosa ponderação, porquanto a simples redação e ordenação dos tópicos – para não falar nas menções destacadas de autores e nomes – passam por definidoras ou comprovantes da orientação ou atitude filosófica preconizada pelo estabelecimento de ensino que emite o texto).

Outras falhas haveria a apontar no “Desdobramento”; contudo, penso que estas bastam para demonstrar que a iniciativa é desvantajosa, talvez mesmo perigosa. Certo, o examinador poderá dividir em muitas questões os itens. De qualquer modo, porém, estarão eles servindo apenas para fornecer eventualmente aos examinandos presunções de equívocos, alegações de indução em erro por parte do Instituto, e motivos para increpações e recursos.

Menor mal talvez fosse publicar a enumeração dos assuntos, desacompanhada de quaisquer sumários:

- I – *Antropologia e pré-história*
- II – *História da Civilização*
- III – *Sociologia*
- IV – *História da Filosofia*
- V – *História do desenvolvimento das Ciências*
- VI – *Literatura Mundial*
- VII – *Música*
- VIII – *Artes Plásticas.*

Ainda aqui, entretanto, nos encontramos frente a problema de ordem mais ampla: o da própria composição do rol de matérias ou assuntos que devam figurar no exame.

Evidentemente, é incensurável direito do Instituto incluir no Vestibular e no Concurso uma prova de *Antropologia e pré-história*, e publicar o respectivo programa; e outra de *História da Civilização*; e outra de *Noções de Sociologia*; e assim por diante. Poderia, outrossim, agrupar essas matérias numa prova única, dando-lhe, por exemplo, o nome de “Ciências e Artes”, ou outro equivalente.

(No já mencionado Capítulo IX, do Programa do Vestibular, em seu parágrafo 3º, lê-se: “... desdobramento dos assuntos, feito para ajudar os examinandos a se orientarem e a recapitularem noções de humanidades

que não podem nem devem constituir matéria nova quando os mesmos estiverem já cursando o Rio-Branco.” (O grifo é meu.) Por aí, estaria a “Cultura Geral” rebaixada ao plano elementar de “Noções de Humanidades”; caso, então – o que não aconteça – o Instituto prefira fixar-se nessa orientação, não seria mais próprio dar aquela última intitulação ao exame em apreço?) *

O que bem pode ser que desconvenha, entretanto, é, a meu ver, a adoção de uma prova denominada “de Cultura Geral” e versando naquelas 8 matérias, tomadas de modo estanque. Além de que isso equivale a restringir o Instituto, *motu proprio*, um plano de que dispõe para melhor comparar o valor dos candidatos, a solução, em si algo arbitrária, poderá dar a impressão, verdadeiramente *anti-cultural*, de estar-se pretendendo reduzir às proporções e ao *modus* de um currículo escolar, ou de limitado conjunto de currículos, a teoricamente ilimitável composição de saber que pelo nome de Cultura Geral comumente se entende.

O exame de Cultura Geral terá de levar em conta muito mais. Por definição, não poderia ele fechar-se a manifestações de erudição em quaisquer ramos do saber humano. E, além disso, deve prestar-se a medir, de cada examinando, não só o cabedal de informações, em si, mas, tanto quanto possível, também a coordenação entre os diversos conhecimentos, sua comunicabilidade, sua dinâmica capacidade associativa.

Mesmo de um ponto-de-vista ainda restrito e empírico, várias e importantes matérias – científicas e artísticas – ficaram de fora.

Também não se reservou lugar à demonstração de conhecimento de outros idiomas, a mais do francês e do inglês. Idem, quanto às línguas clássicas ou antigas: latim, grego, hebraico. E deixaram de ser considerados os aspectos formativos referentes à “visão do mundo contemporâneo”, à “vida social, econômica e política dos principais países”, à “compreensão e interpretação das instituições e dos acontecimentos da atualidade”, às “grandes questões de nossa organização política e cultural”.

Pode ser que algumas daquelas ciências ou desses temas já estejam atendidos, de algum modo, em outras provas do Concurso, ou – no caso do Vestibular – que devam ser ministradas durante o Curso de Preparação ou no Curso de Aperfeiçoamento; ou que, dada a pouca idade dos Candidatos, não nos seja lícito esperar surjam entre eles alguns com preparo de tal extensão e nível. Mas, de qualquer maneira sempre haverá que esperar e admitir a possibilidade de demonstrações *extra-ordinárias* de saber, meritórias e desejáveis num candidato, pelo que testemunham de seu valor intelectual e do volume de sua cultura.

* O “Anuário (1951)” dá: “Nos exames vestibulares, o candidato precisa demonstrar um sólido preparo de cultura humanística” (pág. 45). É verdade que por “noções” entendemos: 1 – conhecimentos, informações; 2 – rudimentos, conhecimentos sumários. Todavia, e sendo o segundo sentido o mais vulgarizado, é aconselhável procurar-se evitar o risco de más interpretações.

Não se trataria de incluir especificadamente na organização da prova tantas disciplinas, especialidades ou assuntos, discriminados em setores de conhecimentos; mas sim de permitir que também os mesmos sejam tomados em consideração.

Importa não nos esquecermos de que o exame de Cultura Geral não constitui prova eliminatória, e que vale tão-somente para efeitos de classificação. E que, em igualdade de condições, o candidato que se apresentar com maior vulto e variedade de conhecimentos *a mais*, extra, suplementares, interessa mais ao Itamaraty.

(No que consta do folheto "EXAME VESTIBULAR":—"O Exame de Cultura Geral, que é apenas classificatório e tem peso um na média final"—há uma contradição e uma inexatidão. Tendo peso 1 na média final, o exame de Cultura Geral é mais do que classificador: pode reprovar um examinando até então com média suficiente, e, inversamente, aprovar um candidato que estava sem média. A última hipótese, aliás, verificou-se no último Vestibular. Aqui registro a necessidade de corrigir-se urgentemente o processo em vigor, de modo que, realizados os exames das outras matérias, e obtida a respectiva média, só então os aprovados entrariam a fazer o exame de Cultura Geral, para se calcular a média definitiva).

Chegado a este ponto, e se bem que talvez exorbitando do encargo que me foi cometido, sinto-me obrigado a colocar a questão: como deve ser realizada a prova?

A meu ver, a *prova oral* não pode satisfazer, num exame de Cultura Geral planejado de acordo com as considerações expostas.

Em favor da mesma, só haveria um argumento: a possibilidade de aquilatar-se a capacidade discursiva, a presença de espírito, o desembaraço e a boa elocução do examinando. O fato, entretanto, de, previamente à matrícula, serem os candidatos submetidos ao exame do ISOP, permite ao Instituto dispensar essa apreciação.

(No capítulo IX do Programa do Vestibular para este ano, encontra-se a explicação-definição de que o exame "se fará por meio de palestra entre os examinadores e o candidato, a fim de apurar o grau de maturidade intelectual deste e sua capacidade para discorrer sobre um assunto cultural."

Mas essa aferição melhor quadraria, penso, no prévio "exame de sanidade e capacidade física, psíquica e moral", a cargo do ISOP. (No qual, segundo o "Anuário" do Instituto: "As provas de nível mental visam a seleccionar os mais aptos, sob o ponto de vista estritamente intelectual, para as funções diplomáticas".)

Ligada à prova de Cultura Geral é que não se vê porque deva propriamente estar.

Além de que crescente é o descrédito em que vão sendo tidas, em geral, as provas orais, é de compreender-se que, em exame tão complexo e de delicado

juízo, como é o de Cultura Geral (para a qual não há comumente professores especializados), a prova oral, por sua momentaneidade, mais se presta a vícios de apreciação. Tratando-se de um exame para fins apenas de classificação—no qual, portanto, a comparação é tudo—ainda mais avulta esse inconveniente. Nem nos esqueçamos—pensando nas inevitáveis reclamações e nos recursos—de que, na prática, os aparelhos de registro do exame, em discos, costumam falhar de modo lastimável. Além disso, para uma comparação menos imperfeita e um julgamento exato, deveriam os candidatos—conforme se procede nos concursos para professores, nas escolas superiores e outros estabelecimentos de ensino—discorrer sobre os mesmos pontos; e tal processo seria complicado, difícil, se não impossível.

Por essas razões, e ainda outras, creio de desejar-se não seja adotada a prova oral, mas sim a prova escrita.

Para a realização dessa prova escrita, acredito importante a escolha do sistema, que poderá ser, por exemplo: o de *tests*; o de dissertação; o de dissertações (2 ou 3); o de dissertação e *tests* (misto), etc. Pessoalmente, optaria pelo processo de *dissertações*.

De acordo com o já dito—que o exame de Cultura Geral deverá permitir sejam levadas em conta as afirmações de erudição em quaisquer ramos do saber humano, prestando-se além disso a medir, de cada examinando, não só o cabedal de informações, mas também, tanto quanto possível, a coordenação das mesmas e sua dinâmica capacidade associativa—convém que as dissertações se dêem sobre temas de caráter geral, que permitam, pela variedade de seus aspectos, o máximo de ilações, associações e ilustrações, num tratamento revelador da pluralidade de conhecimento do candidato.

Para tanto—e também porque à Cultura inerem as condições de meditação e calma—a prova deverá ser de duração suficientemente longa, num mínimo de tempo de 5 horas.

Finalmente, penso da maior importância, dada a circunstância de não haver programa, que a escolha dos temas e a organização das respectivas listas sejam confiadas a uma comissão composta de pelo menos 3 examinadores e de representantes do Instituto, devendo essa banca desincumbir-se da tarefa dentro de poucas horas antes da realização da prova, conforme é, aliás, a norma do Rio-Branco.

Para o caso de virem a merecer a aprovação de Vossa Excelência estas ponderações e sugestões, junto um projeto de texto, supletivo do programa de Cultura Geral.

Respeitosamente,
a) J. Guimarães Rosa,
(Em 1952)



Grande Loja de Minas Gerais

322

MM.: AA.: LL.: AA.:

Fundada em 25-09-1927

GRÃO MESTRADO

CONFERÊNCIA SIMBÓLICA
UNIVERSALo das Conferências da
arta Simbólica do Brasil
Conferência Inter-Americana

Belo Horizonte, 25 de fevereiro de 1931. E.'. V.'.

Ao
Il.'. e Pod.'.
Ir.'. João Zimmermann Filho, P.M.,
Gr.'. Sec.'. RRel.'. EExt.'.
Sereníssima Grande Loja do Estado de São Paulo
Rua São Joaquim, 138,
SÃO PAULO SP

Preclaro Irmão:

F.'.

S.'. U.'.

Em resposta à consulta formulada em sua Pr.'. datada de 04 de novembro do ano recém-findo, se João Guimarães Rosa, da cidade de Cordisburgo, era Maçom, cumpre-nos, nesta oportunidade, informar-lhe que não consta dos nossos arquivos nenhum registro com referência à iniciação do referido cidadão em nossos AAu.'. Mist.'.

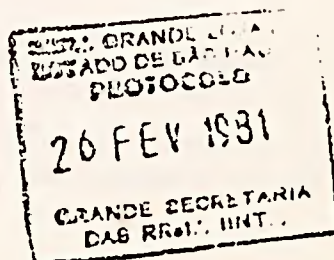
Outrossim, devemos esclarecer ao notável Irmão que, a demora havida nesta resposta é decorrente às pesquisas que estivemos fazendo, tanto aqui em nossa Secretaria Administrativa, como também, junto às Lojas jurisdicionadas no interior do Estado.

Na oportunidade que ora se nos oferece, apresentamos-lhe os protestos de nossa estima e fraterna amizade.

Fraternalmente,

GRANDE LOJA DE MINAS GERAIS

[Assinatura]
Cesário Luiz Coelho
Secretário do Grão-Mestre

SECRETARIA
DOES EXTERIORES*[Assinatura]*
26 FEB 1931*[Assinatura]*
26 FEB 1931

B I B L I O G R A F I A

1. DE JOÃO GUIMARÃES ROSA

1.1. Livros publicados

Sagarana. 12ª. edição. Rio de Janeiro, José Olympio, 1970.

Manuelzão e Miquilim (Corpo de Baile). 3ª. edição. Rio de Janeiro, José Olympio, 1964.

No Urubùquaquá no Pinhém (Corpo de Baile). 3ª. edição. Rio de Janeiro, José Olympio, 1965.

Noites do Sertão (Corpo de Baile). 3ª. edição. Rio de Janeiro, 1965.

Grande Sertão: Veredas. 13ª. edição. Rio de Janeiro, José Olympio, 1979.

Primeiras Estórias. 2ª. edição. Rio de Janeiro, José Olympio, 1964.

Tutaméia (Terceiras Estórias). 3ª. edição. Rio de Janeiro, José Olympio, 1969.

Estas Estórias. Rio de Janeiro, José Olympio, 1969.

Ave, Palavra. 2ª. edição. Rio de Janeiro, José Olympio, 1969.

1.2. Inéditos

Magma (escrito em 1936 - poesia)

"O Imperador" (escrito provavelmente em 1969 - esboço de livro).

1.3. Discursos

Discurso de agradecimento, na Academia Brasileira de Letras, ao receber o prêmio pelo livro Magma, em 1936. Revista da Academia Brasileira de Letras, Anais de 1937, ano 29, vol. 53, p. 261 a 263.

Discurso como Orador da Turma dos Médicos de 1930, da Faculdade de Medicina de Belo Horizonte. ROSA, Vilma Guimarães. Relembra-mentos: João Guimarães Rosa, meu pai. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1983, p. 405 a 416.

Discurso de Posse na Academia Brasileira de Letras, em 16 de novembro de 1967. Em Memória de João Guimarães Rosa. Rio de Janeiro, José Olympio, 1968, p. 55 a 87; Relembra-mentos: João Guimarães Rosa, meu pai, p. 425 a 457.

1.4. Entrevistas

CAMACHO, Fernando. "Entrevista com João Guimarães Rosa". In: Hum-boldt 37, Ano 18. Munich, Bruckmann, 1978, p. 42 a 53.

LORENZ, Günter W. "Literatura e Vida" (Gênova, janeiro de 1965). In: Arte Revista. São Paulo, Kairós, maio/agosto de 1979, p. 5 a 17.



1.5. Correspondência

BIZZARRI, Edoardo. J. Guimarães Rosa - Correspondência. 2ª. edição. São Paulo, T.A. Queiroz - Instituto Cultural Italo-Brasileiro, 1981.

DANTAS, Paulo. Sagarana emotiva. São Paulo, Duas Cidades, 1975.

GUIMARÃES, Vicente. Joãozito. Rio de Janeiro, José Olympio / INL, 1972.

MEYER CLASON. "Da Tradução como criação". In: Construtura nº 16, 9/5/1977, p. 47 a 62.

ONÍS, Harriet de Apud NASCIMENTO, Edna Maria F. dos Santos e COVIZZI, Lenira. João Guimarães Rosa: homem plural, escritor singular. São Paulo, Atual, p. 32-35-50-56.

ROSA, Vilma Guimarães. Relembramentos: João Guimarães Rosa: meu pai (cartas de familiares e amigos).

SILVA, Dora Ferreira da. "Duas Cartas de Guimarães Rosa", 19/2/1958. In: Cavalo Azul. Rio de Janeiro, maio de 1958 p. 32-33.

SILVA, Vicente Ferreira da. "Duas Cartas de Guimarães Rosa", 21/5/1958. In: Cavalo Azul. Rio de Janeiro, maio de 1958, p. 31-32.

VILLARD, J.J. In: NASCIMENTO, Edna Maria F. dos Santos e COVIZZI, Lenira. João Guimarães Rosa: homem plural, escritor singular. São Paulo, Atual, p. 52-53.

1.6. Tradução

"O Último dos Maçaricos". Condensação do livro de Fred Bodsworth, incluída no volume 6 da Biblioteca de Seleções do Reader's Digest, 1958, p. 434 a 470.

1.7. Prefácio

In Antologia do Conto Húngaro. Panorama do Conto Universal. Rio, Civilização Brasileira, 1957. Seleção, tradução e notas de Paulo Rónai. Prefácio com o título "Pequena Palavra", datado de Rio, 27 de agosto de 1956.

In Eduardo Canabrava Barreiros. O Segredo de Sinhá Ernestina. Rio, José Olympio, 1967. "Orelha" com o título "Dezesseis vezes Minas Gerais", datada de 21 de setembro de 1966, reproduzida com nota introdutória.

1.8. Memorandos, Relatórios e Cartas

ARAÚJO, Helnisa Vilhena de. Guimarães Rosa: Diplomata. Rio de Janeiro, Itamaraty/Funag, 1987.

2. SOBRE JOÃO GUIMARÃES ROSA

2.1. Depoimentos: familiares e amigos consultados

Afrânio Coutinho (16 de abril de 1991)



Aracy Moebius de Carvalho (19 de julho de 1991)

Geraldo França de Lima (25 de março de 1991)

Maria Augusta de Camargos Rocha (MADÚ) (20 e 21 de julho de 1990/
7 de abril de 1991)

Miretta De Ávila Guimarães (8 de abril de 1991)

Paulo Dantas (23 de abril de 1991)

Paulo Rónai (14 de março de 1991 / 11 de abril de 1991)

Vilma Guimarães Rosa (10 de julho de 1986 / 25 de dezembro de
1990)

2.2. Livros e periódicos

ALBERGARIA, Consuelo. Bruxo da Linguagem no Grande Sertão. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1977.

ANDRADE, Álvaro Martins. Universo, Processo e Ética no "Grande Sertão: Veredas". Tese de Doutorado em Filosofia. Fac. de Fil., Ciênc. e Letras de Assis, 1973.

ARROYO, Leonardo. A Cultura popular em Grande Sertão: Veredas. Rio de Janeiro, José Olympio, 1984.

ATHAYDE, Tristão de. "Rosa". In: Folha de S. Paulo, 3/7/1981, p. 3.

BANDEIRA, Manuel. ANTOLOGIA POÉTICA. 16ª. edição. Rio de Janeiro, José Olympio, 1986.

BARATA, Mário. "Da Livraria José Olympio às edições de Guimarães Rosa". Rio, Jornal do Comércio, 1/12/1968, p. 11.

BARROS, Benedicto Ferri de. "Um grande filósofo, o burrinho pedrês". Cultura. O ESTADO DE S. PAULO, 20/5/1984, p. 9.

BARROS, Manoel de. Entrevista a Turiba e João Borges, Revista Bric-a-Brac. In: Gramática Expositiva do Chão. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1990, p. 336 a 341.

BIZZARRI, Edoardo. "Guimarães Rosa e Vico". In: Suplemento Literário d'O Estado de S. Paulo, 19/11/1972, p. 6.

BOSI, Alfredo. "Guimarães Rosa". História Concisa da Literatura Brasileira. 2ª. edição. São Paulo, Cultrix, 1980.

BRASIL, Assis. Guimarães Rosa. Rio de Janeiro, Simões, 1969.

CAMPOS, Augusto de. "Um lance de 'dês' do Grande Sertão". Poesia, antipoesia, antropofagia. São Paulo, Cortez & Moraes, 1978.

CAMPOS, Haroldo de. Metalinguagem. 2ª. edição. Petrópolis, Vozes, 1970.

CÂNDIDO, Antonio, et al.. In: Diálogo de Cultura 8. São Paulo, no vembro de 1957.

_____. Tese e Antítese (ensaios). São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1964.

CAPOVILLA, Maurice. "O Recado do Morro, de João Guimarães Rosa, Princípio Estrutural de uma novela". In: Revista do Livro. Rio de Janeiro, INL-MEC, nº 25, março de 1964, pp. 129-142.



- CAVALCANTI PROENÇA, M. Trilhas no Grande Sertão. Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura, Serviço de Documentação, 1958.
- CHAVES, Flávio Loureiro. "Grande Sertão: Veredas". In: CÉSAR, Guilherme e outros. João Guimarães Rosa. Porto Alegre, Edições da Faculdade de Filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, s/d.
- Confluências: Trilhas de vida e de criação. 40 anos de Sagarana.
MEC/Fundação Nacional Pro-Memória. Brasília, abril/maio de 1986.
- COUTINHO, Afrânio (Dir.). A Literatura no Brasil. Rio de Janeiro, Sul Americana, 1970.
- _____. Machado de Assis na Literatura Brasileira. Academia Brasileira de Letras, 1990.
- COUTINHO, Eduardo (Org.). Guimarães Rosa. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1983.
- COVIZZI, Lenira. O Insólito em Guimarães Rosa e Borges. São Paulo, Ática, 1978.
- CUNHA, Euclides da. Os Sertões. 14ª. edição. Rio, Livraria Francisco Alves, 1938.
- DANIEL, Mary Lou. "Berdiaev and Guimarães Rosa: The Paradox of Necessity and Freedom". In: Luso-Brazilian Review XVIII, 2, 1981 (by the Board of Regents of the University of Wisconsin System).
- _____. João Guimarães Rosa: Travessia literária. Rio de Janeiro, José Olympio, 1968.
- DANTAS, Paulo. "Evocação de Guimarães Rosa: suas cartas". In: Suplemento Literário d'O Estado de S. Paulo, 25/11/1967.
- _____. Sagarana Emotiva. São Paulo, Duas Cidades, 1957.
- DIAS, Elsa Oliveira. Ser e Tempo em Augusto Matraga. Dissertação de Mestrado. PUC/SP, 1984.
- DOYLE, Plínio. "Bibliografia de e sobre João Guimarães Rosa". In: Em Memória de João Guimarães Rosa. Rio de Janeiro, José Olympio, 1968, p. 199 a 255.
- FERREIRA, Hygia Therezinha Calmon. A Sagrada "Escritura" de João Guimarães Rosa. Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas/UNESP de São José do Rio Preto, 1983.
- FLUSSER, Vilém. "O autor e a imortalidade". In: Suplemento Literário d'O Estado de S. Paulo, 25/11/1967.
- _____. "O 'Iapa' de Guimarães Rosa". Língua e Realidade. São Paulo, Herder, 1963.
- _____. Da Religiosidade. São Paulo, Conselho Estadual de Cultura-Comissão Estadual de Literatura, 1967.
- GALVÃO, Walnice N.. As formas do Falso. São Paulo, Perspectiva, 1972.
- _____. Mitológica Rosiana. São Paulo, Ática, 1978.
- GARBÚGLIO, José Carlos. O Mundo Movente de Guimarães Rosa. São Paulo, Ática, 1972.
- GODOY CAMPOS, Milton de. "Guimarães Rosa - Mestre Ocultista". In: Suplemento Literário d'O Estado de São Paulo, 6/1/1974.

- LIMA FILHO, Luiz Costa. "A expressão orgânica de um escritor moderno". In: Diálogo 8. São Paulo, novembro de 1957.
- LUCAS, Fábio. "Ainda as palavras: Guimarães Rosa". Suplemento Literário Minas Gerais, 16/3/1974, p. 10.
- MACHADO, Ana Maria. Recado do Nome: leitura de Guimarães Rosa à luz do nome de seus personagens. Rio, Imago, 1976
- MARQUES, Oswaldino. "Apontamentos Roseanos". Suplemento Literário d'O Estado de S.Paulo, 30/11/68, p. 2.
- MONEGAL, Emir Rodríguez. "Prólogo". Primeiras Historias. Trad. Virginia Fagnane Wey. Espanha, Editorial Seix Barral, S.A., 1932.
- MOURÃO, Rui. "Processo de Linguagem, Processo do Homem". In: Suplemento Literário Minas Gerais, 6/4/1974.
- NASCIMENTO, Edna Maria F. dos Santos e COVIZZI, Lenira Marques. João Guimarães Rosa: homem plural, escritor singular. São Paulo, Atual, 1988.
- NUNES, Benedito. O Dorso do Tigre. São Paulo, Perspectiva, 1969.
- OLIVEIRA, Franklin de. "Guimarães Rosa". In: A Literatura no Brasil. vol. V. Direção de Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro, Sul Americana, 1970, p. 402-448.
- _____. "Presença Rosiana". Suplemento Literário Minas Gerais, 27/11/1971, p. 11.
- PALMÉRIO, Mário. "Discurso de posse na Academia Brasileira de Letras". Suplemento Literário d'O Estado de S.Paulo, 30/11/1968, p. 4-5.
- PEREZ, Renard. "Guimarães Rosa". In: Revista de Cultura Brasileira. Tomo VI, nº 21, Embajada del Brasil en Madrid, junho de 1967.
- PONTES, Hugo. A simbologia da iniciação Maçônica em "O Recado do Morro de Guimarães Rosa". Suplemento Literário Minas Gerais, nº 1071, 2/5/1987, p. 5 a 7.
- PRADO JUNIOR, Bento. "O Destino Decifrado". In: Cavalo Azul nº 3. São Paulo, 1968.
- RESENDE, Vânia Maria. "A Trajetória do Menino nas Estórias de Guimarães Rosa". In: O Menino na Literatura Brasileira. São Paulo, Perspectiva, 1988, p. 25 a 45.
- RÓNAI, Paulo. "Os Prefácios de Tutaméia". In: O Estado de S.Paulo, 16/3/1968.
- _____. "As Estórias de Tutaméia". In: O Estado de S.Paulo 23/3/1968.
- _____. "A fecunda Babel de Guimarães Rosa". In: Suplemento Literário d'O Estado de São Paulo, 30/11/1968, p. 1.
- _____. "Guimarães Rosa não parou". In: Suplemento Literário d'O Estado de S.Paulo, 3/1/1970, p. 1.
- _____. "Itinerário de João Guimarães Rosa". In: Revista de Cultura Brasileira (35). Embajada de Brasil en España, mayo de 1973, p. 22-36.
- _____. "Uma mensagem para cada leitor". Suplemento Literário d'O Estado de S.Paulo, 27/6/1971, p. 3.

- ROSENFELD, Kathrin. "'Grande Sertão', magma vertente". FOLHA DE S.PAULO, 16/12/1989, G-4.
- RUSSI, Antônio. "Superstições e Misticismo na Obra de Guimarães Rosa". Suplemento Literário Minas Gerais, 15/11/1975.
- SANTOS, Livia Ferreira dos. "A Desconstrução em Tutaméia". In: COUTINHO, Eduardo (Org.). Guimarães Rosa. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1983.
- SANTOS, Wendel. A Construção do Romance em Guimarães Rosa. São Paulo, Ática, 1978.
- SCHWARZ, Roberto. "Grande Sertão: a Fala". In: A Sereia e o Desconfiado. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1.965.
- SILVA, Dora Ferreira da. "O Demoniaco em 'Grande Sertão: Verdades'". In: Diálogo 8, São Paulo, novembro 1957, p. 29-33.
- SPERBER, Suzi Frankl. Caos e Cosmos. São Paulo, Duas Cidades, 1976.
- _____. Guimarães Rosa: Signo e Sentimento. São Paulo, Ática, 1982.
- VIGGIANO, Alan. Itinerário de Riobaldo Tatarana. Rio de Janeiro, José Olympio, 1978.

3. BIBLIOGRAFIA GERAL

- AGOSTINHO, (Santo). Confissões. Trad. J. Oliveira Santos, S.J. e A.Ambrosio de Pina, S.J. São Paulo, Abril Cultural, 1979.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. Claro Enigma. POESIA E PROSA, Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1983.
- ANJOS, Augusto dos. Eu e outras poesias. 4ª. edição. São Paulo, Companhia Editora Nacional, s/d.
- ARINTERO, O.P., Fr. Juan G. Cuestiones Místicas. Madrid, Biblioteca de Autores Cristianos, 1956.
- _____. Evolución Mística. Madrid, Biblioteca de Autores Cristianos, 1949.
- ATHAYDE, Tristão de. "A Luz da penumbra". In: Folha de S.Paulo, 18/12/1981, p. 3.
- _____. "Meditação sobre a morte". In: Folha de S. Paulo, 11/12/1981.
- AVEZEDO, Álvares. Lira dos Vinte Anos. São Paulo, Nacional, 1942.
- BACHELARD, Gaston. A Poética do Espaço. Rio de Janeiro, Eldorado, s/d.
- BARTHES, Roland. "Le Mythe, Aujourd'hui". Mithologies. Paris, Seuil, 1970, p. 191-247.
- BAYER, Raymond. História de la Estética. México, Fondo de Cultura Económica, 1965.
- BERDIAEV, N. Autobiografía espiritual. Trad. Juan Godo Costa. Barcelona, Luís Miracle, Editor, 1957.

- BERGSON, Henri. Les Deux Sources de la Moral et de la Religion. Genève, Editions Albert Skira, 1945.
- . A Evolução Criadora. Trad. de Nathanael C. Cai-
xeiro. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.
- . La Pensée et le Mouvant. Paris, Presses Universi-
taires de France, 1950.
- BLAVATSKY, H.. Síntese da Doutrina Secreta. São Paulo, Pensamen-
to, 1978.
- . A Voz do Silêncio. São Paulo, Pensamento, s/d.
- BUBER, Martin. Eu e Tu. Introd. e Trad. Newton Aquiles Von Zu-
ben. São Paulo, Cortez & Moraes, 1977.
- CAMAYSAR, Rosabis. Numerologia. São Paulo, Pensamento, 1979.
- CAMÕES, Os Lusíadas. Leipzig, Schmidt & Günther, s/d.
- CASSIRER, Ernst. Linguagem e Mito. São Paulo, Perspectiva, 1972.
- CENCILLO, Luís. Mito, Semántica y realidad. Madrid, Biblioteca
de Autores Cristianos, 1970.
- CLYMER, R.S. Antiga Maçonaria Mística Oriental. São Paulo, Pen-
samento, 1947.
- COELHO, Teixeira. O que é Utopia? 4ª. edição. São Paulo, Brasi-
liense, 1984.
- CRISÓSTOMO, Juan (San). Tratados Ascéticos. Madrid, Biblioteca
de Autores Cristianos, 1958.
- CRUZ, Marques da. Profecias de Nostradamus e de outros videntes.
São Paulo, Pensamento, 1980.
- DAICHES, David. Posições da Crítica em face da Literatura. Trad.
Thumaz Newlands Neto. Rio, Acadêmica, 1967.
- DANTE, A Divina Comédia. Trad. bras. José Pedro Xavier Pinheiro.
São Paulo, EDIGRAF, 1958.
- DELHOMME, Jeanne. La Pensée Interrogative. Paris, Presses Univer-
sitaires de France, 1954.
- DENIS, Léon. Après la mort. 38ª mille. Nouvelle édition revue et
augmentée. Paris, Librairie des Sciences Psychiques, s/d.
- DEVIVIER, S.J., Pe.W. Apologética Cristã. Versão portuguesa por
Pe. Manoel Martins, S.J. 3ª edição. São Paulo, Companhia Me-
lhoramentos, 1925.
- DONDEYNE, Albert. Foi chrétienne et Pensée Contemporaine. Lou-
vain, Institut Supérieur de Philosophie, 1951.
- ELIADE, Mircea. O Sagrado e o Profano. Trad. Rogério Fernandes.
Lisboa, Edição "Livros do Brasil", s/d.
- . Mito e Realidade. São Paulo, Perspectiva, 1972.
- . Tratado de las Religiones I-II. Madrid, Ediciones
Cristiandad, 1974.
- ELIOT, T. S., A Essência da Poesia. Trad. Maria Luíza Nogueira.
Rio, Artenova, 1972.
- FERREIRA DA SILVA, Vicente. Obras Completas. Vol. I-II. São Pau-
lo, Instituto Brasileiro de Filosofia, 1964.
- FUENTES, Carlos. La Muerte de Artemio Cruz. México-Buenos Aires,



- Fondo de Cultura Económica, 1962.
- GIBSON, Walter B. & GIBSON, Litzka R.. Manual Completo de Adivinhações e Profecia. São Paulo, Pensamento, 1976.
- GOETHE, Fausto. Trad. no metro original por Jenny Klabin Segall, com prefácio de Sergio Buarque de Holanda e introdução de Ernesto Feder. São Paulo, Instituto Progresso Editorial S.A., s/d.
- GRÉGOIRE, François. Les Grands Problèmes Métaphysiques. Col. QUE sais-je? nº 623. Paris, Presses Universitaires de France, 1966.
- GUARDINI, Romano. "La Prière Verbale". In: Initiation à la Prière. Trad. par le Père Jean Minéry, S.J.. Paris, Éditions Alsatia, 1951, p. 129-142.
- GUSDORF, Georges. Tratado de Metafísica. Trad. António Pinto de Carvalho, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1960.
- HEGEL. A Fenomenologia do Espírito, Estética, Introdução à História da Filosofia. Col. Os Pensadores. São Paulo, Abril Cultural, 1974.
- HEIDEGGER, Introdução à Metafísica. Ind. trad. e notas de Emmanuel Carneiro Leão. Rio, Tempo Brasileiro, 1969.
- HIGOUNET, Charles. L'Écriture. Col. Que sais-je? nº 653. Paris, Presses Universitaires de France, 1955.
- HUIZINGA, Nas Sombras do Amanhã. Trad. Manuel Vieira, São Paulo, Livraria Acadêmica/Saraiva & Cia. 1946.
- INÁCIO DE LOYOLA (Santo). OBRAS COMPLETAS. Madrid, Biblioteca de Autores Cristãos, 1952.
- IRIARTE, Tomás de. Fábulas Completas, Primera edición. Madrid, Ediciones Castilla, S.A., 1949.
- JASPERS, Karl. La Fe Filosófica. Buenos Aires, Editorial Losada, 1953.
- _____. Introduction à la Philosophie. Trad. par : Jeanne Hersech. Paris, Plon, 1951.
- JUAN DE LA CRUZ (San). El Cántico Espiritual. Madrid, Espasa-Calpe, 1952.
- _____. Llama de amor viva. Biblioteca de Autores Españoles. Escritores del siglo XVI. Tomo Primero. Madrid, Ediciones Atlas, 1948.
- KARDEC, Allan. O Livro dos Espíritos. Trad. por Guillon Ribeiro, Rio de Janeiro, Federação Espírita Brasileira, 1954.
- KEMPIS, Tomás de. Imitação de Cristo. São Paulo, Editora "Ave Maria", 1956.
- KIERKEGAARD. O Desespero Humano. Trad. port. Adolfo Casais Monteiro. Porto, Tavares Martins, 1952.
- KLOPPENBURG, Boaventura (Dr.). O Reencarnacionismo no Brasil. Petrópolis, Vozes, 1961.
- KOTHE, Flávio R.. "O sentido da alegria". In: Benjamin & Adorno: Confrontos. São Paulo, Ática, 1976.
- LACEY, Hugh M. A Linguagem do Espaço e do Tempo. Trad. Marcos

- Barbosa de Oliveira. São Paulo, Perspectiva, 1972.
- LAO TSE. Tao-Te-King. Trad. e notas de Huberto Rohden. 4ª edição. São Paulo, Alvorada, 1982.
- LIGORIO, Alfonso Maria de (Santo). Obras Ascéticas. Edición Crítica II. Madrid, Biblioteca de Autores Cristianos, 1954.
- LIMA, Alceu Amoroso. Meditação sobre o Mundo Interior. Rio de Janeiro, Agir, 1955.
- _____. Voz de Minas. Rio de Janeiro, Agir, 1945.
- LINS, Ivan. O Epicurismo e "Da Natureza". EDIOURO, 31458, s/d.
- LORENZ, F. V.. Cabala. São Paulo, Pensamento, 1976.
- MACHADO DE ASSIS. A Cartomante e outros contos. São Paulo, Moderna, 1983.
- MAGALHÃES VILHENA, V. de. Panorama do Pensamento Filosófico. Vol. I. Lisboa, Edições Cosmos, 1956.
- MARIN, Antonio Royo. Teología de la Perfección Cristiana. Madrid, Biblioteca de Autores Cristianos, 1958.
- MERTON, Thomas. A Montanha dos Sete Patamares. Trad. José Geraldo Vieira. 7ª. edição. São Paulo - Rio, Editora Mérito, 1959.
- MEYERHOFF, Hans. O Tempo na Literatura. Trad. Myriam Campello. São Paulo, McGraw - Hill do Brasil, 1976.
- MORENTE, Manuel García. Fundamentos de Filosofia. Trad. e prólogo Guillermo de la Cruz Coronado. São Paulo, Mestre Jou, 1964.
- MOUNIER, Emmanuel. Introdução aos existencialismos. Trad. João Bernard da Costa. Lisboa, Livraria Moraes Editora, 1963.
- MUSCHG, Walter. Historia trágica de la Literatura. México, Fondo de Cultura Económica, 1965.
- NIETZSCHE, Frederico. "O Andarilho e sua Sombra" e "O Eterno Retorno". In: Obras Incompletas. Col. Os Pensadores. São Paulo, Abril Cultural, 1974.
- PADOVANI, H. & CASTAGNOLA, L.. História da Filosofia. São Paulo, Melhoramentos, 1964.
- PASCAL. "Pensées". In: Deuvres Complètes. Paris, Gallimard, 1954.
- PLATÃO. Diálogos I: Mênon. Fedro. Banquete. Trad. de Jorge Paleikat e notas de João Cruz Costa. Rio de Janeiro, Edições de Ouro, 1966.
- _____. Diálogo II: Fédon. Sofista. Política. Trad. de Jorge Paleikat e notas de João Cruz Costa. Rio de Janeiro, Edições de Ouro, 1966.
- _____. Diálogo III: A República. Trad. de Jorge Paleikat e notas de João Cruz Costa. Rio de Janeiro, Edições de Ouro, 1966.
- _____. Diálogos V: Fedro. Cartas. O Primeiro Alcebiades. Trad. de Carlos Alberto Nunes. Universidade Federal do Pará, 1975.
- _____. Diálogos XI: Timeu. Crítias. O 2º Alcebiades. Hípias Menor. Trad. de Carlos Alberto Nunes. Universidade Federal do Pará, 1977.
- PLOTINO. Ennéades I-VI. Traduit par Émile Bréhier. Paris, Société d'Édition "Les Belles Lettres", 1954.

- PONCELLA, S. Serrano. El Pensamiento de Unamuno. México-Buenos Aires, Fondo de Cultura Económica, 1953.
- REICH-RANICKI, Marcel. "Borges, o vidente cego". Trad. Geraldo Moser. In: Humboldt 46/1983.
- SCIACCA, Michele Federico. História da Filosofia. São Paulo, Mestre Jou, 1966.
- SCHOLLEM, Gershom G.. A Cabala e o simbolismo. São Paulo, Perspectiva, 1978.
- SHAKESPEARE. Sonho de uma Noite de Verão. Trad. Carlos Alberto Nunes. 2ª. edição. São Paulo, Melhoramentos, s/d.
- STAIGER, Emil. Conceitos Fundamentais da Poética. Rio, Tempo Brasileiro, 1975.
- TERESA DE JESUS, Santa. OBRAS COMPLETAS - Tomos I e II. Madrid, Biblioteca de Autores Cristianos, 1954.
- TONDRIAU, Julien. O Ocultismo. Trad. port. Maria Lúcia Trigueiros. São Paulo, Difusão Europeia do Livro, 1964.
- UNAMUNO, Miguel de. ANTOLOGIA POÉTICA. Madrid, ediciones Escorial, 1942.
- _____. Do Sentimento Trágico da Vida. Trad. Cruz Malpique. Porto, Editora Educação Nacional, 1953.
- _____. Paisajes del Alma. Madrid, Alianza Editorial, 1983.
- VERÍSSIMO, Érico. A Volta do Gato Preto. 4ª. edição. Porto Alegre, Globo, 1957.
- VICO, Giambattista. "De la Sabiduría Poética". In: Princípios de Ciencia Nueva. Trad. del italiano, Prólogo y notas de Manuel Fuentes Benot. Buenos Aires, Aguilar, 1973.
- WEIL, Pierre. A Consciência Cósmica. Petrópolis, Vozes, 1976.
- WIMSATT, William K., Jr. & BROOKS, C.. Crítica Literária. Trad. de Ivette Centeno e Armando de Moraes. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1980.

4. OBRAS DE REFERÊNCIA

- ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de Filosofia. São Paulo, Mestre Jou, 1970.
- APARICIO, M. Ciges y CARRIO, F. Peyro. Dioses, Mitos y Heroes de la Humanidad. México, Ediciones Pavlov, s/d.
- BENTON, William (editor), Enciclopédia Barsa. São Paulo, Encyclopædia Britannica, 1968 - vol. 1 a 16.
- Bíblia Sagrada. Trad. Pe. Antônio Pereira de Figueiredo. Rio de Janeiro, Edição Barsa, 1968.
- BOLTING, Rudolf. Dicionário Grego-Português. Rio, INL-MEC, 1953.
- BROGGER, S.J. Walter. Diccionario de Filosofia. Trad. José María

- Vélez Cantarell. Barcelona, Editorial Herder, 1958.
- Catecismo Romano. Nova Versão Portuguesa baseada na edição autêntica de 1566 por Frei Leopoldo Oires Martins, O.F.M. Petrópolis, Vozes, 1951.
- CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. Dictionnaire des Symboles. Paris, Éditions Robert Laffont, 1969.
- Enciclopédia Delta Larousse 15 volumes. 2ª. edição. Rio de Janeiro, Editora Delta S.A., s/d.
- "Espacial: Dicionário do Fantástico". In: Planeta: São Paulo, Editora Três, 1973.
- Goffiné - Manual do Cristão. Trad. da Décima Quarta Edição Francesa por um Padre da Congregação da Missão. Undécima Edição. Rio de Janeiro, Collegio da Imaculada Conceição (Botafogo), 1930.
- HINNELS, John (Org.). Dicionário das Religiões. Trad. Octávio Mendes Cojado. São Paulo, Cultrix, 1989.
- HOLANDA FERREIRA, Aurélio Buarque de. Dicionário da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1980.
- O Livro dos Mortos do Antigo Egito. Trad. Edith de Carvalho Ne-graes. Hemus - Livraria Editora, 1972.
- PADOVANI, Humberto e CASTAGNOLA, Luís. História da Filosofia. 3ª. edição. São Paulo, Melhoramentos, 1958.
- ROBLES, Federico Carlos Sainz de. Ensayo de um Diccionario Mito-lógico Universal. Madrid, Aguilar, 1958.
- VANDEN BORN, A. (Dr.) et alii. Dicionário Enciclopédico da Bíblia. Petrópolis, Vozes / Lisboa, Centro do Livro Brasileiro Ltda., 1971.
- VORE, Nicolás de. Diccionario de Astrología. Barcelona - Buenos Aires, Argos, 1951.

